



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

JAMYLLE DE SOUSA MEIRA

**MAIS RAZÃO E MENOS EMOÇÃO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE INFLUÊNCIA DIGITAL EM UM CANAL NO YOUTUBE A PARTIR DA
TEORIA CRÍTICA DA SOCIEDADE**

FORTALEZA

2022

JAMYLLLE DE SOUSA MEIRA

MAIS RAZÃO E MENOS EMOÇÃO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE INFLUÊNCIA DIGITAL EM UM CANAL NO YOUTUBE A PARTIR DA TEORIA
CRÍTICA DA SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Orientadora: Profa. Dra. Deborah Antunes

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

M451m Meira, Jamylle de Sousa.
Mais razão e menos emoção: : Uma análise do processo de influência digital em um canal no YouTube a partir da Teoria Crítica da Sociedade / Jamylle de Sousa Meira. – 2022.
157 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Deborah Christina Antunes.

1. Teoria Crítica . 2. Influenciador digital . 3. Mídias Sociais . I. Título.

CDD 150

JAMYLLLE DE SOUSA MEIRA

MAIS RAZÃO E MENOS EMOÇÃO: UMA ANÁLISE DO PROCESSO
DE INFLUÊNCIA DIGITAL EM UM CANAL NO YOUTUBE A PARTIR DA TEORIA
CRÍTICA DA SOCIEDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Linha de pesquisa: Subjetividade e Crítica do Contemporâneo.

Aprovada em: 22/08/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Deborah Antunes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Dra. Roselaine Ripa
Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC)

A Deus.
Aos meus pais, Teresa e Edmilson

AGRADECIMENTOS

Nesse pequeno espaço me deterei a difícil ação de sintetizar o sentimento de gratidão aqueles que me acompanharam durante este trajeto.

A Deus, que em meio as tortuosidades da vida, abriu inúmeros caminhos, concedendo-me serenidade, fortaleza, refúgio e esperança.

A Nossa Senhora, aonde busquei inspiração, sabedoria e acalento para prosseguir sem temor.

A meus pais, Edmilson (*in memoriam*) e Teresa, meu grande patrimônio, que foram ora pilstras, ora escudos, ora impulso e ora refúgio, desde os primórdios e para a eternidade. Figura de oposição

A meus irmãos, Vinícius e Rômmulo, que de seus respectivos modos me proporcionaram cuidado, amparo e proteção em todos os projetos que me propus até hoje e sei que para sempre.

A Emanuel, companheiro nos dias de luz e de escuridão. Meu grande incentivador, sou grata pelas inúmeras vezes que segurou o mundo por mim, sobretudo desde o início deste projeto.

Nesta etapa da caminhada acadêmica alguns amigos foram fundamentais. Júnior Prado e José Souto pelas orientações precisas nas fases iniciais deste projeto. A Inês Falcão, pela amizade construída ao longo da nossa trajetória acadêmica comum, sou grata pelas contribuições teóricas e afetivas, literalmente desde a entrada na academia, vivenciando e compartilhando juntas as dores e as delícias de um processo de se construir, desmontar e reconstruir. A Aline Rebouças, uma amizade iniciada nos espaços do LAPSUS em meio às discussões sobre a obra de Theodor Adorno e que com sua imensa bagagem vivencial e teórica, sobretudo nos estudos sobre Teoria Crítica, forneceu-me gentilmente suporte, além de valiosas recomendações de leitura e direcionamentos extremamente importantes para a condução desta pesquisa.

A Camila Melo, Larissa Nunes, Idelanda, Roberlan Carvalho e Rafael Teixeira, meus amigos de uma vida e para o resto dela, que só reafirmaram durante mais esse trajeto sobre a relevância de laços promotores de alento e espaço de escuta tão necessários para enfrentamento das vicissitudes diárias.

A Rômulo Paiva, que ao longo de mais de 10 anos de amizade esteve ao meu lado na alegria e na saúde, desfrutando de adoráveis cafés e gargalhadas, mas principalmente nos últimos 3 anos, sou grata pelo suporte nos momentos de angústia e adoecimento.

A professora orientadora Déborah Antunes, pelo direcionamento paciente nas trilhas da Teoria Crítica, sobretudo mediante a completa imaturidade a qual ingressei neste projeto. Sou grata pelas inúmeras leituras, pela crítica atenta e pormenorizada responsáveis por fazer esse trabalho se constituir.

Minha imensa gratidão pelas valiosas contribuições a profa. Dra. Roselaine Ripa, ao prof. Dr. Aluísio Ferreira de Lima e a profa. Dra. Idilva Maria Pires Germano, na condição de suplência, pela participação em minha banca de qualificação e defesa do mestrado.

As professoras e professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFC pelas proveitosas e necessárias contribuições.

Expresso meus agradecimentos a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), que através de concessão de bolsa de estudos proferiu apoio foi determinante para que essa pesquisa ocorresse.

“Cada um é filho das suas obras. ”

(CERVANTES, 2013)

RESUMO

Sob o questionamento da possibilidade de promover conhecimento emancipador no ambiente digital, tendo o influenciador como objeto da pesquisa, este estudo analisou, a partir da Teoria Crítica da Sociedade, o discurso da influenciadora digital Gabriela Prioli apresentado em seu conteúdo produzido no YouTube. De modo específico, discutiu-se as contradições existentes na lógica de utilização das Mídias Sociais, no que se refere à produção e à divulgação de conteúdo, buscando com isso pensar o movimento de fundamentação do pensamento crítico e de emancipação a partir do consumo de conteúdos digitais pela plataforma do YouTube, por intermédio do influenciador digital. A pesquisa foi embasada no materialismo interdisciplinar de Horkheimer (1999) e no preceito do primado (dialético) do objeto, sugerindo que após a contemplação do objeto, o prosseguimento da pesquisa seguiu caminho que ele próprio apontou. Quanto aos aspectos metodológicos, considerando o cenário virtual um espaço de exploração complexo, sobretudo pela dificuldade em realizar recortes mediante suas características dinâmicas e heterogêneas, a netnografia mostrou-se como metodologia conveniente e adequada para a realização de coleta de dados no ambiente on-line, assim, optou-se por este meio para a execução da pesquisa. Dos 190 vídeos postados por Gabriela Prioli em canal na plataforma do YouTube de 27 de janeiro de 2020 à 06 de maio de 2021, foram escolhidos os dez com mais visualizações como recorte do material analisado, que contabilizaram 224 minutos e 44 segundos de conteúdo audiovisual analisado aqui nos capítulos que seguem: Capítulo 1: De onde partiremos para enxergar o fenômeno; Capítulo 2: Imagem, conteúdo e influência digital; Capítulo 3: Nasce uma estrela: a trajetória de Gabriela Prioli ao campo da influência digital; Capítulo 4: Sobre a educação em política para a construção de um pensar, então crítico; Capítulo 5: “Mais razão e menos emoção”: a busca pela potência de discurso nas mídias digitais; Capítulo 6: Informação no mundo digital, pra quê? Considerações finais. Concluindo que Gabriela Prioli foi completamente envolvida pelos tentáculos da indústria cultural que a fizeram um instrumento que propagandeia a lógica de dominação. Ela apresenta, a partir de postura enigmática, uma áurea de poder pelo saber, almejando o distanciamento da controvérsia, buscando assim um lugar de proteção, de não enfrentamento, de conveniência e de ampla aceitação, demonstrando que a sobrevivência neste cenário implica necessariamente em “integrar-se”. Portanto, os atos de questionamento e crítica produzidos pela influenciadora ao fornecer uma ideia de distinção a todo a perspectiva de alienação, na verdade concebem uma forma de “rebeldia realista” tornando-se, na verdade, uma marca registrada de quem tem uma nova ideia a trazer à atividade industrial.

Palavras-chave: influenciador digital; mídias sociais; teoria crítica da sociedade.

ABSTRACT

Under the questioning of the possibility of promoting emancipatory knowledge in the digital environment, having the influencer as the object of research, this study analyzed, from the Critical Theory of Society, the discourse of the digital influencer Gabriela Prioli presented in her content produced on YouTube. Specifically, it was discussed the contradictions existing in the logic of use of Social Media, regarding the production and dissemination of content, aiming to think about the movement of critical thinking and emancipation from the consumption of digital content on the YouTube platform, through the digital influencer. The research was based on Horkheimer's (1999) interdisciplinary materialism and the precept of the (dialectical) primacy of the object, suggesting that after the contemplation of the object, the continuation of the research followed a path that himself pointed out. Considering the virtual scenario as a complex exploration space, especially due to the difficulty in making clippings through its dynamic and heterogeneous characteristics, netnography proved to be a convenient and appropriate methodology for data collection in the online environment. Thus, this method was chosen for the execution of the research. Of the 190 videos posted by Gabriela Prioli on her channel on the YouTube platform from January 27, 2020 to May 06, 2021, the ten with the most views were chosen as a cut of the analyzed material, which accounted for 224 minutes and 44 seconds of audiovisual content analyzed here in the chapters that follow: Chapter 1: Where do we start from to see the phenomenon; Chapter 2: Image, content and digital influence; Chapter 3: A star is born: Gabriela Prioli's trajectory into the digital influence field; Chapter 4: On education in politics for the construction of critical thinking; Chapter 5: "More reason and less emotion": the search for the power of discourse in digital media; Chapter 6: Information in the digital world, what for? Final considerations. In conclusion, Gabriela Prioli has been completely enveloped by the tentacles of the cultural industry that have made her an instrument that propagates the logic of domination. She presents, from an enigmatic posture, an aura of power through knowledge, aiming to distance herself from controversy, thus looking for a place of protection, of non-confrontation, of convenience and wide acceptance, showing that survival in this scenario necessarily implies "integrating". Therefore, the acts of questioning and criticism produced by the influencer by providing an idea of distinction to the whole alienation perspective, actually conceive a form of "realistic rebellion" becoming, in fact, a trademark of those who have a new idea to bring to the industrial activity.

Keywords: digital influencer; social media; critical theory of society.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Capa da Revista Time, edição de dezembro de 2006.....	49
Figura 2	Gabriela Prioli, Reinaldo Gottino e Caio Coppolla	58
Figura 3	Gabriela Prioli, Reinaldo Gottino e Tomé Abduch em captura de tela.....	58
Figura 4	Gabriela Prioli com estantes de livros ao fundo em captura de tela.....	62
Figura 5	Gabriela Prioli, sentada em sofá com almofada ao colo	63
Figura 6	Gabriela Prioli, sentada de pijama com estante de livros ao fundo.....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	DE ONDE PARTIREMOS PARA ENXERGAR O FENÔMENO?	22
2.1	Sociedade tecnológica: cultura, mídia e a construção do processo de influência digital	23
2.2	A indústria cultural e a estética dos enganos e da dominação produzidos pela modernidade	25
3	IMAGEM, CONTEÚDO E INFLUÊNCIA DIGITAL	41
3.1	Influenciador digital: conceitos e prática	41
3.2	YouTube: “Novos tempos. Novos ídolos!”	46
4	NASCE UMA ESTRELA: A TRAJETÓRIA DE GABRIELA PRIOLI AO CAMPO DA INFLUÊNCIA DIGITAL	54
4.1	PENSAMENTO E CRÍTICA: A NARRATIVA DE GABRIELA PRIOLI	54
4.2	A análise política e os conflitos em torno do posicionamento partidário	57
4.4	O processo de fabricação virtual de si mesmo e o Eu produto	67
4.5	O valor agregado na imagem do Eu da influenciadora digital	73
5	SOBRE A EDUCAÇÃO EM POLÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM POSICIONAMENTO CRÍTICO	77
5.1	O conceito de conteúdo político: a contradição entre o simplista e o complexo	81
6	“MAIS RAZÃO E MENOS EMOÇÃO”: A BUSCA PELA POTÊNCIA NAS MÍDIAS DIGITAIS	84
6.1	Razão e emoção à luz do pensamento filosófico grego	85
6.2	Razão e emoção a partir da Teoria Crítica	89
6.3	A razão para alcance do esclarecimento e da verdade	91
6.4	A lógica de “Menos emoção e mais razão” na linguagem do discurso	93
7	INFORMAÇÃO NO MUNDO DIGITAL, PRA QUÊ?	
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 1: GABRIELA PRIOLI - BARBIE FASCISTA?	113
	APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 2 MEUS LIVROS FAVORITOS - PARTE 1	119
	APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 3: POR TRÁS DO DISCURSO DE SERGIO MORO - PARTE 1	124

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 4: 20 COISAS QUE BOLSONARO PODE FAZER SOBRE AS MORTES POR COVID-19	129
APENDICE E - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 5: VAI TER GOLPE? DEMOCRACIA AMEAÇADA? - MUITA CALMA NESSA HORA.....	134
APENDICE F - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 6: REAGINDO AOS HATERS - OLHA O QUE ELES ESTAVAM FALANDO DE MIM!.....	141
APENDICE G - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 7: ANITTA ME DESAFIOU A EXPLICAR POLÍTICA DE FORMA SIMPLES. SERÁ QUE CONSEGUI?.....	145
APENDICE H - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 8: POR QUE O GOVERNO QUER O ENEM 2020 A QUALQUER PREÇO?	157
APENDICE I - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 9: QUEIROZ REAPARECE E AMEAÇA ALIANÇAS DO GOVERNO.....	163

1 INTRODUÇÃO

As Mídias Sociais são fenômenos contemporâneos de informação e comunicação que já se constituem como uma das principais fontes de acesso à conteúdos para uma parcela significativa da população. É possível visualizar esse cenário a partir de uma pesquisa realizada pela Câmara dos Deputados e pelo Senado Federal em outubro de 2019, cuja proposta era investigar as fontes de informação da população brasileira. Foram ouvidas por telefone 2.400 pessoas com acesso à internet em todos os estados e no Distrito Federal. A pesquisa constatou que 79% recebem informação pelo WhatsApp; 49% pela plataforma de vídeos YouTube; 44% pelo Facebook; 38% por sites de notícias; 30% pelo Instagram; 50% pela televisão; 22% por emissoras de rádio e 8% por jornal impresso. A televisão mostrou-se com maior percentual entre os mais velhos: 67% dos entrevistados com mais de 60 anos afirmaram utilizar sempre esse meio para obter informação. Já pessoas entre 16 a 29 anos apresentaram percentual de 40%. A plataforma de vídeos YouTube mostrou-se com maior popularidade entre os mais jovens, somando um quantitativo de 55% na faixa de 16 a 29 anos, e de 31% entre os com 60 anos ou mais (VALENTE, 2019).

Em meio a este contexto, surge a figura do influenciador digital, uma “personalidade” da internet que, através da produção e publicação de conteúdos nas Mídias Sociais, exerce significativa influência em segmentos e/ou nichos do mercado e da sociedade. Com destreza em interagirem e comunicarem-se de forma direta com os seguidores das redes sociais, de criadores de conteúdo eles foram ocupando um espaço de reconhecimento, cujo posicionamento ou omissão de opiniões parece repercutir significativamente. Karhawi (2017), ao pontuar a relevância implicada no discurso do influenciador digital, ressalta sua condição de interferir no “[...] processo de decisão de compra de um sujeito; poder de colocar discussões em circulação; poder de influenciar em decisões em relação ao estilo de vida, gostos e bens culturais daqueles que estão em sua rede” (p.48).

Sob o questionamento da possibilidade em promover conhecimento emancipador no ambiente digital, tendo o influenciador como objeto desta pesquisa, este estudo constituiu-se com a proposta de analisar, a partir da Teoria Crítica da Sociedade, o processo de influência digital de Gabriela Prioli apresentado em seu conteúdo produzido no YouTube. De modo específico, pretendeu-se discutir as contradições existentes na lógica de utilização das Mídias Sociais no que se referiu à produção e à divulgação de conteúdo. Buscou-se com isso, pensar o movimento de fundamentação do pensamento crítico e de emancipação a partir do consumo de conteúdos digitais pela plataforma YouTube, por intermédio do influenciador digital.

Gabriela Prioli Della Vedova é advogada criminalista, ex-professora universitária, apresentadora do canal CNN, com cerca de 2 milhões de seguidores no Instagram, pouco mais de 1 milhão no Twitter e, aproximadamente, 814 mil inscritos na plataforma do YouTube até o dia 24 de janeiro de 2022 – onde propõe-se a produzir conteúdo sobre análise política. Em junho de 2021 a influenciadora lançou seu primeiro livro, intitulado “Política é Para Todos”, publicado pela Companhia das Letras.

Um dos critérios que fundamentou a escolha da influenciadora para este estudo foi a visibilidade e a notoriedade que ela alcançou, no que tange à produção de conteúdo digital com informações no campo político e econômico, o que concedeu à advogada o *Prêmio Influenciadores Digitais* na categoria “Economia, política e atualidades”, por voto técnico e popular, em 2020. Na edição de 2022, a influenciadora concorria com Arthur Moledo do Val, deputado pelo Estado de São Paulo e produtor de conteúdo sobre análise política mais conhecido como “Mamãe falei”¹ e Nando Moura², músico, produtor e youtuber de conteúdos voltados para música, filosofia, economia, política e atualidades. A edição do prêmio de 2021, obteve Arthur do Val como ganhador, enquanto Gabriela Prioli ocupou a segunda colocação.

A ideia do tema de pesquisa em questão surgiu mediante minha experiência como psicóloga escolar, aonde, ao longo de uma trajetória de 5 anos, fui percebendo a introdução cada vez mais frequente dos conteúdos advindos das Mídias Sociais no cotidiano dos alunos da Educação Infantil ao Ensino Médio da rede privada. Observei que a experiência, outrora mais direcionada ao âmbito do entretenimento, adquiria um movimento cada vez mais mobilizador de experiências de informação, propondo-se, inclusive, a amparar o pensamento e posicionamento do público jovem sobre assuntos como política, economia e cultura.

É inegável que nossas existências estão cada vez mais envoltas nos laços e nas teias das tecnologias digitais de informação e comunicação, fato potencializado mediante a realidade de isolamento social advindo do período pandêmico o qual esta pesquisa se ambienta, aonde, mais do que nunca, as pessoas estão recorrendo às diversas plataformas de Mídias Sociais com os mais distintos propósitos, mas, especialmente, como forma de consumir e ser consumido por conteúdos informativos e de entretenimento.

Diante deste cenário, esta pesquisa foi pensada teoricamente e metodologicamente com base na Teoria Crítica da Sociedade, que, como tarefa primária, possui a proposta de trazer à

¹ DO VAL, A. Mamãe falei. YouTube. Disponível em: <https://youtube.com/c/Mamaefale>. Acesso em 22 maio 2022

² MOURA, N. Mr. Nando Moura. YouTube. Disponível em: <https://youtube.com/user/MrNandomoura101>. Acesso em 22 maio 2022

baila as coisas como elas se apresentam, considerando as predisposições “presentes no desenvolvimento histórico” (NOBRE, 2012, p. 11), sem deixar de propor uma análise das circunstâncias objetivas de organização social, dando prioridade à estruturação do sistema de produção e de consumo, a fim de perceber as possibilidades, sobretudo de emancipação.

A Teoria Crítica faz referência ao pensamento proposto por um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos da Escola de Frankfurt, que se detiveram a desenvolver pesquisas e intervenções a respeito de problemas de ordem filosófica, econômica, social, cultural e estética, oriundos de sua época. Deste modo, na amplitude de sua acepção, a Teoria Crítica se propõe a pensar a negação da ordem estabelecida, o antipositivismo, bem como o anseio por uma sociedade que se proponha a moldes mais justos e humanitários (ZUIN; GOMES, 2017).

Os frankfurtianos não possuíam uma homogeneidade de pensamento e, conseqüentemente, de escritos. Na verdade, entre eles as divergências teóricas eram uma constante. Assim, a discussão que perpassava a tecnologia também não foi assinalada por uma linearidade de pensamentos. Os teóricos da primeira geração, como Adorno e Horkheimer, entendiam que as tecnologias industriais estariam a serviço do mercado, tornando elementos como cultura, lazer e arte em mercadoria, produtos de consumo. Walter Benjamin (1987) propôs um olhar sobre a temática como “uma faca de dois gumes”, ressaltando que todo instrumento de cultura é um instrumento de barbárie. O entendimento de que a técnica teria potencial tanto de libertação quanto de dominação partiu de Marcuse em *Tecnologia, Guerra e Fascismo* (1999), onde para o autor, “a técnica por si só pode promover tanto o autoritarismo quanto a liberdade, tanto a escassez quanto a abundância, tanto o aumento, quanto a abolição do trabalho árduo” (p.74). Contudo, em *O Homem Unidimensional* (2015) o autor aprofunda o processo de reflexão sobre a temática e revê o lugar ocupado pela técnica, entendendo que nela não há neutralidade, visto ser ideologicamente comprometida, desde sua gênese epistemológica, como produção de conhecimento e de mundo, considerando que a tecnologia é desenvolvida em um sistema capitalista, que age nos interesses do capital.

Em 1930, ao assumir a direção do Instituto de Pesquisa Social, a percepção de Horkheimer era fortemente materialista. Isso influenciou significativamente a forma como as produções se desenvolveram. Contudo, foi uma preocupação do autor caminhar pela história da filosofia social como um método que fornecesse fundamentação à sua própria teoria, evitando, assim, que ele caísse no “pragmatismo clássico das teorias materialistas as quais se opunha” (GONÇALVES, 2016, p.18).

Horkheimer reconheceu a relevância da diversidade de áreas e dedicou-se não apenas às suas produções, mas direcionou sua atenção aos demais, de modo que a interdisciplinaridade

se tornasse a linha central das pesquisas do Instituto. Foi responsável por introduzir a ideia de fazer da filosofia a área direcionadora dos trabalhos desenvolvidos após tornar-se diretor (GONÇALVES, 2016), estabelecendo a importante concepção de materialismo interdisciplinar.

Deste modo, no que tange ao embasamento de estudos a partir do materialismo interdisciplinar de Horkheimer (1999), Antunes e Holanda (2020) apontam para a necessidade da pesquisa social ser submetida a uma “interpenetração dialética contínua com a teoria para o seu desenvolvimento” (p. 19), um processo que se torna possível apenas por meio do uso “dos mais avançados métodos de pesquisa disponíveis na época e desenvolvidos nas diversas áreas das ciências especializadas” (p. 19).

Assim, além do princípio do materialismo interdisciplinar, esta pesquisa seguiu o preceito do primado (dialético) do objeto (MAAR, 2006; ADORNO, 2009). Isso sugere que após a contemplação do objeto, o prosseguimento da pesquisa deu-se a partir do caminho que ele própria apontou, pois Adorno, em *Dialética Negativa* (2009), nega a existência de um método preestabelecido aplicável em processo anterior ao objeto. Deste modo, é incumbência do pesquisador “[...] abrir-se a um conhecimento preliminar de seu objeto, antes de a ele aplicar, de fora, qualquer procedimento específico e teoricamente formatado, ao mesmo tempo em que altera a si mesmo nessa abertura”. Assim, torna-se possível ao pesquisador que o objeto se mostre tanto como ele é (ANTUNES, 2020, p. 238). Essa postura de negação metódica decorre “do princípio materialista, segundo o qual o conhecimento se dá a partir da reflexão sobre o mundo material objetivo” (ANTUNES; HOLANDA, 2020, p. 19).

Adorno (2009) argumenta sobre a importância de que os métodos sejam desenvolvidos a partir do conteúdo produzido pelo objeto, ou ainda, que haja a aplicação do método baseado na pertinência e necessidade do assunto, não havendo imposições ao objeto. E é partindo dessa premissa de Adorno que Antunes e Holanda (2020) esclarecem sobre a relação da “crítica filosófica com os modos de pesquisa empírica existentes” (p. 20) que, neste sentido, propõe uma abertura do pesquisador ao objeto de modo preliminar, antes de que a ele seja atribuído uma formatação específica ou teórica predeterminada (ANTUNES, 2020), aonde “a primazia do objeto deve ser respeitada pela práxis” (ADORNO, 1995, p. 211).

Entretanto, Antunes (2020) salienta que não se trata apenas de um processo simplório de adaptação do pesquisador ao contexto no qual a pesquisa se delinea, tendo em vista que “isso reforçaria a objetividade heterônoma a qual criticamos” (p.237), mas, trata-se de promover uma atenção direcionada tanto ao que o objeto necessita no aqui e agora, quanto à natureza e especificidades dele, garantindo, inclusive, que o caráter histórico da teoria seja mantido.

Ainda segundo a mesma autora, a pesquisa voltada para meios de comunicação digitais contemporâneos é atravessada por um sistema social construído por aspectos históricos, filosóficos, políticos, geopolíticos, culturais etc. Dessa forma, necessita de uma base teórica e metodológica avançadas e atualizadas, que possam atuar no amparo em produzir respostas a nossas inquietações, “fazendo as adaptações necessárias, de acordo com a Teoria Crítica e um conhecimento preliminar do objeto – ou mesmo criando novas formas de aproximação dele.” (ANTUNES, 2020, p.237). É através desse processo que “o fenômeno contemporâneo das redes sociais virtuais” será explorado neste estudo “à luz da razão crítica” (ANTUNES; HOLANDA, 2020, p.20).

Pesquisas com a internet podem ocorrer a partir de três óticas: “tanto objeto de pesquisa (aquilo que se estuda), quanto local de pesquisa (ambiente onde a pesquisa é realizada) e, ainda, instrumento de pesquisa (por exemplo, ferramenta para coleta de dados sobre um dado tema ou assunto)” (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 17). É relevante ressaltar, que na percepção das autoras, o cenário virtual se constitui como um espaço de exploração complexo, sobretudo pela dificuldade em realizar recortes, mediante suas características dinâmicas e heterogêneas. Assim, Antunes e Holanda (2020) sugerem a netnografia como uma metodologia conveniente e adequada para a realização de coleta de dados no ambiente on-line, de onde a execução desta pesquisa, no que diz respeito aos procedimentos técnicos, ocorreu.

Segundo Robert Kozinets (2014), a netnografia (etnografia on-line) constitui-se como ferramenta metodológica advinda de uma adaptação do método etnográfico tradicional de pesquisa, que considera os elementos oriundos do campo digital e da comunicação intermediada por instrumentos tecnológicos, como computadores, tablets e smartphones.

Ela possui elementos que a diferenciam entre outros métodos e técnicas utilizados em pesquisas que tenham a internet como objeto de estudo. Kozinets (2014) aponta que a netnografia não percebe as comunicações que ocorrem no âmbito digital como mero conteúdo, mas como interações sociais e manifestações expressivas dotadas de sentido e artifícios culturais. Considera-se, inclusive, as palavras, a linguagem, a história, as formas como a interação é configurada e concebida, entre outros elementos. Dessa forma, ações e interações dos sujeitos no âmbito digital constituem o enfoque do método netnográfico.

Como campo de coleta de dados, optou-se, dentre as Redes Sociais existentes, utilizar o YouTube, “uma plataforma que oferece um alcance potencialmente grande para quase todos os [usuários] que chegam” (JENKINS, H; GREEN, J; FORD, S. 2014, p. 127). Para os autores, “O site incentiva os usuários a pensar em si mesmos como uma espécie de moeda, com os participantes ganhando prestígio social através do número de visitas que atraem” (2014, p. 127).

Estando disponível em mais de 80 idiomas diferentes, o YouTube possui mais de dois bilhões de usuários conectados mensalmente e mais de um bilhão de horas de vídeos assistidos diariamente. Por conta dos recentes avanços da tecnologia móvel, o acesso do aplicativo nos smartphones é responsável por mais de 70% do total de visualizações registradas, de acordo com estatísticas divulgadas pela plataforma.³

Henry Jenkins em *Cultura de Convergência* (2015) utiliza o termo “consumidores” para expor um panorama de mudanças experimentado no lugar ocupado pelas pessoas à medida que as tecnologias evoluíram, segundo o autor, da posição de passividade e previsibilidade, os consumidores tomaram um lugar mais “ativo” e “migratório”, expressando “uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação” (p.46). Assim, esses indivíduos saíram de um espaço de isolamento, para uma condição de expansão, sendo “mais conectados socialmente”. Assim, a atuação das mídias aproxima-se cada vez mais de uma roupagem que abrange indivíduos cada vez mais “barulhentos e públicos” (p.46).

Diante desta dinâmica, plataformas como YouTube que integram o rol de empreendimentos da Web 2.0 utilizaram-se dos conteúdos produzidos pelos próprios usuários - cada vez mais integrados - para desenvolverem seus planos de negócio a partir de um processo denominado de “arquitetura da participação” (O’REILLY, 2005 apud JENKINS, 2015), assim, o processo gerado pela integração direta dos usuários ao mesmo tempo que se torna mais atraente, também permite a canalização da “inteligência coletiva” daqueles que, outrora, foram apenas espectadores e consumidores. Agora, há uma extração de “grande parte de seu valor da recirculação de conteúdo gerado por outros usuários” (p.286), e a isso é sugerido uma premissa de poder, personalidade e destaque a cada um que lá está presente. Para Tiziana Terranova (2003, apud JENKINS, 2015) em crítica a Web 2.0, o “trabalho gratuito” se tornou algo corriqueiro e fomentado, aonde o consumo “inteligente” da cultura se materializa em atividades de cunho produtivo, associadas a concepção de prazer e que em grande parte, são na verdade modos de exploração, tendo em vista a proporção de lucro obtido pelas plataformas a partir da produção de conteúdo. Ou seja, as pessoas quando produzem e/ou quando consomem materiais nas mídias dificilmente enxergam o lucro produzido a partir delas mesmas.

Para Henry Jenkins (2015) o surgimento do YouTube foi indispensável para que ocorresse a “produção e distribuição da mídia alternativa” (p.357), representando o ponto de partida no processo de rompimento nas ações “das mídias de massa comerciais”, por sua vez

³YOUTUBE ABOUT. YouTube para imprensa. Disponível em <https://www.youtube.com/intl/pt-BR/about/press/>. Acesso em: 13 de maio de 2020.

ocasionadas pelo aparecimento de “novas formas de cultura participativa”. Contudo, é preciso perceber o YouTube como parte integrante de uma estrutura cultural muito maior.

O YouTube conseguiu aglutinar uma gama de “comunidades alternativas diversas” (p.357), embora cada uma delas já atuasse na produção de mídia independente, agora um há um espaço de unificação mediado “por esse portal compartilhado”, atuando como um meio de propagação de conteúdo de mídia tanto amadora como semiprofissional, estimulando, segundo o autor, “novas atividades de expressão” (p.357). Neste sentido, a existência de um site compartilhado profere a estes conteúdos uma visibilidade maior do que se a disseminação ocorresse de forma não coletiva.

A relação estabelecida entre a plataforma do YouTube e as outras redes sociais é um aspecto de significativa relevância, tendo em vista que o conteúdo exposto facilmente é dissipado por outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram, blogs e outras páginas da internet, alcançando também uma diversidade de públicos muito maior. Para Henry Jenkins (2015), isso torna o YouTube uma “mídia espalhável” (p.357). Isso proporciona duas conotações: a primeira seria o aspecto facilmente disseminado dos vídeos, dando-lhes o conceito de “viral”, o que carregaria “um sentido maior de ação por parte do usuário” (p.357). Contudo, o termo também fomenta o entendimento de “espelhamento” e “viral” como percepções da cultura como mero ato de reprodução, como algo de cunho “infeccioso” e de difícil manejo, isso tanto em acordo com o conteúdo quanto com as ações desenvolvidas pelos seus integrantes, promovendo ainda o questionamento acerca da “importância da distribuição na criação de valor” além do processo de “reformulação de sentido dentro da cultura do YouTube” (p.358).

Os aspectos “produção, seleção e distribuição” não são novos no cenário das mídias, contudo, eram aspectos realizados isoladamente, sendo o YouTube responsável pela unificação desses serviços em um único espaço, além de direcionar a “atenção ao papel das pessoas comuns nesta paisagem transformada das mídias” (p.358). Aqui, para Jenkins (2015) duas perspectivas da era da cultura da convergência se mostram, a primeira delas é a debilidade da “cultura *mainstream*⁴” tanto no aspecto reprodução quanto de consumo dos conteúdos das mídias; e a normalização de atividades que, por muito tempo obtiveram a percepção “marginalizada” agora, obtém produção e discussão - inclusive por amadores - que permitem a incorporação de um espaço “alternativo de atividade cultural” (p.358).

⁴ Cultura convencional, tradicional.

O processo de “visibilidade cultural do YouTube” (p.369) ampliou o uso de uma abordagem com caráter humorístico e descontraído por parte dos ativistas, uma “diversão séria” que apresentava paródias em vídeos demonstrando caminhos mais “divertidos e prazerosos” de abordar o discurso político (JENKINS, 2015). O caráter de descontração e entretenimento atribuído a um conteúdo político foi questionado por Adorno na obra *Estudos Sobre a Personalidade Autoritária* (2019), tendo em vista a necessidade de entendermos os aspectos complexos de tal temática e que irão interferir diretamente na atuação no processo democrático, aspecto melhor discutido no capítulo 4.

Na fase inicial deste estudo, utilizou-se um quantitativo apresentado no estudo de Grieger & Botelho-Francisco (2019) estimando 230 mil influenciadores digitais atuantes nas Mídias Sociais no Brasil. Contudo, esse dado mais que dobrou ao final da pesquisa e em maio de 2022 a Folha de São Paulo⁵ noticiou, a partir de uma pesquisa divulgada pela multinacional Nielsen, uma estimativa de 500 mil influenciadores digitais no Brasil. Apesar de não se configurar como uma profissão regulamentada, os números são superiores à quantidade de dentistas, arquitetos e engenheiros civis – profissões citadas na pesquisa - além de equiparar-se à quantidade de profissionais médicos, que atualmente é de 502 mil.

Com a temática “influenciador digital”, nos últimos dois anos - 2020 a 2022 - um total de 26 artigos foram publicados no site de busca Google Acadêmico, além de 8 artigos na plataforma de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Em sua grande maioria voltados para a perspectiva da dinâmica do consumo, comportamento de compra e influência de marketing.

Esta pesquisa se debruçou no canal da influenciadora digital Gabriela Prioli, que desenvolve sua produção de conteúdo em temáticas voltadas para a análise política, econômica e social, com fins - ao que se sugere - de formação de opinião por aqueles que consomem. Tal dinâmica aproximou o material do canal ao propósito deste estudo, que pretendeu a análise do processo de influência digital a partir de diferentes imagens, discursos e narrativas.

A amostragem da pesquisa foi constituída pelo tipo não-probabilístico por julgamento, tendo em vista que, no contexto do estudo, a pesquisadora escolheu os dez vídeos com mais visualizações do canal da influenciadora digital estudada (APOLINÁRIO, 2006). Os dados foram colhidos obedecendo os seguintes passos: apreciação do material dos vídeos postados na

⁵ MADUREIRA, D. Influenciador ganha R\$ 18 mil por campanha no Brasil. FOLHA DE SÃO PAULO. São Paulo, 28 de maio de 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2022/05/brasil-tem-mais-influenciadores-do-que-dentistas.shtml>. Acesso em 29 de maio de 2022.

plataforma do YouTube, seleção daqueles com mais visualizações e transcrição dos conteúdos, culminando com a análise.

Gabriela Prioli iniciou seu canal na plataforma do YouTube no dia 27 de janeiro de 2020 e possuía um total de 190 vídeos postados até o dia 06 de maio de 2021. Dentre o material empírico disponível, foram escolhidos os dez vídeos com mais visualizações do canal até o dia 31 de março de 2021 como recorte do material analisado nesta pesquisa. Após assisti-los, foi iniciado o processo de transcrição integral dos vídeos selecionados por meio da ferramenta de comando de voz e transcrição do Google Docs, sendo realizados apontamentos sobre determinados vídeos do canal que não entraram no critério de seleção, mas que poderiam auxiliar no processo de compreensão da narrativa. *Prints* das telas também foram introduzidas para auxiliar no processo de análise. O quadro a seguir apresenta os vídeos selecionados fomentadores das discussões teóricas desta pesquisa:

Tabela 1 - Vídeos selecionados para pesquisa

Título	Código	Data	Tempo	Visualizações	Likes	Deslikes	Comentários	Produção
Gabriela Prioli – Barbie Fascista? ⁶	V1	19/02/2020	00:17:39	493.875	-	-	1.677	-
Meus livros favoritos – parte 1 ⁷	V2	03/03/2020	00:13:38	449.656	-	-	901	-
Por trás do discurso de Sérgio Moro – Parte 1 ⁸	V3	25/04/2020	00:12:31	463.467	47mil	1,6 mil	1.732	-
20 coisas que Bolsonaro pode fazer sobre as mortes por COVID-19 ⁹	V4	30/04/2020	00:11:32	412.519	75mil	1,4 mil	4.105	Play 9
Vai ter golpe? ¹⁰ Democracia ameaçada? – muita calma nessa hora	V5	05/05/2020	00:15:22	500.852	91mil	1,9 mil	3.182	Play 9
Reagindo aos haters – olha o que eles estavam falando de mim ¹¹	V6	09/05/2020	00:10:54	419.035	71mil	845	4.911	-

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkScrU1ho9Y&t=30s>.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ii7tYf6y4Zl&t=223s>.

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgbvBCPVjMY&t=5s>.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QxPu06GKuLM&t=1s>.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSNgzqc3NMU&t=4s>.

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zSTVcgycpX8&t=2s>.

Anitta me desafiou a ¹² explicar política de forma simples. Será que eu consegui?	V7	12/05/2020	00:34:29	545.544	58 mil	1 mil	2.699	Play 9
Por que o Governo quer o ENEM 2020 a qualquer preço? ¹³	V8	14/05/2020	00:14:54	471.897	77mil	1,5 mil	2.158	-
Queiroz reaparece e ameaça alianças do Governo ¹⁴	V9	20/06/2020	00:15:40	429.092	50 mil	1,2 mil	2.352	Play 9
Quem sai ganhando ¹⁵ com o vídeo? O presidente ou a oposição?	V10	23/05/2020	00:15:27	643.529	73mil	3,4 mil	4.506	Play 9

Os 10 vídeos contabilizaram 224 minutos e 44 segundos de conteúdo audiovisual analisados nos capítulos que seguem: Capítulo 1: De onde partiremos para enxergar o fenômeno; Capítulo 2: Imagem, conteúdo e influência digital; Capítulo 3: Nasce uma estrela: a trajetória de Gabriela Prioli ao campo da influência digital; Capítulo 4: Sobre a educação em política para a construção de um pensamento crítico; Capítulo 5: “Mais razão e menos emoção”, a busca pela potência de discurso nas mídias digitais; Capítulo 6: Informação no mundo digital, pra quê? Considerações finais.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=izJj4fkajPs&t=242s>.

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SDD7OAcGmCg&t=86s>.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbMXoQ6UCDo&t=1s>.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lcUvNdQncuo&t=216>.

2 DE ONDE PARTIREMOS PARA ENXERGAR O FENÔMENO?

Em meados de 1920, um grupo de intelectuais marxistas não ortodoxos alemães, muitos de origem judia, conceberam estudos empíricos e intervenções teóricas voltados para o entendimento de questões de ordem filosóficas, econômicas, sociais, culturais e estéticas, provenientes das relações capitalistas da época. Nesse sentido, os principais pensadores da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt: Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Erich Fromm e Walter Benjamin objetivaram entender a contradição existente entre o desenvolvimento técnico, científico e industrial e a situação de miséria e barbárie que massacrava a humanidade naquele período (NOBRE, 2012).

O termo Teoria Crítica aparece inicialmente no texto *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*, publicado pela revista *Zeitschrift für Sozialforschung* (Revista de Pesquisa Social) do Instituto, em 1937, por Max Horkheimer. O termo possuía referência ao “marxismo e seu método” da época (NOBRE, 2012, p.13). Contudo, é relevante destacar que o marxismo ortodoxo - do qual o Instituto era mais próximo antes da direção de Horkheimer - era negado pelos intelectuais, bem como “a filiação a um partido político ou a um movimento específico” (p. 15), que segundo Lilyane Deroche-Gurcel no prefácio da edição francesa da obra *Escola de Frankfurt* (2002) “Horkheimer e seus colaboradores sentiam a necessidade de reatualizar o pensamento de Marx sem erigi-lo em doutrina definitiva, como faziam os partidos políticos da época” (p.15). Para Rolf Wiggershaus (2002, p.37), os teóricos se afastaram da “[...] crítica do capitalismo enquanto sistema econômico conduzida pela superestrutura e pela ideologia” e se identificaram, na verdade, com o que era o princípio fundamental da teoria marxista, a “[...] crítica concreta das relações sociais alienadas e alienantes”. O que se sugere é que a expressão Teoria Crítica se constituiu a partir da oposição ao que Horkheimer intitulou como Teoria Tradicional, já que para Susan Buck-Morss (1979), há uma imprecisão no termo, tendo em vista que não houve uma articulação, mas, na verdade, um conjunto de suposições partilhadas pelos integrantes do Instituto de Pesquisas Sociais. Assim, o termo Teoria Crítica delimitou-se a atribuir uma perspectiva teórica elaborada pelos pesquisadores do Instituto, denominando o conjunto de teorias alicerçadas pela negação à ordem instituída e ao anti-positivismo.

Horkheimer (1990) ainda argumenta que a função da Teoria Crítica não se constituiria apenas em dissertar acerca da inviabilidade da Teoria Tradicional em propiciar instrumentalização para análise da sociedade, mas que o intento desta proposta teórica se alicerçaria em fazer emergir uma proposta de entendimento crítico sobre as contradições sociais, remodelando as formas de compreensão e análise do mundo. A Teoria Crítica, portanto,

segundo Rüdiger (2001), alvitaria pela elaboração de novas concepções teóricas e paradigmáticas, objetivando uma ruptura fidedigna aos moldes tradicionais de pensamento, desprovido de senso de criticidade e que culmine ou viabilizem a mudança social. O símbolo maior do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt era o desenvolvimento de pesquisa teórica, experimental e crítica, com abrangência em diversas áreas disciplinares, e que tivesse como fim último auxiliar no processo de emancipação. Ela se constitui como uma teoria social voltada para a crítica ao sistema de reprodução social que se evidencia a partir dos acontecimentos de ordem cultural, institucional e sociopolítico (RÜDIGER, 2001). Compreendendo os modos de vida das pessoas em sociedade e a práxis social (MARX, 2010), torna-se possível atuar no entendimento e superação das contradições em que se vive.

2.1 Sociedade tecnológica: cultura, mídia e a construção do processo de influência digital

A proposta deste subcapítulo é discutir sobre a sociedade tecnológica, bem como os principais instrumentos de cultura – principalmente os de caráter audiovisual – que alicerçaram o cenário para o surgimento da influência digital.

Passada a Segunda Guerra Mundial, as produções de Herbert Marcuse (2015) foram elaboradas com ênfase nas "análises da Escola de Frankfurt do papel da tecnologia e da racionalidade tecnológica, administração e burocracia, o Estado Capitalista, meios de comunicação de massa e consumismo e novos modos de controle social" (p.18), que, para o autor, foram responsáveis por promover a decadência na predisposição à revolução pela classe trabalhadora, interferindo na singularidade, na autonomia das pessoas, bem como na democracia. Tal condição também foi responsável por estabilizar o capitalismo pois "os poderes da razão e da liberdade estão declinando na sociedade industrial tardia" (KELLNER, 2015, p.19).

A partir da progressiva centralização e eficácia dos mecanismos de controle político, econômicos e culturais, aquilo que se fazia na condição de resistência a essas esferas sofreu pacificação e, quando não, foi administrado ou extinto, fazendo com que a razão se equiparasse com a realidade, aonde aquilo que se mostra real é lógico e coerente, portanto, passível de moldar e controlar.

Por sociedade industrial avançada compreende-se por uma sociedade centrada na racionalidade tecnológica e institucional, na artificialidade e sem atitudes de contrariedade à lógica dominante, de modo que "a tecnologia reestrutura o trabalho e o lazer, influenciando a

vida, desde a organização do trabalho até os modos de pensamento” (KELLNER, 2019, p.10). Marcuse interpreta que a racionalidade tecnológica age em colonização da vida, usurpando a liberdade e a singularidade das pessoas a partir da atitude de imposição que ela ordena, com o estabelecimento de regras que delimitam formas de pensamento e comportamento. Isso porque a sociedade industrial pode ser facilmente pensada como uma “sociedade de oposição”, ou seja, a padronização e a uniformização fazem parte de um todo integrado a partir de normas compartilhadas. Tudo passa a ser fruto de um processo de conformação entre coisas e pessoas, e, assim, o direito e a liberdade perdem seu campo de sustentação e se esvaziam do conteúdo que lhes cabia.

Assim, para Marcuse, a postura acrítica é construída e fortalecida a partir de derivações de “crenças, normas e valores do pensamento e das práticas sociais existentes” (KELLNER, 2019, p.11). Em contraposição, a posição crítica só se desenvolverá a partir da busca por formas alternativas de pensar e se comportar, que requerem a adoção do que Marcuse designou de “pensamento negativo” (p.12). Essa forma de pensar age em negação aos métodos superiores que já existem; para isso, “Essa prática pressupõe a habilidade de fazer a distinção entre existência e essência, fato e potencialidade, aparência e realidade” (p.12).

Na teoria de Marcuse, o foco repousa primariamente na concepção de homem, sociedade e pensamento “unidimensional”, termo utilizado para demonstrar a experiência totalizante, retratadoras de circunstâncias deficitárias e que carecem de uma dimensão crítica. Na sociedade unidimensional, o indivíduo é coisificado e a ele cabe apenas seguir regras estabelecidas pelas estruturas externas, não lhe sendo permitido espaço para “descobrir mais possibilidades libertadoras e de comprometer-se na prática transformativa para realizá-la” (KELLNER, 2019, p.21).

Ao “homem unidimensional” não é permitido pertencer a si mesmo, assim como agir em recusa de algo que interfira, sobretudo, no domínio do seu caminho. Assim, as suas necessidades não são genuínas - ele nem as conhece -, mas é a sociedade que institui seus desejos, medos, anseios, valores, inclusive o que lhe será vital. A partir da manipulação, o indivíduo torna-se incapaz de opor-se às estratégias de dominação e exercer sua autonomia, pois há uma forte influência que o faz agir em imitação ao comportamento público, por meio da submissão ao sistema de poder existente. Desse modo, o “homem unidimensional” está cada vez mais subserviente à dominação totalizante.

2.2 A indústria cultural e a estética dos enganos e da dominação produzidos pela modernidade

Para Theodor Adorno e Max Horkheimer (2009), na sociedade contemporânea a cultura se converteu em uma imensa força, com capacidade de transformar a arte em mercadoria. O cenário do nazifacismo, responsável por uma das maiores barbáries vividas pela humanidade, muito contribuiu para o processo reflexivo fundamentador do pensamento de Adorno, assim como a experiência de exílio nos Estados Unidos, que lhe promoveu contato próximo com a cultura norte-americana – símbolo do ápice capitalista. Esta aproximação possibilitou que, nos anos de 1940, Adorno e Horkheimer cunhassem o conceito de indústria cultural como ponto de partida essencial para a compreensão da cultura de massa e os enganos proferidos pela técnica na modernidade (ORTIZ, 1986). O termo se disseminou a partir da obra *Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos*, publicada originalmente em 1944, aonde no capítulo *A Indústria Cultural: Esclarecimento Como Mistificação das Massas*, os autores apresentaram como historicamente e gradualmente os produtos advindos da cultura foram incluídos em uma lógica fetichizada da mercadoria, envoltos em um raciocínio de dominação oriundo da "obediência à hierarquia social" (p. 108). Assim, a cultura se industrializa desde a elaboração do processo "criativo" até o momento de usufruto pelo "consumidor". Ela é, portanto, uma manifestação de reflexão e questionamento, algo que a indústria cultural tende a impedir tendo em vista que a produção de reflexão crítica é um ato que enfraquece a lógica de dominação vigente.

De acordo com Renato Ortiz (1986), a cultura sob a ótica frankfurtiana não se refere à concepção mais comumente disseminada pela antropologia, que abarca os modos de vida, costumes e práticas de um povo. O entendimento de cultura arregimentado a uma definição alemã – *Kultur* –, a compreende e reconhece através da arte, da música, da literatura e da filosofia.

Marcuse, em *Culture et Soviété* (1970) propõe que a concepção de cultura engloba um complexo de objetivos morais, estéticos e intelectuais, estipulados pela sociedade com o propósito de estabelecer seu ordenamento. Deste modo, sua definição pode ser compreendida:

[...] como um processo de humanização (Humanisierung) caracterizado pelo esforço coletivo para conservar a vida humana, para pacificar a luta pela existência ou mantê-la dentro de limites controláveis, para consolidar uma organização produtiva da sociedade, para desenvolver as capacidades intelectuais dos homens e para diminuir e sublimar a agressão, a violência e a miséria (MARCUSE, 1998, p. 154).

No entendimento de Marcuse (1999), conceitualizar a cultura só é plausível a partir da exclusão dos elementos que lhe conferem um caráter contraditório, como a perversidade, a barbárie, o misticismo, o fanatismo e os modos de violência, que tendem a integrá-la

frequentemente. Uma expressão genuína da cultura só poderá de fato ocorrer por meio de um processo de singularidade, e não por meio de um todo.

Na sociedade industrial, “a cultura contemporânea a tudo confere um ar de semelhança” (ADORNO; HORKHEIMER, 2009, p.5) e a individualidade é usurpada pelos elementos advindos do meio social. O impulso de imitação é disseminado e todos os sentidos do indivíduo são ocupados pelos produtos que fornecem a sua lógica, “da saída da fábrica, à noitinha, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte, com o selo da tarefa de que devem se ocupar durante o dia” (p. 108). Não há escapatória para a teia elaborada pelos produtos da indústria cultural – Jornais, televisão, cinema, rádio, internet e demais instrumentos das mídias – todos estamos mergulhados neste cenário e predispostos “a passar pelo filtro” (p. 104). Até o indivíduo mais desatento estará fadado a “consumi-los alertamente” (p.105).

Em *Indústria Cultural e Sociedade*, Adorno (2009) afirma que não há escapatória, “O mundo inteiro é forçado a passar pelo crivo da indústria cultural” (p. 10). Em um processo de transferência das características da dominação da técnica para os bens culturais da contemporaneidade, a indústria cultural produz adaptações de suas produções para uma forma de consumo massificado e que esteja conivente com a expansão dos interesses do capital.

A proposta contida nos apontamentos críticos dos estudos sobre a Indústria Cultural não é o da oposição à cultura popular por uma outra forma de cultura, mas de explorar e analisar os modos como os objetos da cultura são elaborados com fins em alcançar aquele que os consome. Portanto, na sociedade contemporânea tecnológica os bens culturais ou artísticos são frutos de um processo que os transformou em mercadoria, com o objetivo de servir à dominação comercial (FREITAG,1987).

O processo de industrialização cultural poderá incidir, sobretudo, na perda da sua condição crítica, principalmente através de uma sedução atrelada a produtos que se distanciam deste aspecto e que, na verdade, deturpam e camuflam a realidade submetida às pretensões do capital; e, ainda, à medida que a transformação da cultura em mercadoria vai ocorrendo, a técnica se sofisticada e o processo de produção e reprodução dos bens culturais se afasta cada vez mais do caráter genuíno, e se torna mero produto.

Freitas (2008) afirma que os elementos da cultura adquirem uma padronização no que diz respeito à sua fabricação, a partir de parâmetros estabelecidos pelo mercado. Neste sentido, a indústria cultural padroniza os gostos das pessoas para satisfazer necessidades produzidas pelo mercado. O autor segue apontando que os bens oriundos das mídias objetivam validar a real existência dessas necessidades, fomentando cada vez mais o consumo dos indivíduos.

Ressalta-se que Adorno (2020) não se opõe especificamente à tecnologia. Sua crítica é, na verdade, à racionalidade técnica na qual ela se ampara, como consta na entrevista que gerou o capítulo *Televisão e Formação*, em *Educação e Emancipação*: “gostaria de acrescentar que não sou contra a televisão em si, tal como repetidamente querem fazer crer” (p.77). O autor, na verdade, direcionou sua análise para as formas as quais a televisão – como tecnologia contemporânea – operacionalizou e conduziu suas propensões e seus os métodos de difusão, bem como a ideologia que é financiadora de tal ferramenta.

No cenário atual, a Internet tem apresentado significativo poder quanto a produção e consumo de bens culturais. Claussen (1990, apud GARCIA, 2020, p. 13) apontou sobre a necessidade de que o conceito de indústria cultural pudesse passar por atualizações, uma vez que as características dessa indústria se modificam com o tempo, o que não significa que o conceito adquira invalidade, mas que a existência de novos contextos sugerem a ampliação dos esforços de análise e compreensão dos fenômenos. Neste sentido, sobretudo pela trajetória histórica do capitalismo, a indústria cultural foi experienciando uma ampliação cada vez maior de “sua presença e influência social” (GARCIA, 2020, p. 58) e na atualidade “é mais complexa e desenvolve aspectos que vão além daqueles identificados na década de 1940” (p.58). Na indústria cultural contemporânea a ampliação dos aspectos da vida cotidiana que perpassam o digital só se ampliam, o trabalho, o lazer, as interações sociais e até mesmo a “salvação” - a partir das manifestações das crenças religiosas, como as orações, cultos e novenas - (GARCIA, 2020) também perpassam a intermediação tecnológica. Na indústria cultural digital, o indivíduo transcende o espaço de mera recepção de informações através dos meios de comunicação para integrar, interagir e também produzir informações, se misturando as “notícias, publicidade, piadas, conversas privadas” (p. 63), com espaço para realizar interações por intermédio de “respostas, redistribuição, avaliação” (p. 63).

Para Christoph Türcker em *Sociedade Excitada* (2010), essa nova configuração de funcionamento gera uma competição entre os conteúdos para alcance das sensações e consequentemente das interações do indivíduo, de modo que “quem não chama a atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação, corre o risco de não ser percebido” (p. 37), neste panorama, uma relevante informação de ordem econômica, com perspectiva “existencial” e em “tom de súplica” é transmitida: “receba-me, perceba-me, reconheça-me, para que possa simplesmente ser” (p. 39). Na visão de Wanderley Florêncio Garcia (2020) aquelas pessoas que não conseguirem gerar sensações sucumbirão ao desaparecimento, sendo o indivíduo com maior relevância nas mídias o objeto primordial de alcance da indústria cultural digital.

1.3 A cultura audiovisual e a produção de influências no imaginário social

A representação do mundo por meio de imagens é um comportamento primitivo. Das pinturas rupestres às imagens holográficas, o ser humano tem buscado reproduzir os aspectos pertinentes a si mesmo e àquilo que o circunda, e a compartilhar com o mundo. A evolução histórica e tecnológica expôs o quanto essa construção de informação através de imagens é multifacetada e dotada de complexidade. O cinema, a televisão, a fotografia e, agora, as redes e plataformas sociais propagam a expansão e o poder que a imagem é capaz de obter, um poder quase que incontrolável e imensurável. Com o estabelecimento de uma cultura fortemente audiovisual, os sujeitos puderam produzir e disseminar conteúdos em uma instância com poucos limites e barreiras que é a internet, como afirma Silva e Tassarolo (2016). Para Georges Didi-Huberman em *Quando as Imagens Tocam o Real* (2012) a imagem não se configura como um “simples corte praticado no mundo dos aspectos visíveis” (p. 207) mas que ela deve ser contemplada como uma “impressão, um rastro, um traço visual do tempo que quis tocar, mas também, de outros tempos suplementares - fatalmente anacrônicos, heterogêneos entre eles” (p. 216), deste modo, sendo, pois, uma forma de arte característica da memória, não possui caráter unificado, aglutinador.

Para a Teoria Crítica, enquanto esfera atravessada pela historicidade, a cultura apresenta duas funcionalidades na sociedade, que compreendem o desenvolvimento e subsistência das forças que agem em dominação, assim como, de modo concomitante, também pode ser a via capaz de promover a emancipação de tais domínios. Os dispositivos ideológicos repressivos atravessam a subjetividade e interditam o processo de formação da consciência crítica. Assim, por intermédio da análise dialética da cultura, vislumbra-se a atuação de tais mecanismos, podendo, deste modo, tornar viável a interrupção do ciclo da dominação (GIROUX, 1986).

Ao pensarmos a trajetória histórica e a dinâmica da influência advinda da cultura audiovisual, o cinema possui seu lugar de relevância, dada sua responsabilidade na sedimentação de práticas configuradas na contemporaneidade. O cinema foi por muito tempo desvalorizado pela elite, que argumentava tratar-se de entretenimento popular incompatível com atos dotados de intelectualidade, sendo considerado “uma espécie de atração de quermesse” pela burguesia da época (FERRO, 1997, p.83).

Aqui evidencia-se uma bifurcação ocorrida ao longo da história. A cultura se disseminou a partir de duas formas amplamente distintas. Uma delas era considerada erudita, de caráter nobre e consumida pela burguesia, que se materializava nos teatros, museus,

concertos de músicas clássicas e livros, sobretudo de literatura universal. Estas eram as únicas e dignas formas valorativas e reconhecidas de se obter cultura. Além do mais, a prática era considerada obrigatória para aquele ou aquela que quisesse pertencer à elite e ser digno de conviver entre seus membros. Em contrapartida, as massas populares compartilhavam da cultura popular, que se perpetuava por meio de saberes, histórias, danças e canções, em grande parte através da tradição oral, normalmente em ambientes como circos, igrejas, festas, ambientes populares e nas ruas. Entretanto, as manifestações culturais populares foram atravessadas pela desvalorização, intolerância e preconceito, culminando, inclusive, na catequização de povos, a fim de convertê-los para formas consideradas mais nobres e relevantes de cultura – prática que não deixou de existir na contemporaneidade (FERRO, 1997).

A Alemanha Nazista foi uma das primeiras sociedades a perceber o potencial influenciador contido no cinema e o utilizou para propagar as doutrinas do Estado, sugestionando formas de pensar da população à medida que difundia a instauração do nacionalismo. Contudo, o uso da performance, da doutrinação e da glorificação por meio de filmes e documentários foi uma estratégia reproduzida e disseminada em outros territórios:

Na Inglaterra, mostram essencialmente a rainha, seu império, sua frota, na França, uma exposição, as instituições republicanas. Também na ficção o filme de propaganda aparece desde a origem: a favor ou contra Dreyfus, estigmatizando os boxers, etc. (FERRO, 1997, p.13).

Porém, o Estado não foi o único a perceber a amplitude de influência que o cinema poderia exercer nas massas. Segundo Valin (2012), o cinema tornou-se uma prática social, que conseguia disseminar “[...] formas de agir, pensar e sentir de uma sociedade, é também (o cinema) um agente que suscita certas transformações, veicula representações ou propõe modelos” (p. 285). Sendo assim, foi também uma ferramenta utilizada por cineastas independentes como estratégia de agir em um movimento contraideológico que guiasse a fundamentação da criticidade na sociedade.

Dada sua solidificação a partir da década de 1920, a sociedade industrial iniciou, por meio do cinema, o conceito de mídia recreativa (SKLAR, 1978). O cinema conseguiu, portanto, integrar a mídia massiva do entretenimento e a mídia informativa constituída pelos conteúdos jornalísticos, sendo também o período em que as figuras do cinema foram construindo o posto de ídolos no imaginário das pessoas. A partir daí, imbuído no processo de modernização, o cinema foi adquirindo cada vez mais espaço de propagação de arsenal ideológico, sendo possível vislumbrá-lo tanto na trama quanto nos diálogos (NAPOLITANO, 2011).

O mito e a magia envoltos nos ídolos de cinema foram abordados por Edgar Morin (1989) em *As Estrelas: Mito e Sedução no Cinema*. O autor direciona o olhar para o fenômeno ocorrido em uma sociedade dita racional, mas que age construindo um imaginário que qualifica as estrelas do cinema como “seres ao mesmo tempo humanos e divinos, análogos em alguns aspectos aos heróis mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto, e mesmo uma espécie de religião” (p.10). Em Hollywood, os cachês grandiosos distinguiam as estrelas dos demais atores, podendo, inclusive, ultrapassar os rendimentos de produtores e produções fílmicas renomadas.

O espaço de influência obtido pelas estrelas de cinema tornou-se tão poderoso que se alastrou das telas de cinema para outros instrumentos da mídia, como o rádio e a televisão. Segundo o autor, um quantitativo “de 90% dos grandes programas de rádio americanos” (p. 15) possuíam “madrinhas” que se propunham “a anunciar produtos de higiene, cosméticos, concursos de beleza, competições esportivas, lançamentos literários, campanhas de caridade e eventualmente eleições” (p. 15). E, nesse período do *star system*,¹⁶ cerca de 500 jornalistas estabeleceram-se em Hollywood com o intuito de disseminar “informações, fofocas e confidências sobre as estrelas” (p. 15). Desse modo, através dos meios de comunicação da época, a vida privada dos ídolos se tornara pública e “sua vida pública é publicitária, sua vida na tela é surreal, sua vida real é mítica” (p.15).

O cinema possui – assim como outras mídias – um mecanismo de ação sobre os modos de pensar do indivíduo, segundo Guback (1976), sobretudo o hollywoodiano, que promove um forte movimento de comercialização de produtos que carregam um conhecimento estruturado em uma realidade específica. Estes, por sua vez, interferem em “nossa compreensão e nosso nível de consciência” (p. 4).

Segundo Robson Loureiro (2008), Hollywood começou a dominar o cenário do mercado cinematográfico antes mesmo da Primeira Guerra Mundial chegar ao fim, chegando a produzir 85% dos filmes do mundo. Já no período da Segunda Guerra Mundial, o cinema foi amplamente utilizado como instrumento de propaganda, tanto pelos países do Eixo quanto pelos Aliados. Assim, os Estados Unidos o utilizava como uma eficaz ferramenta de propaganda

¹⁶ Star system é definido como um sistema criado pelos estúdios de Hollywood para administrar as estrelas de cinema do final da década de 1920 ao início da década de 1960. O sistema agia na idealização e construção de personas para os artistas, e assim eram amplamente moldados pelos estúdios, que decidiam ainda quais atores seriam contratualmente obrigados a promover e proteger por eles. Pois uma estrela Hollywoodiana era na verdade criada a partir de uma ampla gama de profissionais renomados, que utilizavam-se de todos os artifícios possíveis para enquadrar o artista no perfil desejado.

FONTE: HOLLYWOOD LEXICON. Star System. Disponível em:

<http://www.hollywoodlexicon.com/starsystem.html>. Acesso em 08 de agosto de 2021

através dos mais variados gêneros (TURNER, 1997), consolidando que o cinema obtivesse espaço para demasiada expansão e hegemonia dentro do mercado cinematográfico (LOUREIRO, 2008).

Uma atividade econômica importante para o fortalecimento do capitalismo nos Estados Unidos consolidou-se a partir desse momento histórico. Produtoras como a *Universal Pictures*, *Warner Bros Corporation* e a *Paramount* associaram-se a outras empresas de diversos segmentos comerciais, o que “fortaleceu a utilização do cinema como elemento fundamental no processo de doutrinação do público consumidor” (LOUREIRO, 2008, p 139-140).

Nesse ensejo, Adorno e Horkheimer (1985) postulam que o processo de “regressão do esclarecimento à ideologia” (p. 14) consegue sedimentar-se significativamente tanto no cinema quanto no rádio, demonstrando que o esclarecimento é formado principalmente pelo “cálculo da eficácia e na técnica de produção e difusão. Em conformidade com seu verdadeiro conteúdo, a ideologia se esgota na idolatria daquilo que existe e do poder pelo qual a técnica é controlada” (p. 14).

O rádio e a televisão iniciaram a difusão de entretenimento e informação. Contudo, havia a segmentação de um repertório restrito e repetitivo que atuava em nivelamento como estratégia de negócio programado em torno de uma compilação de conteúdos audiovisuais específicos (SANTINI; CALVI, 2013).

O rádio foi o primeiro meio de comunicação a individualizar a mensagem transmitida, mesmo que de modo simultâneo e para um número de pessoas difícil de mensurar. Contudo, assim como outros instrumentos de informação de comunicação citados anteriormente, sua tecnologia foi desenvolvida para auxílio em navegações, para uso militar, diplomático e mercantil (LAX, 1997).

A forma e a rapidez com a qual as notícias circulavam proporcionou novos significados aos acontecimentos, o que sugere maior sensação de integração dos ouvintes com a informação. É possível que o rádio tenha inaugurado a concepção de interatividade e integração indivíduo-máquina-indivíduo, tão comum na tecnologia contemporânea.

Aqui retomo o período da Alemanha Nazista, que tinha ampla percepção acerca do poder possuído por mais esse instrumento. Ao alcançar o poder em 1934, Adolf Hitler já propôs o estabelecimento de sua política através do rádio, mesmo tratando-se de um veículo de comunicação ainda recente entre a população. O Partido Nacional Nazista, não possuindo controle dos jornais alemães, que em grande parte se manifestavam contra o movimento, iniciou sua intervenção assumindo a estratégia de nomear os diretores de rádio, tendo em vista que na Europa o rádio, em sua gênese, pertencia ao controle do Estado. Assim, com o cinema e o rádio

envolvidos em uma eficiente política de comunicação arquitetada por Paul Joseph Goebbels, ministro da propaganda do governo nazista, não demorou muito para que a imprensa, a arte e a cultura fossem completamente submetidas.

Theodor W. Adorno e Max Horkheimer conheceram de perto a propaganda nazista, sobretudo pela semelhança com as estratégias utilizadas por Benito Mussolini junto ao Partido Nacional Fascista na Itália, em 1922, pois, para que a consolidação de seu poder ocorresse, muitos fatores eram necessários, entre eles o engajamento das massas. As estratégias se estruturaram em atingir as pessoas por meio da emoção, propagando assim os valores da ideologia fascista.

Mussolini chegou a criar a *Cinecittà*, uma empresa que, com apoio do Estado italiano, responsável pela produção do arsenal cinematográfico para cinema, teatro e TV com objetivo educacional e propagandístico da época (PEREIRA, 2003). O arsenal de investimentos recebidos por Mussolini estruturou um cinema voltado para o entretenimento popular influente, chegando a competir com o de Hollywood, no que tange os aspectos narrativos e o requinte estilístico.

Nesta ideia de propagação de valores, filmes de caráter “explicitamente políticos” (PEREIRA, 2003, p.107) foram alvo das produções de cinema a partir da década de 30, contudo, assim como na Alemanha Nazista, esse sistema de propaganda não sofreu aderência pelos italianos, fazendo o governo modificar as ações de produzir a exaltação do fascismo por meio de novos conteúdos cinematográficos. A estratégia que se seguiu foi a de associação das “conquistas fascistas do presente com os grandes feitos da Roma Antiga” (p.107). O que conseguiu adequar-se aos anseios imperialistas de Mussolini, levando o país a enfrentar “uma série de lutas sem grandes benefícios”.

O foco na propaganda foi alvo do interesse do governo Alemão na Primeira Guerra Mundial. Muitos grupos nacionalistas obtiveram suas ações custeadas secretamente por Alfred Hugenberg¹⁷. Adolf Hitler obteve contribuição significativa com as aparições nos cinejornais da *Universum Film Aktien Gesellschaft* - Ufa, o que expandiu consideravelmente sua imagem política e sua performance eleitoral.

Foi o regime nazista que reconheceu o poder que as imagens eram capazes de angariar no público para a disseminação de ideologias e para o alcance e domínio da população. O

¹⁷ Alfred Hugenberg foi executivo das indústrias siderúrgicas e líder político alemão. Era membro do conservador Partido Popular Nacional Alemão e chefe de um império de jornais e filmes, controlando de modo direto e indireto o maior conglomerado de imprensa da Europa à época, produzindo assim significativa influência na opinião pública alemã no período da República de Weimar (AGUIAR, 2015).

cinema, por exemplo, ocupou de forma tenaz o “crescimento partidário e à escalada eleitoral dos nazistas” (p.110), inclusive em período anterior à ascensão de Hitler ao poder. Estima-se que foram elaborados um quantitativo superior a 1.350 longas-metragens, no período onde o regime esteve em domínio, almejando tanto o engrandecimento da ideologia quanto a estimulação da massa por integrá-lo.

A principal imagem “sútil e caricatural” (p.111) propagada nas produções cinematográficas ambientavam comunistas e judeus no posto de inimigos da Alemanha, almejando despertar emoções arrebatadoras naqueles que consumiam o conteúdo, de modo que não houvesse dúvidas sobre qual lado escolher entre a perspectiva dualística do “bem” e do “mal” de “herói” versus “vilões”. Outras temáticas foram introduzidas como a glorificação da figura do líder, e exaltação do nacionalismo alemão e a supremacia ariana.

Assim, tanto pela perspectiva da Alemanha Nazista como de outros regimes políticos ao longo da história, visualiza-se os modos como as imagens foram utilizadas na disseminação de “ideologias, mentalidades, aspirações” (PEREIRA, p.129) da sociedade de cada época, sendo uma forma de grande relevância para os governos exercerem seu poder político.

Walter Benjamin em *A Obra de Arte na Era da Sua Reprodutibilidade Técnica* (1987) afirma que a percepção das pessoas é um fator alterado de modo não natural, pelo “meio em que ocorre” (p. 55), onde os “modos de existir da coletividade” se organizam a partir do que é “historicamente determinado”. Desta forma, a arte possui uma “função socialmente decisiva” (p. 61) na contemporaneidade, que é de “exercitar” um jogo de dominação entre a natureza e a humanidade, aspecto denominado por ele como “segunda técnica”. O autor afirma que tal fundamento se aplica sobretudo ao cinema, tendo em vista que:

O filme serve para exercitar o homem nas apercepções e reações que são exigidas para se lidar com uma aparelhagem cujo papel em sua vida aumenta quase que diariamente. Lidar com essa aparelhagem ensina-lhe, ao mesmo tempo, que a submissão a seu serviço apenas trará consigo a libertação quando a condição humana tiver se adaptado às novas forças produtivas desencadeadas pela segunda técnica (p.61).

O filme na visão de Walter Benjamin (1987), proporciona uma percepção muito superior a um simples “lance” tendo em vista que sua construção e montagem se dá “a partir de muitas imagens e sequências de imagens” (p.64), e entre as tantas possibilidades ao alcance daquele que o edita, está a condição de optar por reproduzir imagens submetidas a processo de aperfeiçoamento, isso desde o momento da captura até a etapa “do corte final”, baseando-se naquilo que é de sua intenção disseminar. Ou seja, na construção das obras cinematográficas a

“interferência determina a totalidade do processo da produção” (p.68). E neste sentido, o sociólogo Manuel Castells (1999) enfatizou o “quanto a grande mídia é um sistema de comunicação de mão única” (p. 419) sendo, pois, a disseminação da informação um elemento “controlado” por parte daqueles a quem seu poder é permitido e delegado, de modo que, para o autor, “o processo real da comunicação não o é” (p. 419). A mídia não se constitui como uma “variável independente” no processo de “indução de comportamentos” segundo Manuel Castells (1999, p. 421), mas na verdade, os conteúdos por ela propagados sejam eles “explícitos ou subliminares” são desenvolvidas e elaboradas por pessoas “localizadas em contextos sociais específicos” interferindo assim na informação disseminada, sobretudo no “efeito” sobre os receptores, o que finda por modificar o resultado “pretendido pela mensagem”.

Para Manuel Castells (1999) a mídia é uma forma de manifestação da “nossa cultura” e esta atua sobretudo por “intermédio dos materiais propiciados pela mídia” (p. 422). As expressões da cultura interpostas pela mídia sofreram atravessamentos e transformações também a partir das mudanças experimentadas pela humanidade, de modo que, aos indivíduos foi possível presenciar a metamorfose com a qual a “cultura material” foi submetida a partir dos novos aparatos tecnológicos. Até meados do século XIX, a informação e a comunicação ocorriam por meio de contato imediato através de mensageiros que, portando conteúdo escrito ou oral, mediavam um determinado conteúdo entre remetente e destinatário. A criação do telégrafo em 1838 permitiu que, por meio de fios, impulsos elétricos e sinais, mensagens fossem codificadas e enviadas a longas distâncias em segundos, iniciando a expansão das fronteiras da comunicação. Esta experiência foi determinante para que o telefone fosse desenvolvido. Por sua vez, ele foi pensado como instrumento de uso comercial, segundo Stephen Lax (1997) e não como um instrumento de “fala social para pessoas comuns” (p. 24), mas foi popularizando-se de modo gradual e integrando parte do cotidiano das residências de classe média.

Ainda explorando o contexto histórico e entendendo o viés relevante para a compreensão contemporânea, a televisão tornou-se um recurso tecnológico relevante na vida das pessoas e sua proposta inicial fundamentava-se em três premissas: entretenimento, informação e conhecimento. Segundo Lia Calabre (2003) entre as décadas de 1940 e 1950, os programas radiofônicos brasileiros tinham em sua grade de programação “humor, informação, música, dramatização e esporte” (p.01), tendo como foco principal manter e ampliar o alcance da audiência, gerando assim uma busca obstinada por inovação tanto nos conteúdos como nas atrações.

O rádio e o cinema tiveram grande influência na criação da televisão. O cinema pela configuração estética implicada na construção e elaboração do som e da imagem; já o rádio,

pela operacionalização técnica, ou seja, o funcionamento a partir da produção dá-se por ondas de emissão que se convertem na TV, em sons e imagens.

Com protótipo desenvolvido por Boris Rozing, que “havia descoberto que um feixe eletrônico num tubo de raios catódicos deixava padrões luminosos complexos na frente do tubo. Em 1907, Rozing patenteou um sistema de enviar e receber imagens, baseado em seu tubo” (CASHMORE, 1998, p.24). Seguido por um projeto mais simples desenvolvido por Wladimir Zworykin, assistente de Boris, patentado em 1923, só em 1928 um projeto formado por uma tela de inúmeros elementos agia gerando uma carga elétrica a partir do impacto causado por raios de luz no objeto a ser difundido e visualizado na tela. As emissoras começaram a desenvolver-se, mas a passos lentos, visto não disporem de aparato tecnológico suficiente. Só em 1952 o desenvolvimento foi alavancado pela indústria eletrônica, até então ociosa (CASHMORE, 1998).

Dado o pontapé, os televisores iniciaram o processo de produção em massa, instaurando no contexto social uma nova forma de perceber e absorver os elementos do mundo. Kellner chamou a atenção para o que tal criação promulgou como paradigma na sociedade da época:

[...] os indivíduos são submetidos a um fluxo sem precedentes de imagens e sons dentro de sua própria casa, e um novo mundo virtual de entretenimento, informação, sexo e política está reordenando percepções de espaço e tempo, anulando distinções entre realidade e imagem, enquanto produz novos modos de experiência e subjetividade (KELLNER, 1995, p.27).

O autor segue esclarecendo que o impacto oriundo do conteúdo que era elaborado, difundido e transmitido se mostrava capaz, inclusive, de alterar o entendimento das pessoas entre o que era ficção e o que era realidade, agindo como fonte de transformação social.

Os estímulos propostos pela imagem eram capazes de propagar informações apresentadas pela televisão, processo que adquiriu grandes proporções, visto a facilidade e a multiplicidade com a qual cada estímulo da imagem pode ser tomado. Kerckhove (1997) relata em *A Pele da Cultura* (1997) acerca do episódio impactante junto à televisão:

Ligaram-me a um computador através de um conjunto de dispositivos destinados a medir as minhas reações na pele. [...] Fui vendo uma sucessão rápida de seqüências de imagens típicas: sexo, publicidade, notícias, talk shows, sentimentalismos e tédio. [...] Para meu completo espanto, verifiquei que cada corte, cada movimento, cada mudança de plano tinham sido percebidos por um ou outro sensor e registrado no computador. Enquanto lutava para conseguir exprimir uma opinião, o meu corpo inteiro tinha estado a ouvir e a ver e a reagir instantaneamente. (p. 38).

As mensagens transmitidas por meio do jogo de som e imagens podiam alcançar milhares a partir de um amplo repertório de estímulos. O impacto da relação e da identificação pode ser intenso, visto o nível de atratividade que a televisão é capaz de produzir, podendo alcançar grandes e espontâneas repercussões, sobretudo após o surgimento do sistema crominância, que promoveu o aumento do valor agregado ao meio de comunicação. Mesmo que os telespectadores tenham experiências individualizadas, no fim das contas ela consegue fazer sobressair um caráter quase que sedutor e viciante, como proposto por Kellner:

Obviamente, públicos diferentes assistem à televisão de diferentes maneiras. Para alguns, ela nada mais é do que uma colagem fragmentada de imagens que apenas intermitentemente as pessoas vêem ou ligam com aquilo que veio antes ou depois. Hoje em dia, muitos indivíduos usam dispositivos que lhes permitem ir percorrendo os programas, pulando de um canal para outro ou simplesmente dando um “vão rasante” para “ver o que está rolando” e acompanhar o fluxo desconexo de imagens. Muitos indivíduos que assistem a programas inteiros se atêm simplesmente à superfície das imagens, enquanto programas, anúncios, intervalos comerciais, etc. vão fluindo de um para outro e afogando o significado no jogo de significantes desconexos. Muitas pessoas não conseguem lembrar o que viram na noite anterior ou fazer um relato coerente da programação da noite anterior (1995, p.303).

Sobre o caráter de assimilação do que é visto, Kellner (1995) segue propondo que mesmo o telespectador percebendo e internalizando a informação proveniente dos programas de televisão, seria improvável que tudo fosse internalizado, visto a quantidade de conteúdo depositado ser desproporcional à habilidade de introjeção do indivíduo. Disso poderia decorrer a seleção de elementos da mensagem e a compreensão descontextualizada ou fragmentada de seu conteúdo.

Após esse processo de compreensão, baseado na repercussão social, os conteúdos passariam a demandar influência, delineando hábitos, comportamentos e linguagem, desenvolvendo uma forma de cultura com base nesse processo de assimilação do conteúdo transmitido, visto o imaginário fortemente solidificado de a televisão ser uma fonte acessível e segura de entretenimento e informação. Mônica Almeida Kornis em *Cinema, Televisão e História* (2008), propõe que tanto os conteúdos dos filmes apresentados no cinema, quanto os veiculados pela televisão a partir do século XX, começaram a ser uma fonte relevante para “ a compreensão dos comportamentos, da visão de mundo, dos valores, das identidades e das ideologias de uma sociedade ou de um momento histórico” (p.14) ressaltando assim a relevância na “mediação” do conhecimento sobre a realidade, bem como a necessidade em “desvendar” tais conteúdo apresentados por tais meios.

Ao dialogar sobre a temática televisão e formação, Adorno (2020) esclarece que enxerga a “televisão como ideologia” (p.86), considerando a predisposição que o meio de comunicação

propõe a influenciar uma “falsa consciência e um ocultamento da realidade” (p. 87) com pretensões de inculcar um sistema valorativo com uma proposta extremamente positiva da realidade. O autor não se define contrário à televisão em si, mas a distancia de uma experiência capaz produzir algum aspecto formador, pois segundo ele, há na programação apresentada uma predisposição à informação, que transcende a mera exposição dos fatos, reconhecendo ainda seu “caráter ideológico-formal” (p. 87), ou seja, o envolvimento sedutor que culmina em vício através “da fatura de sua oferta daquilo que deveria se constituir propriamente como seu objeto e sua propriedade” (p. 87)

Um dos impeditivos para que a consciência da realidade seja instigada reside na “pseudorealidade” (ADORNO, 2020, p. 93) sugerida por meio dos seus conteúdos, que versam pela perfeição, fato também esperado pelo público, replicando mais e mais “a realidade superficial cotidiana visível em que vivemos” (p. 93). E, assim, todo o caos e a desarmonia é encoberta pelos “bastidores”. Os telespectadores, por sua vez, absorvem o que lhes é apresentado sem percepção nem retruco, e possivelmente estão envolvidos na crença de que este fenômeno é de fato como aparece. Essa predisposição a ideologizar a vida expõe, ao seu ver, uma relevante “referência estética” (p. 92) apontada pelo autor na experiência advinda da televisão. Para que houvesse na televisão o caráter formativo, seria necessário direcionar as pessoas ao desenvolvimento de recursos críticos que lhes fornecessem arcabouços para desfazerem os processos ideológicos. Seria preciso, ainda, que se protegessem das “identificações falsas e problemáticas” (p. 86), e isso, na visão do autor, aconteceria por intermédio:

[...] da montagem e do distanciamento frente ao realismo, a importância de uma interação entre pesquisa e produção, o rompimento de toda a esfera íntima da escola e por fim a interação entre programas especiais e programação geral -, que são inovações que parecem estar em conformidade com a configuração social e tecnológica desse veículo de comunicação de massa [...] (ADORNO, 2020, p. 102-103).

Já a internet, desenvolvida para fins militares em 1969 nos Estados Unidos, promulgou, ao longo dos anos, incontáveis avanços tecnológicos que impactaram diretamente nos modos de subjetivação do indivíduo na era digital. Comunicação, informação, cultura, relacionamento, entretenimento, trabalho e consumo são alguns exemplos de esferas que tiveram suas configurações diretamente transformadas com o advento das tecnologias. A internet consagrou-se, possibilitando o estreitamento da distância entre as pessoas e os conhecimentos que dela

eram produzidos. Um importante dado apontado por Manuel Castells (2003, p. 439) é a rapidez com a qual a difusão aconteceu:

O índice de difusão da Internet em 1999 era tão grande no mundo inteiro que estava claro que o acesso generalizado seria a norma nos países avançados no início do século XXI. Por exemplo, nos EUA, em 1997-8, a diferença racial no acesso à Internet cresceu, mas o acesso à Internet aumentou 48% em um ano nos lares de hispânicos, e 52% nos lares de negros, em comparação com 52,8% nos lares de brancos. De fato, entre universitários, a diferença de raça e sexo no uso da Internet estava desaparecendo em fins do século. E em 2000, 95% das escolas públicas dos EUA tinha acesso à Internet.

Em comparativo feito pelo sociólogo, nos Estados Unidos, o rádio levou aproximadamente 30 anos para se tornar acessível a 60 milhões de pessoas. Já a TV, levou, em média 15 anos. Contudo, a Internet, em um período de 3 anos, conseguiu expandir-se ao ponto de transcender barreiras globais, tornando-se pauta de políticas públicas que almejavam a democratização do acesso às populações.

A comunicação por intermédio dos computadores foi adotada de maneira ampla já a partir de 1970, principalmente em operações que envolviam "negócios, incluindo propaganda, produção, transportes, planejamento, faturamento e contabilidade" (COMER, 2016, p.3), fazendo com que as grandes empresas tivessem implantadas várias redes para que as conexões fossem garantidas. Nos anos 1980, a internet era um projeto limitado, integrada por um pequeno quantitativo de sites de acesso restrito. Atualmente conecta bilhões¹⁸ de pessoas, com uma parcela delas usufruindo "de alta velocidade por meio das conexões a cabo (cable modem), DSL, fibra óptica e tecnologias sem fio" (COMER, 2016, p. 3).

A Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA - *Advanced Research Projects Agency*) do Departamento de Defesa dos Estados Unidos promoveu o financiamento de pesquisas com a Internet dada sua necessidade por computadores com alto desempenho e tecnologia. O objetivo era desenvolver estratégias tecnológicas que viabilizassem transferências de dados, tendo em vista que "as primeiras redes de computadores foram projetadas para permitir o compartilhamento de recursos caros e centralizados" (COMER, 2016, p. 17).

Com o avanço nas pesquisas, a demanda por mais recursos e equipamentos também foi expandida – um critério relevante para o desenvolvimento dos trabalhos. Assim, no final dos

¹⁸ ISTO É DINHEIRO. Número de usuários de Internet no mundo chega aos 4,66 bilhões. 2021. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/numero-de-usuarios-de-internet-no-mundo-chega-aos-466-bilhoes/>. Acesso em: 16 de julho de 2021.

anos de 1960, “como alternativa, a agência começou a investigar a ligação em redes de dados em vez de disponibilizar múltiplos computadores a cada centro de pesquisa” (COMER, 2016, p. 18). Deste modo, cada grupo de pesquisadores pôde conectar o computador em rede projetada por software, permitindo “um pesquisador usar o computador mais adequado para a execução de uma dada tarefa” (COMER, 2016, p.18). Com isso, a ARPA começou a atuar fortemente com o aperfeiçoamento de estudos voltados para pesquisas em redes, permitindo que em 1990 houvesse a expansão comercial massiva da Internet. Esse caminho foi crucial para que a Internet obtivesse velocidade na transmissão e na quantidade de acesso aos dados, bem como para o desenvolvimento de estratégias voltadas não mais apenas ao universo de cientistas, mas que também pudessem contemplar as demandas da sociedade, como por exemplo, o alcance a computadores pessoais mais baratos e com melhor desempenho.

Além de serem capazes de apresentar gráficos, o sistema de cores foi incorporado às telas dos computadores dos anos 1990. A aplicação e transferência de imagens agora era facilitada entre os usuários e, ao fim desse período, vídeos maiores já podiam circular na rede e serem baixados nas estações domésticas, período onde os primeiros diários online – os *Blogs* – surgiram (BAREFOOT; SZABO, 2013). Vídeos com alta definição só puderam ser baixados a partir dos anos 2000, e assim o termo multimídia surgiu para denominar “dados que contém texto, gráficos, áudio e vídeo” (COMER, 2016, p. 21), marcando o processo de transição da linguagem na Internet de texto para a audiovisual.

De acordo com Barefoot e Szabo (2013), em 2002 foi possível perceber a expansão da Internet sobretudo pela maior presença dos computadores no âmbito doméstico. O serviço de banda larga atrelado a preços mais acessíveis foram grandes propulsores dessa disseminação. Esse também foi um motivo que possibilitou a ampla utilização dos blogs, dada a facilidade que as pessoas tiveram de criar e atualizar seus escritos nos websites. Barefoot e Szabo (2013) afirmam que a tecnologia foi uma mola propulsora para que os blogs ganhassem o gosto das pessoas, contudo “ela não foi a força motriz por trás da interação social online” (p.16). Segundo os autores, tanto os blogs, quanto outras ferramentas de interação social, como salas de bate-papos e fóruns: “a natureza humana está no coração da criação e da construção das comunidades online, a web tem sido um lugar de interação social. E por isso a chamamos de mídia social” (p. 16).

Silva (2014) aponta que o advento das redes sociais não está exclusivamente atrelada a criação e expansão da internet, mas que na verdade as redes estão condicionadas a um processo natural da humanidade que é a necessidade “pelo agrupamento de pessoas, pela troca, por interações sociais e essencialmente pela presença de gente” (p.67), sendo portanto a

estruturação das redes sociais algo que, em essência, remete ao primórdios da civilização, e assim, o fenômeno exponencial que hoje vivenciamos trataria na verdade, da transferência de ambientes do físico para o on-line, para o digital.

As plataformas agem com o objetivo de estimular a interação online, tornando a comunicação disseminada a nível global. Assim, a utilização desses canais com o propósito de impulsionar tanto uma empresa quanto seus produtos é denominado de marketing em mídia social (BAREFOOT; SZABO, 2013). Os autores chamam a atenção para a estratégia onde as pessoas transmitem informação sobre suas percepções acerca de algum produto ou serviço que utilizam, seja entre seus os amigos e entre pessoas conhecidas: o marketing viral, que Enge (2012), já conceitualiza como marketing de influência. O marketing de influência considera a posição social, a habilidade de envolvimento com o público, o carisma, a visibilidade e a popularidade que culminam na construção de um status social de uma pessoa com uma comunidade (SOLIS; WEBBER, 2012). Assim, a representação e a influência ficam mais suscetíveis se vierem de figuras que inspirem proximidade e confiança, o novo foco de intervenção das empresas.

3 IMAGEM, CONTEÚDO E INFLUÊNCIA DIGITAL

O medo da exposição foi abafado pela alegria de ser notado.

(BAUMAN, 2013, p. 30)

Como vimos até aqui, o marketing pela influência não nasceu com a Internet, mas se desenvolveu em um processo muito mais antigo historicamente, antepondo-se ao advento das Mídias Sociais. A relevância das Mídias Sociais alcançou um quantitativo significativo em uma década, segundo o relatório *We Are Social* (2019), cerca de 3,484 bilhões de pessoas a utilizaram ativamente, correspondendo a 45% da população mundial. O relatório mais recente do *We are social* de 2021 apontou que esse número subiu para 4,8 bilhões, correspondendo a 66,9% da população. Deste cenário, 4,48 bilhões são usuários ativos das Mídias Sociais. E é nesse panorama de expansão que nascem os influenciadores digitais.

3.1 Influenciador digital: conceitos e prática

Os influenciadores, ou também chamados *Digital Influencers* são “espécies” de celebridades da *web*, que, assim como blogueiros, *vloggers*, *instagrammers* e *youtubers*, conseguem movimentar uma comunidade de pessoas que se interessam pelos conteúdos elaborados e compartilhados por eles na internet, por meio de plataformas como YouTube, Instagram, Facebook, entre outros. No Brasil, o termo influenciador digital disseminou-se a partir de 2015, de acordo com o YouPix¹⁹, empresa que se diz responsável por introduzir o conceito no país, que até então usava o termo criador de conteúdo digital²⁰ para representar a pessoa que realizava tais atividades.

O site estadunidense *Influencer Marketing Hub* define que influenciador é aquele que possui aptidão e poder de interferência na tomada de decisão, sobretudo de compras, em terceiros (GEYSER, 2021). Esse movimento se dá mediante sua predisposição à autoridade,

¹⁹ YouPix é uma empresa que atua no ramo da consultoria, fomentando estratégias de negócios direcionadas ao cenário da influência digital, auxiliando tanto as marcas quanto os criadores de conteúdos a identificarem e desenvolverem narrativas com o propósito de angariar relevância no cenário mercadológico da cultura e dos negócios. Além do mais, a empresa também desenvolve pesquisas direcionadas a melhor compreensão da temática no mercado. Fonte: <https://youpix.com.br/>. Acesso em: 05 de Julho de 2021.

²⁰ Disponível em: <<https://medium.youpix.com.br/the-crea-tors-shift-26ba-cab84308>> Acesso em: 05 de julho de 2021

conhecimento, posicionamento ou pela forma como ele elabora o relacionamento com o público que o segue, tendendo a produzir engajamento ativo e constante. Werner Geysler (2021) faz uma ressalva, enfatizando que os influenciadores não podem ser definidos como meras ferramentas de marketing, pois eles possuem uma notável habilidade em promover relacionamento social. As marcas apenas utilizam essa predisposição para o alcance de seus objetivos.

Os influenciadores, portanto, segundo o referido autor, são indivíduos que alcançaram uma reputação com base em determinado conhecimento e experiência, a partir da facilidade no manejo de um tópico ou temática específica que interessa ao mercado. Fato que pode ser controverso, tendo em vista que o mercado possui uma concentração considerável de pessoas buscando a influência digital e para que exista visibilidade e engajamento de nichos específicos, ideias e percepções são reproduzidas e disseminadas pela simplória busca por validação - social, financeira, etc - e não necessariamente por serem um conteúdo comprovadamente verdadeiro, um exemplo disso é o uso de *fake news*²¹. Podemos ilustrar esse cenário com uma notícia publicada pela BBC News²² em julho de 2021, sobre uma agência de marketing que convidou influenciadores de todo o mundo para propagarem desinformação sobre vacinas contra a covid-19 da Pfizer, oferecendo pagamento pelo serviço. Giuliano Da Empoli cita em *Os Engenheiros do Caos* (2022) uma pesquisa desenvolvida pelo Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT) apontando que informações falsas apresentam 70% mais probabilidade de serem compartilhadas que as notícias reais, podemos então considerar, segundo o autor, que isto pode estar conectado na proposta das redes sociais em mobilizar “fortes emoções, polêmicas, indignação e raiva” (p.78) o que por sua vez fomentam “cliques e mantêm os usuários colados no monitor” (p.78).

Werner Geysler segue afirmando que por meio das postagens regulares a respeito dos assuntos de sua dominância, os influenciadores vão gerando interesse das pessoas que se tornam seus seguidores, e à medida que atuam no consumo do conteúdo do influenciador digital, produzem engajamento junto às mídias.

Neste cenário inovador das Mídias Sociais, o amadorismo encontrou inicialmente um espaço de valorização, de modo que a grande maioria dos influenciadores assumiu a condição

²¹ Fake News é um termo advindo do inglês que significa Notícias falsas, seu objetivo é essencialmente comercial, e podem ser utilizadas apenas com a finalidade de criar boatos e potencializar uma ideia ou pensamento, através de informações distorcidas ou inventadas com o intento de disseminar conteúdos de ódio. Os prejuízos se aplicam tanto a pessoas comuns, como às celebridades, políticos, instituições e empresas. Fonte: FAKE NEWS. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm>

²² CARMICHAEL, F; HAYNES, C. Youtubers denunciam campanha secreta de fake news contra vacina da Pfizer. BBC NEWS BRASIL. Jun 2021. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-57975985>.

de produtores de si mesmos, não solicitando “[...] ajuda ou permissão a profissionais para dizer as coisas em público” (SHIRKY, 2011, p. 50). Pois a participação implica muito mais na exposição de si em uma perspectiva que ao mesmo tempo consiga transcender e entrelaçar as esferas pública e privada (KARHAWI, 2017). Mesmo que, posteriormente, a grande maioria se renda a fazer uso de elementos técnicos e “profissionalizar” seus conteúdos com a finalidade de obter maior visibilidade.

Para a Doutora em Linguística Janaisa Viscardi²³ (2021) existe um caráter de espontaneidade, além de uma tentativa de afastamento da ideia de possuir pretensões financeiras quando os influenciadores atuam na produção de conteúdo. Atrelado a isso, há a concepção de que eles parecem ter uma maior proximidade com o cotidiano das pessoas a partir do que mostram, fornecendo a impressão de maior credibilidade nas análises e opiniões proferidas, o que, por sua vez, produz uma ideia de intimidade entre quem transmite e quem assiste.

Ainda segundo Viscardi (2021) a noção de intimidade é construída a partir de vários elementos, tais como o ambiente em que elaboram os enquadramentos dos vídeos e fotografias, que normalmente tem o espaço da própria casa como cenário principal; a visualização dos objetos que compõe a intimidade do influenciador, como livros, móveis e objetos de decoração; a forma como ele se veste e se mostra, um visual que pode ser menos elaborado, mais comum e despojado, fazendo uso de roupas que a maioria das pessoas usam no dia a dia, além de aparecerem de pijama, toalha, robe, roupas íntimas e de praia; a forma como a linguagem é empregada, fazendo uso de jargões, ditados populares, expressões próprias do universo da internet, como os memes²⁴ e palavrões. Isso tudo é alocado estrategicamente para contribuir na produção do sentimento de espelhamento e de identificação pelo espectador.

Os conteúdos abordados nos vídeos também são responsáveis por fortalecer essa concepção de intimidade, principalmente entre os mais jovens. O discurso de testemunho, ou seja, o depoimento a partir de experiências concretas, sugere identificação e proximidade, pois o indivíduo que adentra as mídias digitais em busca de conteúdo está almejando uma representação. Há, pois, uma procura por alguém que se assemelhe a ele, e que ao mesmo tempo, elabore questões e dilemas cotidianos que provavelmente ele pensava tratar-se

²³ Janaisa Martins Viscardi é pesquisadora colaboradora da UNICAMP, com graduação, mestrado e doutorado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. No YouTube tem o canal Jana Viscardi, onde desenvolve a produção de conteúdo dentro de sua temática de estudo. Fonte: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do>.

²⁴ A palavra *Meme* é atribuída a imagem, vídeo, frases, expressão e/ou a elementos, que de forma rápida é copiada e compartilhada por meio da Internet. Normalmente há um sentido satírico e/ou humorístico. Fonte: Dicionário Online de Língua portuguesa. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/meme/>

apenas de uma realidade individual, até desvelar-se em algo potencialmente dual ou coletivo. Assim, aquilo que pode ser empregado no âmbito da futilidade e superficialidade e que incutia alguma dúvida na cabeça das pessoas, hoje, possivelmente será o tema do vídeo de alguém no YouTube. Deste modo, a identificação é rápida, e a reprodução, o espelhamento e a imitação também (VISCARDI, 2021).

Contudo, essa ideia de intimidade também tende a sugerir para aquele que está do outro lado da “cerca” digital uma intimidade real e que fornece direitos e certa abertura para com a pessoa do outro lado da tela, o que daí pode advir o espaço para falar o que se quer, sobre o que se quer, inclusive ofensas, pois pressupõe-se uma certa subserviência aos interesses e expectativas daquele que o assiste, visto que o consumo não é apenas centrado nas ideias, opiniões, produtos e serviços apresentados pelo influenciador, mas dele mesmo ou da ideia construída de quem ele é. Essa percepção também sustenta o imaginário, pois o acesso e a interatividade do espectador ao influenciador podem sugerir àquele que o acompanha o entendimento de também obter certo poder de ser aquilo que ele consome, os produtos, os serviços ou o próprio influenciador digital em si mesmo (VISCARDI, 2021). Deste modo, o “capital simbólico” (KARHAWI, 2017) envolto na imagem do influenciador transpõe-se à sua presença no mundo digital, onde a condição de influência em nichos decorre, mas, agora, ele está presente na mídia tradicional, como televisão, revistas, publicando livros, fazendo participações especiais e presenças VIPs em eventos, pois esse eixo ainda possui relevância para a credibilidade de sua imagem perante o público.

Neste cenário de influência e lugar de sucesso o comportamento de idolatria é uma condição que se apresenta diretamente implicada e muito comum entre as pessoas, principalmente os jovens. No entanto, as celebridades tradicionais, como atores e atrizes famosos, cantoras e cantores ou jogadores de futebol, que nasceram e foram desveladas pelas mídias tradicionais, possuíam uma dinâmica diferente de interação. A esse tipo de celebridade era apenas demandada admiração; sua imagem era mais fortemente atrelada àquilo que o deixou famoso e sua vida pessoal era mais passível de ser controlada. Assim, os fãs tinham certa dificuldade no acesso na transmissão de opiniões e na interação com seus objetos de admiração, que se elaboravam distante do alcance. O movimento tendencioso agora é que essas pessoas, já famosas, migrem sua presença para o âmbito digital e tornem-se influenciadoras.

Assim, é possível considerar que a ascensão do influenciador digital decorre proporcionalmente à expansão do consumo de conteúdos e produtos através da Internet, em uma era onde as pessoas detêm muito mais de seu tempo nas mídias em busca de conexão e experiências. Lá existe procura por respostas às mais diversas necessidades, e ao digitar na

ferramenta de pesquisa sobre qualquer assunto ou temática, o indivíduo será rapidamente direcionado a uma plataforma/página ou pessoa/perfil, que possua reputação e autoridade nas redes acerca do assunto.

Alguns influenciadores conseguem autoridade - exploraremos melhor esse aspecto adiante - sobre a temática que abordam não necessariamente por terem “conhecimento de causa”, como abordado por Werner Geysler em *Influencer Marketing Hub*, mas muito mais pela construção da imagem elaborada e transmitida em seus conteúdos. Gabriela Pugliesi, com 4,5 milhões de seguidores do Instagram²⁵ e 693 mil inscritos no YouTube²⁶, compartilha conteúdos sobre estilo de vida saudável, com dicas de alimentação e atividades físicas. Contudo, a influenciadora é formada em Desenho Industrial e trabalhava em uma loja virtual de joias antes da fama nas redes sociais.²⁷ Entre os vários tipos de influenciadores, Gabriela Pugliesi situa seu nicho como a de *trendsetter*²⁸, que é um criador de conteúdo baseado em tendências dentro do âmbito temático ao qual está segmentado. Pessoas que foram pioneiras em abordar o tema e propagá-lo nas mídias também se adequam nessa categoria.

No já mencionado artigo escrito por Geysler (2021) e publicado no site *Influencer Marketing Hub*, existem diferentes tipos de influenciadores e essa classificação pode ser realizada de formas distintas, sendo as mais frequentes pelo quantitativo de seguidores, pelo tipo de conteúdo ou pelo nível de influência que eles possuem. Contudo, também é possível realizar um agrupamento relacionado ao nicho de atuação, o que possibilita oscilação dos dados, como é o caso de um megainfluenciador, que já era uma celebridade e possui um número alto de seguidores, mas tende a possuir um poder de influência limitado, tendo em vista que não possui a experiência e proximidade com a nova “função”. Ou microinfluenciadores, que podem ter um público relativamente pequeno, mas pelas especificidades do seu nicho de atuação, conseguem alto impacto devido ao significativo poder de influência em seu cenário de atuação.

A ideia de conteúdo que fomente a construção de uma análise política em linguagem acessível sobre eventos da nossa história atual angariou muitos seguidores para Gabriela Prioli. Ser professora de Direito e uma figura conhecida por conta de participação em programa de TV

²⁵ PUGLIESI, G. @GabrielaPugliesi. Disponível em https://instagram.com/gabrielapugliesi?utm_medium=copy_link. Acesso em: 04 de julho de 2021.

²⁶ PUGLIESI, G. Vendi meu sofá com Gabriela Pugliesi. YouTube. Disponível em <https://youtube.com/c/vendimeusofa>. Acesso em: 04 de julho de 2021.

²⁷ PUREPEOPLE. Gabriela Pugliesi. Biografia. Disponível em https://www.purepeople.com.br/famosos/gabriela-pugliesi_p545069. Acesso em: 04 de julho de 2021.

²⁸ YUPIX. 7 tipos de influenciadores e suas principais contribuições para as marcas. 12 abril 2017. Disponível em: <https://medium.youpix.com.br/os-7-tipos-de-influenciadores-para-sua-campanha-digital-a6e927ebfdff>. Acesso em: 04 de julho de 2021

- sobretudo em quadros voltados para debates cuja temática eram a análise política e/ou jurídica
- o que pode ter-lhe concedido maior espaço de influência, visto facilitar o acesso e a confiabilidade por parte do público, e conferir à influenciadora a concepção relevante no mundo da influência do “conhecimento de causa”. Em seu canal no YouTube, Gabriela Prioli traz notícias divulgadas pela imprensa e, a partir de um entendimento dito técnico, constrói uma linha de raciocínio com a proposta de auxiliar o internauta, consumidor de seu conteúdo digital, a construir um entendimento sobre o tema.

3.2 YouTube: “Novos tempos. Novos ídolos!”²⁹

Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim - que na época trabalhavam para a empresa PayPal - oficializaram a criação do Youtube a partir do registro do domínio youtube.com em fevereiro de 2005 (TECMUNDO, 2017). A plataforma foi então comprada pela Google em 2006, tornando-se a segunda maior ferramenta de buscas da internet (FREIRE, 2021). Esse processo garantiu ao YouTube muito mais que um espaço para compartilhamento de vídeos com os amigos, mas uma das mais relevantes estratégias de marketing da contemporaneidade.

A simplicidade e a integração no desenvolvimento da interface da plataforma viabilizou sua propagação e aceitação entre os usuários das redes. O site permite realizar *upload*, além de publicar e assistir vídeos em *streaming*³⁰ sem necessidade de um arcabouço técnico prévio para manuseá-lo. Também não demanda o uso de outras tecnologias, como programas de computadores específicos ou uma banda larga muito rápida (BURGESS; GREEN, 2009).

A construção da identidade visual que configurava o YouTube em 2005 era integrada pela logo da plataforma, um campo de busca, *tags* que sinalizavam as categorias dos vídeos e cinco vídeos destacados na parte inferior da página, tudo isso disposto de maneira limpa visualmente. No mesmo ano, uma reelaboração da imagem aconteceu, onde o branco predominante como plano de fundo concedeu espaço a um conjunto muito mais abundante de elementos gráficos, como, por exemplo, o espaço onde continha os vídeos em destaque, que obteve uma reformulação para sinalizar a existência de um conteúdo atualizado no dia (FREIRE, 2021).

²⁹ Slogan utilizado pela plataforma no ano de 2016. Fonte: Hermann, R. O slogan mais perfeito do momento é do YouTube: “Novos tempos. Novos Ídolos”. *ESTADÃO*, 2016. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/querido-leitor/o-slogan-mais-perfeito-do-momento-e-do-youtube-novos-tempos-novos-idolos/>.

³⁰ Streaming é a tecnologia que permite a transmissão de dados pela internet, sobretudo de áudio e vídeo, sem que haja a necessidade do conteúdo ser baixado pelo usuário.

Em 2006 o YouTube foi comprado pela Google, negociação que decorreu de proposta do YouTube sugeriu três acordos com empresas de comunicação almejando evitar que fossem instaurados processos relativos a violações de direitos autorais. Assim, o YouTube passou a exibir a logo marca da sua recém compradora na *home*, o que possibilitou ao usuário logar-se diretamente a partir da conta do Google, manifestando a integração de acesso entre as duas plataformas.

O Google vem expandindo território dentro do ciberespaço, disponibilizando um número cada vez mais vasto de ferramentas e serviços. Contudo, os modos como a plataforma maneja os dados da experiência do usuário, personalizando e direcionando informações e conduzindo-as “estrategicamente” a destinatários específicos, demonstra algo preocupante de acordo com Siva Vaidhyathan (2011), na obra *A googlelização de tudo*. Em análise crítica, o autor postula sobre a forte esfera de poder demandada pelo Google “cuja missão consiste em organizar toda a informação do mundo e torná-la universalmente acessível e útil” (p. 16), e que ao longo do tempo tornou-se o maior sítio de busca da Internet.

Construiu-se ao redor do Google uma concepção de confiança e segurança nos resultados obtidos nas pesquisas realizadas pelo buscador, produzindo nos usuários uma área de fé e benevolência por parte da empresa, ideia esta que foi se expandindo e sendo incutida no imaginário das pessoas, o que Vaidhyathan denominou de “googlelização”:

Com base nessa fé – nascida das experiências dos usuários com os serviços providos pelo Google – que só faz crescer desde que o mecanismo de busca apareceu pela primeira vez e se espalhou pelo mundo há 12 anos, o Google vem se espalhando gradualmente por toda a nossa cultura. É isso que entendo por googlelização. Trata-se de uma marca onipresente: o termo Google é usado como substantivo e, em inglês, também como verbo, e sua ocorrência permeia tanto as conversas de adolescente quanto as falas do seriado de tevê *Sex and the City*. Parece que até os governos vêm sendo googlelizados, ou que cederam parte da imensidão de dados que o Google se propôs a organizar e disponibilizar. (VAIDHYANATHAN, 2011, p. 16).

Vaidhyathan (2011) aponta sobre a representação de “produto” que os usuários possuem para a empresa, tendo em vista que “quando usamos o Google para encontrar coisas na rede, o Google usa nossas pesquisas para encontrar coisas sobre nós” (p. 17), chegando a possuir mais conhecimento de nós do que nós mesmos, tendo em vista que ele:

[...] nos avalia e constrói seus sistemas e serviços de modo a satisfazer nossos desejos e fraquezas. O Google funciona para nós porque ele parece ler nossa mente – e, em

certo sentido, é o que faz. Ele adivinha o que uma pessoa está procurando com base nas buscas feitas por ela e por outros iguais a ela. (VAIDHYANATHAN, 2011, p. 66).

E a razão pela qual esse modo de funcionamento se estabelece é que “o negócio central do Google não é a simplificação das consultas, mas a venda de espaço publicitário” (p. 17), sendo a comercialização de informações dos usuários a empresas de publicidade o meio de lucratividade obtido pelo Google. Neste sentido, a compra do YouTube pelo Google maximizou e expandiu as formas de acesso aos usuários permitindo novos territórios comerciais dentro do ciberespaço. Além do mais, a quantidade de dados dos usuários possuídos por uma empresa com o alcance do Google pode ainda exercer demanda de influência sobre a cidadania das pessoas em muitos aspectos, de acordo com Camozzato e Nascimento (2014), como a estimulação do comportamento de consumo; a introdução em uma câmara de eco; produção de influências em processos de decisão ilicitamente; alterações das concepções de privacidade; e ainda, “impor culturas e costumes por meio da força vertical da tecnologia” (p.67). Neste sentido, o autor esclarece que o Google não necessariamente é uma plataforma mau, tampouco boa “do ponto de vista moral” (p.18), contudo, nele também não há uma perspectiva de neutralidade. O Google também não fomenta a “burrice” daqueles que a utilizam, na verdade trata-se de “uma empresa de capital aberto, voltada para o lucro, que nos oferece conjuntos de ferramentas que podemos usar de maneira inteligente ou não” (p. 18).

O algoritmo utilizado no sistema de busca do Google fornece um repertório de respostas adequadas àquilo que o usuário procura, de certo modo, na visão de Vaidhyathan (2011) este aspecto não implica em um risco em si mesmo, contudo, o que sugere alerta é o nível de confiança demandado naquilo que o Google entrega, tendo em vista que ele “nos avalia e constrói seus sistemas e serviços de modo a satisfazer nossos desejos e fraquezas” (p.66) baseando sobretudo nas “buscas feitas” e naquelas pesquisas realizadas por outras pessoas semelhantes a ela. O que daqui decorre é uma condição de delimitação, reduzindo o poder de optar, dentre as possibilidades de escolhas existentes no próprio Google.

Após a integração ao Google, a plataforma do YouTube continuou experimentando mudanças. Com o reposicionamento do campo de pesquisas para o centro da página, foi permitido ao internauta obter visibilidade a resultados como *thumbnails*,³¹ além do mecanismo de situar o usuário do conteúdo que estava sendo acessado pelos demais, que ganhou cada vez mais espaço com os aperfeiçoamentos introduzidos (PELLEGRINI et al 2009).

³¹ Thumbnails são versões em miniatura de imagens utilizadas na Internet que facilitam as buscas.

A ideia de um serviço simples, direcionado para o compartilhamento de vídeos pessoais, amadores ou domésticos através das redes sociais existentes, foi o efeito preponderante para que a popularidade da plataforma se estabelecesse. Assim, os usuários agiam como criadores dos conteúdos e o YouTube arcava com a forma como este material seria distribuído. Isso também foi um elemento que produziu agradabilidade por parte do público, segundo Jean Burgess e Joshua Green (2019). Este último fator foi responsável por produzir um número significativo de reivindicações em torno dos eixos dos “direitos autorais, cultura participativa e estruturas comerciais para distribuição de vídeos on-line” (BURGESS; GREEN, 2009, p.21).

Em 2007, o YouTube chegou a registrar, por dia, uma média de 100 milhões de visualizações, o que proporcionou aos seus desenvolvedores a exigência de aprimorarem mais e mais estratégias que elevassem e aperfeiçoassem a experiência na plataforma, como, por exemplo, a possibilidade de pular vídeos e assisti-los a partir de qualquer ponto, além do acréscimo do botão "Menu", permitindo acessar o código de incorporação ou a URL da página do vídeo (FREIRE, 2021).

A plataforma, ao longo dos anos, foi sedimentando suas ações no incentivo de desenvolver nos usuários o costume de assistir a um vídeo seguido de outro. Em 2010 as inscrições começaram a ter destaque, as reproduções automáticas foram permitidas e a fila de vídeos dispostos foi otimizada, segundo Raquel Freire (2021). A opção de utilizar o botão de like/deslike foi introduzida neste período, pois até esse momento, a classificação dos vídeos era realizada por estrelas, na metodologia de uma a cinco.

O YouTube, até agosto de 2006, não possuía anúncios e propagandas nos conteúdos publicados. A partir de então, passou a comercializar o espaço como cenário de veiculação publicitária nos vídeos, tornando a ferramenta de interação e avaliação para os usuários de grande relevância. Foi nesse momento que canais oficiais começaram a despertar o interesse dos anunciantes. A empresa de itens esportivos *Nike*, por exemplo, foi pioneira na utilização do YouTube como espaço de propaganda, divulgando um clipe onde o jogador de futebol brasileiro Ronaldinho Gaúcho usava uma das chuteiras da marca para acertar uma bola na trave consecutivas vezes (FREIRE, 2021).

A revista *Time*, publicita uma matéria intitulada *Person of the Year*³² voltada para uma pessoa, instituição ou grupo que tenha apresentado significativa influência social e destaque no mundo a cada ano. No não de 2006, a posição de maior influência considerada foi dedicada a “You”, ou você, fazendo relação ao pronome de tratamento que responde pela simbolização do

³² Tradução: A Pessoa do Ano

processo de expressivo crescimento experimentado naquele ano pelos usuários da Internet, a partir da produção de conteúdo online por meio de blogs, sites e plataformas como o YouTube, MySpace e Wikipedia.

Figura 1: Capa da Revista Time, edição de dezembro de 2006.



Fonte: REVISTA TIME. 25 dez 2006 – captura de tela.

Assim, com o artigo: *You. Yes, You Are TIME's Person of the Year*³³, a revista apresentou a ferramenta que, a partir da contribuição de milhões de pessoas, estaria tornando-as importantes. Segundo Lev Grossman (2006), editor do artigo, a nova Web se constituía como algo muito distinto do que até então se via e se estimava para evolução da Internet, onde os consultores do Vale do Silício denominavam por Web 2.0, como alusão a uma versão atualizada de algum software antigo, tratando-se de um processo revolucionário - contudo, alicerçado em adaptações segmentadas em um caráter de dominação.

As novas ferramentas da Web 2.0 produzem um movimento diferente nos usuários, que antes colocavam-se apenas como espectadores dos conteúdos, mas hoje gastam seu tempo

³³ Tradução: Você Sim, você é a Pessoa do Ano da TIME

produzindo os seus próprios. Em contrapartida, a democracia digital também veio instaurar um processo de inovação onde “Você” trabalha, porém, em troca de nada.

Com essa concepção de trabalho sem retorno, atualmente é possível que os conteúdos postados na plataforma se comportem como produtos audiovisuais, podendo gerar retorno financeiro aos seus produtores e empresas, o que inclusive tem transformando tal ação em carreira profissional para um grande número de pessoas. Segundo Mattias Holmbom, no artigo *The Youtuber: A Qualitative Study of Popular Content Creators* (2015), a obtenção de um ganho financeiro é gerado a partir do quantitativo de visualizações obtidas no consumo dos vídeos, além das propagandas feitas tanto pelos *youtubers* quanto nos anúncios introduzidos no próprio conteúdo. A utilização dessa ferramenta no âmbito financeiro e de trabalho demanda um tempo para gerar estabilização, necessitando da elaboração de uma estratégia consistente, de acordo com o autor.

Os diversificados conteúdos audiovisuais publicados na plataforma utilizam-se da “lógica dos meios de comunicação de massa e a sua forma de transmissão de conteúdos a partir de uma origem para vários receptores” (MOTTA; BITTENCOURT; VIANA, 2014, p. 4), elaborando a concepção do próprio indivíduo como via de divulgação para um quantitativo imensurável de outros indivíduos.

O YouTube permitiu que o internauta acostumado ao cenário de espectador televisivo, por exemplo, tivesse ambiente para também ser um canal que profere comunicação, permitindo ser um formador de opinião, conseguindo agregar outras pessoas nas discussões elaboradas acerca de uma infinidade de temas. Agora, a esse telespectador que também pode ser ator, é dado a opção de “acolher personagens” e integrar as histórias às suas (nossas) próprias realidades, além de ser ainda possível reformulá-las para fins de adequação às vidas de quem os assiste. O telespectador autor é permitido experimentar o “gosto pelo recém-descoberto poder de moldar o ambiente de mídia” (JENKINS, 2015, p. 347) e a partir de aspectos oriundos da cultura popular, possuem espaço de produção de relações com pessoas nunca vistas pessoalmente.

Regras para utilizar o serviço da plataforma são estabelecidas nas diretrizes da comunidade, que agem na proibição de vídeos que contenham: 1) spam e práticas enganosas; 2) conteúdo sensível, como nudez e conteúdo sexual, suicídio e automutilação, atos nocivos contra crianças; 3) conteúdo violento e perigoso; 4) produtos regulamentados, ou seja, conteúdos que sugira a venda de álcool, narcóticos, bombas, produtos falsificados, armas de

fogo, medicamentos sem prescrição médica, serviços sexuais, órgãos, tráfico de pessoas; 5) desinformação, como conteúdos eleitorais, relacionados a COVID-19 e sobre vacinas³⁴.

Na condição de violação das regras propostas pelas diretrizes, além da remoção do vídeo, o usuário poderá sofrer advertência ou ainda, ter sua conta encerrada de forma definitiva, assim o e-mail cadastrado e o nome de usuário não serão mais aceitos na plataforma.

Os produtores de conteúdos relacionam-se com a informação contidas na plataforma do YouTube a partir de dois padrões de comunicação:

[...] o Youtuber consome algum conteúdo da mídia e, segundo os critérios de filtragem do seu canal, determina que tal conteúdo é relevante para ser comentado. Em seguida, produz o vídeo, edita-o e posta no Youtube. O internauta consome as notícias sob o ponto de vista do Youtuber, com uma dupla presença da mídia: a dos meios de comunicação e a do líder de opinião por meio da internet. Apesar disso, o Youtuber apresenta-se como sujeito anônimo, pelo fato de não ser celebridade das mídias tradicionais, o que lhe proporciona certa legitimidade perante os assinantes de seu canal (é uma pessoa anônima falando para outros anônimos) (MOTTA; BITTENCOURT; VIANA, 2014, p. 11).

Mattias Holmbom (2015) considera o *youtuber* como um produtor de conteúdo de vídeo que foca a maior parte do seu tempo na própria plataforma. E isto pode ser utilizado como um critério importante para distinguir o *youtuber* do influenciador digital, que tende a fazer uso de uma variedade maior de mídias digitais para disseminar seu conteúdo, incluindo o YouTube, mas não só ele. Deste modo, o *youtuber* se torna um influenciador digital à medida que ascende no cenário digital e obtém o posto de “novo ídolo”. Assim, aquele que antes ocupava o posto do anonimato agora sedimenta-se como uma personalidade, “chamando a atenção de audiências e marcas, além de ganhar fama e dinheiro” (MOL, 2018, p.21), de modo que a enorme exposição a que são sujeitos, bem como a amplitude com a qual suas informações alcançam disseminação fazem com que os *youtubers* integrem o rol dos influenciadores digitais.

A expansão de um *youtuber* dá-se a partir de fatores, como o tempo de visualização dos vídeos postados e o número de internautas inscritos no canal, e não necessariamente se o produtor de conteúdo possui habilidades técnicas - como por exemplo a elaboração de edição audiovisual, que gerem uma qualidade do produto final - diferentemente de outros produtos do mercado tradicional, como a televisão e o cinema. Deste modo, de acordo com Bernardazzi e Costa (2017), no cenário do YouTube é possível perceber que grande parte dos produtores de conteúdo experimentam um processo de construção solitária, culminando em ser “responsável pela criação do canal pelo qual irá comunicar-se, pela roteirização do tema a ser abordado,

³⁴ YOUTUBE. Diretrizes da comunidade do YouTube. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/9288567?hl=pt-BR>. Acesso em: de 15 abril de 2022.

captação das imagens, iluminação da cena, edição de imagem, edição de áudio, arte gráfica presente no canal e no vídeo, publicação do vídeo e gerenciamento das mídias sociais” (p.153).

4 NASCE UMA ESTRELA: A TRAJETÓRIA DE GABRIELA PRIOLI AO CAMPO DA INFLUÊNCIA DIGITAL

“Eu tive uma infância deliciosa, maravilhosa, o bairro era uma delícia” (V1).

A proposta do capítulo é apresentar a história da influenciadora digital objeto dessa pesquisa, a partir de conteúdo publicado por ela em seu canal do YouTube. Aqui é possível visualizarmos a trajetória de Gabriela Prioli do anonimato às mídias, bem como os elementos que fizeram dela uma estrela. Ressalta-se que a construção crítica aqui desenvolvida não está direcionada à figura da mulher no cenário de debate político, mas aos veículos utilizados por ela no desenvolvimento e na condução do discurso e que acabam por miná-lo e dissolvê-lo em uma lógica de reprodução ideológica, serva aos interesses distantes da proposta de promover libertação por meio da educação.

4.1 Pensamento e crítica: a narrativa de Gabriela Prioli

Filha de uma fisioterapeuta e de um vigilante, Gabriela Prioli Della Vedova nasceu dia 21 de janeiro de 1986, em São Paulo e viveu sua infância e adolescência entre os bairros da Lapa e da Vila Mangalô. A família tinha uma vida equilibrada até a ocorrência de um grave acidente que ceifou a vida de seu pai. A influenciadora relata que a partir desse momento, sua vida sofreu grandes mudanças. A família enfrentou um cenário de dificuldades, sobretudo por sua mãe ter ficado com a responsabilidade da criação e educação dela e de seu irmão, à época com seis e quatro anos, respectivamente.

No vídeo “Gabriela Prioli – Barbie Fascista?” Gabriela aponta que, ao contrário do que muitos pensam, sua família não era abastada, como pontua na justificativa para a produção do vídeo: “ [...] *muita gente perguntou e muita gente apareceu fazendo os comentários do tipo - aí só loirinha, Patricinha, não sabe nada*” (V1).

A influenciadora relata que obteve muita ajuda ao longo de sua vida, sobretudo no que tange aos estudos, que foram custeados até o ensino médio por meio de bolsa. Coursou direito na Universidade Presbiteriana Mackenzie e, em sequência, Mestrado em Direito Penal, pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, uma instituição de ensino da rede privada. Iniciou a carreira profissional como sócia de um escritório de advocacia e como professora universitária. Embora Gabriela não tenha vindo de um núcleo abastado, sua estrutura social e familiar possuiu fatores privilegiados que a maioria das mulheres brasileiras não tiveram

condições de alcançar. É preciso considerar que o lugar ocupado por uma mulher branca, loira e de corpo magro, que integra um padrão midiático, constitui uma forma de capital relevante, fazendo-a acessar espaços possivelmente inalcançáveis ou pelo menos mais custosos a uma mulher, por exemplo, negra e de origem periférica.

Sua dissertação de mestrado intitulada *A influência da repressão penal sobre o usuário de crack na busca pelo tratamento*³⁵ (2014) foi o ponto de partida para que Gabriela fosse notada e adentrasse ao universo televisivo. Em 2017, a partir da leitura do estudo que apresentava uma perspectiva de cunho humanitário para as estratégias de combate às drogas, Leandro Cipoloni, vice-presidente de jornalismo da CNN Brasil, convidou-a diversas vezes para compor bancadas de debates na Record TV, onde era diretor de gestão de jornalismo (SOARES, 2020).

Em março de 2020, no posto de comentarista política, Gabriela Prioli passa a integrar o lado esquerdo da bancada do quadro *O Grande Debate*, do programa *Novo Dia*, apresentado por Reinaldo Gottino e Tais Lopes, no canal de notícias CNN Brasil. O debate também era integrado pelo bacharel em Direito Caio Coppolla, a quem Gabriela realizava duras críticas mediante seu posicionamento se construir frequentemente a favor das ações do governo do Presidente Jair Bolsonaro.

Após Coppolla ser afastado dia 19 de março de 2020 por questões de saúde da bancada de *O Grande Debate*, o empresário Tomé Abduch assumiu o posto. Em seu perfil no Twitter³⁶, intitula-se como um “Porta voz do movimento NasRuas³⁷”. Em 27 de maio de 2020, *O Grande Debate*³⁸ foi ao ar com uma discussão em torno do regime de prisão domiciliar concedido ao ex-presidente da Câmara, Eduardo Cunha. Na ocasião, Tomé Abduch manifestou desagrado à lei que amparou a decisão da juíza, embora elogiasse a conduta da magistrada, discutindo sobre a credibilidade da justiça brasileira frente aos crimes proferidos por Cunha. Gabriela Prioli, por sua vez, contra-argumentou que a decisão da juíza se deu apenas em virtude da circunstância pandêmica enfrentada pelo surto de COVID-19 no Brasil, o que em nada significava uma

³⁵ Disponível em <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/2/2136/tde-20012015-154147/pt-br.php>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

³⁶ ABDUCH, T. @tomeabduchcombr. <https://twitter.com/tomeabduchcombr?lang=pt>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

³⁷ NasRuas é um movimento social de direita fundado no Brasil que se define com o intento de, “Fiscalizar o poder público, propor soluções de combate à impunidade e promover a conscientização política”. Entre as ações defendidas pelo movimento estão: a volta do voto Impresso, a diminuição do Estado, reformas para flexibilização trabalhista, reformas Tributária e Administrativa, revogação do estatuto do desarmamento e a Escola Sem Partido. Disponível em <https://www.nasruas.net.br/quem-somos/>. Acesso em: 07 de maio de 2020

³⁸ O Grande debate: Prioli e Abduch avaliam a prisão domiciliar de Eduardo Cunha. Disponível em <https://youtu.be/u7QxZcwfPQQ>. Acesso em: 07 de maio de 2020

progressão de pena. Embora Tomé Abduch tenha seguido afirmando seu desconhecimento técnico, permanece elaborando seu pensamento, justificando a existência de uma “inversão de valores” vivida no país onde, no debate, ele estaria se colocando na posição de brasileiro. Gabriela Prioli seguiu enfatizando a relevância de promover um debate centrado no tema e expôs contradições na fala do colega de bancada quando se trata de decisões jurídicas, concluindo o pensamento com enfoque na necessidade de uma postura amparada em aspectos técnicos para expressão de qualquer tipo de análise. Tomé Abduch posiciona-se acusando Gabriela de não considerar a realidade do povo brasileiro, já que ela não emitiu uma opinião pessoal sobre o caso.

A discussão segue de modo acalorado, focado na polaridade da técnica *versus* opinião pessoal. Reinaldo Gottino intervém e inquirir Gabriela a emitir um posicionamento pessoal, assim como o realizado por Tomé frente à lei que amparou a decisão judicial. A partir de então, as cenas que se seguem são da debatedora esclarecendo que não percebe ambiente para exposição da sua opinião frente à circunstância e à insistência do mediador, que a interrompe sucessivas vezes, não permitindo a conclusão de seu pensamento.

O ponto alto da situação ocorre quando o mediador do debate se dirige à Gabriela, propondo-lhe respeito à opinião de Tomé Abduch, mesmo que não amparada por um embasamento científico, com argumento jurídico de base. Tomé Abduch ainda declara no vídeo:

“ (...) nós estamos aqui discutindo... sim eu sou leigo, sou um ignorante, como a gente pode colocar em relação a... ao Direito Criminal. Ser ignorante, sabe o que significa? Não entender sobre um assunto. Eu tenho muita propriedade a assuntos relativos à minha profissão. Se nós sentássemos aqui pra poder discutir engenharia, tenha certeza que eu teria uma propriedade tremenda porque eu faço isso há 20 anos, trabalho com isso e sou um dos grandes empresários do setor onde eu estou. Mas a minha propriedade em relação ao Direito, ela é realmente muito branda, mas eu sou brasileiro, eu ando nas ruas, eu vejo o que acontece, eu já fui assaltado, eu já fui folgado dentro da minha empresa e nada aconteceu (...).”

A situação que aqui se apresenta sugere que a incidência de uma postura técnica não era o elemento esperado e pertinente à circunstância aonde o debate foi fomentado. Se a ideia inculcada fosse de uma construção e posicionamento técnico - ao que parecia ser a proposta do programa - ambos os debatedores teriam conhecimento dentro da dinâmica do caso exposto.

O preconceito aqui manifestado vestiu-se de uma roupagem típica presente em nossa construção histórica e social: o silenciamento, o abafamento e a invalidação da voz feminina perante a masculina. E, ainda, a concepção de que um posicionamento feminino que demonstre fundamentação e conhecimento frente aos homens também aduz comentários que a ela são

fornecidas características de ser desrespeitosa, grosseira, desequilibrada, entre outros adjetivos de cunho machista. Na situação acima analisada, o debatedor utiliza-se, inclusive, de uma linguagem corporal sugestiva a escárnio, seja quando de fato é a vez de fala do debatedor ou do mediador, ou quando ambos interrompem a argumentação de Gabriela, fato que ocorreu diversas vezes ao longo do debate.

Este evento alcançou grande repercussão nas Mídias Sociais. Diversas opiniões começaram a surgir frente à postura dos debatedores, sobretudo a de Gabriela Prioli, que após a situação de constrangimento, posicionou-se em seu Twitter apresentando nove pontos com argumentos que a faziam se afastar do quadro após o episódio acima relatado, enfatizando que: “[...] *Não é fácil ser firme no início de um projeto profissional, mas é impossível não me comportar segundo aquilo que eu defendo, apesar das possíveis consequências*”³⁹. Sua postagem alcançou 158,2 mil curtidas e 14,8 mil *retweets*. A exposição desse acontecimento torna-se relevante, tendo em vista que a repercussão do caso representou o divisor de águas para a imagem de Gabriela Prioli perante a grande mídia.

Gabriela Prioli foi expandindo território nas Mídias Sociais. Em julho de 2020 estreou o CNN TONIGHT (Brasil), Talk show, originalmente transmitido nos Estados Unidos, exibido de segunda a sexta e transmitido pela CNN Brasil. Assim, Gabriela Prioli, juntamente com a jornalista Mari Palma, além do professor, escritor e historiador Leandro Karnal dividiam a apresentação do programa voltado para uma dinâmica de análise, discussão e debate sobre temas diversos da atualidade⁴⁰.

Um dos projetos encabeçados pela influenciadora no mesmo período foi um clube do livro por assinatura⁴¹. Em uma primeira edição, o clube contou com mais de seis mil inscritos. Na edição seguinte, o projeto incluiu a parceria de Leandro Karnal. Assim, juntos os dois exploram conteúdos sobre história, política e filosofia em obras trabalhadas no clube. Esta parceria pode em muito ter agido no fortalecimento da imagem pública da influenciadora quanto autoridade no segmento sobre conhecimento.

³⁹ PRIOLI, G. @Gabrielaprioli. <https://twitter.com/gabrielaprioli/status/1244274853814902791>. Acesso em: 07 de maio de 2020.

⁴⁰ CNN BRASIL. CNN Tonight: Vídeo traz novidades sobre o programa de Karnal, Mari e Prioli. São Paulo. 08 jul 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/novidades-cnn-tonight/>. Acesso em 05 mar 2022.

⁴¹ GLOBO.COM. Gabriela Prioli e Leandro Karnal lançam Clube do Livro. 30 abril 2021. Disponível em <https://gq.globo.com/Cultura/noticia/2021/04/gabriela-prioli-e-leandro-karnal-lancam-clube-do-livro.html>. Acesso em 05 mar 2022.

4.2 A análise política e os conflitos em torno do posicionamento partidário

Dos 10 vídeos selecionados para compor esta pesquisa, 7 giram em torno de temáticas sobre o Governo Federal e pessoas ligadas a ele, sobretudo na figura do presidente. A palavra “presidente” chega a ser citada 203 vezes, enquanto que “Jair Bolsonaro” por 72 vezes nos vídeos analisados. Aqui teremos a primeira construção de imagem digital realizada por Gabriela, sedimentada, sobretudo, na crítica e, em muitos momentos, dotada de sentimento de indignação, uma postura que lhe proporcionou significativo engajamento junto às Mídias Sociais.

Mesmo Gabriela Prioli não declarando verbalmente seu posicionamento político, algumas deduções podem ser levantadas. A primeira delas surge a partir de uma percepção do enquadramento realizado no quadro “O Grande debate”, onde, de modo geográfico, a debatedora se localiza à esquerda da tela, na visão transmitida ao telespectador, e de modo argumentativo, enfrentou os oponentes de bancada com visões políticas radicais de direita. É possível que essa tenha sido a estratégia elaborada pelo programa: apresentar Gabriela como a figura de oposição ao atual governo, mas sem os enquadramentos estigmatizados já existentes no cotidiano do brasileiro.

Figura 2: Gabriela Prioli, Reinaldo Gottino e Caio Coppolla
Figura 3: Gabriela Prioli, Reinaldo Gottino e Tomé Abduch



Fonte: canal do Youtube O Grande Debate.



Fonte: canal do Youtube O Grande Debate,
vídeo de 27/03/2020 – captura de tela

Gabriela Prioli realizou, tanto no programa “O Grande Debate” como em alguns dos vídeos postados, conteúdos oriundos de sua análise política, onde posiciona-se em crítica aos modos como o atual governo brasileiro se porta. No trecho do vídeo: *20 coisas que Bolsonaro pode fazer sobre as mortes por COVID-19*, Gabriela Prioli realizou posicionamentos frente uma fala de Jair Bolsonaro à imprensa e na ocasião, a influenciadora além de fundamentar os fatos,

esboçou indignação mediante a postura do presidente frente à pandemia ocasionada por COVID-19, que castigava o país de modo alarmante:

[...] como vocês já devem ter visto nas matérias veiculadas pela imprensa, o presidente da República quando foi confrontado com a informação de que o Brasil tinha atingido o recorde de mortes causadas pelo coronavírus em 24 horas e que tinha superado o número total de mortes registradas pela China, respondeu o seguinte: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou o Messias mas não faço milagre!”. Pois é, então eu decidi que nesse vídeo eu vou apresentar algumas respostas a essa pergunta do presidente da República, “Quer que eu faça o quê?” E eu sugiro a vocês que façam o mesmo nos comentários e apresentem as respostas de vocês ao presidente Jair Bolsonaro (V4).

O descaso do governo brasileiro frente à situação pandêmica transcende uma condição ideológica partidária e deságua em atos de negligência que levaram o Brasil a enfrentar uma situação piorada diante de sua condição sanitária. Na época em que o vídeo foi publicado, o país contava com 6.006 mortes (G1 BEM ESTAR, 2020). Atualmente, a barbárie já produziu mais de 610 mil mortos⁴² pela COVID-19, que ainda segue devastando vidas. Diante disso, a postura a partir da análise de Gabriela Prioli foi de convocar aqueles que a assistem a se manifestarem frente à realidade evidenciada por ela. Contudo, esta ação foi direcionada a ser realizada por meio de interação direta com o seu conteúdo, como é possível visualizar no trecho de finalização do vídeo:

(...) eu sugiro a vocês que coloque nos comentários as respostas de vocês. O que que o presidente Jair Bolsonaro pode fazer? Concluindo esse vídeo, como sempre, vou pedir para vocês que se tiverem gostado curtam, compartilhem com seus amigos e se inscrevam no canal é isso, beijo, até mais. Aproveitando quero agradecer a você porque nós já somos mais de 200 mil inscritos nesse canal e eu tô muito feliz com isso, obrigada! (V4).

Na explicação sobre sistemas de monetização do YouTube, no que tange o impacto do conteúdo⁴³, é esclarecido que os sistemas da plataforma examinam o engajamento do espectador por meio de comentários, curtidas e da visualização completa do vídeo, obtendo assim a avaliação de monetização do material, podendo promover, inclusive, a alteração do status do vídeo. Em meio a este ensejo, a proposta de Gabriela Prioli não pareceu estruturar-se em levar o internauta a se posicionar, refletir e procurar um espaço de voz que promovesse alcance a sua indignação frente ao comentário do presidente, mas de utilizar da circunstância para a obtenção de monetização a partir da suposta relevância do vídeo, dadas as interações, até

⁴² CORONAVÍRUS BRASIL. Painel coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 13 de jul de 2021.

⁴³ AJUDA DO YOUTUBE. Explicação sobre sistemas de monetização ou "o algoritmo dos anúncios". YouTube. Disponível em: <https://support.google.com/youtube/answer/9269689?hl=pt-BR>.

porque não havia a garantia que tais comentários chegassem ao presidente, logo, a proposta se distancia de um processo de análise fidedigna da realidade social.

Adorno pontuou sobre a relevância de se refletir sobre a realidade social. Na construção crítica acerca da barbárie, responsável pelo assassinato de milhões de inocentes em Auschwitz, integrando uma das inúmeras manchas de sangue que marcaram absurdamente a história da humanidade o autor aponta a necessidade de se determinar ações para evitar que a regressão a uma situação semelhante venha a acontecer novamente. Para isso, “é necessário contrapor-se a uma ausência de consciência, é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprias” e esse caminho só é permitido por meio da educação, “dirigida unicamente a uma autorreflexão crítica” (2020, p.132). Ou seja, a educação crítica é a estratégia capaz de endereçar a consciência de fundamentar o combate ao horror e a violência.

A Teoria Crítica recusa a predisposição meramente descritiva da realidade, pois compreende que o potencial de libertação ou emancipação humana só se faz possível através da construção das próprias representações. O comportamento crítico, compreendido pela predisposição à assimilação e compreensão da realidade resultante da ação humana possui grande relevância nesse processo, pois para que a emancipação aconteça é preciso que haja subsídios para reorientar a direção (HORKHEIMER, 1975).

A influenciadora seguiu produzindo conteúdos, sobretudo comentando situações voltadas para o atual governo, contudo, a cobrança por um ponto de posicionamento permaneceu incomodando seus espectadores e cada vez mais ela era inquirida a se manifestar sobre o assunto. Gabriela seguia sem um esclarecimento preciso, mas sempre usando de estratégia enigmática para se esquivar de tal situação, como no trecho dessa entrevista concedida à Revista TPM do Portal UOL em abril de 2020, ao ser perguntada sobre sua posição política pela entrevistadora:

Essa é uma pergunta que todo mundo me faz e acho que reflete um pouco o momento que a gente está vivendo. Nos debates do programa [O Grande Debate], a forma como ele é estruturado cria uma contraposição e os temas são colocados dependendo se vai haver discordância ou não. Eu acho complicado definir se eu sou de direita, de esquerda, centro-direita, centro-esquerda ou centro. Acho que estou bem longe dos extremos. O problema é que se você dá para as pessoas um rótulo, elas vão avaliar esse rótulo a partir das próprias lentes. Hoje em dia, no Brasil, em muitos casos as pessoas nem sabem exatamente o que significa esquerda ou direita. E por isso acho complicado. E acho complicado que essa pergunta seja feita com tanta insistência. Porque é plenamente possível saber qual é a minha posição a partir dos temas sobre os quais eu falo.⁴⁴

⁴⁴ NASCIMENTO, F. Gabriela Prioli: Nem esquerda, nem direita, ela quer diálogo. Portal Uol. 22 abril 2020. Disponível em <https://revistatrip.uol.com.br/tpm/gabriela-prioli-nem-esquerda-nem-direita-ela-quer-dialogo>. Acesso em: 03 de jul de 2021.

No recorte acima, Gabriela sugeriu temor de que seja deduzido por aqueles que a assistem uma certa rotulagem e o tal enquadramento pareceu ser o maior motivador para que a realidade não aconteça. Todavia, é importante ressaltar que, nesse momento, a influenciadora vivia o ápice de acesso ao seu canal, ou seja, de março a junho de 2020. É possível que a rotulação temida nesse período pudesse sugerir-lhe interferência no alcance do público que estava por descobrir e acessar seus conteúdos através das Mídias Sociais, pois mediante a tendência - algorítmica e cultural - de sempre consumir mais do mesmo, sobretudo daquilo que sempre esteja em clara concordância com o sistema de crenças, as pessoas tendem a se distanciar, ignorar, refutar e/ou desmerecer posicionamentos contrários aos seus, mesmo que eles venham fundamentados em algum “parecer técnico”, fator que pode ter embasado os repetidos atos escorregadios de Gabriela para mantê-la “*bem longe dos extremos*”.

Contudo, o receio de sofrer rotulação por interpretação inadequada de seus seguidores, que poderiam julgá-la a partir de “suas próprias lentes”, não parece fazer tanto sentido, dado o contexto vivido por Gabriela Prioli. A influenciadora é constantemente convocada a debates enfrentando pessoas com visões e posicionamentos abertamente distintos, além do mais, possui prática profissional no acirrado ambiente jurídico, onde é cotidiano o enfrentamento argumentativo. O aspecto de julgar “por suas próprias lentes” é também a base de um sujeito emancipado na visão do filósofo Immanuel Kant, ou seja, aquele que é capaz de julgar a partir do próprio entendimento. Kant mostra-se categórico ao analisar a condição de uma pessoa que insiste na permanência da condição de menoridade (KANT, 2012) e, segundo ele, isto se dá somente pela preguiça, pela covardia de servir-se de si mesmo ou mediante a escolha autônoma de ter orientação e direcionamento unicamente por ação de outros sujeitos, gerando, assim, um ato de conformação no que diz respeito ao saber:

O ser infantil, o ser menor, está associado ao medo, a um estado que o homem deveria superar para tornar-se dono de si mesmo, dotado de razão e conhecimento, um estado graças ao qual depois de terem sacudido de si mesmos o jugo da menoridade, espalharão em redor de si o espírito de uma avaliação racional do próprio valor e da vocação de cada homem em pensar por si mesmo (KANT, 2012, p. 67).

Assim, o não posicionamento tão procurado por seus seguidores e pela mídia só não causou mais estranhamento do que a conduta que se seguiu nas produções de conteúdo com o passar do tempo. Na dinâmica sutil em que o discurso de Gabriela Prioli se fundamenta, foram surgindo construções onde a influenciadora expõe uma postura mais contida e amistosa frente

às críticas, e isso foi visualizado a partir do mesmo ponto de análise: os atos do governo de Jair Bolsonaro. A estratégia parecia ser apresentada com a perspectiva de fornecer ao público uma análise dotada de lógica mais amena das condutas do presidente, como nos trechos que se seguem:

[...] a defesa dele, do presidente Jair Bolsonaro, é que eu acho que é muito importante a gente sempre tentar fazer uma interpretação que beneficia o acusado, porque a nossa Constituição Federal consagra o princípio da presunção de inocência (V10).

[...] Toda vez que eu falo para vocês trazerem a racionalidade pro debate, o que eu quero é que vocês analisem a situação tal como ela se apresenta e não como vocês gostariam que ela fosse. Então não adianta nada você olhar para o que está fazendo o presidente da República Jair Bolsonaro e segundo a tua percepção que é - Ai meu Deus eu acho um absurdo que ele tá fazendo, ele não deveria tá incentivando essas manifestações! - E achar que todo mundo partilha desse mesmo sentimento que você, porque isso não é verdade. E uma forma fácil de você avaliar que isso não é verdade, é só consultar as últimas pesquisas que atestam a popularidade do presidente (V5).

Tá mas aí cêis vão me perguntar o seguinte - tudo bem Gabriela, Então a gente tá vendo que o presidente da República insiste nesse comportamento irresponsável - e aqui eu vou lembrar a vocês que irresponsável na visão de vocês [...] (V5).

Na minha percepção, o presidente da República se comunica muito bem (V5).

A influenciadora elabora argumentos com base em uma instrumentalidade que prima por trazer “*a racionalidade pro debate*” (V3), sugerindo que uma interpretação que justifica os posicionamentos e falas do presidente é que elas são construídas com base em um público específico: seus eleitores. Gabriela ainda enfatiza que não é oportuno o desenvolvimento de uma análise a partir de “*deverias*” e conclui seu pensamento propondo um comportamento de distanciamento emocional. Toda essa construção argumentativa soa como justificativa e aceitação aos atos inadequados realizados pelo presidente, um discurso contraditório ao fortemente argumentado por ela em propostas anteriores.

Em dezembro de 2020, a empresa BR+ Comunicação, contratada pelo atual governo brasileiro divulgou uma pesquisa intitulada "Mapa de influenciadores", a partir de postagens realizadas em maio de 2020 a respeito do comportamento de Paulo Guedes e do Ministério da Economia. Disso resultou um dossiê com nomes categorizados em “detratores”, "neutros informativos" e "favoráveis", culminando com sugestão de monitoramento a jornalistas (JORNAL GAZETA DO POVO, 2020), além de informações a respeito de servidores públicos identificados com o movimento antifascista (AGÊNCIA SENADO, 2020). Gabriela noticiou, a partir de stories do seu Instagram, desapontamento por não ter incluso seu nome na referida lista.

*Estou aqui indignada que não estou na lista dos detratores. Se bem que depois eu fiquei pensando que todas as chamadas daqui em diante tem que me chamar de loira misteriosa porque eu sou um enigma, ninguém consegue me decifrar”.*⁴⁵

Ou seja, ao mesmo tempo que Gabriela resiste a possuir definição de posição política, em meio a sutileza do discurso, ela esboça sua insatisfação em tal colocação e consegue angariar movimentação com seu nome nas Mídias Sociais sempre que tal temática lhe ocorre. No caso em questão, a influenciadora foi duramente criticada pelos internautas, que questionaram sua esquivia em ocupar um “lugar de fala” no tema em questão mediante conveniência.

Gabriela parece ter clareza na sua percepção de qual lado do discurso sedimenta-se sua argumentação, contudo, o ato de ceder e transitar em outras possibilidades pode decorrer de estratégia de adequação para continuar pertencendo a todos os nichos políticos, e não apenas ao político-oposição ou de esquerda, como é possível observar nesta postagem no Twitter:

*Gente, eu to quase dizendo que eu aceito o lugar que vocês determinarem pra mim desde que vocês decidam. Passei o dia sendo jogada da esquerda pra direita, da direita pra esquerda. Ajudem aí, por favor.*⁴⁶

Marcuse (2015) aponta para um elemento profundamente característico da sociedade industrial avançada: a predisposição de controle e repressão daquilo poderia representar liberdade. Os mecanismos de controle social elaboram e impõem demandas de produção e consumo superficiais, que, por sua vez, recorrem a formas de execução do trabalho que são enganosas e imbecilizantes à medida que sugerem uma liberdade não existente. Feito isso, ela submete-se à inconstância de pensamentos e posturas que se expressam da ótica do Outro, mecanismo do qual ela tanto fugiu. E é a partir da dinâmica da industrialização que a sociedade disciplinar se constitui (FOUCAULT, 1975), determinando regras específicas “ao corpo que se manipula, se modela, se treina, que obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam” (p.163) no que diz respeito aos aspectos da utilidade econômica ao mesmo tempo que tem essas forças diminuídas em “termos políticos de obediência” (p. 165). Neste sentido, regras e demandas são propostas para que os corpos possam operar mediante os padrões propostos e solicitados pela sociedade industrial, ou seja, o processo de normatizador dos comportamentos produtivos e de consumo, tornando assim os corpos “dóceis”. Contudo, para que exista o “saber”, segundo George Didi-Huberman (2017), “é preciso tomar posição, o que supõe mover-se, e constantemente assumir a responsabilidade de tal movimento” (p.16).

⁴⁵ ISTO É. Após ironizar ausência na lista de detratores de Bolsonaro, Gabriela Prioli é criticada. 02 dez 2020. Disponível em <https://istoe.com.br/apos-ironizar-ausencia-na-lista-de-detratores-de-bolsonaro-gabriela-prioli-e-criticada>. Acesso em: 03 de jun de 2021.

⁴⁶ PRIOLI, G. @Gabrielaprioli. Disponível em: <https://twitter.com/GabrielaPrioli/status/1301291441394790401>. Acesso em 02 de Jun de 2021.

3.3 De comentarista política ocasional a influenciadora digital profissional: construção de uma imagem

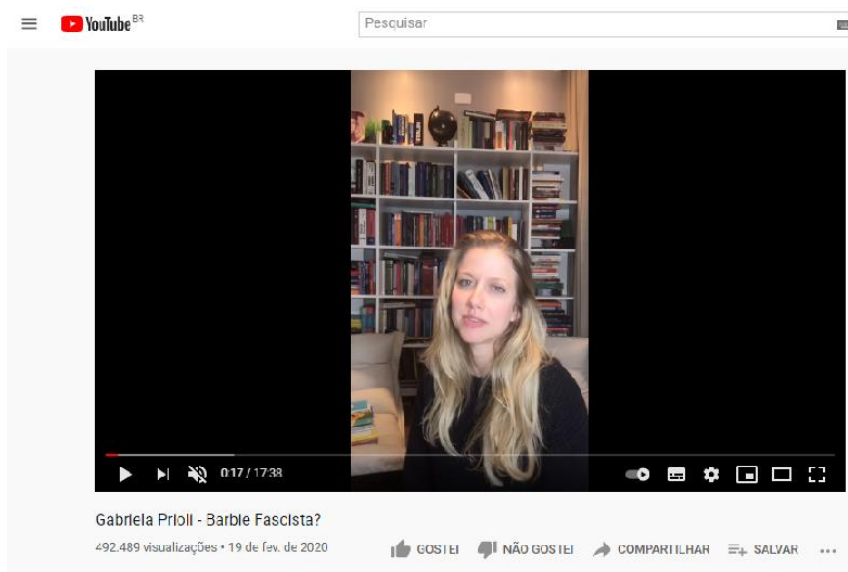
O jornal Estadão noticiou, ainda em abril de 2020, a assinatura de contrato de Gabriela com a empresa Play9, formalizando e profissionalizando sua entrada no universo das Mídias Sociais como *youtuber* (MARÇAL, 2020). A Play9 é um “estúdio de conteúdo e formatos digitais para marcas e influenciadores”⁴⁷ criado a partir da premissa de unificar os resultados advindos da expansão que o universo digital vem alcançando e produzir uma transformação em media tech ou start-up de mídia. Entre os sócios da empresa estão o *youtuber* Felipe Neto e o jornalista João Pedro Paes Leme, que, além de já ter sido jornalista e executivo da TV Globo, hoje também atua no âmbito de fundos de investimento. De acordo com O Globo, a experiência do *youtuber* Felipe Neto funcionou como embasamento para aqueles que buscam nas Mídias Sociais, como o YouTube, um caminho para a profissionalização (SETTI, 2021).

Dos vídeos selecionados para o estudo, 5 foram produzidos pelo estúdio Play9, inclusive os que ocupam o pódio de visualizações. Gabriela hoje conta com atividades que giram em torno da produção de conteúdo para seu canal no YouTube, além de palestras e publicidades de produtos, principalmente em seu Instagram.

Os vídeos que marcaram o início da trajetória de Gabriela no YouTube aparentemente eram produzidos por ela mesma. Apresentavam planos mais fechados, com poucos espaços e a câmera era posicionada de modo vertical, em close. Os enquadramentos valorizavam a linha acima do busto ou o rosto de Gabriela, sugerindo maior intimidade e produzindo um apelo mais emocional à produção, fator reforçado pelos conteúdos abordados e pelo jogo de expressões espontâneas utilizados nos vídeos.

Figura 4: Gabriela Prioli com estantes de livros ao fundo

⁴⁷ Definição presente no site do estúdio. Disponível em: <https://www.play9.com.br/>. Acesso em 03/06/2021.



Fonte: Canal do YouTube Gabriela Prioli, vídeo: *Barbie Fascista?* De 19/03/2020 - captura de tela.

Após os vídeos se submeterem a produção técnica da Play9 é possível encontrar mudanças relevantes na construção estética. Os vídeos orientam-se em plano médio, permitindo maior expressão e posicionamento. A câmera, agora em posição horizontal, permite a Gabriela situar-se ao centro da tela, com espaços equilibrados ao seu redor em grande parte das produções. Ao fundo, suas estantes de livros, que outrora forneciam plano de fundo para a gravação dos conteúdos, se distanciaram do campo de visão, dando lugar a quadros coloridos que contrastam com um cenário mais sóbrio, composto por sofá e almofadas. Agora é possível ver uma proporção maior do corpo da influenciadora, que na maioria dos vídeos está sentada sob as pernas dobradas e, sobre elas, almofadas lhe garantem apoio, assim como a presença de instrumentos de suporte sempre à sua mão, como tablets, que agora são de uma marca a qual a influenciadora produz publicidade. Este enquadramento parece promover maior enfoque no conteúdo exposto por ela, dando um ar de bancada jornalística, cujos cortes de câmera acompanham as ênfases ocorridas ao longo da explanação, assim como os espaços vazios ao seu lado, que funcionam como campo de projeção para informações ilustrativas durante a apresentação.

Figura 5: Gabriela Prioli, sentada em sofá com almofada ao colo em captura de tela



Fonte: Canal do YouTube Gabriela Prioli, vídeo: *Queiroz reaparece e ameaça alianças do governo*, de 25/03/2020 – captura de tela.

Gabriela agora se utiliza de movimentos e expressões mais sutis dentro do quadro, onde a câmera se mostra em grande parte do tempo fixa. Cenário e comportamento estão visivelmente mais elaborados, muito assemelhados ao padrão amplamente seguido pelos influenciadores que já possuíam destaque no mercado, inclusive fazendo uso de um jargão de abertura, demonstrando a construção da sua marca no mundo digital:

Bom enfim, pra gente seguir um padrão aqui nesse canal eu vou falar - oi pessoal, como eu sempre digo, menos emoção e mais razão, aproveita já deixa o seu like e compartilhe com seus amigos e se inscreva aqui no canal (V6).

Os temas apresentados por Gabriela também adquiriram uma readaptação. Quando sob sua produção, percebe-se que além de análise política, havia partilhas pessoais que contemplavam sua vida e seus gostos. Inclusive, é possível enxergar uma maior liberdade de Gabriela acerca de utilizar sua opinião sobre aquilo que apresentava antes da assessoria, como nos trechos que se seguem:

Bom voltei aqui com meu cabelo comprido mesmo, é... eu pensei de fazer um pouco diferente, como eu vou falar da minha vida eu fazer sem corte uma vez só e direto, porque fica mais fácil para mim e porque a gente fica nesse clima como se a gente tivesse sentado junto e eu tivesse falando vocês vão sentir as mesmas hesitações de quando eu fico mais constrangida, mais emocionada e fica uma coisa mais verdadeira, porque claro que quando eu tô editando mesmo que eu faço aquela edição super simples, se eu não gostei de uma parte eu faço de novo, então eu tô querendo não fazer isso agora (V1).

[...] não foi um vídeo assim de uma análise profunda sobre os temas, uma resenha dos livros, foi mais uma coisa solta que a gente decidiu gravar assim depois de pronto, e é isso, leiam, ler é uma delícia (V2).

Para Giselle Beiguelman em *Políticas da Imagem: Vigilância e Resistência na Dadosfera* (2021), dentro da dinâmica da “economia liberal dos likes, e suas fórmulas de sucesso” (p.39) há uma forte tendência a homogeneização de tudo aquilo que é visto e produzido, assim, “ângulos, enquadramentos, cenas e estilos” experimentam a padronização. Para a autora o que está por trás desse processo são os “critérios de organização dos dados” como uma estratégia de mercado para facilitar o sistema de buscas, além da forma como os algoritmos tornam os dados contextualizados aos conteúdos das “bolhas específicas” que nós como usuários integramos. Esse movimento de enquadramento na condição pré-existente e dominante tende a ocorrer dada a percepção de que não há escapatória que garanta a sobrevivência e a preservação na selva do sistema se não pela equiparação. O indivíduo em racionalização se direciona a atender as exigências estabelecidas pelo meio, como método que promove o alcance do status estabelecido pela sociedade industrial. Essa estratégia de modificação e adaptação daquilo que o indivíduo tem para oferecer, por meio da reprodução, da imitação e da adequação é uma forte e clara estratégia para evitar a exclusão e assegurar uma felicidade, que, para Marcuse (2015), é falsa e transitória.

4.4 O processo de fabricação virtual de si mesmo e o Eu produto

A escrita como ferramenta que transmite uma mensagem convida-nos a estar com ela e permite espaço de decisão ao seu leitor sobre se e quando entrar em contato com seu conteúdo. Já a imagem nos acessa em completa contraposição a esse movimento, segundo Norval Baitello (2000). Nela, o convite é instantâneo e “não cobra o preço da decifração” (p. 4), pois essa taxa ocorre pela “sedução e o envolvimento” (p. 4). Com o poder de se infiltrar e nos devorar em um ato antropofágico, experimentamos o precipício construído pelo vazio que as demais informações adquirem após o contato com a imagem, pois tudo aquilo que dela não se fizer tende a desaparecer.

A imagem, para Didi-Huberman (2012), em “contato com o real” (p. 208) não irá nos evidenciar uma forma de verdade em que seja aplicada uma única forma de interpretação da realidade, sem a presença de ambiguidades. O autor propõe “que a imagem arde em seu contato com o real. Inflama-se, e nos consome por sua vez” (p.208), sendo, pois necessário compreender em que sentidos distintos “arder” alcança uma constituição atual para a imagem.

Para Didi-Huberman (2012) o ardente é complexo e neste segmento sempre adiará a expectativa por uma resposta o que torna a questão em análise persistente e piorada, deste modo, tendendo a arder. Estamos vivenciando um momento de significativa imposição pela imagem nos cenários “estético, técnico, cotidiano, político, histórico” (p.209). A exposição de um arsenal de “verdades tão cruas” (p.209) têm experimentado relevante frequência e intensidade; contudo, nunca houve tantas mentiras “solicitando nossa credulidade”, assim como tantas disseminações aconteceram, bem como a “censura e destruição” (p.209). E a este contexto autor postula a existência indubitável de um “caráter ardente“, onde a imagem experimentou “dilaceramentos, reivindicações contraditórias e tantas rejeições cruzadas, manipulações imorais e execrações moralizantes” (p.209).

Giselle Beiguelman propõe que a relevância das imagens vinculadas à concepção de “classe, gênero e poder político” (p.32) advém do período histórico do Renascimento. Inicialmente reservada “às figuras sagradas, reis, aristocratas e papas e, depois, a políticos e burgueses abastados”, contudo, os meios de comunicação a partir do século XX ampliaram as possibilidades e tornaram possível que uma variação maior de pessoas pudesse integrar o rol daqueles que podiam “se transformar em imagem publicada e passível até de ser arquivada”. Na contemporaneidade, as imagens transcenderam os “planos emolduráveis” para se tornarem os “dispositivos”⁴⁸ de maior significância da sociedade contemporânea. A imagem expandiu seu território de significância e na era do virtual integra um “espaço de reivindicação do direito de projeção do sujeito na tela, subvertendo os modos de fazer (enquadrar, editar, sonorizar), mas também os modos de olhar, de ser visto e supervisionado” (p. 33).

Nas mídias, o instrumento mais poderoso é, sem dúvidas, a imagem. É ela que oferece o lançamento de si e um Eu é formado a partir de especificidades escolhidas e delimitadas, integrando um Eu passível de ser representado. Esse Eu procura ter sua imagem reconhecida e validada pelo Outro como uma linguagem própria, fabricada com base em cada formato de mídia e em cada tipo de Outro que pretende atingir.

Esse processo de “fabricação virtual de si mesmo” foi explorado por Paula Sibila em *O Show do Eu: A Intimidade Como Espetáculo* (2008), que, no panorama de sua exposição crítica, aponta como a elaboração dessa autoimagem ocorre no âmbito virtual e se entrelaça em um processo de individualismo. O usuário das redes parecem estar a todo tempo vociferando e

⁴⁸ Giselle Beiguelman utiliza o termo “dispositivo” a partir de uma perspectiva filosófica, que integra um aparato linguístico e não linguístico, de caráter heterogêneo, que contempla entre tantos aspectos: “discursos e proposições”.

procurando ser único e “especial”, logo, baseado no impulso de imitação, aquele que contempla a imagem também quer ser “especial”.

Mediante esta premissa, o influenciador parece um ser ainda mais “especial” do que todos os outros: além de visto, ele ganha produtos, presentes, experiências, dinheiro, fama e reconhecimento. Quem o assiste tende a elaborar uma construção de ideias acerca das imagens do Eu as quais entrou em contato, realizando suas projeções e agindo posteriormente em reprodução.

A reprodução da imagem se dará tanto por fatores como a sedução implicada no ato da espetacularização, quanto pela reação decorrente de devorar o Outro e ser devorado por ele, pois, de acordo com Baitello (2000) “toda ingestão pressupõe uma excreção” (p. 5). O autor utiliza o termo "excrementos" como meio de simbolizar o resultado daquilo que consumimos a partir das imagens. Da atitude de ingestão – cada vez maior – culmina um processo de reedição, findando que “os excrementos das imagens que devoram imagens serão sempre mais imagens” (p. 5).

As imagens – visuais, auditivas, mentais e conceituais – forneceram subsídios para a criatividade humana elaborar e edificar “sua segunda natureza, sua cultura” caracterizada pela produção desenfreada de estímulos responsáveis por um “inflacionamento na produção de imagens excrementais” (p. 6) que, imbuída de “mecanismos de dependência” (p. 6), propaga-se cada vez mais no imaginário da humanidade, compulsivamente.

Quanto mais elas se oferecem como alimento, mais aumenta a avidez por imagens. Quanto mais aumenta a avidez, menos seletiva e menos crítica se tornam a sua recepção e a sua oferta. Quanto menos seletiva e menos crítica sua recepção, tanto menos vínculos e relações, tanto menos fios e elos, tanto menos horizontes e expectativas, tanto menos consideração por tudo que está ao lado, tanto menos ética, tanto menos história (2000, p. 6).

A crítica que Baitello propõe é de que estamos vivenciando uma nova cultura formatada pelo consumo demasiado de imagens. Quanto mais consumimos, mais produzimos imagens delas derivadas - excrementos. E, de modo inversamente proporcional, os filtros diminuem e, conseqüentemente, a habilidade crítica, assim, a esfera mais impactada por tal processo será o campo das relações, dada a dificuldade adquirida pelo indivíduo em produzir vínculos, pois “de devoradores indiscriminados de imagens passamos a ser indiscriminadamente devorados por elas” (p.6).

O Outro, objeto para quem esse Eu é projetado, já se apresentou de muitas formas na humanidade: Deus, divindades, pais e líderes. Hoje o Outro está representado na curtida, na visualização e no compartilhamento e esse movimento gera a constante necessidade de

adequação, de renovação infinita e inesgotável. Para Empoli (2022) o “diabólico poder de atração das redes sociais” (p.75) decorre da necessidade de “aprovação dos que estão em volta” aonde “cada curtida é uma carícia maternal em nosso ego” (p.75). O autor cita o primeiro financiador do Facebook, Sean Parker quando este aponta as doses de dopamina fornecidas a cada usuário a cada vez que alguém lhe fornece uma curtida, de modo que tal configuração busca tirar “proveito” de um ponto de grande vulnerabilidade na psicologia humana, a validação.

Já o Outro, aquele do lado oposto da tela, devora o Eu da imagem, a crença de que apenas seu conteúdo está sendo consumido é equivocada e ilusória, pois, na verdade, o indivíduo está sendo devorado em sua totalidade. Ele é o produto (VISCARDI, 2021). Esta dinâmica atesta o que Giselle Beiguelman (2021) denominou de “canibalização da tela”, onde para além da formatação, o sentido expressado pelas imagens nas mais diversas redes sociais e em todos os âmbitos estão submetidas a fluência dos “regimes estéticos”, e este regime não é desenvolvido e estabelecido pelo conhecimento técnico e artístico, mas por um “paradigma de consumo e produção” (p.33).

Produtos recebem rótulos, etiquetas e definições, tanto pela indústria que o produz quanto por aqueles que o consomem. Esta é a dinâmica a que a imagem do Eu está predisposta a ser submetida mediante sua alocação coisificada na realidade social, o que se mostra um evidente receio da influenciadora Gabriela Prioli:

Eu sou eu Brasil! Mas aí eu vou te falar, eu sempre que eu dou, eu sempre que dou entrevista eu digo isso e muita gente me critica por causa disso, eu falo: se eu me colocar um rótulo, a pessoa vai ler aquele rótulo na lente dela. Então qual que é o problema, eu falo que é um problema de referencial teórico; você fala A e a pessoa a partir do seu A entende outra coisa, este é o grande problema dos conceitos de esquerda e direita no Brasil, porque embora existam pessoas que dominem e tenham um referencial teórico pra decidir sobre isso, muita gente tá falando sem nem saber do que tá falando; então eu falar pra você assim, sei lá, se eu falasse pra você: eu sou de esquerda! Algumas pessoas chegam falariam: - Haaa, assassina! Stalinista! Comunista! - Não pera, calma! (V7)

As investidas realizadas em Gabriela Prioli com o intento de que ela afirmasse seu posicionamento ideológico político-partidário foram inúmeras. A influenciadora sempre apresentou comportamento esquivo de todas, alegando uma postura de neutralidade e, como no recorte acima, por receio de sofrer com as rotulagens estereotipadas construídas, em muito, segundo ela, a partir do desconhecimento das pessoas sobre reais definições de centro-direita, direita, extrema-direita ou centro-esquerda, esquerda e extrema-esquerda. No entanto, a postura adotada por Gabriela não sustenta o argumento do distanciamento da rotulagem, mas promove

a impressão de que ela própria não compreende o real sentido das representações ideológicas de direita e de esquerda, fomentando o possível desconhecimento de seus espectadores sobre o tema.

Além da ideia de que a opção por uma esfera ideológica partidária iria afastá-la do público das demais, o comportamento esquivo de Gabriela Prioli tenta ainda distanciá-la da construção de uma imagem do Eu que seja atrelada aos estigmas que cada ideologia partidária carrega socialmente, como “*Barbie fascista*” (V1) e “*Stalinista! Comunista!*” (V7). O comportamento de evitação da influenciadora transcende a temática ideológica-partidária, pois ela resiste em entrar em contato com as constatações acerca da imagem de si que o Outro constrói e propaga, como se isso fosse defini-la por certo. E tal construção não surge apenas quando a imagem de analista política, comunicadora e advogada aparece, mas também com a sua representação quanto pessoa. Assim, a imagem de si é alicerçada por ela na mídia sob a ótica de uma suposta intelectualidade neutra, contudo, “não existe neutralidade possível: o intelectual deve optar entre o compromisso com os explorados ou com os exploradores”, tendo em vista que a realidade social é passível de análise e interpretação, segundo Florestan Fernandes (1986, p. 25), e após fazer-se consciente de tais estruturas, o posicionamento é inevitável.

Ainda sob a perspectiva da construção da imagem de si, dos vídeos escolhidos para a análise, dois deles, *Gabriela Prioli – Barbie Fascista* (V1) e *Meus livros favoritos – parte I* (V2), são conteúdos voltados para experiências pessoais de Gabriela Prioli, que expõem detalhes de sua vida pessoal e de seus hábitos de leitura. Neles, a influenciadora oculta a funcionalidade likes e dislikes contidas abaixo dos vídeos, cuja função é servir de “termômetro” do quanto o conteúdo gerou agradabilidade ou não por parte dos usuários. Nos demais vídeos, os conteúdos de análise política possuem a opção de interação para os internautas, mas neste cenário Gabriela Prioli esquia-se da ideia contida de uma definição, de um posto de escolha ideológica que represente sua perspectiva.

O que daí é possível perceber é que Gabriela protege-se do julgamento desse Outro de modo constante. Ser vista e interpretada pelas lentes do Outro não é uma possibilidade viável e é aparentemente desconfortável sob o ponto de vista pessoal e profissional, já que, neste último, ela prefere designar-se em uma postura de neutralidade e não definição, demonstrando comportamentos que sugerem uma tendência constante à evitação e esquia. Essa atitude entra em confronto com um elemento corriqueiro das Mídias Sociais, que é estar sob o jugo do outro.

Vale ainda pontuar que vídeos foram uma estratégia da influenciadora de romper o imaginário de “patricinha” e “burguesa” atrelado à sua imagem a partir da narrativa de sua

história de “garota suburbana”, pois o conceito que Gabriela se propõe a construir por meio de encaixes de peças foi o de alguém que adveio de um cenário de limitações, que não teve família com recursos financeiros que lhe fizesse catapultar na vida e que sua história de sucesso foi proveniente de ajuda e de esforço próprio por meio dos estudos, o que em muito aproxima-se da narrativa estadunidense do *self made man*⁴⁹:

Eu fui muito ajudada, eu sei dessas coisas, e embora algumas pessoas tenham a visão de que se você dá a mão né, cê pode gerar uma dependência, eu vi que isso não fez com que nem eu nem minha família ficássemos dependentes de nada, a gente só... só teve apoio quando a gente precisou, sabe? Quando a gente não ia conseguir sozinho, a gente precisava de uma muleta ali e entregaram para gente; então é... quando vocês perguntam como que eu formei minha visão de mundo, porquê que eu penso desse jeito, como é que eu construí a minha percepção, acho que vou por isso, por causa dessa história, pelo que eu vivi e eu tô olhando ali que já tá dando 17 minutos, então eu vou parar agora, e eu falo mais, mais, pra frente porque... há! Porque vai ficar grande, e aí eu falo depois, dá, de como as coisas foram melhorando e como elas chegaram até hoje e sobre as minhas escolhas, enfim, mas é isso espero que vocês gostem de me conhecer um pouquinho mais, eu tô... eu sou extrovertida, mas eu tô tímida... é isso, tchau! (V1).

Entre o indivíduo advindo de uma realidade social de base disciplinar e aquele da sociedade do espetáculo há uma distinção importante, que está no peso que o olhar do Outro possui. Enquanto no primeiro modelo de sociedade há uma preocupação quanto à vigilância que o Outro exerce sobre o cumprimento de regras e padrões, na sociedade do espetáculo a preocupação sedimenta-se em como o Outro te percebe e te conclui, pois, mostrar-se é quase que o novo sistema de condutas da modernidade.

Essa evidência aos olhos do Outro é um movimento próprio da sociedade tecnológica (MARCUSE, 2015), com grande responsabilidade das mídias, que agem no fomento de uma “visibilidade mediada”, de acordo com Thompson (2008), onde tudo está cada vez mais visível – ações, acontecimentos e pessoas – de modo proposital e cada vez mais impossível exercer controle, tendo em vista que “o avanço das mídias comunicacionais transformou a natureza da interação social” (p. 17). A visibilidade se vincula com as capacidades sensoriais que se integram e normalmente se mostra “acompanhada pela palavra falada ou escrita – trata-se do áudio-visual ou do textual-visual” (p. 21) em uma condição de espaço-tempo que se estrutura em um “aqui e agora” (p. 17). Deste modo, o tipo de visibilidade proposta pela mídia possibilitou que tanto a informação quanto “o conteúdo simbólico fossem transmitidos por largas distâncias, com pouco ou nenhum atraso” (p. 23). Assim, uma “intimidade não-recíproca

⁴⁹ Termo advindo da literatura estadunidense, que representa a figura arquetípica do homem que constrói a si mesmo a partir de seus próprios méritos. Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/self-made+man>

à distância” (p. 24) se instaurou entre os usuários das redes. A oratória com linguagem íntima e a opulência dos recursos de imagem sugere àquele que assiste a ideia de familiaridade, de amizade para com o indivíduo que se mostra, deduzida a partir das “expressões faciais, aparência, modos e sua linguagem corporal, entre outras coisas - com a atenção antes reservada àqueles com quem se tinha uma relação pessoal íntima” (p. 24).

Então, ainda segundo Thompson (2008), essa construção de intimidade não só gera pessoas que idolatram, amam e veneram o indivíduo exposto nas mídias, mas também fornece uma ideia de que na intimidade tudo pode ser dito. Essa concepção de proximidade com o Outro também é responsável pelos ataques, pois fomenta a projeção de sentimentos de raiva e ódio. A visibilidade oriunda das mídias facilitou que conteúdos outrora contidos e ocultos porque não era acessado por esse Outro, agora escorreguem pelas bordas digitais, pois se “criou um terreno complexo de circulação de imagens e de informações” (p. 25) que se mostram difíceis de serem controladas, capazes, inclusive, de “burlar e minar a apresentação bem planejada de líderes políticos e de outras pessoas” (p. 25), tamanho é o poder dos usuários na rede.

4.5 O valor agregado na imagem do Eu da influenciadora digital

O mercado de marcas obviamente enxergou a oportunidade estratégica de fazer do influenciador digital uma ferramenta de marketing poderosa, visto a concepção atrelada à sua imagem de personalidade, credibilidade, de proximidade com as pessoas que participam de sua comunidade e o distanciamento de uma conduta que se configura como meramente mercadológica. A grande maioria das pesquisas que tematizam o influenciador digital possuíam como enredo a compreensão entre a comunicação e as influências do comportamento de compra. E agora, mais do que nunca, o influenciador digital é uma marca que está presente em campanhas publicitárias na televisão e em múltiplas plataformas internet, em revistas, outdoors e nas listas de livros mais vendidos. A comercialização hoje se engendra nas postagens que ele faz em seu canal e demais redes sociais, a partir da publicidade presente nas postagens, na monetização dos vídeos e na presença vip em eventos, ou seja, tudo se fundamenta a partir de sua imagem e não apenas no conteúdo que publicado.

Isso só se faz possível dada a reputação desenvolvida ao redor da imagem do Eu, e esse movimento tende a ser conduzido sem muita dificuldade, visto que nas mídias há um espaço onde os elementos podem ser segmentados e elaborados, formatando-se uma imagem adequada - baseada em um padrão amplamente aceito na comunidade daquele que divulga e daquele que

consome - para exposição no universo digital. Aqui nós temos um cenário que ilustra o conceito de Reputação, um dos valores primordiais elaborados no âmbito das redes, define Raquel Recuero no texto *Reputação, Popularidade e Autoridade em Redes Sociais na Internet* (2008). As informações oriundas daquilo que alguém é e daquilo que ela pensa fornecem fundamentos para que o outro construa um esquema de impressões, mas que não é o único responsável pela esquematização da reputação, pois existem outros fatores implicados.

Alguns elementos fogem do completo controle na construção da imagem do Eu nas Mídias Sociais. A possibilidade com a qual os sistemas da Internet agem na manipulação das impressões pelos usuários, as “impressões emitidas” (RECUERO, 2008, on-line) influenciam na reputação nas Mídias Sociais, ou seja, aqui é dado um valor para aquilo que o Outro percebeu e modelou a respeito de quem ele viu. Nesse contexto é possível constatar que a quantidade de seguidores não é necessariamente capaz de representar a real reputação de um influenciador, pois “a reputação é uma percepção qualitativa *per se*. Todos os nós em uma rede social possuem reputação” (RECUERO, 2008).

Já o valor vinculado à audiência, perceptível a partir das conexões de alguém nas redes, pode ser designado como popularidade, que segundo Recuero (2008) é algo mais fácil de ser visualizada e mensurada, pois “trata-se de um valor relativo à posição de um ator dentro de sua rede social” (RECUERO, 2008). A métrica é quantitativa, podendo ser realizada a partir de números de seguidores e das interações estabelecidas por eles nas redes, além das referências e marcações vinculadas ao perfil.

A popularidade não está vinculada à concepção de autoridade do indivíduo na rede, mas à sua reputação. Alguém pode tornar-se influenciador por ter conteúdos muito ruins e que soem engraçados entre os usuários da rede e isso não significa que ele tenha autoridade sobre o assunto que aborda.

A autoridade é mais uma forma de valor dentro das mídias, de acordo com Recuero (2008), sendo uma métrica que consegue apresentar - aliada à reputação - um panorama concreto da influência nas redes. A autoridade é visualizada por meio de ações onde a informação esteja sendo difundida nas redes sociais, assim como a forma como os demais usuários recebem e interagem com essa informação, demonstrando, assim, o valor contido nesse conteúdo. Recuero segue exemplificando:

A autoridade de um ator no Twitter, outro exemplo, poderia ser medida não apenas pela quantidade de citações que um determinado ator recebe, mas principalmente pela sua capacidade de gerar conversações a partir daquilo que diz (o que não é, necessariamente, um sinônimo de citação). Como muitos atores utilizam o twitter como uma fonte de informações (vide o trabalho de

Honeycutt & Herring, 2007, por exemplo), há uma possível capacidade de gerar autoridade (a partir da influência) muito grande no sistema. Portanto, o número de seguidores de um perfil no Twitter poderia ser, também, uma medida de autoridade (RECUERO, 2008).

Assim, é possível concluir que esses três elementos implicam diretamente na forma como as ações serão moldadas e esquematizadas nas Mídias Sociais para que a construção da imagem do Eu seja divulgada. Essas referências conseguem destacar o influenciador digital das pessoas “comuns”, mas não o suficiente para fazer dele uma celebridade. Essa imagem mais acessível, mais próxima do Eu dos seguidores é um forte fator de influência nas redes, pois, como dito anteriormente, sugerem pessoalidade, proximidade e intimidade aos seguidores. E essa concepção de intimidade possui grande relevância no processo de consumo do conteúdo e da pessoa do influenciador feita pelos seguidores.

A forte associação entre a imagem *per se* do influenciador com o conteúdo que ele produz é mais frequente naquele que possui maior evidência nas mídias. Isso se dá em virtude da mais alta predisposição ao investimento feito pelo mercado de marketing (KARHAWI, 2017). A mídia tradicional utilizou-se por muito tempo de uma descaracterização da imagem como forma de produzir e disseminar informação, pois “nós fomos receptores de uma mídia “sem rosto”, de informações produzidas por jornalistas, colunistas, formadores de opinião que desconhecíamos” (p. 48). Por outro lado, na realidade contemporânea a identificação de um rosto é primordial em qualquer produto ou conteúdo propagado pela mídia (KARHAWI; SAAD-CORRÊA, 2015). Deste modo, a identificação com a imagem produz um vínculo mais sólido, a intimidade sugere uma evolução da posição de meras receptoras de conteúdo e fornece a sensação de poder, dada a ideia de proximidade.

Essa hiper valorização do conteúdo, sobretudo da imagem, é um processo definido do “Eu como commodity” na visão de Karhawi (2017), ou seja, a reificação do indivíduo. Elaborar uma imagem ou marca junto a mídia passível de um “valor de troca do próprio autor” (p. 49) só possui espaço de existência mediante as condições sociais as quais vivemos, caracterizadas por “uma sociedade que enaltece a imagem pessoal, que valoriza aquilo que se mostra aos olhos de quem quer ver” (p.49).

Gabriela Prioli realiza ações publicitárias em segmentos variados, como produtos e acessórios de maquiagem, grifes de roupas e equipamentos tecnológicos. E sua imagem obteve ascensão significativa no meio mercadológico. Em matéria divulgada pelo portal Exame, o período pandêmico provocado pelo coronavírus promoveu uma mudança estratégica nas ações de marketing propostas pelas empresas, que se propuseram a considerar as diferenças existentes entre influenciadores e “passaram a priorizar criadores de conteúdo com causa” e não apenas a

publicização para a venda dos produtos (BONFIM, 2020). Gabriela obteve notoriedade neste período, sendo cotada por grandes marcas.

Guy Debord, em *A Sociedade do Espetáculo* (1997), pontua que o espetáculo se constitui como uma configuração de sociedade caracterizada pela vida real miserável e segmentada, assim os indivíduos se veem na obrigação de entrar em contato, bem como a consumir de modo passivo o jogo de imagens ofertadas, sobretudo daquilo que lhes é escasso, pois na visão do autor o espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (p.22). Deste modo, realidade e imagem produzem um movimento de retroalimentação estimulado, sobretudo, pelas carências e necessidades da vida real.

Deteriora-se o ser em função do ter e na sociedade do espetáculo, a supremacia se ambienta no ato de aparecer. Anselm Jappe, em *A Arte de Desmascarar*, texto que introduz a obra de Guy Debord (1967), aponta que “As relações entre os homens já não são mediadas apenas pelas coisas, como no fetichismo da mercadoria de que Marx falou, mas diretamente pelas imagens” (p. 5). Entendendo que na sociedade capitalista a mercadoria se embasa na predisposição à troca mediante um valor agregado, todo o arsenal qualitativo entra em desvalor em comparação à sua predisposição quantitativa. O processo de alienação social obteve seus níveis mais altos no espetáculo dada a completa subjugação do indivíduo que ambienta na imagem uma forma de concretização do mundo real, culminando “que o homem se crê governado por algo que, na realidade, ele próprio criou” (p. 6). Deste modo, o espetáculo se faz presente e atuante no cotidiano social dominante de formas distintas, seja com “informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos” (p. 23).

Para Marcuse (2015), a combinação entre a propaganda com segmentos que disseminam conteúdos sobre política, arte e filosofia, por exemplo, nos meios de comunicação atuam trazendo os “domínios da cultura ao seu denominador comum – a forma mercadoria” (p. 86). O que vai ao encontro da percepção amplamente creditada entre o público e os influenciadores, em que eles que ditam e protagonizam o que será e o que não será comercializado como uma estratégia de rompimento do sistema mercadológico, o que, na visão do autor, configura-se como um engano.

5 SOBRE A EDUCAÇÃO EM POLÍTICA PARA A CONSTRUÇÃO DE UM POSICIONAMENTO CRÍTICO

“Política não se discute!”. A corriqueira expressão popular representa o modo imaturo com o qual enxergamos o engajamento e a cultura política. É a experiência de viver uma democracia em amadurecimento e ameaçada. Fato potencializado por estarmos passando por uma das maiores crises da história, permeada de corrupção, omissão, descaso, desvios de recursos públicos e irregularidades em todos os cenários das esferas do governo brasileiro (VERGARA, 2021). Se pensarmos que não se costuma aprender e discutir política nas escolas, nas famílias, nos grupos sociais, no trabalho e entre os meios de convivência coletiva, como o indivíduo conseguirá analisar e se posicionar frente a tal realidade?

A sociedade grega tinha por hábito o interesse pela vida pública por parte dos cidadãos. Na *polis*, o bem comum se sobressaía aos interesses individuais, sendo denominado por ignorante aquele que se dispusesse a enxergar apenas a si mesmo frente ao social e coletivo. É na Grécia Antiga que os fundamentos sobre democracia começam a ser instituídos, ainda que apenas uma pequena parcela dos homens livres fosse considerada “cidadão”.

É sabido que a construção histórica do país e de suas instituições produziram interferências significativas na formação cultural política da população. É necessário atentarmos para a herança autoritária portada pelo Brasil, assim como a recente instauração do regime político democrático. O atual modelo democrático permite-nos um agir participativo perante os interesses da coletividade, sobretudo por meio do voto. A convocação para proferir decisões de impacto por meio de ferramentas de consulta popular, como plebiscitos e referendos, representa uma imensa responsabilidade, bem como o poder que o povo ainda pode obter sobre sua realidade social. Adorno, no texto *Educação - Para Quê?* (2020) destaca que, para uma democracia possuir efetividade, ela necessita que as pessoas que a integram sejam emancipadas, pois “a produção de consciência verdadeira” é, segundo o autor, o elemento de maior relevância da política.

Contudo, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) em relatório divulgado em 2016, apresentou que 41% dos brasileiros não possui interesse por política, uma classificação desanimadora no quesito engajamento político, que nos colocou como segundo país do mundo menos engajado no tema (FORBES, 2016).

Segundo dados⁵⁰ do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), em 2022 o Brasil conta com 156, 456.011 milhões de pessoas votantes⁵¹. Deste quantitativo, 82.373.164 é composto por eleitoras, equivalendo a 52,65%, enquanto que 74.044.065 é constituído por homens, representando 47,33% do total. Existe ainda 36.782 pessoas votantes que não apresentaram tal definição, somando um total de 0,02%. Vale ressaltar que, a partir de 2018, a Justiça Eleitoral permitiu a utilização do nome social no título de eleitor, assim, nas últimas eleições, ocorridas em 2020, 9.985 pessoas puderam usufruir de tal direito em seus documentos de identificação (VERDÉLIO, 2020).

Com um número expressivo de votantes e que, em tese, não possuem interesse por política, a participação no nosso modelo democrático poderá se fazer comprometida. Não é possível afirmar quais seriam os motivos geradores de tal realidade, contudo, a falta de educação política acessível à população pode ser um fator significativo para desembocar em tal circunstância. É, contudo, preciso considerar que vivemos em uma democracia formal, que se realiza somente através do voto, não uma democracia radical, em que há de fato participação popular na política.

Contudo, esta dinâmica não se explica unicamente pelo viés da ignorância ou desinteresse da população. É importante ressaltar que “a razão última para essa ignorância pode muito bem ser a opacidade da situação social, econômica e política” (ADORNO, 2019, p. 351) com a qual os indivíduos distantes dos postos administrativos e de comando da sociedade se situam. Deste modo, “os recursos de conhecimento acumulado e do pensamento teórico” (p.351) vão naturalmente se configurando, completamente alheios à realidade de grande parte da população. Adorno completa afirmando que “nosso sistema social tende a objetivamente e automaticamente a produzir ‘cortinas’ que tornam impossível para a pessoa ingênua realmente ver o que acontece” (p.352). Assim, as instâncias econômicas e sociais se fortalecem cada vez mais por circunstâncias objetivas que, de modo proposital e automático, optam por manter as pessoas convenientemente na ignorância.

O sociólogo e doutor em ciência política Humberto Dantas relatou em entrevista concedida ao jornalista Adalberto Pinto no canal do YouTube da FecomercioSP que o eleitorado brasileiro tem demonstrado maior interesse em proferir discussões a respeito de temas importantes, como política. Ele relata que “o palpite, a opinião é algo entre o ignorar e o

⁵⁰ TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Brasil tem mais de 156 milhões de eleitoras e eleitores aptos a votar em 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2022/Julho/brasil-tem-mais-de-156-milhoes-de-eleitoras-e-eleitores-aptos-a-votar-em-2022-601043>. Acesso em 20 de jul de 2022

⁵¹ Incluindo eleitores do Distrito Federal e de Fernando de Noronha, além dos brasileiros residentes no exterior.

conhecer”⁵², afirmando que a aproximação com estratégias de educação política é fundamental para o exercício democrático, de modo que educação e/ou informação “são um pilar da democracia”.

O isolamento social provocado pela pandemia por coronavírus mobilizou as pessoas a aumentarem o uso de conteúdo digital na internet, sobretudo de áudio e vídeo (E-COMMERCE BRASIL, 2020). A empresa Google divulgou que em 2020 as eleições brasileira e americana estiveram entre os conteúdos mais pesquisados no buscador, ocupando o ranking de terceiro e quarto lugares, respectivamente (GOOGLE TRENDS, 2020). E, nesse mesmo ano, Gabriela Prioli foi contemplada com o Prêmio Influenciadores Digitais 2020, na categoria economia, política e atualidades, premiação que utiliza como metodologia:

São considerados todos os perfis dos influenciadores: página no Facebook, perfil no Twitter, perfil no Instagram e canal no Youtube. Popularidade: Base de fãs nas redes sociais avaliadas. Engajamento: Soma de interações nos posts publicados. A classificação é determinada pelo ranking de perfil mais popular + ranking de perfil mais engajado = classificação final.⁵³

É relevante considerarmos a dinâmica de influência distinta que as mídias podem proporcionar em um cenário eleitoral. Para Henry Jenkins (2015) nas campanhas presidenciais, os candidatos conseguem alcançar uma formação de sua base de eleitorado na Internet, contudo, a televisão se faz necessária para ganhar as eleições. E isso se dá porque, segundo o autor, “A Internet atinge os militantes, a televisão, os indecisos” (p.303). Assim, o que isso propõe é um processo de transição, no qual o papel político da Internet está alcançando espaço de expansão, contudo, sem experimentar regresso no poder que outras mídias, como a radiodifusão são ainda capazes de obter. Jenkins (2015) segue pontuando que, a compreensão deste processo de mudança é possível de ser realizado através do conceito de “culture jamming⁵⁴”, uma “tática política que refletiu a lógica da revolução digital, e o bloguismo, que parece mais emblemático da cultura da convergência” (p.304). Contudo, Jenkins (2015) aponta que a televisão precisou modificar sua estratégia de conexão com o telespectador, de acordo com “líderes da indústria”, por estar “perdendo os espectadores mais jovens” tendo em vista que as expectativas destes agora estão centradas em “exercer maior influência sobre a mídia que consomem” (p.337).

⁵² FECOMERCIO SP. Educação política como instrumento de transformação. Youtube, 19 ago 2015. Disponível em: <https://youtu.be/YDjhScjbgR4>. Acesso em 14 jul 2021.

⁵³ PRÊMIO INFLUENCIADORES DIGITAIS 2020. Disponível em: <https://www.premioinfluenciadores.com.br/> Acesso em: 14 de jul de 2020.

⁵⁴ Culture jamming: cultura de influência

No que tange a necessidade de estudar e compreender sobre política para elaborar um posicionamento crítico frente às situações da realidade são presentes no discurso produzido nos conteúdos da influenciadora:

Eu, claro, sugiro que a gente se aperfeiçoe e que a gente estude, pra gente discutir cada vez melhor e não ser manobrado, mas a pessoa não pode falar pra você e falar que você não tem o direito de discutir aquilo porque você não tem uma formação boa, ou o que você não aprendeu na escola, que que isso? A gente tá falando então que só quem é da elite tem o direito de decidir os rumos do país? Não, não gente [...]

A influenciadora em vários momentos, como no recorte acima, aparenta ser dotada de criticidade e consciência frente ao processo de análise da realidade, tendo o conhecimento arregimentado como modo eficaz de rompimento com a alienação, ressaltando a relevância de prover reflexão sobre o que e a quem as informações e conteúdos propagandeados e divulgados obedecem:

Amiga, isso é estratégia de dominação. Vou te falar do seu mercado; quanto menos pessoas entenderem do seu mercado... funciona igual pra tudo. A gestão do conhecimento, do exercício de poder é algo muito significativo” (V2).

No trecho acima, Gabriela se propõe a conscientizar a cantora Anitta acerca dos processos de sujeição presentes na sociedade, que agem em alienação, culminando em controle e subserviência, ou seja, a influenciadora esboça novamente sobre o rebuscamento existente no pensamento que ampara sua crítica. O discurso sugere, ainda, ciência de que a estratégia para não sucumbir à manipulação – inteligente e perspicaz – se daria através do conhecimento. Contudo, essa retórica não se mostrou sólida e constante, visto que as contradições contidas em seu discurso apresentaram - se ao longo das produções de um modo sutil. Foi percebida uma oscilação: ora o discurso atendia à esfera da crítica emancipadora, ora lançava-se à lógica que atende aos interesses mercadológicos a quem a indústria cultural é senhora.

Ao pensarmos sobre as temáticas as quais os questionamentos dentro do escopo da educação política são fundamentados, vemos um cenário constituído muito mais de questões voltadas para as “relações políticas, da constituição, da estrutura partidária, do pluralismo, deposição das empresas e sindicatos e de outras questões do tipo” (ADORNO, 2008, p. 139) do que temas direcionados para as “referências sociais, questões efetivas do poder e da disposição acerca dos meios de produção e da riqueza social situadas por trás de tais fenômenos” (p.139). Viver em uma democracia suspira em uma lógica formal, pelo amparo de uma base educacional que fomenta o conhecimento em profundidade, contudo, ao mesmo tempo em que isso é estimulado, a evitação acerca de questionamentos indigestos que “pudessem de algum modo

promover perspectivas limitadas a posições político-partidárias” (p. 140) são preferidos. Ou seja, a liberdade advinda da democracia apresenta em seu escopo resistências e limitações quanto aos reais conflitos existentes, pois poderiam soar como um ato onde se estaria “abusando da educação política para perseguir fins partidários e coisas semelhantes” (p.140).

A emancipação é uma condição intrínseca à democracia. No entanto, Adorno alerta que “a educação não é necessariamente um fator de emancipação” (2020, p.11), do mesmo modo que o processo de escolha representativa eleitoral se configura como um ato individual, para Adorno (2020) a democracia também “repousa na formação das vontades de cada um em particular” (p.185), sendo pois necessário mergulhar-se em decisão e coragem de “servir-se” do entendimento por si mesmo, “sem a orientação de outrem” (p.186) ou seja, um processo de educação realizado de maneira massificada ou fruto de mera absorção representaria apenas um “condicionamento social” (p.11), não garantindo que a transformação ocorresse, mas findando em converter as pessoas em “mera presa da situação social existente” (p.11). Deste modo, a entrega de conteúdo informativo por meio das mídias em si mesmo não garante transformação, sobretudo para o alcance de um processo democrático efetivo.

5.1 O conceito de conteúdo político: a contradição entre o simplista e o complexo

No vídeo *Anitta me desafiou a explicar política de forma simples. Será que consegui?* (PRIOLI, 2020) a influenciadora responde a perguntas realizadas pela cantora Anitta acerca de elementos básicos e introdutórios sobre política, o que angariou um arsenal significativo de acessos, chegando a ocupar o ranking de segundo vídeo mais visto no canal⁵⁵, contabilizando 545.544 mil visualizações.

A gente abordou de uma forma simplificada alguns conceitos de política sobre os quais as pessoas muitas vezes tem dúvidas mas tem vergonha de perguntar; então eu vou compartilhar esse conteúdo aqui com vocês e sugiro que vocês compartilhem com seus amigos pra gente conseguir difundir o conhecimento (V7).

Na chamada de abertura para o vídeo, a influenciadora propõe aos internautas verificarem o conteúdo publicado a partir de uma embalagem atraente, ou seja, compreender conceitos básicos sobre política “*de uma forma simplificada*”.

Adorno (2019) aponta que notícias, comentários, assim como os demais conteúdos sobre política transmitidos pelas mídias, normalmente são consumidos em situações de lazer,

⁵⁵ Considerando o recorte temporal o qual os dados foram colhidos na plataforma, ou seja, até o dia 31 de março de 2021.

segmentados como escopo de entretenimento. Assim, a política é delimitada pelas pessoas na mesma categorização de conteúdos como filmes, séries, novelas, e esporte, ou seja, não estão diretamente implicados em uma participação direta no processo democrático. Logo, o emprego de características que sugerissem complexidade e dificuldade ao produto anunciado não soaria atraente para o cliente que passeia entre tantas opções disponíveis na plataforma do YouTube.

Assim, além da premissa de que o propósito da política é servir ao entretenimento, a ela também são atribuídas algumas características oriundas da cultura americana, como o caráter de desvalor, de decepção e de sujeira, onde “uma pessoa respeitável deve ter pouca relação” (p. 344).

No vídeo mais visualizado do canal, intitulado: *Quem sai ganhando com o vídeo? O presidente ou a oposição?* (V1), Gabriela surge em uma metodologia que se distingue do padrão dos demais vídeos:

Olá pessoal, estou inaugurando uma nova forma de gravar nesse canal, que é o Breaking news de pijama, porque eu tô aqui de pijama na minha casa para conversar rapidamente com vocês sobre esse vídeo que foi divulgado pelo Ministro Celso de Mello do Supremo Tribunal Federal, da gravação daquela reunião de ministros, então, todo mundo só falando disso, principalmente porque essa seria a bala de prata da acusação do ex-ministro Sérgio Moro, é... no sentido de que o presidente da República Jair Bolsonaro, tava tentando interferir politicamente para proteger a sua família na Polícia Federal (V10).

Aqui, Gabriela Prioli adota uma postura descontraída, vestida em seu pijama - de modelo tipicamente americano - e no que se assemelha a uma bancada de telejornal, a influenciadora propõe a imersão em um caso de impacto no cenário político brasileiro da época. Desse modo, com sutileza e descontração, sua abordagem analítica vai se desenvolvendo. É possível que seu intento tenha sido de permitir maior alcance e aceitação por parte do público a um conteúdo que, em essência, demanda complexidade na retenção e elaboração. Contudo, esboça a inevitável adesão aos aspectos preconizados pela indústria cultural como estratégia de mercado, que se utiliza dos métodos já delimitados de adentrar ao gosto popular e, conseqüentemente, garantir a sobrevivência no universo digital e, não necessariamente, atender à premissa de fomentar a crítica e a reflexão. Esse é um ponto significativo de contradição frente à postura e ao discurso consciente demandado em outros momentos pela influenciadora.

Figura 6: Gabriela Prioli, sentada de pijama com estante de livros ao fundo.



Fonte: Canal do Youtube Gabriela Prioli, vídeo *Quem sai ganhando com o vídeo? O presidente ou a oposição?* De 23/01/2021 – captura de tela.

Imbuída nesse cenário paradoxal de repulsa e passatempo, a política é elaborada a partir de uma perspectiva simplista e superficial, visto que seu histórico de desencantamento social não a torna digna de demandar nem esforço nem tempo de “uma pessoa respeitável” em compreendê-la. Assim, produzir conteúdo cuja proposta inicial sugira um processo longo e complexo de maturação pode soar contraproducente à lógica cultural e mercadológica contemporânea. Logo, não vinga, não gera aderência e culminaria por cair no desgosto popular.

Nos laços do desenvolvimento de sua argumentação, Gabriela chega a reconhecer a incompatibilidade que o conteúdo tem com uma perspectiva simplista, de modo que é possível observar a linha de raciocínio confuso, que contradiz a ideia chamariz abordada na abertura do vídeo, visível nos recortes que se seguem:

[...] Quando a gente discute política, não adianta a gente querer simplificar demais porque as coisas não são tão simples; muitas vezes as pessoas me pedem assim amiga, tipo - aí me fala um livro para entender política! - Não é tão simples assim, é uma construção. É mais ou menos como se eu chegasse pra você e falasse assim - Como você faz pra lançar um hit? - Tem um monte de coisa que importa não tem? (V7).

Então quando eu joga esse monte de informação, e esse é o grande problema da simplificação, por isso que é bom a gente ir conversando, e eu acho que tirando essa impressão de que as pessoas são oráculos, de que para você entender políticas você precisa ter tudo decorado (V7).

A narrativa de promover conteúdos sobre política que gerem educação para a crítica é fortemente atravessada pelos discursos paradoxais entre a simplificação e a complexidade. Garantir a simplificação de seu aprendizado é uma ideia mais atraente ao público e ao mercado.

Já a complexidade mostra-se como um aspecto mais fidedigno e concreto frente ao arcabouço prático-teórico que o tema representa, entretanto, pode soar enfadonho, cansativo e aversivo. Aqui é possível interpretar que a dinâmica de contradição presente vincula-se ao preceito da forma com que o conteúdo é trabalhado pela influenciadora.

6 “MAIS RAZÃO E MENOS EMOÇÃO”: A BUSCA PELA POTÊNCIA NAS MÍDIAS DIGITAIS

O discurso que elevou a influenciadora Gabriela Prioli do anonimato para o estrelato das Mídias Sociais esteve fortemente pautado na exaltação da técnica e da racionalidade como fundamentação do pensamento e da crítica. Este aspecto se repete em muitas das suas falas ao longo dos vídeos analisados, culminando, inclusive, no jargão que antecede a apresentação de seus vídeos:

“Olá pessoal, como eu sempre digo, a partir de agora menos emoção e mais razão”
(V9).

Em vídeo realizado com palestra para a série de conferências TEDx (Tecnologia, entretenimento e designer) intitulado: *“Menos emoção e mais razão”*, Gabriela Prioli compartilhou com o público sobre sua percepção de convocar a razão para a análise da realidade e para a defesa de argumentos que venham a atuar na formação de opinião, deixando explícito nessa ocasião que considera a relevância e o lugar das emoções no “viés cognitivo”. Segundo ela, há uma tendência das pessoas em analisar uma determinada proposição com base no discurso de afinidade, ou seja, pessoas elaboram seus posicionamentos pelos seus afetos, acreditando que o fazem de modo estritamente imparcial e objetivo. Isso, por sua vez, dificultaria a mudança de opinião frente a qualquer assunto, pois estaríamos no posto de resistência em ouvir o que o outro porta de contra-argumento. Gabriela segue sua argumentação explanando que não acredita na existência de um ser humano que se porte de maneira estritamente racional, contudo, chamar a racionalidade para o debate sugere a interpretação do mundo a partir da realidade e não de uma idealização, permitindo, assim, a construção de um debate descentralizado na ideia de ataque e defesa, mas que atue na dinâmica – neoliberal – de propor soluções. Segundo a influenciadora, esse também é um caminho viável para administrar uma “visão própria e não incorporada” sobre determinada realidade, e controlar a nós mesmos poderia viabilizar-nos melhores experiências de vida.

O duelo emoção *versus* razão é um antigo paradigma da humanidade. A crença de que no funcionamento da mente existem áreas distintas que separavam os mecanismos responsáveis pela elaboração das emoções daqueles que estruturam o funcionamento da razão fez-se por

muito tempo no imaginário das pessoas, inclusive os proeminentes sistemas filosóficos foram instituídos a partir de tal premissa (HORKHEIMER, 2007).

6.1 Razão e emoção à luz do pensamento filosófico grego

A palavra emoção é originária do latim *emovere*. Traz o significado de uma “ação de sensibilização; um processo aonde os sentimentos são submetidos à perturbação, ou, ainda, como uma intensa reação afetiva capaz de proporcionar alterações fisiológicas nos sistemas respiratório e circulatório (MICHAELIS, 2021). Como um fenômeno psicofisiológico efêmero, trata-se de um processo que surge a partir de reações a estímulos naturais e cognitivos que podem propor mudanças relevantes na neurobiologia do indivíduo (LEVENSON, 1994).

O dicionário Michaelis (2021) apresenta 18 possibilidades com a qual a palavra Razão se conecta em sentido, entre elas, 7 são destinadas ao campo da filosofia, 4 à matemática e as demais contemplam o âmbito do senso comum, ou seja, uma faculdade humana por meio da qual o homem obtém a condição de proferir racionalização, seguida de julgamento adequado, para, então, poder agir mediante princípios específicos. É também sediado dentro da esfera do equilíbrio, da ponderação, justificando um melhor embasamento para se obter também o jugo de outrem.

No que tange à perspectiva filosófica, é possível notar que as percepções sobre emoção e razão não são lineares. Platão foi um dos primeiros a introduzir tal conceitualização na sociedade. Tido como o pai do idealismo, ele encontrava na racionalidade um meio de alcance à inteligibilidade. Platão entendia que o conhecimento deveria ser completamente autônomo das sensações, distanciando-se de qualquer influência baseada em sentimentos, opiniões, crenças e que, de algum modo, sugerisse circunstancialidade e pluralidade. As ações deveriam, pois, estar sempre embasadas no fundamento da razão, determinando um caráter sábio, visto que agir pelo cunho emocional seria mobilizador de enganos, logo, levaria à ignorância.

Platão reconhece a alma como uma faculdade que se mostra hierarquizada, aonde a camada racional (*nous*) exerce comando sobre a vontade (*tímos*) e o apetite (*epítimia*). E em metáfora para seu raciocínio, ele elege para a razão um cocheiro que guia e domina os dois cavalos que representam as outras almas, irascível e concupiscível (MONDIN, 2002).

O mundo interior, por sua vez, é sensível e repleto de paixões, originando conhecimentos circunstanciais, imprevisíveis e falsos. Assim, na visão do filósofo ateniense, a responsabilidade pela condução das nossas vidas é destinada à razão, fornecendo a virtude da sabedoria (*sofia*), seguida pela vontade, que produz a coragem (*andréia*), e pelo apetite, cujo

domínio estaria diretamente vinculado à produção de autocontrole (*sofrosine*). O desenvolvimento de tais virtudes culminaria em justiça, visto o equilíbrio produzido pela razão. Já quando o homem era dominado pelas paixões, era visto como déspota, injusto e mau (BRANDÃO, 2008). Deste modo, Platão enxergava a paixão como uma faceta apoiada em forças obscuras, que culminavam no impedimento da virtude da razão.

Aristóteles se posicionava de modo diferente em relação ao seu mestre e ao dualismo psicofísico com o qual a emoção era dirimida, não a enxergando nem como um vício nem como uma virtude, podendo ela integrar uma satisfatória vida humana a partir da possibilidade de existência de harmonia entre as afecções do nosso segmento não racional, desejos e emoções, com a esfera da razão prática. Contudo, como racionalista, ele abordava o caráter nocivo das emoções mediante circunstâncias de desequilíbrio, caracterizando as paixões como deficientes ou excessivas.

Na tese intitulada *A racionalidade das emoções em Aristóteles*, de Juliana Santana de Almeida (2017), que propõe um estudo acerca da natureza das emoções, bem como qual seu papel na teoria da felicidade de Aristóteles, a autora sugere, a partir do vocábulo afecções utilizado pelo filósofo na obra *Metafísica*, a tradução para a palavra emoção, correlata às representações contemporâneas do termo, assim se seguindo:

- (1) Afecções significam, em um primeiro sentido, uma qualidade segundo a qual algo pode se alterar: por exemplo, o branco e o preto, o doce e o amargo, o peso e a leveza e todas as qualidades deste tipo.
- (2) Noutro sentido, afecção significa a atuação dessas alterações, isto é, as alterações que estão em ato.
- (3) Ademais, dizem-se afecções especialmente as alterações e mudanças danosas e, sobretudo, os danos que produzem dor.
- (4) Enfim, chamam-se afecções as grandes calamidades e as grandes dores (ARISTOTELES, 2001 *apud* ALMEIDA, 2017, p. 18).

É inevitável que emoções e desejos não estejam presentes e tenham sua relevância nos assuntos da *pólis*, pois “no convívio desses homens em comunidade é que aparecem as emoções e, por isso, o papel de destaque que o *páthos*⁵⁶ tem na ética aristotélica e na sua proposta da vida feliz [...]”, explica Almeida (2017, p. 43), a partir de entendimento elaborado nas obras analisadas do filósofo.

No livro II da *Retórica*, capítulo 2-1, Aristóteles aborda o papel da emoção e do caráter em meio à dinâmica de argumentação, onde, segundo os comentários de Manuel Alexandre

⁵⁶ O termo *páthos* na obra de Aristóteles diz respeito ao conjunto de disposições criadas pelo orador nos ouvintes. Ver referência em NASCIMENTO, J. **A relação entre lógica, páthos e éthos na Arte Retórica de Aristóteles**. ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA, vol. 9 No 17, 2015.

Júnior (2005), o orador tem de se apropriar desse conhecimento para conseguir desviar os ouvintes de modo estratégico a alcançarem uma deliberação racional. Assim, o orador aristotélico deverá agir em domínio das paixões, a partir de um raciocínio desenvolvido com seus ouvintes, estimando as causas, bem como as determinações das paixões para despertar a emoção no público.

Enquanto Aristóteles apresenta certos aspectos positivos envolvidos na emoção humana, na Antiguidade Clássica os estoicos mostravam-se bem mais radicais, considerando as paixões como doenças da alma.

Diógenes Laertius inicia uma discussão sobre a teoria estoica das paixões, sugerindo turbulência psíquica, amparada pelo pensamento de falsidade proposto por Zeno, que enfatiza a noção de irracionalidade e não naturalidade como uma das principais causadoras de instabilidade humana (KING,2012). Seguindo o raciocínio, as paixões humanas se construiriam a partir das falsidades, culminando na não confiabilidade, mesmo isso não se fazendo completamente visível, explícito. Deste modo, a aceitação da falsidade agiria em contribuição ao desencadeamento de desequilíbrios psíquicos.

Diógenes Laertius segue fornecendo a outra vertente de interpretação das paixões a partir da visão de Crisipo, segundo fundador do estoicismo, que as delimita como julgamentos, ou seja, geram um movimento mais direcionado para o cognitivo, de acordo com Peter King (2012), que segue na explanação do pensamento estoico, categorizando quatro tipos de paixões transversais, que se apresentam do seguinte modo:

	Presente	Futuro
Bom	Deleite	Desejo
Mal	Sufrimento	Medo

Entre convergências e divergências, podemos sintetizar as percepções do pensamento estoico dentro do escopo das paixões a partir das seguintes perspectivas: a primeira, que os interpreta sob a ótica dos sentimentos, sendo, pois, estados puramente mentais; a segunda em uma concepção biológica interpretada pela experiência de reações viscerais, podendo ser resultado de processo psicológico ou de somatização associado às paixões; e, ainda, o envolvimento das paixões com componentes de origem cognitiva, sendo mais que meros estados sentimentais, mas como crenças e julgamentos. Assim, é possível perceber que a

premissa fundamental na análise estoica das emoções está em compreendê-las como uma falha da razão, não importando qual a causa para a existência ou manifestação delas, as paixões, sob nenhuma hipótese, experimentariam de racionalidade. Tal construção de entendimento sustenta a ideia das paixões como um estado de adoecimento, logo, os estoicos propuseram um arsenal de técnicas terapêuticas com o objetivo de tornar o indivíduo “sem paixão”.

King (2012) finaliza apontando que não é completamente claro no pensamento estoico se a ausência de paixão representaria o que entendemos por emoção, contudo, ele afirma que a concepção de emoção transcende a ideia de sentimento e se conecta à cognição, sendo sensível às atitudes e crenças, permeáveis à razão. Então, sábio seria aquele que conseguiria se distanciar de respostas emocionais comuns.

O cristianismo bebeu das ideias propostas pelo estoicismo no que tange à razão e à emoção ao considerar as emoções como uma figuração do pecado e que, mediante à sua anulação e ao flagelo do corpo, a virtude da santificação seria alcançada. Posto isso, inúmeros homens e mulheres se dispuseram a adotar tal prática, buscando a experiência com o sagrado.

Com uma proposta de filosofia moral, o alcance da felicidade dar-se-ia por meio do fomento da virtude, e esta, por sua vez, decorreria da subserviência à razão e da supressão da emoção, promovendo uma vida de concordância com a natureza humana.

Na obra *Meditações*, uma clássica referência estoica escrita pelo imperador Marco Aurélio (2011) fundamenta-se no princípio da negação da emoção como uma competência a ser desenvolvida, passível de alforriar o homem das dores e prazeres do mundo material, pois “a razão que ordena o que deve ser feito ou evitado” (p. 26). Assim, a apatia por meio da contenção das emoções fomentaria benefícios ao indivíduo, como a superação de sua própria personalidade, a alegria em poder executar o que é próprio da natureza humana, além de proteção pois, “a única maneira de um homem ser atingido pelos outros seria se ele permitisse que sua reação tomasse conta de si” (p. 10).

Por intermédio do que até aqui foi proposto, é possível sintetizar que as principais convicções propostas pelos mais expressivos sistemas filosóficos gregos atestam que: as emoções desorganizam e enfraquecem o corpo e a alma humanos; que a razão pode ser facilmente desvirtuada e destituída do seu posto de poder pelos afetos; e que, em meio a tal configuração, a cognição pode agir em amparo à razão, para que ambas possam suprimir as intempéries produzidas pelos afetos.

6.2 Razão e emoção a partir da Teoria Crítica

É um equívoco pensar na existência de uma única forma de se compreender a razão. Ao longo da experiência histórica, diversas áreas de conhecimento discutiram, elaboraram e transmitiram suas concepções sobre a temática de modos distintos. Até o momento, transitamos por perspectivas de pensadores que abrangem as esferas de compreensão filosófica grega e cristã, demonstrando o caráter histórico e cultural envolto na concepção de razão. Isso dá-se mediante circunstâncias materiais, culturais, temporais e espirituais com as quais cada célula social desenvolve-se. Portanto, formas específicas de conceber cada realidade são geradas mediante a base de compreensão que são produzidas e propagadas entre os indivíduos.

O movimento histórico que se observa adota uma metodologia na qual uma arquitetura ideológica é elaborada a cada momento da história e esta tende a romper com os trâmites tradicionais de percepção do mundo real. Esse processo não implica necessariamente na completa abdicação dos moldes antigos de compreender a realidade, pois a consciência só passa pelo processo de construção dada como ponto de partida a consciência do passado.

No século XVIII, surgiu um movimento originário na França, ancorado na construção de um entendimento que olhasse os fenômenos sociais e se propusesse a resolvê-los, amparando-se na razão e não mais na fé, na religião. Assim sendo, no “século das luzes” as escolas filosóficas, políticas e sociais começaram por pregar a relevância do conhecimento racional como um caminho capaz de romper com a degradação da humanidade. Para Adorno e Horkheimer (1985), a proposta do esclarecimento era “livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores” (p. 16).

A força motriz da modernidade era a razão, que subsidiou a proposta de liberdade aos indivíduos das “trevas” da ignorância, rompendo com a falsa consciência, o preconceito, o mito, os dogmas e a superficialidade. Deste modo, o entendimento da realidade se construiria por intermédio do mundo concreto, propondo que modificações só são possíveis por meio da consciência. Esse conceito instituído sobre a razão é sustentado pelo materialismo histórico, tendo o movimento dialético como componente motriz para seu desenvolvimento.

A crença no poder demandado pela razão como forma efetiva de alcançar a emancipação descarrilou a certa altura. A implicação do desenvolvimento a partir da razão tinha, na verdade, o sentido de manter a sociedade sob uma nova forma de controle, o que demandaria que algumas estruturas sociais e culturais integrassem e conduzissem a dinâmica de funcionamento da sociedade, o que ocorreria de modo igualmente hostilizado, indo de encontro com o preceito iluminista da emancipação.

A razão iluminista foi interpretada pelos frankfurtianos como um elemento de consonância e manutenção do *status quo*, emergindo, então, a proposta de uma teoria que apresentasse uma perspectiva voltada para a crítica do modelo de esclarecimento vigente e que promovesse arcabouços que sustentassem a percepção das ações de dominação social. A constituição crítica elaborada pelos estudiosos da escola de Frankfurt defendiam a necessidade do esclarecimento da sociedade quanto à ordem estabelecida, fornecendo uma postura crítica em meio à ciência e à cultura como forma de superar a crise da razão,⁵⁷ esta ambientada pelo irracionalismo, por comportamentos autoritários, pela predominância dos interesses econômicos e pela irrelevância dos aspectos sociais, contemplando o que Horkheimer denominou de razão tradicional, que, por sua vez, fundamenta a ideologia de uma sociedade fetichizada pelo progresso.

Deste modo, a razão alvo da crítica de Adorno e de Horkheimer é a denominada Razão Instrumental, também designada de técnica, que deriva da racionalidade do “esclarecimento”. Sob a alegação de que o projeto da razão técnica é quantificador e alienador, tendo sua condição alavancada pelo desenvolvimento industrial e pelos ideais capitalistas, sofrendo larga disseminação em todos os âmbitos da modernidade. O que resulta de tal fenômeno é a cessação do pensamento, a depreciação da filosofia, e a amplificação da metodologia utilitarista e imediatizada.

A partir dessa ótica, compreende-se a razão como condicionada ao pensamento, e é por meio deste que o mundo é instrumentalizado. Em sua condição de “faculdade intelectual de coordenação” (HORKHEIMER, 2007, p. 14), a efetividade da razão poderá ser expandida mediante o distanciamento ou a retirada de aspectos de cunho não-intelectual, como as emoções de ordem consciente ou inconsciente. É bem verdade que a razão não se deteve à realidade social genuinamente, e, cada vez mais, ela tem deixado que essa condição de direção da sociedade esteja à mercê de interesses subjacentes.

Para Horkheimer (1991), a razão, ao se predispor à racionalidade instrumental, deteriora sua ação emancipatória, e na operacionalização de seu uso como instrumento de dominação de qualquer ordem já se faz circunstância prima para engessar a razão no que sugere um sentido

⁵⁷ Em *Eclipse da Razão* (2007), Horkheimer chama a atenção para a predisposição teórica em definir o conteúdo dos pensamentos como uma forma transcendente ao ato de pensar em si. A crise da razão se instituiu ou mediante a condição do pensamento não conseguir abranger toda a objetividade estabelecida, ou pela atitude de negação implicada, dando a ele o caráter ilusório. Deste modo, nenhuma invenção de uma realidade única e exclusiva pode ser entendida em si mesma, a partir de conceitualização básica, generalizada e desprovida de seu conteúdo, pois tende a ser apenas mera formalidade.

maior e abrangente. Em vista disso, Horkheimer (1991, p. 22) afirma que “a própria razão tornou-se mero instrumento auxiliar do aparato econômico que tudo abrange”.

E, ainda, é necessário considerar a implicação do princípio do ajustamento condicionado à ideia de razão, que sempre terá como resultado final a predisposição à acomodação e a regulação entre meios e fins, que, por sua vez, se alicerçam como racionalidade técnica e instrumental, o que Horkheimer (2007) nomeou de razão subjetiva.

Deste modo, quando a influenciadora Gabriela Prioli convida seus seguidores ao debate racionalizado e distanciado do aparato da emoção, não é no pensamento crítico libertador que esse argumento se ampara, mas em uma base racional técnica e positivista, ou seja, a construção discursiva de rompimento da realidade social alienante está, na verdade, produzindo mais do mesmo, e reproduzindo a lógica da dominação.

6.3 A razão para alcance do esclarecimento e da verdade

[...] *Então a gente tem que olhar o todo, de novo, com menos emoção e mais razão, sem esperar espetáculos mas buscando que a verdade seja esclarecida, tá bom?*
(V10).

O cenário jurídico com o qual Gabriela Prioli adveio pode ter muita influência na forma com a qual ela enxerga o fenômeno da razão em meio a uma construção analítica e de debate, sobretudo pela prática de sustentação oral⁵⁸. O ambiente jurídico é capaz de promulgar um conjunto de comportamentos e regras que definem como o funcionamento social deve ser procedido, como uma estratégia que vise um bem comum. Horkheimer (2010) argumenta que a ênfase no comportamento humano guiado pela razão desenvolveu a concepção de alcance de sabedoria por quem o executa, e foi através desse mecanismo que a política e o regime de legislações foi se desenvolvendo e se aprimorando. Assim, uma aura de justiça é produzida por trás de atos e decisões daqueles que possuem o poder, tendo em vista a suposição de que os atos de conteúdo legal foram originados de um processo racional, livre de interpretações pessoais, logo, longe de emocionalização. Isso foi assegurado por uma justa ordem de elaboração e

⁵⁸ Sustentação oral é compreendida como o ato acontecido no ambiente do Tribunal, mediante um julgamento, no qual o advogado promove a argumentação das razões e contra-razões que fundamentam um ato de acusação ou de defesa perante o colegiado julgador.

Fonte: JUS.COM.BR. JÚNIOR. A. Sustentação oral. Por quê, quando e como fazer? 2015. Disponível em <https://jus.com.br/artigos/6437/sustentacao-oral>. Acesso em 17. jun. 2021.

funcionamento, garantindo uma eficaz e sábia regulação das relações individuais, sociais e com a natureza. O que daí decorreu foi um forte espaço de elevação de poder, gerando nas massas os sentimentos de devoção e subserviência.

Aqui é possível apontar que nem sempre o ato de se ocupar com questões relativas às causas sociais implica, necessariamente, em operar com questões que façam da sociedade “melhor e mais adequada” (ADORNO, 2008, p.63).

Horkheimer promove uma análise sobre a racionalidade a partir de duas perspectivas, uma subjetiva e outra objetiva. A racionalidade objetiva tem por desígnio promover condições de subsidiar a autonomia e a liberdade de reflexão sobre a realidade, entendida como “uma força não apenas na mente individual, mas também no mundo objetivo - nas relações entre seres humanos e entre classes sociais, em instituições sociais e na natureza e em suas manifestações” (HORKHEIMER, 2007, p. 12). Esta forma de racionalidade compreende a noção de valores, integrando, inclusive, as narrativas de cunho mítico, as religiões amplamente conhecidas, bem como os sistemas metafísicos de Platão a Hegel (SILVA, 2019). A razão subjetiva pode ser compreendida a partir da elaboração de leis que exercem uma normatização, uma padronização do comportamento e do pensamento do indivíduo em sociedade, sendo “a faculdade de classificação, inferência e dedução, não importando o conteúdo específico [...] assim, essa forma de razão [...] está essencialmente preocupada com meios e fins” (HORKHEIMER, 2007, p. 11). A manifestação da racionalidade na razão subjetiva constitui-se de forma consideravelmente razoável, tendo em vista que se encaixa na compreensão comumente aceita pelo senso comum, o que tende a trivializar a razão objetiva.

Partindo desta premissa, observa-se que a intenção de Gabriela Prioli parece sustentar-se no uso do critério da razão como estratégia que, no ato da retórica, distancia-se de argumentos fundados no senso comum, na opinião infundada e sedimentada em critérios puramente subjetivos. E que assim, e só assim, seria possível, de modo sólido, o alcance de compreensão e ação confiáveis, ou seja, a verdade, como é possível observar no trecho abaixo:

[...] Eu continuo insistindo pra quem gente tire a emoção do debate e pare de olhar pra realidade a partir dos nossos afetos, a partir daquilo que a gente acredita, tem...é... imaginando que todas as outras pessoas compreendem o mundo da mesma forma que a gente compreende [...] (V5).

Contudo, quando Gabriela busca obedecer a uma lógica que adere a meios mais oportunos, propondo que se “[...] tire a emoção do debate e pare de olhar pra realidade a partir dos nossos afetos [...]” para o alcance de fins específicos, que é reconhecê-la como

portadora de respaldo por produzir argumentos válidos para a sustentação analítica, logo, uma concepção sólida de verdade, temos portanto uma estrutura de razão formal e instrumental (SILVA, 2019).

Marcuse (2015) aponta que a sociedade industrial avançada está a experienciar um processo de “materialização dos ideais” (p. 86), onde a cultura superior tornou-se material e, por conta desse movimento de transformação, uma parte significativa da sua condição de verdade foi perdida. Isso porque o que na realidade é primado “é o valor de troca, não o valor de verdade” (p. 86).

Para Adorno (2020), a educação não compreende simplesmente um processo de “formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral, à conscientização” (p.16), é preciso na verdade se desvencilhar das “armadilhas” que dão ao processo um caráter meramente “subjetivista” característico da sociedade capitalista burguesa. Para o autor, a consciência não pode ser apreendida a partir de um plano “de representações” que advindas de um movimento de “percepção”, “imaginação” ou “razão moral”, assim a consciência não está na esfera “de”, na verdade ela “é” (p.16).

6.4 A lógica de “Menos emoção e mais razão” na linguagem do discurso

Dentro do escopo de abrangência da linguagem há palavras cujo significado são simplórios, de sentido evidente e facilmente compreendidos pelo receptor, tanto em um contexto linguístico quanto operacional. Observação que não se aplica, evidentemente, a uma regra geral, pois há termos cuja estrutura de sentido estão envoltas em ambiguidades e controvérsias. Nomear define uma coisa e não outra e esquematiza como de fato é, pois, “o substantivo governa a sentença numa forma autoritária e totalitária, e a sentença torna-se uma declaração a ser aceita” (MARCUSE, 2015, p.110).

Dentro de um cenário cujo discurso é centralizado no teor político, afirmações analíticas legitimam-se e funcionam quase como uma fórmula mágica; e são, pois, as propagandas que se apresentam de modo massacrante e insistente ao indivíduo, com a finalidade de incutir em sua mente o conteúdo específico pretendido. Essa estratégia também consegue alcançar certa blindagem da mensagem no receptor.

Marcuse (2015) ressalta que essa legitimação intencional do conteúdo no discurso acarreta em mudanças nas condições com as quais o substantivo faz associações de sentido quando pronunciado. Dentro do discurso há um movimento que distancia a palavra do seu eixo

semântico principal, invalidando-o tanto na perspectiva do próprio discurso quanto para uso na formação de opinião.

E é assim, para Marcuse (2015), que as contradições, equívocos intencionais e inverdades tornam-se produto de uma “aceitação geral” (p.111), assim como “a divulgação e a efetividade dessa linguagem comprovam o triunfo da sociedade sobre as contradições que ela contém” (p.111). A reprodução de tais concepções começa a ser sutilmente aceitas no sistema social, e, assim, “[...] é a contradição franca e aberta que é transformada num instrumento de discurso e publicidade” (p.111).

A palavra “emoção” é invariavelmente atrelada à noção de fragilidade e desvalor, e a “racionalidade” à de fortaleza, certeza, convicção, acreditação, imparcialidade e verdade. Analisar uma sentença atentando-se apenas para o preceito racional tende a legitimar um discurso positivista de que aquilo que é palpável, quantificável é que na verdade responde ao caráter científico, sendo, pois, a única forma de conhecimento válido e respeitável, desconsiderando, minimizando ou desprezando o que pertença à ordem das emoções e dos afetos. E, assim, “o conceito ritualizado torna-se imune à contradição” (MARCUSE, 2015, p. 110), pois ele deixa de ser contestado, e após sua massiva repetição, torna-se um conceito natural e espontâneo, passível de aplicação em toda e qualquer instância analítica.

Tal lógica de raciocínio também pode ser visualizada quando no trecho “*eu acho que é muito importante a gente sempre tentar fazer uma interpretação que beneficia o acusado*” (V10). A influenciadora, na busca pela imparcialidade, unifica o inconciliável, distanciando-se da lógica analítica e racional a que serve, sobretudo pelos dados trazidos por ela mesma com o prosseguimento do vídeo:

Vou usar o palavreado: “Sobre foder os amigos dele”, “Vai foder amigo meu”. Só que amigos do presidente da República não tem segurança pelo GSI. Então o presidente precisa ser questionado sobre essa colocação, porque se ele tá falando do GSI não faz nenhum sentido ele falar dos amigos ali naquele contexto, então a menos que ele não tivesse falando do GSI. Depois, a situação ficou particularmente pior.. é.. porque depois que o vídeo... E logo depois do vídeo ser exibido pelas redes de televisão, o presidente da República deu uma entrevista, e nessa entrevista ele falou que recebeu informações sobre operações de busca e apreensão, que seriam feitos com um filho dele um amigo dele é por intermédio de amigos dele que trabalha na Polícia Civil e Militar (V10).

Ao sugerir o princípio da “inocência” em se referir ao presidente Jair Bolsonaro, o termo possui um sentido que sugere a incapacidade de praticar o mal, daquele que não possui culpa, falta ou crime a ser condenado. No imaginário daquele que recebe a informação, onde tal orientação precede o ato de análise, os dados não são suficientes para conceber entre as premissas “do certo e do errado”, desqualificando, inclusive, um preceito racional envolvido no

sentido evidente e literal da palavra. Essa construção semântica, atrelada ao imaginário popular, sobretudo de seus eleitores, que sugerem a idoneidade de seus atos e sua conduta livre de corrupção, tende a solidificar a informação, mesmo que o conteúdo que se segue ateste o contrário.

Marcuse (2015) compreende que, no âmbito do discurso, elementos antagônicos entram em um acordo e constroem “uma base firme para tal unificação – uma destrutividade lucrativa” (p. 111). Dentro de uma instância onde o valor comercial está em voga, o que era contraditório pode ser reconciliado, e as esferas em conflito se unem em evidente e agradável “conjunção linguística” (p. 111), pois em um processo racional e lógico, na frase “*ele falou que recebeu informações sobre operações de busca e apreensão, que seriam feitos com um filho dele um amigo dele é por intermédio de amigos dele que trabalha na Polícia Civil e Militar*” (V10) não é cabível uma expressão que sugira “inocência”, que uma adequadamente em lógica e linguagem os termos no mesmo discurso.

É possível visualizarmos na produção do argumento a sugestão de que a razão se subverteu aos interesses e conveniências de uma lógica de mercado política e social vigente, visível a partir da adesão a estratégias que garantam a sobrevivência no meio. Contudo, a legitimação que valida o discurso não está centrada no fato de tal linguagem ser mais vendável, mas em proporcionar uma identificação instantânea do indivíduo com o interesse coletivo, assim como um discurso que unifica opostos no que tange às vertentes políticas e econômicas se mantém imune a expressões de desacordo, de recusa e de ataque, principalmente por *hunters* aliados ao governo. A exposição das contradições como uma forma de apresentar sua verdade dentro do escopo do discurso age restringindo qualquer outra modalidade de discurso que não sirva aos termos estabelecidos, ou seja, a influenciadora fecha as possibilidades para uma constatação que desconfigura o caminho que ela estabelece, e, assim, “oferece a possibilidade de combinar a maior tolerância possível” (MARCUSE, 2015, p.112).

Esse movimento de linguagem finda por incutir naquele que recebe a informação um discurso com “significado tendencioso e reduzido”, culminando em um “desenvolvimento bloqueado do conteúdo, a aceitação daquilo que é oferecido da forma em que é oferecido” (p.112). O processo de pregar um método analítico de proceder direciona o internauta receptor da mensagem a uma construção de “adjetivos e atributos explicatórios” repetidos e específicos. Assim, “mais razão e menos emoção” tende a atuar como uma “fórmula hipnótica que, repetida infinitamente, fixa o significado na mente do receptor” (p. 112) e, deste modo, ele – o receptor – tende a não conseguir pensar em argumentos e respostas que sejam distintas da explicação incisivamente atribuída à mensagem, culminando em imagens e sentidos rígidos que assumem

uma “concretude opressiva e petrificada” (p. 113). Deste modo, o que se tem aqui implicado é um pensar racional construído a partir do que ela – influenciadora digital – desenvolve e fundamenta como tal. E seus espectadores tendem a acatar o conceito, afinal de contas, ninguém quer ser visto como irracional, pois este não é digno de valor.

Para Marcuse, o processo acima explorado representa uma técnica amplamente utilizada no meio do marketing e da propaganda. É dessa forma que uma imagem se associa a um discurso e este adere ao imaginário, à mentalidade dos indivíduos, como uma forma que “ajuda a vender os homens e os bens” (p.113). Para a influenciadora, primar pela razão aproxima-a da máxima de uma imagem fixada na confiabilidade, na integridade e distancia-a da contestação, da dúvida, do efêmero, da fragilidade. E, assim, sua imagem, com maior respaldo, tenderá a culminar em um maior consumo pelo Outro – seguidores e empresas de publicidade.

7 INFORMAÇÃO NO MUNDO DIGITAL, PRA QUÊ? CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seja ele místico, religioso, empírico, filosófico ou científico, o conhecimento é o ato de interpretar o mundo e seus mais diversos fenômenos através da razão e/ou da experiência, rompendo com a ideia de ignorância humana (MICHAELIS, 2021).

O conceito de conhecimento verdadeiro e de governo político é narrado no *Mito da Caverna*, escrito por Platão (2019) na obra *A República* a partir da história de homens que, desde o nascimento, viviam acorrentados dentro de uma caverna, ouvindo ecos e vendo apenas imagens projetadas a partir das sombras de uma fogueira situada atrás da parede em que estavam presos, logo, pensavam ser essa a única e verdadeira realidade existente. Um dos prisioneiros foge e entra em contato com todo o mundo externo. Seu primeiro grande impacto é o da luz solar, que o deixa desconfortável e desorientado. Após a adaptação e a exploração, o prisioneiro, agora liberto, percebe que o jogo de sombras visto por ele e seus colegas por todo aquele tempo não se constituía como uma verdade, mas como projeções distorcidas do que eram elementos concretos e reais. Dada a constatação, ele entra em um dilema: viver sua liberdade ou retornar para salvar os que ficaram podendo, inclusive, sofrer ataques de seus companheiros, que poderiam julgá-lo como louco.

Através de uma proposta filósofo-pedagógica apresentada pela alegoria da caverna, Platão trouxe um cenário exemplificativo de como a emancipação da situação de aprisionamento pela escuridão pode ocorrer através da iluminação oriunda da verdade.

Na caverna descrita por Platão, as imagens eram manipuladas e, conseqüentemente, a informação limitada produzia uma resposta distorcida do real. Na realidade contemporânea, a internet promove a sensação de liberdade mediante a quantidade e a velocidade com a qual temos acesso a qualquer tipo de conteúdo. Esse processo, para um grande número de pessoas, mostra-se suficiente para a construção de uma irrefutável verdade argumentada por uma lógica comum do “se tá na internet, então é verdade”.

A expansão das tecnologias e da internet colocou a informação e o conhecimento em uma posição de significativa evidência, alcançando o patamar de se tornar uma força produtiva de sustentação para o capitalismo em tempos modernos (GORZ, 2005). Segundo Sorj (2003), à medida que o conhecimento humano foi posto no ciberespaço, a troca e a manifestação de ideias de modo sincrônico tornou-se possível, rompendo algumas das inúmeras barreiras envoltas no acesso e na propagação de informação. As plataformas de vídeos on-line e, de modo específico, o YouTube, transformaram a experiência de absorção de conteúdos com poder

significativo no universo digital e na cultura de massa contemporânea. O que fomenta a ideia de uma sociedade com mais acesso, logo mais esclarecida. Contudo, a partir de Adorno e Horkheimer em *A Dialética do Esclarecimento* (1985) é possível visualizarmos que o poder econômico e a racionalidade técnica “atualizaram” novas condições de alienação das pessoas, tornando a sociedade cada vez mais administrada.

Assim como no Mito da Caverna, aonde os prisioneiros construía um entendimento sobre o mundo e, conseqüentemente, uma verdade a partir das imagens projetadas por terceiros, as Mídias Sociais possuem nessa ferramenta um importante aliado na tarefa de gerar influência a partir do que ela deseja propagar, deste modo, ter acesso a conhecimento sobre política não necessariamente mudará a condição de conhecimento emancipador ao indivíduo. Sobretudo pela sociedade industrial alocar o conhecimento como uma nova modalidade de valor do capital e, por consequência, aquele que o porta, transfere-o e propaga-o, usufruindo assim de outro papel social.

Retomando o objetivo dessa pesquisa, que foi de analisar, a partir da Teoria Crítica da Sociedade, o processo de influência digital de Gabriela Prioli apresentado em seu conteúdo produzido no YouTube, foi possível perceber que a influenciadora demonstra ampla compreensão acerca do poder implicado no conhecimento, bem como as repercussões produzidas pelo não saber.

A influência de seu conteúdo alcançou significativas proporções, como a medalha da Ordem do Mérito do TSE Assis Brasil, concedida pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) em 28 de março de 2022. O ato é procedido em honraria àqueles que obtiveram destaque em seus respectivos espaços de atuação no auxílio a prestação de serviços de relevância à Justiça Eleitoral e à democracia, sendo agraciadas com a medalha 28 ministros e personalidades, entre elas a influenciadora Gabriela Prioli. A comenda tem inclusive por desígnio condecorar aquele que tenha promovido contribuições para, de qualquer modo, tenha contribuído para o desenvolvimento “do país, da Justiça Eleitoral ou de qualquer ramo do Poder Judiciário, do Ministério Público ou da Advocacia, constituindo exemplos para a coletividade”⁵⁹.

Algumas semanas adiante, Gabriela Prioli participou como Musa Camarote N°1 na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro. Um macacão preto, com detalhes de transparência e

⁵⁹ Tribunal Superior Eleitoral. TSE concede medalha da Ordem do Mérito Assis Brasil a 28 ministros e personalidades. 28 mar 2022. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2022/Marco/tse-concede-medalha-da-ordem-do-merito-assis-brasil-a-28-ministros-e-personalidades>. Acesso 09 maio 2022.

brilho elaboram o seu figurino e no busto, em vermelho, Gabriela Prioli traz a propaganda de uma marca de cerveja, protagonizando o clássico apelo sensual associado pelas marcas de a figura feminina. Kindermann e Teixeira (2010) em análise a propagandas que utilizam de tal metodologia postulam que:

Com a imagem da personagem bonita, com um vestido bem colado, curto, expondo suas curvas, percebe-se que a forma como pretende atingir o consumidor é através da sexualidade. Expondo uma pessoa famosa para chamar mais a atenção do consumidor, com uma fisionomia sexy para ligar ao prazer, e com um olhar sedutor, como se ela estivesse querendo seduzir a quem olha o anúncio. [...] Todos os elementos que tanto a propaganda em si, como o próprio produto já traz para o consumidor, é algo que aguça a sensualidade e o despudorado (KINDERMANN e TEIXEIRA, 2010, p. s/n).

Para Gisela Sekeff (apud GRILLO, 2006) a imagem da mulher com roupas curtas, justas na condição de exposição do corpo em poses provocativas a colocam em posição de produto no típico processo de associação do ato de consumir a bebida a sensualidade feminina, de modo que a comercialização de cerveja no Brasil é amplamente relacionada a “vender mulher” (2006, p.17) de modo que a condição de exploração demasiada do corpo feminino está frequentemente condicionada a condição de depósito de desejo objetificado tanto sensual quanto sexual.

Ainda em *A imagem da mulher como argumento de venda na publicidade* (2006), Grillo postula os dois principais modos como as propagandas de cerveja atingem o feminino, primeiramente, trata-se da relação de consumo e do “poder de decisão e compra” (p.17) correlacionado o produto comercializado, havendo a “possibilidade da mulher consumidora em identificar-se, de se sentir na mesma posição que a atriz/modelo famosa e portanto, supostamente perfeita” promovendo um processo de incorporação do “personagem do comercial”, ou seja, um processo de identificação. E em segundo lugar, situa-se “à maneira pela qual a sociedade e a publicidade fazem dessa mulher um objeto do desejo, um produto a mais para vender, ainda mais, seus produtos” (2006, p.17).

Em entrevista ao portal de notícias UOL⁶⁰, a influenciadora relata que sua participação estaria “fugindo” do “perfil” apresentado costumeiramente pelas musas do carnaval e declara:

"Vejo como uma chance de desconstruir estereótipos. Afinal, por que a musa não pode ser uma intelectual? Por qual razão eu não posso trabalhar com a imagem e, também,

⁶⁰ PASIN, L. Gabriela Prioli estreia como musa: 'Chance de desconstruir estereótipos'. UOL. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carnaval/noticias/redacao/2022/04/20/gabriela-prioli-na-sapucaia-por-que-a-musa-nao-pode-ser-intelectual.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

com o conteúdo? Essa divisão só atrapalha. A maioria das grandes mulheres que conheço ocupam muito bem todos esses espaços. Talvez essas mulheres que todo mundo sempre olhou apenas como 'imagem' só não tenham tido a chance de se apresentarem além dela. E aí todo mundo perde".

O posicionamento da influenciadora gerou repercussões negativas pelas Redes Sociais tendo em vista sua aproximação com uma narrativa fundamentada no abismo existente entre a intelectualidade e as práticas de cultura, seccionando manifestações populares a prática a expressão do conhecimento e da vida culta. Para Antônio Gramsci em *Literatura e Vida Nacional* (1978), há um processo de valorização da cultura erudita como um processo arquitetado na produção e no consumo da elite social e em contrapartida, a cultura popular expressa a reflexão ideológica, de interesses e valores oriundos das massas, evoluindo-lhes em uma perspectiva subalterna e dominada.

Assim sendo, observa-se em múltiplas expressões da dinâmica da influenciadora que embora ela compartilhe e produza conhecimento emancipador, o repertório de situações aonde Gabriela se situa na condição de objeto da indústria cultural se amplia à medida que se torna mais conhecida e “influente” nas mídias. Adorno defende que “todas as épocas produzem as personalidades - tipos de energia psíquica - de que necessitam socialmente” (p.143), e a concepção da imagem de si como produto parece ser o ponto alto da nossa condição histórica atual.

Gabriela Prioli foi completamente envolvida pelos tentáculos da indústria cultural que a fizeram um instrumento que propagandeia a lógica de dominação, sobretudo quando dentro da narrativa que enfatiza o princípio de “Mais razão e menos emoção”, o que, por sua vez enfraquece o discurso de rompimento com a “estratégia de dominação” à medida que reforça a onipotência com a qual a racionalidade se reveste, subvertendo a lógica da sociedade administrada a partir de critérios elaborados, fortalecendo o preceito de que aquilo que não integrar uma lógica “utilitarista” ou que possa ser passível a “calculabilidade” - como a emoção - deverá sucumbir à extinção, pois, “torna-se suspeito ao esclarecimento” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.19).

A constante esquivia de delimitação e posicionamento político realizado pela influenciadora, pronunciando seu temor em ser completamente compreendida e “enquadrada”, denota uma semelhança ao fim ocorrido com a Esfinge, uma criatura mitológica que sucumbiu ao precipício após Édipo concluir um de seus enigmas. Gabriela também teme o precipício, só que este formado pela opinião pública, produzido a partir de análise e crítica daqueles que dela discordem. Ela apresenta, a partir de postura enigmática, uma áurea de poder pelo saber,

almejando o distanciamento da controvérsia, buscando assim um lugar de proteção, de não enfrentamento, de conveniência e de ampla aceitação.

Adorno (2020) propõe que um dos problemas mais significativos do mundo está em “julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar conta da falsidade de sua própria condição” (p.15), questionando assim as reais evoluções e soluções produzidas em combate às mazelas da sociedade a partir do desenvolvimento científico. Constatando que a evolução técnica não necessariamente implicará em condições de emancipação. “Mais razão e menos emoção” é elaborado com a premissa de alcançar a neutralidade, no entanto, finda por se aproximar do sentido da “falsidade” no processo do esclarecimento.

A Teoria Crítica não pretende produzir e atestar um diagnóstico sobre a realidade social a partir de uma percepção dotada de rotulações. Assim como não se buscou olhar o fenômeno das Mídias Sociais como algo “bom” ou “ruim”, “emancipatório” ou “libertador”. Porém, ao pensar o movimento de fundamentação do pensamento crítico e de emancipação a partir do consumo de conteúdos digitais pela plataforma YouTube, por intermédio do influenciador digital, atentando-se ainda para o objeto específico desta pesquisa, que foi a discussão das contradições existentes na lógica de utilização das Mídias Sociais; o processo aqui desenvolvido primou por pensar os potenciais e obstáculos oferecidos por um novo produto da indústria cultural, os conteúdos nas plataformas de vídeo, tendo em vista que a teoria crítica busca visualizar o que existe, refletindo sobre os empecilhos e potencialidades, pois “o pensamento crítico não se detém nem mesmo diante do progresso” ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.97).

Embora o acesso à informação por meio dos conteúdos produzidos nas Mídias se configurem mais acessíveis, sobretudo ao jovem, o produtor e a ferramenta de propagação ainda “se interpenetram numa confusa trama econômica” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.101) de modo que “Tudo está tão estreitamente justaposto que a concentração do espírito atinge um volume tal que lhe permite passar por cima da linha de demarcação entre as diferentes firmas e setores técnicos” (p.101). Mesmo que na cultura digital conteúdos e ferramentas experimentem constante e intensa mudanças, os “produtos mecanicamente diferenciados acabam por se revelar sempre como a mesma coisa” o que Adorno e Horkheimer conceituaram por “esquematismo do procedimento”. As Mídias, na verdade, constituem uma síntese dos meios já provenientes da indústria cultural como a televisão, o rádio e o cinema. Sobreviver neste cenário implica necessariamente em “integrar-se”. Portanto, os atos de questionamento e crítica produzidos pela influenciadora ao fornecer uma ideia de distinção a todo a perspectiva de alienação, na verdade concebem uma forma de “rebeldia realista” tornando-se, na verdade, uma

“marca registrada de quem tem uma nova ideia a trazer à atividade industrial” (p.108) deste modo, “uma vez registrado em sua diferença pela indústria cultural, ele passa a pertencer a ela assim como o participante da reforma agrária ao capitalismo” (p.108).

REFERÊNCIAS

- ADORNO T. W. **Palavras e sinais: modelos críticos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- ADORNO, T. W. **Os pensadores: Textos Escolhidos**. São Paulo: Editora Nova Cultura, 1999.
- ADORNO, T. W. **Indústria cultural e sociedade**. Traduzido por Jorge M. B. de Almeida; Juba Elisabeth Levy; Augustin wernet e Maria Helena Ruschel. São Paulo: Paz e Terra, 2002
- ADORNO, T. W. **Introdução à Sociologia**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. São Paulo. Editora UNESP, 2008.
- ADORNO, T. W. **Dialética negativa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- ADORNO, T. W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.
- ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Tradução: Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro, 3ª edição, Editora: Paz e Terra, 2020.
- ADORNO, T.W; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- AGUIAR, P. O Modelo Hugenberg: conglomerados de mídia e agências de notícias brasileiras. *In: MOREIRA, S. V. Indústria da Comunicação no Brasil*. São Paulo/Rio: Intercom/UERJ, p. 169-188, 2015.
- ALMEIDA, J. L. **A racionalidade das emoções em Aristóteles**. Tese apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Filosofia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2017. Disponível em <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/183420/349810.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 maio 2021.
- ANTUNES, D. C. Meios de comunicação e (falsa) liberdade: reflexões sobre a pesquisa das novas tecnologias de informação e comunicação (tic) em teoria crítica. *In: BARROS, J. P. P; ANTUNES, D. C; MELLO, R. P. Políticas de vulnerabilização social e seus efeitos: estudos do programa de pós-graduação em psicologia da Universidade Federal do Ceará*, 2020.
- ANTUNES; D. C. HOLANDA, R. R. Teoria crítica e pesquisa empírica [em redes sociais virtuais]. *In: RIPA, R. Nexos entre a formação docente e as tecnologias digitais*. Florianópolis: Udesc, 2020.
- APOLINÁRIO, F. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. Ed. Thomson, 2006.
- ARISTÓTELES. **Metafísica II**. Tradução de Marcelo Perini. Edições Loyola, 2001.
- AURÉLIO. M. **Meditações**. Tradução de Thainara Castro. Brasília: Editora Kiron, 2011.

BAUMAN, Z. **Vigilância líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BAITELLO, N. J. **As imagens que nos devoram. Antropofagia e Iconofagia**. São Paulo: Centro interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia, 2000. Disponível em: <http://www.cisc.org.br/portal/index.php/pt/biblioteca/view.download/7-baitello-junior-norval/5-as-imagens-que-nos-devoram-antropofagia-e-iconofagia.html>. Acesso em: 09 jul 2021.

BAREFOOT, D; SZABO, J. **Manual de Marketing em Mídias Sociais**. São Paulo: Novatec, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=RKN8DAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=midias+&ots=GfOyxeura0&sig=ucSsdJnFrzDSIFo2Z8rURs53yKE#v=onepage&q=midias&f=false>. Acesso em: 16 de jul de 2021.

BENJAMIN, W. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Obras escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BERNARDAZZI, R.; COSTA, M. H. B. V. Produtores de conteúdo no YouTube e as relações com a produção audiovisual. **Communicare**, São Paulo, v. 17, p. 146-160, 2017.

BONFIM, M. **Menos Pugliesi, mais Prioli: pandemia altera marketing de influência**. EXAME. 2020. Disponível em: <https://exame.com/marketing/menos-pugliesi-mais-prioli-pandemia-altera-marketing-de-influencia/>. Acesso em: 14 jul 2021.

BRANDÃO, I. R. **Afetividade e participação na metrópole: uma reflexão sobre dirigentes de ONGs da cidade de Fortaleza**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo - PUC, São Paulo, 2008.

BRESSAN, R. T. YouTube: intervenções e ativismos. In: Anais do XII Congresso da Comunicação na Região Sudeste/V Encontro Regional de Comunicação. Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2007/resumos/R0040-1.pdf>, 2007.

BUCK-MORSS, S. **The origin of negative dialectics: Theodor W. Adorno, Walter Benjamin, and the Frankfurt Institute**. New York: The Free Press, 1979.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Tradução Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CALABRE, L. A era do rádio—memória e história. **Anais do XXII Simpósio Nacional de História, João Pessoa**, 2003. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548177543_64d94485f48bccc1ef74c87ec1c1efae.pdf. Acesso em: 06 de mar de 2022.

CASTELLS, M. A sociedade em rede: do conhecimento à política. In: CASTELLS, M; CARDOSO, G. **A sociedade em rede: do conhecimento à acção política**, p. 17-30, 2005.

CAMOZZATO, M. M; NASCIMENTO, V.R. A “googlelização” da sociedade informacional como desafio para cidadania. **Democracia Digital e Governo Eletrônico**, Florianópolis, n° 10, p. 59-75, 2014.

CASHMORE, E. **E a televisão se fez**. Summus Editorial, 1998.

CERVANTES, M. S. **Dom Quixote**. São Paulo: FTD, 2013.

CNN BRASIL. O Grande Debate. Prioli e Abduch avaliam prisão domiciliar de Eduardo Cunha. Youtube. 27 mar 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=u7QxZcwfPQQ&t=1945s>. Acesso em: 05 de jul de 2021.

CNN. BRASIL. O Grande Debate. Lavajato seis anos. Youtube. 17 mar 2020 Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=tl0TpxXabGI&t=2s>. Acesso em: 08 jul 2021.

COMER, D. E. **Redes de computadores e internet**. Trad. José Valdeni de Lima; Valter Resler. 6.ed. Editora Bookman, 2016. Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=1nwdDAAAQBAJ&oi=fnd&pg=PR1&dq=internet+&ots=DsgSLXnny9&sig=qD5aSwYxbCZyjdAh8lBHkpiI#v=onepage&q=internet&f=false>. Acesso em: 16 de jul de 2021.

DA EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos: como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. Vestígio Editora, 2019.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, v. 102, p. 85-102, 1997.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tomam posição**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

DIDI-HUBERMAN, G. **Quando as imagens tocam o real**. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 2012.

ENGE, E. **Influencer Marketing: what is and why you need to be doing it**. Moz, 2012. Disponível em: <https://moz.com/blog/influencer-marketing-what-it-is-and-why-you-need-to-be-doing-it>. Acesso em: 30 jan 2021.

FORBES. Brasil é o segundo país do mundo menos interessado em política. 15 nov 2016. Disponível em: https://forbes.com.br/outros_destaque/2016/11/brasil-e-o-segundo-pais-do-mundo-menos-interessado-em-politica/. Acesso em 12 jul 2021.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FERRO, M. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FERNANDES, F. Para o sociólogo, não existe neutralidade possível: o intelectual deve optar entre o compromisso com os exploradores ou com os explorados. **Leia**. São Paulo, v. 7, n. 96, p. 25, 1986.

FREIRE, R. **YouTube faz 16 anos**: relembre o início e as mudanças na plataforma de vídeos. Tecmundo. 17 fev 2021. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/listas/2021/02/youtube-faz-16-anos-relembre-o-inicio-e-as-mudancas-na-plataforma-de-videos.ghtml>. Acesso em: 22 ago 2021.

FREITAG, B. **Política educacional e indústria cultural**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

FREITAS, V. **Adorno e a arte contemporânea**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento das prisões**. Trad. Ramalheite, R. Petrópolis: Vozes, 1975.

G1 BEM ESTAR. Casos de coronavírus e número de mortes no Brasil em 30 de abril. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/30/casos-de-coronavirus-e-numero-de-mortes-no-brasil-em-30-de-abril.ghtml>. Acesso em: 13 de jul de 2020.

GARCIA, W. F. **O sujeito ubíquo: Indústria cultural digital e semiformação em tempos neoliberais**. 2020. Tese (doutorado) - Curso de Pós-graduação em Educação, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2020. Disponível em: http://iepapp.unimep.br/biblioteca_digital/pdfs/docs/24052021_094509_wanderleyflorenciograicia.pdf. Acesso em 11 mar 2022.

GEYSER, W. Influencer Marketing. **What is an Influencer?** – Social Media Influencers Defined [Updated 2021]. 14 jun 2021. Disponível em: <https://influencermarketinghub.com/what-is-an-influencer>. Acesso em: 05 de jul de 2021.

GIROUX, H. **Para além das teorias da reprodução: teoria crítica e resistência em educação**. Trad. Ângela Maria B. Biaggio. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

GONÇALVES, A. S. **Do materialismo interdisciplinar à crítica à razão instrumental**: um estudo sobre o desenvolvimento da filosofia de Max Horkheimer. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/18426/1/MaterialismoInterdisciplinarCritica.pdf>. Acesso em: 20 de jul de 2021.

GORZ, A. **O imaterial**: conhecimento, valor e capital. Tradução de Celso Azzan Júnior. São Paulo: Annablume, 2005

GRAMSCI, A. **Literatura e Vida Nacional**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978

GRIEGER, J. D; BOTELHO-FRANCISCO, R. E. Um estudo sobre influenciadores digitais: comportamento digital e identidade em torno de marcas de moda e beleza em redes sociais online. **Atoz: novas práticas em informação e conhecimento**, v. 8, n. 1, p. 39-42, 2019

GRILLO, K. C. A imagem da mulher como argumento de venda na publicidade. Dissertação ao curso de mestrado em Ciências da Linguagem. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006. Disponível em < http://busca.unisul.br/pdf/84907_Karla.pdf> Acesso em 22 maio. 2022

GUBACK, T. H. Derrière les Ombres de L'Écran: le Cinéma Américain en Tant Qu'industrie. **Sociologie et Sociétés**, Montreal, v. 8, n. 1, abr.1976. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/socsoc/1900-v1-n1-socsoc120/001317ar/>. Acesso em 16 de ago de 2021.

GROSSMAN, L. You. Yes, You Are TIME's Person of the Year. **Revista TIME**, 2006. Disponível em: <https://content.time.com/time/magazine/article/0,9171,1570810,00.html>. Acesso em 02 de janeiro de 2021.

HOLMBOM, M. **The YouTuber**: a qualitative study of popular content creators. Suécia: Umeå universitet, 2015. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/The-YouTuber-%3A-A-Qualitative-Study-of-Popular-Holmbom/208c405bb6dae49ee3f63b0bd9362517cf4b402e>. Acesso em: 30 de ago de 2021.

HORKHEIMER, M. Teoria tradicional e teoria crítica. *In*: HORKHEIMER, M et al. Textos escolhidos. **Coleção Os pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1975.

HORKHEIMER, M. **Teoria crítica: uma documentação**. Tomo I, São Paulo, S.P.: Editora Perspectiva/ Edusp, 1990.

HORKHEIMER, M. Teoria Tradicional e Teoria Crítica. *In*: HORKHEIMER, M; ADORNO, Theodor W. Textos Escolhidos. **Coleção Os Pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

HORKHEIMER, Max. A presente situação da filosofia social e as tarefas de um instituto de pesquisas sociais. **Revista Praga**, n. 7, p. 121-132, 1999.

HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução: Sebastião Uchoa Leite. Centauro, 2007.

JENKINS, H; GREEN, J; FORD, S. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, H. **Cultura da convergência**. Aleph, 2015

JORNAL GAZETA DO POVO. Relatório do governo lista “detratores” e sugere monitoramento de jornalistas. 01 dez 2020. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/república/breves/relatorio-governo-lista-jornalistas-detratores/> Acesso em: 02 de Jun de 2021.

KANT, I. **Crítica da Faculdade do Juízo**. Tradução: Valério Rohden e Antônio Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

KARHAWI, I. Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão. **Communicare**, v. 17, p. 46-61, 2017.

KARHAWI, I; SAAD-CORRÊA, E. TV Capricho: experimentações no jornalismo online. *In*: **IV Congresso Internacional Ciberjornalismo**, 4., 2014, Porto. Livro de atas. Porto:

Obciber, 2015.p. 648 - 664. Disponível em:
<https://cobciber4.files.wordpress.com/2015/04/cobciber4atas.pdf>. Acesso em: 30 out 2020.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia**. Bauru, SP: Edusc, 2001. Disponível em:
https://ufabcpoliticacultural.files.wordpress.com/2015/08/kellner_a-cultura-da-mc3addia_2001.pdf. Acesso em 30 out 2020.

KELLNER, D. Introdução à 2ª edição. *In*: MARCUSE, Herbert. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes, Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015

KERCKHOVE, D. **A pele da cultura: uma investigação sobre a nova realidade eletrônica**. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.

KINDERMANN, C. V.; TEIXEIRA, N. R. B. Representação feminina nas campanhas de cerveja. Anais XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Caxias do Sul, RS – 2 a 6 de setembro de 2010. Disponível em: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Bauru - SP – 03 a 05/07/2013
<http://www.intercom.org.br/sis/2010/resumos/R5-2459-1.pdf>. Acesso em 22 maio 2022.

KORNIS, M. A. **Cinema, televisão e história**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2008.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

LAX, S. **Beyond the horizon: communications technologies. Past. Present and Future (Além do horizonte: tecnologias de comunicação. Passado, Presente e Futuro.)** Luton, UK: John Libbey Mediaí University of Luton Press, 1997.

LEVENSON, R. H. Human emotion: a functional view. *In*: EKMAN, P; DAVIDSON, R. J. (Orgs). **The nature of emotions: Fundamental questions**. New York: Oxford University Press, 1994.

LOUREIRO, Robson. Educação, Cinema e Estética: elementos para uma reeducação do olhar. **Educação & Realidade**, v. 33, n. 1, 2008. Disponível em:
<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6691>. Acesso em: ago 2021.

MAAR, W.L. **Materialismo e primado do objeto em Adorno**. *In*: Trans/Form/Ação. v. 29, n. 2, 2006, p.133-154. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/trans/a/NgYZQQJrshvqxMj3BPPGzpc/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: abril 2021.

MARÇAL, G. **Gabriela Prioli quer ser YouTuber e fecha com empresa de Felipe Neto**. O Estado de São Paulo. 28 maio 2020. Disponível em:
<https://emails.estadao.com.br/noticias/gente.gabriela-prioli-quer-ser-youtuber-e-fecha-com-empresa-de-felipe-neto,70003280436>. Acesso em: 03 de jun de 2021.

MARCUSE, H. **Culture et Société**, Paris, Ed. Minit, 1970.

MARCUSE, H. **Tecnologia, guerra e fascismo**. Editor Douglas Kellner; Tradução de Maria Cristina Vidal Borba; Revisão e tradução Isabel Maria Loureiro. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999. Disponível em:

https://books.google.com.br/books?id=H6Pvz6KEfJMC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 21 de jul de 2021.

MARCUSE, H. **O homem unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada**. Tradução de Robespierre de Oliveira, Deborah Christina Antunes e Rafael Cordeiro Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

MARX, K. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Tradução de Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 3ª. Edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2010. Disponível em: <http://library.lol/main/26E8303B6B1A7F05D88CBF46E1E9522C>. Acesso em: 23 jun 2021.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>. Acesso em: 18 set 2020.

MOL, J. S. **Broadcast yourself: como um youtuber se torna um influenciador digital**. Monografia. Departamento de Ciências Sociais. Curso de Especialização em Cultura do Consumo. PUC do Rio de Janeiro, 2018.

MONDIN, B. **Curso de Filosofia**. Volume 01. 10ª Ed. São Paulo: Paulus, 1981.

MOTTA, B. S.; BITTENCOURT, M.; VIANA, P. M. F. A influência de Youtubers no processo de decisão dos espectadores: uma análise no segmento de beleza, games e ideologia. **E-compós**. Brasília, v. 17, n. 3, p.1-25, set./dez. 2014. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1013>. Acesso em: 18 jan 2021.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. José Olympio, 1989.

NAPOLITANO, M. A História depois do papel. *In*: PINSK, C.B (Org). **Fontes Históricas**. 3ª Ed, São Paulo: Contexto, 2011, p. 235-291.

NOBRE, M. Teoria crítica: uma nova geração. **Novos estudos CEBRAP**, n. 93, p. 23-27, 2012.

ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 1, nº 1, São Paulo: jun./1986.

PEREIRA, W. P. Cinema e propaganda política no facismo, nazismo, salazarismo e franquismo. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 38, p. 101-131, 2003. Editora UFPR, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/download/2716/2253>. Acesso em: 10 fev 2021.

PLATÃO. **O mito da caverna**. Tradução e notas: Edson Bini. São Paulo, Edipro, 2019.

PELLEGRINI, D. P; REIS, D. D; MONÇÃO, P. OLIVEIRA,R. YouTube: uma nova fonte de discursos. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, v. 1, n. 1, p. 1-8, 2009

PRIOLI, G. Anitta me desafiou a explicar política de forma simples. Será que consegui?. Youtube. jan 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=izJj4fkajPs&t=242s>. Acesso em 31 de março de 2021.

PRIOLI, G. Barbie Fascista? Youtube, 19 fev 2020. Disponível em: <https://youtu.be/VkScrU1ho9Y>. Acesso em 17 de jul 2021

PRIOLI, G. Queiroz reaparece e ameaça alianças do governo. Youtube. 20 jun 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgbvBCPVjMY&t=5s>. Acesso em 17 de jul de 2020

KING, P. Dispassionate Passions. In: PICKAVÉ, M; SHAPIRO, L. **Emotion and Cognitive Life in Medieval and Early Modern Philosophy**. Oxford: OUP, 2012.

SANTINI, R. M; CALVI, J. C. O consumo audiovisual e suas lógicas sociais na rede. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 10, n. 27, p. 159-182, 2013.

VALENTE. J. **WhatsApp é principal fonte de informação do brasileiro, diz pesquisa**. Agência do Brasil. 10 de dez de 2019. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>. Acesso em 01 de mar de 2021.

VALIN, A. B. História e cinema. In: **Novos Domínios da História**. FLAMARION, C. C.VAINFAS, R. (Org.). Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

VERGARA, F. **América do Sul, a grande convulsão**: Abalada pela pandemia, uma sucessão de crises políticas, econômicas e sociais afeta a região como nunca antes. El país percorre pontos nevrálgicos deste terremoto. El país. 21 jun 2021. Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-06-20/america-do-sul-a-grande-convulsao.html>. Acesso em 23. Jun. 2021.

RECUERO, R. **Reputação, Popularidade e Autoridade em Redes Sociais na Internet**. (2008). online. Disponível em: http://www.raquelrecuero.com/arquivos/reputacao_popularidade_e_autoridade_em_redes_sociais_na_internet.html. Acesso em: 11 jul 2021.

REVISTA TIME. Person of the year: you. 25 dez 2006. Disponível em: <http://content.time.com/time/covers/0,16641,20061225,00.html>. Acesso em: 29 ago 2021.

RÜDIGER, F. A Escola de Frankfurt. In: FRANÇA, V.V.; HOHFELDT, A; MARTINO, L. C (Orgd). **Teorias da comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, Vozes, 2001.

SETTI, R. **Play9, o estúdio de Felipe Neto e Paes Leme, negocia aporte para se tornar uma ‘media tech’**. Capital. O Globo. 27 fev 2021. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/capital/post/play9-o-estudio-de-felipe-neto-e-paes-leme-negocia-aporte-para-se-tornar-uma-media-tech.html>. Acesso em: 03 maio 2021.

SHIRKY, C. **A Cultura da Participação**: criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SILVA, R. C [resenha]. HORKHEIMER, M. **Eclipse da razão**. Tradução de Carlos Henrique Pissardo. São Paulo: Editora da Unesp, 2015, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/trans/a/7t8vPCFRcdCMFVHBVpLdLmB/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 mar 2021.

SOARES, A. C. **Nasce uma estrela**. Veja São Paulo. 3 abril 2020. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cultura-lazer/estrela-em-ascensao-conheca-gabriela-prioli-ex-comentarista-da-cnn/>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

SKLAR, R. **História social do cinema americano**. São Paulo: Cultrix, 1978.

SIBILIA, P. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, C.R.M; TESSAROLO, F.M. Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia. **XXXIX Intercom**, São Paulo–SP, 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-2104-1.pdf>. Acesso em: 10 jun 2021.

SILVA, E. S. **Inteligência coletiva sob controle?: a hegemonia do Google e seu domínio, apropriação e mediação da informação no ciberespaço**. 2014. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em comunicação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4485/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 16 de abr de 2022.

SOLIS, B; WEBBER, A. **The rise of digital influence: a "how-to " guide for businesses to spark desirable effects and outcomes through social media influence**. [S.l.]: [s.n.], 2012. Disponível em: <https://www.briansolis.com/2012/03/report-the-rise-of-digital-influence/>. Acesso em 16 de jul de 2021.

SANTINI, R. M; CALVI, J. C. O consumo audiovisual e suas lógicas sociais na rede. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 10, n. 27, p. 159-182, 2013. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/531>. Acesso em: 14 maio 2021.

SORJ, B. **Brasil@povo.com: a luta contra a desigualdade na sociedade da informação**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

TECMUNDO. **A história do YouTube, a maior plataforma de vídeos do mundo** [vídeo]. 11 jul 2017. Disponível em <<https://www.tecmundo.com.br/youtube/118500-historia-youtube-maior-plataforma-videos-do-mundo-video.htm>>. Acesso em 22 ago 2021.

THOMPSON, J.B. **A nova visibilidade**. Matrizes, São Paulo, v. 1, n. 2, 2008. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/82/124>> Acesso em 16 de jul 2021.

TURNER, G. **Cinema Como Prática Social**. Tradução: Rolfe Mauro Silva. São Paulo: Summus, 1997.

TÜRCKE, C. **Sociedade excitada: filosofia da sensação**. 1 ed. Campinas: Unicamp, 2010.

VAIDHYANATHAN, S. **A googlelização de tudo** (e por que devemos nos preocupar): a ameaça do controle total da informação por meio da maior e mais bem-sucedida empresa do mundo virtual. São Paulo: Cultrix, 2011.

VERDÉLIO, A. **Brasil tem 147,9 milhões de eleitores aptos a votar em novembro**. Agência Brasil. Brasília. 05 ago 2020. Disponível em <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2020-08/brasil-tem-1479-milhoes-de-eleitores-aptos-votar-em-novembro>. Acesso em 13 set jun 2020.

VISCARDI, J, M. Nem somos amigas, nem sou um produto. YouTube. 30 jun 2021. Disponível em: <https://youtu.be/D5ZsAJWA3ik>. Acesso em: jul de 2021.

ZUIN, A; GOMES, L. R. A Teoria Crítica e a sociedade da cultura digital. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 11, n. 1, p. 97-107, 2017. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br/index.php/reveduc/article/view/2183>. Acesso em: 02 jun 2021.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2019: global internet use accelerat**. 30 jan 2019. Disponível em <https://wearesocial.com/blog/2019/01/digital-2019-global-internet-use-accelerates>. Acesso 30 Jun 2021.

WE ARE SOCIAL. **Digital 2021**. Disponível em: <https://wearesocial.com/blog/2021/07/digital-2021-i-dati-di-luglio/> . Acesso em 27 nov 2021.

WIGGERSHAUS, R. **A Escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação Política. Rio de Janeiro: Difel 2002.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 1: GABRIELA PRIOLI - BARBIE FASCISTA?

- Data: 19 de fev. de 2020
- Visualizações: 491.944 visualizações
- Likes: 54 mil likes
- Dislikes: 624 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkScrU1ho9Y&t=30s>.

Olha, vou começar a gravar o vídeo e aí o meu cabelo ficou assim, acho que eu vou cortar um Longboard de novo hein... Bom voltei aqui com meu cabelo comprido mesmo, é... eu pensei de fazer um pouco diferente, como eu vou falar da minha vida eu fazer sem corte uma vez só e direto, porque fica mais fácil para mim e porque a gente fica nesse clima como se a gente tivesse sentado junto e eu tivesse falando vocês vão sentir as mesmas hesitações de quando eu fico mais constrangida, mais emocionada e fica uma coisa mais verdadeira, porque claro que quando eu tô editando mesmo que eu faço aquela edição super simples, se eu não gostei de uma parte eu faço de novo, então eu tô querendo não fazer isso agora.

Muita gente me mandou figurinha querendo saber da minha vida, me perguntou se tem um advogado na minha família, o que a minha família faz onde que eu estudei se for escola pública e escola particular, se eu sempre morei aqui em São Paulo ou não, se eu vim para São Paulo depois quando que eu conheci o Thiago, como foi na faculdade, por que eu escolhi direito, se eu era estudiosa na faculdade ou não, que estágios que eu fiz, enfim, perguntaram tudo.

Então eu decidi que eu vou fazer um vídeo meio que me apresentando para vocês, talvez eu conte aqui coisas que nem os meus amigos próximos sabem porque a gente não falou - ô pera aí, deixa eu contar a história da minha vida né? Mas... sei lá, muita gente perguntou e muita gente apareceu fazendo os comentários do tipo - aí só loirinha, Patricinha, não sabe nada... E essa pessoa que não sabe nada da minha vida, então eu decidi dividir um pouco e aí desse jeito assim de uma vez.

É... bom... eu sou filha da minha mãe com meu pai e minha mãe é uma... sou filha biológica da minha mãe do meu pai, a minha mãe é de uma família de cinco irmãos, a minha avó materna era cantora lírica, Lenice Prioli, se alguém quiser pesquisar ela era mara e ela faleceu recentemente, e o meu avô materno era fiscal, funcionário público, eles viviam numa casa na Lapa, a minha avó viveu nesta casa até quase falecer a gente passou a infância lá e era muito legal; a minha família toda é Lapiana, toda a família da minha mãe mora na Lapa, minha mãe

ainda mora na Lapa, a Lapa aqui em São Paulo tá? E eles tinham uma vida melhor assim, não podiam esbanjar, mas uma vida confortável.

A família do meu pai era mais pobre a minha avó paterna chegou aqui no Brasil com 3 anos ela era portuguesa, então todo mundo me pergunta: “cê tem ascendência italiana?” (sic) Tenho por parte da família da minha mãe e da parte paterna da família do meu pai, mas são mais distantes, o que eu tenho de mais próximo é a ascendência portuguesa por parte da minha avó paterna, minha vó Nazaré.

A minha vó Nazaré chegou aqui super pequena e nunca conseguiu estudar, minha avó faleceu analfabeta e eles tinham condições de vida muito difícil, é... viveram em cortiços quase que a vida toda do meu pai, o meu pai foram cinco irmãos também e foi o único que conseguiu fazer faculdade, nenhum dos outros irmãos dele tem faculdade e quando a minha mãe e o meu pai se conheceram, a minha mãe eu acho que tava na Faculdade de Fonoaudiologia e o meu pai era vigia do Estadão, ele trabalhava no Estadão, aí eu tô lembrando as coisas da gente, aí o meu pai, enfim, ele saiu do Estadão e foi para Nestlé né, na Nestlé que ele começou a galgar os cargos dele, ele tinha feito faculdade de geografia e não adiantava pra nada a faculdade de geografia na Nestlé, ele precisava fazer uma outra faculdade na área dele, então ele foi fazer contabilidade na faculdade Campos Salles, na Lapa, e enquanto isso a minha mãe se formou, eles casaram depois que minha mãe se formou e ela começou a trabalhar numa clínica de uma fonoaudióloga que chama Beatriz Padovan, que é inclusive a fonoaudióloga que trabalha com o método que a minha mãe trabalha, que é a organização neurofuncional.

Depois de dois anos que eles tinham casado eu nasci, a minha mãe descobriu, olha isso, a minha mãe descobriu que tava grávida de mim viajando para Fernando de Noronha, e a minha mãe é muito relax, a é... minha mãe é [assoprando] nem aí e aí ela começou a sentir enjoos falava - Nossa, sentindo enjoo, tô super enjoada! E o meu pai falava - Não, é por causa da comida - porque a ilha né, naquela época chegava menos variedade de comida ainda, ele falava - Não, deve ser a comida daqui! E aí ela pulou de penhasco, é... entrou no mar, ondas e tudo mais então e eu tava lá na barriga dela, pulando de penhasco, bem pequena, então talvez tenha sido por isso eu teria nascido assim meio chacoalhada.

Depois de dois anos, eu nasci e quem não mora aqui em São Paulo, na Lapa, pode ir lá e ver se conhece, eu nasci e morei no primeiro lugar que eu morei foi na Rua Coriolano, na Lapa, nuns predinhos que tem baixinhos de três andares, e eu morava no apartamento que tinha tipo um quintal assim, mas era o quintal do térreo e não tinha nenhuma área de lazer para gente conviver com outras crianças. Daí, é... minha mãe e meu pai compraram um apartamento, acharam uma oportunidade, financiaram um apartamento na Vila Mangalot, por isso que às

vezes eu falei aqui da Vila Mangalô, é um bairro perto ali de Pirituba, Parque São Domingos, é quem não é de São Paulo não vai entender nada, mas assim, a Lapa é um bairro, que a gente fala aqui em São Paulo, antes da ponte, tem o centro de São Paulo aí tem o entorno do centro de São Paulo, antes das pontes, do rio Pinheiros e do Rio Tietê e os bairros depois da ponte, então o que fica depois da ponte é mais longe, né? Então é mais periférico, na Lapa onde morava o primeiro que é onde tá a família da minha mãe, era antes da Ponte, aí a Vila Mangalô, depois da ponte, a gente foi morar lá depois da ponte, porque ele financiaram apartamento e tinha parquinho e aí eu fui lá, eu tinha quatro anos, meu irmão dois, e a gente ficou alucinado porque tinha criança e tal, e a gente foi morar lá no parquinho, no parquinho não, no apartamento que tinha um parquinho, e que foi o apartamento que eu morei até a metade da minha adolescência.

Era um apartamento pequeno, 50 metros quadrados, a gente tava todo mundo lá e era muito legal. Eu tive infância deliciosa, maravilhosa, o bairro era uma delícia, tinha feira de sábado, a gente ia com roupa da piscina na feira, e aí nossa, era muito bom, eu gostei muito de morar lá. E aí a dinâmica da minha família ficou mais difícil para os meus pais; o meu pai, lembra que eu falei que ele foi trabalhar na Nestlé, a Nestlé aqui em São Paulo é na Berrini, e aí eles tinham um carro só, e aí quem ficava com o carro era minha mãe porque a gente era pequeno, então meu pai ia todo dia, lá da Vila Maria até a Berrini trabalhar e aí depois ele saía do trabalho e ia para faculdade no Campo Sales, porque ele precisava do título, lembra na área dele, para poder galgar posições no trabalho. Então, eu já comentei com vocês algumas vezes sobre isso, né, mas eu só podia esperar o meu pai chegar em casa às sextas-feiras, porque como ele chegava muito tarde, a gente tinha, enfim acordava cedo, tinha que dormir cedo, eu tinha que dormir depois do Globo-Gloob, e eu só podia assistir um programa de televisão por dia, pra assistir. É, a gente só podia esperar ele na sexta-feira, aí hã, quando eu tinha 6 anos, que eu já contei isso aqui pra vocês, o meu pai faleceu.

Meu pai faleceu num acidente de carro, a gente tava voltando do sítio, de um sítio que a gente tinha ido, ele ouviu um barulho no motor do carro parou um posto policial para ver o que que era e ele foi para o porta-malas para pegar umas ferramentas e um outro carro perdeu a direção e prensou ele contra o carro, bateu no carro que a gente tava, e foi um acidente super feio, faleceram as outras duas pessoas do outro carro e é isso.

E aí a minha vida fez um né? [movimenta as mãos em sinal de círculos], acho que principalmente pela minha mãe... a minha mãe, a minha mãe precisava tá aqui, porque a minha mãe ela é assim fodona, ela pegou a gente, é... levou a gente pra casa de uma tia minha, a gente tava no lugar complicado, com um hospital conhecido por não ser muito bom aqui em São Paulo; Então ela levou, ligou para o primo dela que era médico, pra ver se a gente tava

machucado, a gente não se machucou, foi um acidente muito grave mas a gente, é... o meu irmão só sangrou o nariz e eu fiquei com galo na cabeça, porque eu tava dormindo encostada na janela do carro. Mas a minha mãe foi muito guerreira, muito guerreira, eu nunca vi a minha mãe chorar; e aí começa algumas coisas que eu acho importante falar porque eu acho que a partir daí vocês vão entender um pouco da minha visão sobre o mundo, é, no sentido de que as pessoas são capazes de colaborar e que se a gente ajuda alguém essa pessoa não necessariamente vai ficar dependente da nossa ajuda e vai se tornar é improdutiva, enfim.

Quando o meu pai morreu, é, eu já falei pra vocês que meu pai trabalhava numa empresa e minha mãe a autônoma. Há, não, é, quando eu nasci, ela saiu da clínica que ela trabalhava e ela montou um consultório, então ela atendia no consultório os pacientes dela... E aí... é o tempo dela... é que a minha mãe trabalhou até quase eu nascer, da gravidez do meu irmão também, mas depois a gente pequeno, recém nascido ela ficou na licença maternidade não remunerada porque ela era sozinha e ela só ganhava se ela trabalhasse. E o meu pai aguentava né, a Bronca ali com o salário dele da empresa porque ele era empregado.

Quando o meu pai morreu mais do que tudo minha mãe ficou muito aflita porque ela trabalhava meio período então no período que a gente tava em casa ela ficava com a gente e cuidava da casa, porque eu não tinha ajuda. E no período que a gente ia para escola para creche, uma coisa... eu já tinha 4 anos, já tinha 6 anos meu irmão tinha 4, ela ia trabalhar, então a sala na qual ela atendia ela dividia com uma outra fono, é que ela me falou esses dias que chamava Márcia, e quando o meu pai morreu é... a Márcia, olha que legal, minha mãe... minha mãe é bem forte, minha mãe ficou parada por uma semana, depois de uma semana ela voltou a trabalhar, e... e a Márcia durante essa semana entendeu todos os pacientes da minha mãe e deu todo dinheiro para minha mãe e falou para ela que atenderia por mais tempo e faria isso se a minha mãe precisasse para se recuperar daquele baque que ela teve na vida, né. Então essa pessoa ajudou minha mãe, mas me ajudou por tabela, então a gente foi ajudado aí. Hã, logo depois que meu pai morreu uma assistente social ligou para minha mãe perguntando pra ela como era a relação dela com a minha avó Nazaré, a mãe do meu pai, porque o seguro de vida do meu pai tava no nome da minha avó e a minha mãe que a moça perguntou para ela assim: “É...a doença tua sogra boa?” ela falou: “É boa!” e ela: “É muito boa? ela: “É boa. Sim!” e ela falou que: “Então, porque o seguro de vida do Chico, (meu pai chamava Chico, Francisco, minha mãe chama Marta) tá no nome da dona Nazaré” E a assistente social falou: “Eu sei que é ruim dizer isso - ela fez a introdução - mais a gente conhece as pessoas quando tem dinheiro envolvido, então eu queria saber se de fato a relação com a tua sogra boa.” E minha mãe falou: “Então pode ir lá falar com ela!” e a moça foi falar com minha vó, que como eu já disse para

vocês era super humilde e nunca teve muita coisa e quando ela saiu de lá, agora eu vou me emocionar, ela falou, ligou para minha mãe e falou: “Marta - ela colocou o dedo porque minha vó não sabia escrever nem ler - e ela não quis nem saber quanto era.” Então olha que legal né [emocionada e chorando] mesmo tem um dinheiro envolvido a minha vó falou para a assistente social que o dinheiro não era dela, o dinheiro é da minha nora e dos filhos, “do...dos meus netos”

Bom, [riso desconcertado] a minha mãe tava, [Tosse] desculpa, muito nervosa né, com as obrigações que ela teria que arcar sozinha, e a gente estudava numa escola particular na Lapa, e além da gente estuda lá a minha mãe prestava serviço para as escolas, prestava serviço gratuito, ela fazia triagem com os alunos e tal; então ela pediu uma reunião com diretor para poder negociar uma facilidade de pagamento, um desconto, enfim, explicando o momento específico que ela tava vivendo e eles não receberam ela; ela falou que marcaram umas três vezes, mas ela chegava e ficava esperando e ele sempre tinha uma reunião, outra coisa para fazer e nunca recebia, é... E aí ela foi no Campo Sales na verdade para cancelar a matrícula do meu pai, porque ele fazia faculdade lá, e quando ela chegou lá tava um monte de documento ela ligou para minha avó, porque minha avó tinha dado aulas de canto no Campo Sales durante muitos anos e falou para minha avó: “mãe liga lá porque eu tô sem cabeça para resolver isso, precisa de um monte de documento, vê o que que você consegue facilitar para mim.” E a minha avó ligou para Dona Jacira, a dona Jacira, é... Eu não, eu não sei ainda, se, se como a minha vó faleceu, a Dona Jacira era amiga dela, eu não sei se a dona Jacira ainda tá viva, espero que sim! Espero que ela possa ver ou que alguém possa ver esse vídeo. Mas a minha vó ligou para Dona Jacira e falou: “Olha aconteceu isso e eu preciso cancelar matrícula do meu genro, ele faleceu e minha filha foi lá...” e a dona Jacira falou para ela: “Mas, a tua filha precisa de alguma coisa? Porque você pode me dizer se tem netos...” Então, na verdade tem e ela tava muito nervosa e...e eles estão...ela tentou fazer uma reunião mas não conseguiu na escola, e a dona Jacira disse: “Não, não, não! O que você precisa?” E a minha vó respondeu: “Olha, o ideal seria a possibilidade dos dois filhos dela, a Gabriela o Rafael estudarem aí, mas como ela tá sozinha ela reveza com a minha outra nora, a Anita - que a mulher do meu tio Paulo - porque aí ela precisaria que os filhos, os primos das crianças, estudassem também pra que ela pudesse revezar, pra que a Anitta pudesse levar as crianças para escola”. E a dona Jacira deu não só a bolsa integral para mim e pro meu irmão durante quase a minha vida inteira que eu estudei no Campos Sales...eu estudei no Campos Salles da primeira série até o primeiro colegial com bolsa de 100%. Mas ela deu bolsa para os meus dois primos também para minha tia poder levar a gente para escola.

Então assim, quando eu falo de solidariedade, de ajuda, de olhar para o outro, de perceber a dificuldade que o outro tá vivendo, é... [tosse] de fazer o máximo que a gente pode, é por isso! Eu fui muito ajudada, eu sei dessas coisas, e embora algumas pessoas tenham a visão de que se você dá a mão né, cê (sic) pode gerar uma dependência, eu vi que isso não fez com que nem eu nem minha família ficássemos dependentes de nada, a gente só... só teve apoio quando a gente precisou, sabe? Quando a gente não ia conseguir sozinho, a gente precisava de uma muleta ali e entregaram para gente; então é... quando vocês perguntam como que eu formei minha visão de mundo, porquê que eu penso desse jeito, como é que eu construí a minha percepção, acho que vou por isso, por causa dessa história, pelo que eu vivi e eu tô olhando ali que já tá dando 17 minutos, então eu vou parar agora, e eu falo mais, mais, pra frente porquê... há! Porque vai ficar grande, e aí eu falo depois, dá, de como as coisas foram melhorando e como elas chegaram até hoje e sobre as minhas escolhas, enfim, mas é isso espero que vocês gostem de me conhecer um pouquinho mais, eu tô... eu sou extrovertida, mas eu tô tímida... é isso, tchau!

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 2 MEUS LIVROS FAVORITOS

- PARTE 1

- Data: 3 de mar de 2020
- Visualizações: 447.625
- Likes: não disponíveis
- Dislikes: não disponíveis
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ii7tYf6y4ZI&t=223s>.

Eu ia jogar pra cima mas ia cair na minha cabeça. [Risos] Oi, oi. Então eu fiz um desafio no meu Instagram pedindo um tema rapidinho e as pessoas me mandaram que elas queriam os meus livros preferidos. Então como não vai caber todos os meus livros preferidos assim, num ... num vídeo só, eu decidi que eu peguei aleatoriamente alguns tão aqui atrás nessa minha estante extremamente organizada, mentira, tem livro por todos os lugares, é, mas eu peguei alguns aleatoriamente para mostrar para vocês.

O primeiro é... Marina tem que ver se tá focando, sim, Clarice Lispector, *Uma Aprendizagem ou o Livro dos Prazeres*, é um livro pequenininho, muito legal eu não consigo dizer muito bem do que que ele trata, mas pra mim, pra mim né, Clarice é um... pra mim é um livro de amor, é um relacionamento entre duas pessoas, e eu gosto muito, é... eu gosto muito de Clarice, no geral, meu irmão gosta muito de Clarice, foi ele que me indicou na verdade começar a ler Clarice Lispector por causa do meu irmão, beijo Rafael; e se vocês pegaram esse livro para ler, quando o parágrafo começar com, “Nós ainda somos moços, podemos perder algum tempo sem perder a vida inteira (...)” vocês vão lembrar de mim.

O segundo livro é o *Germinal* do Émile Zolá, Émile Zola [tentativa de acertar a pronúncia] não sei como é que, enfim, se o Zola aqui no Brasil fica do mesmo jeito, com o mesmo acento; engraçado que esse livro tem uma história curiosa, este livro era do meu pai, olha como ele é velhinho, e aí um dia eu sonhei com a capa dele e sonhei com meu pai dizendo que as respostas para as minhas perguntas estavam no *Germinal*, curioso né. É, ele é um romance, escrito no século 19, falando sobre os mineiros, sobre as pessoas que trabalhavam nas minas de carvão, então ele descreve uma greve dos operários por melhores salários, e ele vai falar também das divisões que já existiam entre os próprios operários, entre os anarquistas e os marxistas, enfim, é um livro muito legal é, e se vocês vierem vocês vão lembrar de mim é bem no comecinho mas eu falo que tem uma cena que ele tá descrevendo, que o personagem tá andando nos bosques, tá de noite enfim, ele tá indo em direção a mina na qual ele vai trabalhar e aí o solar descreve

da seguinte maneira, porque tava muito escuro, e aí ele fala “Nenhum sinal de alvorada clareava o céu morto.” Aí [gestos de emoção].

O livro do desassossego. Acho que se bobear é o meu livro preferido, eu sou apaixonada por Fernando Pessoa e essa uma obra de Fernando Pessoa num heterónimo não tão conhecido, a gente conhece mais Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis e esse aqui chama Bernardo Soares; Bernardo Soares, o guardador de livros, e é uma obra que parece um diário, então são vários pequenos [cai algo do livro ao ser folheado] Olha, tinha dinheiro guardado no meu livro, num é mesmo, que surpresa, mas enfim, é... um diário, são pequenos trechinhos, dá pra deixar do lado da cama e ir lendo aos poucos e é muito gostoso, tem umas reflexões fantásticas, eu amo, já tem grifo diferentes, assim, uns com lápis, outros com marca texto rosa, outros com marca texto amarelo, porque eu realmente, é, esse livro, e.. e se vocês lerem esse livro, vocês podem lembrar de mim no: “Nessas impressões sem nexos nem desejo de nexos, narro indiferentemente minha história sem fatos, na minha autobiografia sem vida, e se nelas nada digo é que nada tenho que dizer.” Talvez tenha algum erro que eu tô fazendo uma situação livre da minha cabeça tá?

Valter Hugo Mãe, *O filho de mil homens*, o escritor português contemporâneo, esse livro é uma gracinha, e como que eu vou explicar? Mas são várias histórias tristes, cada personagem tem uma... uma tragédia individual, mais eles conseguem tirar uma coisa muito bonita da junção dessas tragédias individuais. Então eu acho que tem uma mensagem muito interessante de como pode nascer beleza de um, de um cenário que não necessariamente a gente enxerga como um nascedouro de beleza, assim, de forma óbvia, é muito bonito, é...você se emociona em alguns trechos... Há, é muito lindinho, eu fiquei feliz, eu ganhei de uma amiga minha e...foi um dos livros que eu li recentemente que eu fiquei mais, sabe, de alma acalentada, mas ele é todo bonitinho assim, eu não me lembro de nenhum trecho para falar para você agora, posso falar esse: “Ser o que se pode é a felicidade.” Boa, é o resumo do livro. Este aqui, é um dos meus livros preferidos da vida.

Os miseráveis, do Victor Hugo. Eu gosto também muito do *O último dia de um condenado*, gosto mais, na verdade do prefácio de *O último dia de um condenado*, do que do livro; *Os Miseráveis* é um romance Fantástico que tem como tema central a história do Jean Valjean, que é um homem, que por um crime, enfim, ele tá tentando sustentar a família dele e comete um crime e vai para as galés, que são as prisões lá de trabalhos forçados da França, e aí conta toda a trajetória dele, então que que ele passa, como que ele saiu de lá, o que que aconteceu, é... e aí ele fala de pessoas vivendo numa situação de absoluta vulnerabilidade, então como que a vida dessas pessoas se encaminha e aí o destino dos personagens se cruzam, enfim é muito muito

muito muito muito muito muito muito muito bonito eu acho que vale a pena todo mundo ler e se vocês leram tem dois trechos muito legais, um primeiro, que vocês podem lembrar de mim, é não vou saber se citar *ipsis literis*, mas o Jean Valjean tá procurando um lugar para dormir, ele não encontra, ele não encontra hospedaria por causa do passaporte amarelo dele, porque ele vem das Galés, e ele não consegue dormir nem na casinha do cachorro e ainda em determinando momento falam para ele procurar a casa do bispo, ele vai pra casa desse bispo e aí abrem, servem o jantar e o bispo pede pra ele ser recebido da melhor maneira possível, é...é, e ele falou: “Nossa, por que que você abriu a porta comigo, da sua casa? e ele fala - Essa casa é tão sua quanto minha, então, essa é a casa de todos aqueles que sofrem de alguma maneira. - E aí ele falou - Você não precisa... você nem me perguntou quem eu era? - Ele fala - Mas você não precisava me dizer quem você era, eu já sabia antes de você falar. - e aí o Jean Valjean pergunta para ele - Eu, mas você já sabia meu nome? - E o bispo diz assim – Sim, você se chama meu irmão. ” É muito bonito né? E aí tem um outro trecho que eu amo que ele fala: “ O pecado comete-se no meio da escuridão que envolve as almas e o culpado não é o que peca, mas sim quem produziu a sombra”.

Dois livros do George Orwell, *1984*... sobre as distopias aliás, o *1984* na minha humilde opinião é melhor que o *Admirável Mundo Novo*, que por sua vez é bem assim baseado no romance de um russo chamado Zamiátin, que chama *Nós*, que a gente não conhece tão bem, e eu achei o *Nós*, do Zamiátin, melhor do que o *Admirável Mundo Novo*, mas de todos eu ainda prefiro *1984*. O *1984* é o tal do livro do Big Brother, mas essa história do Big Brother é a mais besta do livro inteiro, tem outras coisas muito muito muito muito muito muito mais interessantes. O Orwell era um socialista, mas que na época tava criticando o regime socialista da antiga União Soviética por causa dos abusos cometidos, e aí tem um trecho que ele fala num dos prefácios, eu acho que é na *Revolução dos Bichos*, que é um prefácio à edição ucraniana, mas que ele fala o seguinte que o problema é mentalidade de gramofone não importa se você gosta da música que está tocando agora, então é no sentido de você encampar uma cartilha sem refletir criticamente sobre o que tá acontecendo sobre como as pessoas que defendem aquela ideologia tão botando a ideologia em prática e isso vale pra qualquer lado do espectro político; então *1984* é muito muito muito bom, é e *Revolução dos Bichos* eu também eu vou me permitir usar a frase que a capa do meu Facebook, você viu? Que é quando ele perguntar se ele não achava, que ele achava daquela situação, ele dizia, “Os jumentos vivem muito tempo! ” Leiam, vocês vão entender porque que essa é a melhor frase de livro.

Este aqui é um livro do Tolstói, que chama *Ressurreição*, aiii! Que eu gosto tanto que eu tenho em russo. Eu comprei o livro em russo. Conseguirei ler? Não! Mas ele tá aqui, um

delicioso. Esse é o livro *Ressurreição* de Tolstói, eu tinha uma outra mas eu emprestei nunca mais voltou, então eu comprei uma edição comemorativa que vem com a morte de *Ivan Ilitch* e *Anna Karenina*, é... esse livro fala sobre um cara que tinha uma condição de vida melhor e se envolve com parente dos empregados dele e aí eles tiveram um caso, ela engravida, ele fica sem saber, a vida dele se separa, enfim, muito tempo depois ele é convocado para ser jurado, e aí quando ele chega no jure que está sendo julgada é ela, e aí ele começa a ficar, meu Deus do céu que aconteceu como que a nossa vida pode ter sido um curso tão diferente, e aí ele vai descrevendo o cenário do tribunal, como as coisas são conduzidos.. Eu uma vez de escrevi um artigo para um site jurídico especializado que eu usei um trecho do livro do, desse livro de Tolstói, e falando que ele descreve o sistema naquela época na Rússia, se não me engana 1889 que o ano da publicação da primeira edição de *Ressurreição*, mas eu falei que isso podia ser transposto para os dias de hoje e uma das frases que eu gosto muito do livro que ele fala que é: “Mais que esforço, esforço ferrenho que custa esse fingimento, eu não sei o que é pior, o que é maior aqui, a crueldade ou absurdo mas parece que tanto uma como outra coisa alcançaram último grau.” Eu amo esse livro é demais, muito bom. Esse livro é demais e eu vou contar uma história curiosa sobre esse livro; como que eu cheguei nele, um dia eu achei uma citação na internet tipo, sabe aquelas figurinhas que aparece no trecho? Pois é! É aí falavam que era um trecho dos *Irmãos Karamazov*, Karamazov? Karamazov? [Tentativa de acertar a pronúncia] Hãhã? Karamazov - [Enquadramento preto e branco. Voz feminina não presente na imagem responde] - Karamazov! Disse a menina russa que tá aqui do lado. E aí eu li o livro inteiro e não achei a porcaria da citação, falei, gente como assim eu li esse livro inteiro? Aí, aí, numa pesquisa, porque eu falei, não é possível que tenham me enganado, eu achei que na verdade era uma interpretação dos *Irmãos Karamazov* feita pelo Rubem Alves, um autor brasileiro. E aí eu falei, bom, vou atrás do Rubem Alves. Quero achar aqui o trecho pra ler pra vocês, mas onde será que está? Aqui, vou ler pra vocês: “ Somos assim, sonhamos o voo, mas tememos as alturas, pra voar é preciso amar o vazio, porque o voo só acontece se houver o vazio, o vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Os homens querem voar mas temem o vazio, não podem viver sem certezas, por isso, trocam o voo por gaiolas, as gaiolas são o lugar onde as certezas moram, é um engano pensar que os homens seriam livres se pudessem, que eles não são livres porque um estranho os engaiolou ou e que se as portas da gaiola estivessem abertas eles voariam, a verdade o oposto, os homens preferem as gaiola ao voo, são eles mesmos que constroem as gaiolas onde passarão o resto de suas vidas. ” Bonito né? Esse é um livro do Rubem Alves, ele é, enfim, embora tem esse trecho ele vai falar que basicamente de uma doutrina mais ortodoxa do protestantismo e como ele quer um pastor presbiteriano como que

ele ver a religiosidade, que a religiosidade é o voo, é, que a fé o voo e que as religiões são gaiolas, e é um livro muito interessante ele tem várias notas de rodapé, são fantásticas, queria muito ter conhecido Rubem Alves, sentar com ele para tomar um café, é... mas enfim, já que eu não pude, tá aqui o livro dele, esse é um livro bem difícil de achar, eu achei na, num sebo e na época que eu achei num sebo eu comprei todas as edições disponíveis na internet para dar de presente para os meus amigos, então talvez elas não existam mais na internet, mas dá para procurar-nos sebo físico.

É isso, espero que tenham gostado e se vocês escolherem alguns desses livros me contem o que vocês acharam depois de ler, me conta se vocês acharam os trechos que eu citei que ficaram na minha cabeça, é não foi um vídeo assim de uma análise profunda sobre os temas, uma resenha dos livros, foi mais uma coisa solta que a gente decidiu gravar assim depois de pronto, e é isso, leiam, ler é uma delícia.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 3: POR TRÁS DO DISCURSO DE SERGIO MORO - PARTE 1

- Data: 25 de abr. de 2020
- Visualizações: 463.190
- Likes: 47 mil
- Dislikes: 1,6 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QgbvBCPVjMY&t=5s>.

Oi pessoal, como eu digo sempre, a partir de agora menos emoção e mais razão, já vou explicar para vocês que esse vídeo é um pouquinho diferente porque vocês estão me cobrando muito que eu faça uma análise da coletiva do ex-ministro Sérgio Moro, que ele deu ontem, e então a gente vai fazer um vídeo mais rapidinho eu como se fosse um quase eu vivo, embora não seja ao vivo, eu vou aqui ter a ajuda do meu iPad pra gente conseguir publicar logo, tá bom?

Vamo (sic) lá, então o que que aconteceu essa semana, começaram a surgir aí na imprensa algumas conjectura sobre a insatisfação do Moro com a tentativa do presidente Jair Bolsonaro de trocar o comando da Polícia Federal, o diretor-geral da Polícia Federal, e os jornalistas começaram a dizer que o Moro sairia do Ministério da Justiça e Segurança Pública, o que a rede bolsonarista tratou logo de rechaçar, falando que de novo a imprensa com Fake News, que a imprensa, enfim, *blá-blá-blá...* como ele sempre falam. Daí, no dia seguinte depois dessas conjecturas virem à tona o ex-ministro Sérgio Moro convocou uma coletiva, ele era ministro até então, e aí ele fez uma denúncia né, não foi nem um, um, é... um pronunciamento explícito; ele citou várias coisas envolvendo o presidente da República, o que deu até origem a um inquérito instaurado no Supremo Tribunal Federal, mas a gente vai falar já já.

Eu assisti, de novo, essa coletiva do ex ministério Sérgio Moro e anotei alguns trechos para vocês, então eu vou lendo aqui e vou falando que eu acho relevante. Primeiro trecho, o ex ministro Sérgio Moro diz o seguinte: “Desde 2014, na lava jato a gente sempre tinha uma preocupação constante da interferência do executivo nos trabalhos de investigação - o executivo é a Presidência da República, tá? - isso poderia ter sido feito de diversas formas, a troca do diretor-geral assim que houvesse causa, a troca do superintendente, enfim; foi garantida a autonomia da Polícia Federal durante os trabalhos é certa, - e aqui parte muito importante - é certo que o governo da época tinha número, os defeitos, aqueles crimes gigantescos de corrupção que aconteceram naquela época, mas foi fundamental a manutenção da autonomia da Polícia Federal para que fosse possível realizar esse trabalho, seja de bom grado seja por

pressão da sociedade essa autonomia foi garantida e isso permitiu que os resultados fossem alcançados.”

Então o que que o ex ministro Sérgio Moro tá falando, que durante a gestão petista com todas as ressalvas que ele faz, a autonomia da Polícia Federal foi garantida, eu já tinha falado isso em algumas outras manifestações minhas, é, trazendo uma fala do Procurador Carlos Fernando dos Santos Lima, que entregava a força-tarefa da lava jato, que em 2016 deu uma entrevista falando sobre isso, dizendo que antes dos governos do PT as instituições não tinham Independência e que o PT, garantiu a independência não só da Polícia Federal como também do Ministério Público Federal.

É, outra coisa importante de saber que a Lei das Organizações Criminosas, que tem lá a previsão da delação premiada, que foi o instrumento mais usado durante a lava-jato, é, foi uma lei aprovada na gestão Dilma, uma lei aprovada sem vetos, eu vou deixar os links aqui embaixo para vocês consultarem; eu falei que na gestão petista foi garantida não só a independência da Polícia Federal como também do Ministério Público Federal; e é importante a gente falar isso porque embora a lei diga que é a prerrogativa do chefe do Poder Executivo, do Presidente da República, nomear o diretor-geral da Polícia Federal, e nomear o procurador-geral da República, o que a gente percebe é que nas gestões petistas essa determinação legal ela era deixada de lado para se observar uma tradição que garante a maior independência para essas instituições; então no caso do Procurador Geral da República internamente o Ministério Público Federal faz uma eleição e dessa eleição, da escolha então feita pelos próprios procuradores resultam na lista tríplice, que era observada desde 2003, primeiro ano de gestão Lula, e o presidente Jair Bolsonaro também rompe com essa tradição quando ele foi nomear o Augusto Aras que essa semana ganhou muita visibilidade depois de um período em que ele foi acusado de fazer concessões, aí a gestão Jair Bolsonaro - é, ele pediu uma instauração de inquérito para apurar a organização das manifestações com períodos autoritários, a gente já falou sobre isso em outro vídeo, e na data de ontem, não sei quando vocês estão assistindo esse vídeo, mas no dia... que dia é hoje? No dia, pera aí gente, hoje é 25 de Abril, então ontem, 24 de Abril de 2020, o procurador-geral da República, Augusto Aras, pediu também a instauração de um inquérito para apurar eventuais crimes cometidos pelo presidente Jair Bolsonaro, que surgiram aí desse pronunciamento do ex ministro Sérgio Moro.

Mas o importante é que o presidente Jair Bolsonaro rompe com a tradição de respeito a lista tríplice enviada pelo próprio MPF, pra indicar pro cargo alguém da escolha livre dele, e não portanto, é, uma pessoa que foi excluída dentro do próprio órgão; isso foi muito criticado quando da escolha do procurador Augusto Aras também já foi uma ruptura com esse setor

lavajatista do bolsonarismo, mas alinhado ao Sérgio Moro, por que que é importante essa história da nomeação do procurador-geral da República? Porque é o procurador-geral da República quem atua perante o Supremo Tribunal Federal, que é o Tribunal responsável por julgar o presidente da República na prática dos crimes comuns, os crimes de responsabilidade são julgados pelo Senado Federal e os crimes comuns pelo Supremo Tribunal Federal; algumas pessoas acham que podem perguntar - a Gabriela, mas não tem aquela questão onde (sic) o presidente não pode responder pela prática de crime durante o mandato? - Então, na verdade ele não pode responder pela prática de crimes estranhos ao exercício das suas funções, então está previsto no artigo 86 Parágrafo 4º da Constituição Federal, “O presidente da República, na vigência de seu mandato não pode ser responsabilizado por atos estranhos ao exercício de suas funções. ”

Tá, segundo ponto do pronunciamento do ex ministro Sérgio Moro foi a questão da pensão, ele fala assim, se algo me acontece-se... o que ele diz, - eu fiquei 22 anos na magistratura, tava abandonando para assumir o ministério, e aí vai perder tudo que eu contribui para previdência. Então o que eu falei pro presidente da República era que se algo me acontece-se, já que eu tava ali combatendo o crime organizado, eu não queria que minha família ficasse desamparada e sem uma pensão - e o presidente teria concordado com esse compromisso. Muita gente nas redes sociais começou a falar do absurdo que era esse pedido, porque afinal não existe previsão legal pra essa pensão e, portanto, ela não, o presidente da República não poderia ter concordado com ela, outras pessoas avaliaram isso de forma muito positiva dizendo que era uma preocupação legítima do ex-ministro Sérgio Moura, aqui quero dizer que acho de fato uma preocupação legítima, ele tava preocupado com a família dele, porque ele ia se expor combatendo o crime organizado, então absolutamente legítimo, num primeiro momento achei estranho, achei estranha essa combinação de uma pensão que foge das hipóteses legalmente estabelecidas, mas aí ontem eu vi uma publicação do professor Gustavo Badaró falando que seria possível que se combinasse uma indenização para família do ministro Sérgio Moro, desde que isso fosse aprovado, fosse previsto, por uma lei aprovada pelo Congresso Nacional e ele deu o exemplo da Lei N 10706 de 2003, que concedeu uma indenização em moldes diferentes, enfim, mas é um exemplo, então isso poderia servir aí como um indicativo de que essa indenização seria possível mesmo sem que houvesse uma violação é daquilo que é determinado pela lei, seria uma hipótese excepcional.

De qualquer maneira a gente precisa pensar o seguinte, é claro que um ministro da Justiça e Segurança Pública se expõe ao combater o crime organizado; mas mais do que um ministro de Estado, se expõe os policiais todos os dias que tã na linha de frente né, do combate ao crime

organizado e esses policiais que no geral são mal remunerados e tão lá muito mais expostos aos riscos, eles não têm a prerrogativa nem de opinar sobre a organização e implementação das políticas de Segurança Pública e também não tem a possibilidade de combinar com o presidente da República uma indenização para suas famílias caso algo lhes aconteça, e uma indenização excepcional fora das hipóteses já legalmente estabelecidas.

Então, acho que é importante a gente pensar nisso, claro que é legítima preocupação do ex-ministro Sérgio Moro como indivíduo, como ser humano, mas pensar nisto, nisso, num contexto mais amplo que é de as nossas políticas de Segurança Pública da forma como elas são estabelecidas, e aí eu convido vocês a já assistirem outros vídeos nos quais eu falo principalmente sobre política de drogas, é, elas são estabelecidas e elas colocam em risco os agentes de Segurança Pública que estão lá na linha de frente né, e que no geral fazem parte do estrato mais pobre da nossa população, que se a gente for avaliar o salário que pago aos policiais a gente vai ver que não é um salário alto.

Bom, continuou o pronunciamento, ele fala o seguinte, o ex-ministro Sérgio Moro: “ A partir do segundo semestre do ano passado, passou a ver um insistência do presidente na troca do comando da Polícia Federal, isso foi inclusive declarado publicamente pelo presidente da República - É verdade, tem várias matérias mostrando vídeos do presidente da República falando que ele queria trocar o superintendente do Rio de Janeiro, e aí ele fala que quem manda é ele, que se ele não puder trocar o superintendente ele vai trocar o diretor geral, que já era essa indicação de que ele queria trocar o Vallejo, então o presidente da República já fazendo uma pressão sobre a Polícia Federal; e aí o ex-ministro Sérgio Moro diz que - não havia motivo para a substituição...” [tarará-tará] Né, tá. Vamo lembrar - e tô gravando na câmera errada [risos] - vamos lembrar o que que tava acontecendo na época na Polícia Federal do Rio de Janeiro.

O Flávio Bolsonaro tava sendo investigado por lavagem de dinheiro nas transações imobiliárias, é, existe uma manifestação agora em 2020 do delegado da Polícia Federal, e depois da troca do superintendente do Rio de Janeiro que o ministro moro diz que foi feita respeitando critérios técnicos, mas enfim tava rolando as investigação sobre uma possível lavagem de dinheiro praticada pelo Flávio Bolsonaro, filho de Jair Bolsonaro, no âmbito da Polícia Federal do Rio de Janeiro, aí o superintendente da Polícia Federal foi trocado o ministro Moro diz que por critérios técnicos, mas em fevereiro de 2020 eu vou colocar o link aqui embaixo, é, a Polícia Federal concluiu o inquérito dizendo não haver indícios dessas atividades de lavagem de dinheiro envolvendo as transações imobiliárias, surgiu na imprensa até algumas elucubrações sobre a proximidade do delegado da Polícia Federal responsável por esse caso e a família Bolsonaro. Ai, o ministro Morro diz o seguinte - que o presidente da República passou

a insistir muito na troca do diretor geral e que ele sempre falou que não existia nenhum problema em trocar o diretor-geral, que isso, desde que o presidente da República indicasse um motivo técnico para troca - então, uma ineficiência do diretor-geral algum problema de produtividade; E aí ele fala das operações há... contra corrupção e diz que - eles tiveram um problema no ano passado, porque eles não puderam movimentar inquéritos policiais ligados a lavagem de dinheiro, por cerca de quatro meses - Aqui nesse ponto, ele está falando sobre a paralisação dos inquéritos envolvendo os dados do antigo COAF, atual UIF, se você se lembrarem bem em virtude de um pedido feito pela defesa do senador Flávio Bolsonaro, filho do presidente Jair Bolsonaro, junto ao Supremo Tribunal Federal, os inquéritos envolvendo dados do COAF foram paralisados por cerca de quatro meses, então aqui, o ex-ministro Sérgio Moro faz uma menção aí é uma paralisação, que também foi decorrente de um pedido da defesa do senador Flávio Bolsonaro.

Olha, esse vídeo tá ficando gigantesco, então eu vou parar por aqui e a gente continua num próximo vídeo pra não ficar muito cansativo pra vocês, quem quiser assistir os dois em seguida, quem quiser dá um tempinho, respira, bebe uma água, mas volta pra assistir o próximo.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 4: 20 COISAS QUE BOLSONARO PODE FAZER SOBRE AS MORTES POR COVID-19

- Data: 30 de abr. de 2020
- Visualizações: 412.399
- Likes: 75 mil
- Deslikes: 1,4 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QxPu06GKuLM&t=1s>.

Olá pessoal, como eu sempre digo pra vocês, a partir de agora menos emoção e mais razão. (Vinheta). Bom, eu sei que vocês devem estar aí ansiosos querendo que eu me pronuncie sobre a decisão do ministro Alexandre de Moraes em relação à nomeação do Alexandre Ramagem, depois do próprio Presidente Jair Bolsonaro desistiu da nomeação dele para direção geral da Polícia Federal, mas tá todo mundo querendo saber sobre esse imbróglio envolvendo aí o controle do Poder Judiciário sobre o poder do Poder Executivo de nomear as pessoas para alguns cargos, aí o que fez até com que as pessoas lembrassem daquela decisão do Gilmar Mendes sobre a nomeação do Lula em 2016.

A gente vai falar disso mas seguindo aqui o que eu sempre prego a gente vai falar um pouquinho mais de calma, tendo um pouco mais de tempo para refletir sobre o assunto, não só porque eu acho que a gente deva refletir sobre as coisas, mas também porque nesses dias o presidente Jair Bolsonaro direcionou uma pergunta para todos os cidadãos brasileiros a meu ver, e eu acho que é imprescindível que a gente responda a provocação do presidente da República e qual foi essa pergunta feita pelo presidente da República nos últimos dias, como vocês já devem ter visto nas matérias veiculadas pela imprensa, o presidente da República quando foi confrontado com a informação de que o Brasil tinha atingido o recorde de mortes causadas pelo coronavírus em 24 horas e que tinha superado o número total de mortes registradas pela China, respondeu o seguinte: “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou o Messias mas não faço milagre!” Pois é, então eu decidi que nesse vídeo eu vou apresentar algumas respostas a essa pergunta do presidente da República, “Quer que eu faça o quê?” E eu sugiro a vocês que façam o mesmo nos comentários e apresentem as respostas de vocês ao presidente Jair Bolsonaro.

Eu gostaria de dizer que seria bom se o presidente da República não chamasse o coronavírus de gripezinha ou resfriadinho; seria também muito bom que o presidente da República não dissesse que uma pessoa que como ele, tem histórico de atleta, é não ia sentir nada se contraísse o coronavírus. Seria interessante também se o presidente da República

mostrasse o resultado do seu exame de coronavírus, já que muitas pessoas que fizeram parte da sua comitiva na viagem para os Estados Unidos depois foram diagnosticadas com o coronavírus e isso nos leva a um outro pedido; seria interessante que o senhor no meio de uma pandemia que demanda das pessoas isolamento e não aglomeração, não comparecesse a manifestação, manifestações, em favor do seu governo depois de ter pedido expressamente para que as pessoas não fossem as ruas enquanto estava ao lado do seu então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta.

Seria interessante que não incentivasse essas manifestações e repostando vídeos da aglomeração de pessoas nas ruas dos Estados pelo país. Seria interessante que não comparecer a manifestações diante do Quartel General do Exército, inclusive manifestações que tavam (sic) pedindo intervenções autoritárias no meio de um problema de saúde pública. Seria interessante seguindo aí as orientações não só das áreas técnicas do governo, mas também das organizações internacionais de saúde que a senhor deixasse de passear por Brasília e tomasse (sic) o cuidado para quando estivesse nas ruas não assoar o nariz nas mãos, limpar o nariz com as mãos e depois cumprimentar os seus apoiadores, porque isso é exatamente aquilo que tentam desincentivar as autoridades de saúde para conter a disseminação do vírus. Seria muito interessante se o senhor não inventasse teorias da conspiração no meio de uma crise sanitária, como foi por exemplo senhor ter falado que a gente teve fraude na eleição de 2018, enquanto se pronunciava nos Estados Unidos e vamo (sic) aqui lembrar né, o senhor disse que ia apresentar as provas desta fraude, mas até agora a gente não viu nada, então foi só uma criação de tumulto mesmo.

Seria interessante que o senhor não desrespeitasse as orientações técnicas do seu governo e fizesse propaganda de tratamento medicamentoso para o coronavírus sem que as autoridades de saúde estejam tranquilas em relação à utilização deste medicamento para todos os pacientes. Então seria interessante que o senhor antes de se manifestar sobre questões que demandam conhecimentos técnicos, se respeitasse a opinião dos técnicos.

Eu gostaria que o senhor durante uma crise de saúde pública não insistisse em criar uma tensão até isso atingir um nível insuportável com seu ministro da saúde o que resultou na demissão do ministro da saúde, portanto na troca da chefia do Ministério da Saúde durante uma pandemia. Eu sugeriria ao senhor que não colocasse as questões envolvendo investigações de membros da sua família antes dos interesses do povo brasileiro, porque sua preocupação excessiva com as pessoas que integram o seu círculo pessoal acabou criando também uma tensão com o ministro da Justiça o que resultou também no pedido de demissão do ministro Sérgio Moro pouco tempo depois da demissão do ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta.

Então eu sugeriria ao senhor que nesse enfrentamento da crise de saúde pública tentasse criar menos tensões pra que a gente pudesse lidar com esse problema que está demandando as atenções, não só das autoridades públicas, mas o povo brasileiro e aí, vai nesse mesmo sentido uma sugestão para que o senhor parasse de alimentar uma tensão permanente com os governadores dos Estados e os prefeitos dos Municípios. Eu já falei sobre essa tentativa de ser eximida a responsabilidade né, um discurso que o senhor inclusive vai reforçando durante os últimos dias dizendo que as pessoas não podem atribuir a responsabilidade das mortes causadas pelo coronavírus ao senhor, porque as políticas de enfrentamento teriam sido capitaneados pelos Estados, então fica aqui a sugestão para que a senhor pare de criar tensão e na verdade assuma o protagonismo no enfrentamento ao coronavírus, traçando aí uma linha mestra determinado pelo Governo Federal e ressaltando a forma como as autoridades públicas deveriam fazer um enfrentamento dessa crise de saúde pública, então ao invés de se eximir da responsabilidade, que o senhor assuma suas responsabilidades no enfrentamento das questões.

O que senhor poderia fazer também é não destinar tanta atenção ou até uma atenção exclusiva as reuniões com a FIRJAN e com a FIESP, nesse momento em que a gente precisa do Governo Federal dê uma atenção pra tentar negociar com os representantes dos hospitais privados algum tipo de arranjo para poder socorrer aos hospitais públicos quando eles não tiverem mais vagas de UTI para tratar as pessoas que estão em estado grave em virtude do coronavírus.

Seria interessante que o senhor também cumpra como o presidente da República, adotasse uma postura mais ativa no sentido de criticar políticos, no caso um deputado federal e também os ministros do seu governo quando eles adotam posturas incompatíveis com os cargos que ocupam e fazem críticas preconceituosas contra a China enquanto a gente devia na verdade tá se preocupando com outras questões em vez de criar crises diplomáticas. Aliás, falando nisso, em diplomacia, a gente precisaria de um trabalho de diplomacia coordenado com os países que fornecem os respiradores, os equipamentos de proteção individual, pra que os estados não tivessem que negociar sozinhos o fornecimento deste tipo de material; o senhor poderia também como sugestão aí do que a Presidência da República deveria fazer, orientar o Ministério da Economia a gastar energias pra garantir que todas as pessoas que se encaixam nos critérios estabelecidos aí pro recebimento da renda básica emergencial de fato tenham acesso a esses recursos, e não ficar gastando tempo e energia pra fazer críticas ao funcionalismo público discutindo questões que não estão em falta nesse momento, já que o que estava falando era de um eventual pedido de reajuste futuro, a gente poderia se dedicar a questões que tem relevância no momento presente, porque o nosso presente demanda muita atenção.

Sugiro também que o senhor dedique esforços pra coordenar aí a criação de um plano econômico pra gente se desenvolver depois que essa crise de saúde pública passar, porque o plano que foi apresentado nos últimos dias há um que parece não contou com a colaboração do Ministério da Economia.

Seria interessante que o senhor como o presidente da República mudasse um pouco a forma de se referir a ciência, então a gente tá esperando uma vacina mas quando essa vacina for criada, a gente vai precisar dar um jeito de produzir essa vacina em escala, e fora isso, agora que a gente tá se deparando com uma crise de saúde pública, fica latente o quanto a gente deve se preocupar com o desenvolvimento da ciência, então seria interessante que o senhor e os seus ministros mudassem a retórica quando fossem se referir a ciência brasileira.

Além disso, seria muito interessante que o senhor usasse a Presidência da República como uma fonte de conforto e amparo pra população brasileira, como a gente viu muitas milhares de pessoas já perderam entes queridos em virtude do coronavírus, e essas pessoas precisam se sentir amparados pelo governo, além de tudo as pessoas estão tendo que lidar com uma questão do isolamento e de uma perspectiva negativa em relação ao futuro, principalmente pra aqueles que são mais vulneráveis, que geram muita ansiedade, muita atenção, então seria muito interessante se a gente pudesse contar com uma minimização das crises das tensões, pra que a gente pudesse enfrentar esse momento com um pouquinho mais de tranquilidade; seria muito importante que a Presidência da República assumisse o seu protagonismo nesse sentido; vale dizer aqui só fazendo um comentário, que a gestão, o enfrentamento a nossa crise relacionada ao coronavírus, tá sendo tão ruim que mereceu críticas até do próprio ídolo do senhor presidente da República, que é o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump.

Então em resumo, a resposta para pergunta: “ O quer que eu faça? ” É, quero que o senhor se comporte como presidente da República, o senhor se candidatou para esse cargo, é esse cargo pressupõe liderança e responsabilidade, então o senhor deve assumir o protagonismo é, e coordenar o enfrentamento ao coronavírus em vez de ficar desenvolvendo um discurso que sempre queria tensão e se eximindo da responsabilidade ou se o senhor não tiver disposto a governar com responsabilidade e com a dedicação que isso exige, que se retire. Então é isso, no pronunciamento que fez na semana passada quando respondia a entrevista coletiva concedida pelo ex-ministro Sérgio Moro, o presidente Jair Bolsonaro se referiu a ele mesmo com militar, cristão e presidente da República, mas com as suas atitudes ele mostra que ele não é nenhuma dessas coisas, ele não consegue nem ser um líder militar, nem demonstrar um comportamento cristão, porque minimizador das pessoas e vulgariza a referência ao Messias e

nem presidente da República, porque passa o tempo inteiro insistindo em criar tensões enquanto que a gente precisa é liderança e se eximindo de responsabilidade.

Então essas são as minhas respostas à pergunta formulada pelo presidente Jair Bolsonaro e eu sugiro a vocês que coloque nos comentários as respostas de vocês. O que que o presidente Jair Bolsonaro pode fazer? Concluindo esse vídeo, como sempre, vou pedir para vocês que se tiverem gostado curtam, compartilhem com seus amigos e se inscrevam no canal é isso, beijo, até mais. Aproveitando, quero agradecer a você porque nós já somos mais de 200 mil inscritos nesse canal e eu tô muito feliz com isso, obrigada!

APENDICE E - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 5: VAI TER GOLPE? DEMOCRACIA AMEAÇADA? - MUITA CALMA NESSA HORA

- Data: 5 de mai. de 2020
- Visualizações: 499.602 visualizações
- Likes: 91 mil
- Dislikes: 1,9 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rSNgzqc3NMU&t=4s>.

Bom pessoal, como eu sempre falo pra vocês a partir de agora, menos emoção, por mais difícil que esteja e mais razão! Já quero pedir pra vocês deixarem o like e se inscreverem no canal, que a gente tem assistido aí algumas investidas contra a liberdade de expressão, então talvez amanhã você não possa mais dizer o que você gosta e que você não gosta, então aproveita o dia de hoje e deixa um joinha aqui para a gente ver se tá gostando. (Vinheta)

Bom, vamos lá! Eu vou fazer aqui uma abertura que vai aparecer que eu tô fazendo repetindo vídeo de alguma semana porque mais uma vez a gente vai falar do presidente Jair Bolsonaro, contrariando aí todas as orientações das autoridades de saúde, tanto internacionais quanto seu próprio Ministério.

O novo ministro da saúde já falou a favor do isolamento... O presidente Jair Bolsonaro no último domingo, de novo, compareceu a manifestações em favor do seu governo e, enfim, promoveu aglomerações, cumprimentou os manifestantes, incentivou que outras pessoas descumprissem aí o que todo mundo pede no sentido de isolamento social. Dessa participação do presidente Jair Bolsonaro duas falas chamaram principalmente atenção, na primeira na qual ele diz: “Tenho certeza de uma coisa: nós temos o povo ao nosso lado”.

De novo aquela retórica que eu já falei pra vocês prestarem atenção do presidente Bolsonaro na qual identifica o povo brasileiro com o eleitorado dele, então para ele é povo brasileiro que é a favor ao presidente Jair Bolsonaro. E isso é importante porque ele continua a fala pra dizer: “Nós temos as Forças Armadas ao lado do povo”. Então, por uma confusão, é óbvio que ele tá dizendo é que as Forças Armadas estão ao lado do povo, que pra ele significa as pessoas que apoiam Jair Bolsonaro. Ou seja, as Forças Armadas estão ao lado do Jair Bolsonaro. Isso inclusive geral nas redes sociais um pedido significativo para que as Forças Armadas se manifestem e digam: “Peraí, vocês tão a favor do Jair Bolsonaro ou vocês estão juntos do povo brasileiro?”.

A segunda fala que chamou muita atenção no presidente Jair Bolsonaro logo depois de dizer que as forças armadas estão aí do lado do povo que o apoia, foi no sentido de que ele tá incomodado que ele chegou no limite que ele não vai mais aceitar nenhum tipo de limitação e que ele vai fazer cumprir a constituição, a fala foi a seguinte: “Queremos a verdadeira independência dos três poderes e não apenas uma letra da Constituição. Não vamos admitir mais interferência, acabou a paciência! ”. O que o presidente Jair Bolsonaro tá falando aqui é um pouco em resposta a decisão do Ministro Alexandre de Moraes que suspendeu a nomeação do Alexandre Ramagem pra direção-geral da Polícia Federal, a gente já falou disso aqui no canal.

O ministro do STF, Alexandre de Moraes num mandado de segurança impetrado pelo PDT, suspendeu a nomeação da Alexandre Ramagem, e isso gerou intensa discussão, que teve controvérsias inclusive dentro da própria comunidade jurídica que não apoiam o presidente Jair Bolsonaro, e que aliás são declaradamente contrários ao governo, chegaram a criticar a decisão do Ministro Alexandre de Moraes como uma interferência indevida no poder judiciário nas prerrogativas do Poder Executivo. É isso que o presidente da República usa para falar que o que ele quer é uma independência dos poderes que não estejam só na letra da Constituição, mas que seja efetivamente, então se posiciona de forma muito firme contra o Supremo Tribunal Federal.

O que é interessante a gente pensar nesse cenário que a gente tá observando? É importante a gente começar a perceber que esse comportamento do presidente Jair Bolsonaro é metódico. Então quando a gente começa a ver o presidente indo pra essas manifestações, minimizando a importância do vírus, desde o dia 15 de março, lembra quando ele apareceu nas manifestações, cumprimentou manifestantes... É isso pouco tempo depois dele, ter publicado um vídeo junto então ministro da saúde Luiz Henrique Mandetta desincentivando o comparecimento das pessoas nesses atos. Pois é, desde o dia 15 de março a gente já viu outros comportamentos do presidente Jair Bolsonaro que seguem essa mesma linha. Então a gente teve passeio por Brasília, a gente teve depois ele indo numa farmácia, limpando o nariz e cumprimentando os seus apoiadores.

A gente teve no último dia 19 de abril aquela manifestação em frente ao Quartel General do Exército, na qual ele sobe numa caçamba, e fala pra manifestantes que estavam segurando faixas, pedindo o retorno do AI 5, pedindo intervenção militar. E agora a gente tem de novo uma manifestação na qual a gente... as pessoas têm pautas como, o fechamento do congresso, fechamento do STF... E o presidente da república inflando esse tipo de manifestação.

Depois de todos esses episódios, o que a gente verifica e isso no dia em que eles acontecem, e no dia imediatamente posterior, são duas lideranças políticas publicando notas de repúdio ao comportamento do presidente Jair Bolsonaro, mas, nada mudou além disso. A única coisa que teve uma consequência mais significativa foi no último dia 19 de abril, que o procurador-geral da República, Augusto Aras fez um pedido de instauração de inquérito no Supremo Tribunal Federal para avaliar quem seriam os organizadores dessas manifestações contra o sistema democrático.

Então, a pior consequência de tudo que vem acontecendo até agora é um pedido de abertura de inquérito, que não existe diretamente o Presidente da República, mas tem que ter organizado esses atos. E aí, vocês podem fazer o seguinte pergunta: “Gabriela, se isso tem gerado repúdio de lideranças políticas, como presidente da Câmara e do Senado, repúdio de Ministros do Supremo Tribunal Federal, se isso tem gerado pedido de abertura de inquérito pra verificar quem organizou essas manifestações e o pedido de instauração do inquérito por suposta violação a artigos a lei de segurança nacional, por que o presidente da República continua participando e incentivando esses atos?” E aí a minha resposta é: porque ele não tá falando pra você nem pra essas lideranças que eu acabei de citar, ele tá falando para aquela parcela do eleitorado que continua absolutamente fiel a ele. Toda vez que eu falo para vocês trazerem a racionalidade pro debate, o que eu quero é que vocês analisem a situação tal como ela se apresenta e não como vocês gostariam que ela fosse. Então não adianta nada você olhar para o que está fazendo o Presidente da República Jair Bolsonaro e segundo a tua percepção que é - Ai meu Deus eu acho um absurdo que ele tá fazendo, ele não deveria tá incentivando essas manifestações! - E eu achar que todo mundo partilha desse mesmo sentimento que você, porque isso não é verdade. E uma forma fácil de você avaliar que isso não é verdade, é só consultar as últimas pesquisas que atestam a popularidade do presidente.

O Datafolha publicou uma pesquisa no último dia 27 de abril que mostra que ele ainda tem o apoio de 33% do eleitorado. Pra vocês terem uma ideia da relevância desses 33% do eleitorado é só vocês lembrarem que em 2018, embora o presidente Jair Bolsonaro tenha sido eleito com 55% dos votos válidos, ele foi eleito, se a gente considerar o eleitorado inteiro com 39% da população. E aí o que eu quero dizer para vocês é: algumas pessoas dizem que o problema da presidência da República, o problema do Bolsonaro é que ele se comunica mal, eu na verdade tendo a discordar dessa avaliação.

Na minha percepção, o presidente da República se comunica muito bem, essa atitude dele tem método e o que ele tá fazendo é manter aguerrida a sua militância, aquela parcela do eleitorado que o apoia não só apesar do que ele faz, mas justamente em virtude do que ele faz.

O método de gestão política do Bolsonaro, o cerne da sua retórica é gerar conflitos e a relação de conflito é capaz de fazer com que as pessoas se comprometam muito significativamente com determinadas pautas; se vocês não quiserem analisar só o cenário político, deem aí uma olhada aí nas redes sociais e vejam quantas são as pessoas que crescem nas redes sociais com essa retórica de conflito, de grosseria, de provocação, a gente tem jeitos de engajar as pessoas e o conflito, o ódio e a repulsa é um método de engajamento. Tá, mas aí cêis (sic) vão me perguntar o seguinte - tudo bem Gabriela, Então a gente tá vendo que o presidente da República insiste nesse comportamento irresponsável - e aqui eu vou lembrar a vocês que irresponsável na visão de vocês, e que ele sofre repúdio de outras lideranças políticas, por exemplo o presidente da Câmara Rodrigo Maia, por exemplo alguns ministros do Supremo Tribunal Federal, mas ninguém faz nada para tirar esse cara do poder.

Como eu falei para vocês um processo pela prática do crime de responsabilidade tem que passar na Câmara para depois ir pro Senado, é um processo de conteúdo essencialmente político. Isso significa que os deputados têm que estar convencidos de que votaram a favor do impeachment do presidente Jair Bolsonaro vai ser bom para eles né, porque enfim eu acho que a gente pode que pensar que tem algumas pessoas que são de fato interessados no bem do Brasil, a gente não pode não considerar o cálculo político que as pessoas que são lá no parlamento fazem.

Então vamo (sic) lá, a gente porque a gente já falou aqui que pra ter andamento no processo de impeachment contra o presidente Jair Bolsonaro, ele precisa passar pela Câmara; então pra ir da Câmara pro Senado ele precisa do apoio de 342 deputados dos 513 que formam aí a Câmara dos Deputados; e Eu já falei para você que o presidente Bolsonaro tem se aproximado do centrão e que se torna mais difícil que um processo de impeachment vá da Câmara Para o Senado, e se por acaso o Presidente Rodrigo Maia Desse início ao processo de impeachment isso não vingasse, isso fortaleceria a retórica do presidente da República de que está sendo vítima de um golpe é que tá sendo impedido de governar. Fora isso, a gente tem que considerar um outro ponto, que é questão de que o Bolsonaro ainda conta com o apoio de 30% da população, por que que isso é relevante? Porque as pessoas querem usar esse capital político do bolsonarismo pensando nas eleições municipais, desse ano ainda, talvez a gente ainda tenha uma mudança no calendário em virtude do coronavírus, mas também em 2022. É só vocês se

lembrarem de 2018 de quantos candidatos foram eleitos na conta do bolsonarismo. O deputado Eduardo Bolsonaro, ele teve a maior votação da história pra deputado federal, a segunda mais votada foi a deputada Joice Hasselmann, que agora rompeu com o bolsonarismo mas que ainda se elegeu nessa conta; em São Paulo a deputada Janaína Paschoal teve mais votos para deputado estadual do que teve o próprio Eduardo Bolsonaro. Ou seja, muita gente recebeu muitos votos em virtude do capital político do presidente Jair Bolsonaro.

E aí por isso eu insisto pra vocês, que a gente tem que avaliar a situação tal como ela se apresenta, se o presidente Bolsonaro continuar com esse apoio político e o comportamento dele da forma que tá sendo empreendido é... movimentar sua base de apoio, é que existe uma parte considerável do eleitorado brasileiro que apoia o presidente é o apoia não só apesar do que ele faz, mas justamente em virtude do que ele faz; então a forma como ele se comporta pode ser intolerável pra você, mas pra algumas pessoas é o que faz com que ela adorem o presidente Jair Bolsonaro; e os deputados e os partidos políticos, enfim que dão...lendo essa situação devem considerar esses 30%, é por isso que a gente tem uma resistência de alguns parlamentares em se posicionar de forma muito firme em uma oposição ao presidente Jair Bolsonaro; vou dar um exemplo pra vocês que é o Partido Novo, com exceção do ex presidente do partido, João Amoedo, o Partido Novo tem tomado muito cuidado aí de não se posicionar publicamente contra o presidente. E tudo isso porque tá todo mundo preocupado com esse capital político que o presidente Bolsonaro ainda tem é principalmente porque eles não tem um outro barquinho pra colocar o pé, quer dizer, se eles saírem do barquinho do bolsonarismo pra qual barquinho? Eu continuo insistindo pra quem gente tire a emoção do debate e pare de olhar pra realidade a partir dos nossos afetos, a partir daquilo que a gente acredita, tem...é... imaginando que todas as outras pessoas compreendem o mundo da mesma forma que a gente compreende, porque eu vejo que vocês me mandam mensagens incrédulos me perguntando: “Gabriela porquê que ninguém toma uma atitude? ”. E o que eu quero propor pra vocês é que vocês olhem pra realidade como ela é, não adianta a gente ignorar esses 30% da população que continuam apoiando Jair Bolsonaro.

A gente tem partir do pressuposto que essas pessoas existem e entender porque que elas apoiam o presidente, entender que o comportamento mantém engajado essa base eleitoral, pra que a partir dessa realidade a gente possa pensar como é que a gente vai empreender essa realidade pra tentar mudar isso, porque enquanto o presidente da República tiver o apoio desses 30% da população, é natural que qualquer movimento político no Congresso Nacional vá levar

esse capital político que ele ainda tem é vai ser muito difícil que alguma coisa passe pelo Congresso Nacional exigindo um protagonismo do Parlamento.

Então pra finalizar eu quero colocar pra vocês mais duas coisas que eu acho muito relevante, a primeira é: toda vez que a gente pensa, “será se o presidente de República vai dá o golpe? A Gente precisa sempre lembrar que por enquanto, com a situação do jeito que tá, funciona pro presidente Jair Bolsonaro desenvolver essa coisa só no campo da retórica, e aí eu explico pra vocês o porquê a retórica dele é sempre de: “Eu não consigo governar porque não me deixam. A imprensa não me deixa, o Supremo não me deixa, o Tribunal Federal não me deixa, o Parlamento não me deixa! ”, mas a verdade verdadeira é que ele não representa um plano de governo, não apresentou quando se candidatou em 2018 e não tem agora. Então a história de que se ele não tivesse amarras ele poderia implementar um plano que tá na cabeça dele, é só retórica, porque na prática, e aí é só a gente avaliar a gestão do problema do coronavírus, ele não lidera, ele só se exime de responsabilidade, então pra ele funciona de fazer uma coisa na prática e dizer outra coisa nos discursos.

Depois, considerando sobre o capital político do Jari Bolsonaro ainda, desse apoio que ele ainda mantém de 30% da população, a gente precisa começar a perceber que talvez a gente tenha reflexos mais significativos que comprometam a gestão do presidente Jair Bolsonaro, e aqui é importante dizer que se algum revés se apresentar. Talvez ele mude da retórica pra prática, bom, mas enfim, é muito mais provável que a gente assista algum revés do presidente Jair Bolsonaro vindo do Poder Judiciário e não vindo do parlamento. Então, embora a gente precise dos mesmos 342 deputados pra que um processo de impeachment vá da Câmara, pro Senado, e pra que uma eventual denúncia contra o presidente da República possa virar um processo, eu acho mais fácil conseguir apoio no parlamento pra uma denúncia virar processo porque isso levaria o protagonismo pro Judiciário, seria uma denúncia do procurador geral da República e um processo perante o Supremo Tribunal Federal, então a participação ali dos deputados seria acessória, o que na minha visão pode fazer com que o cálculo político seja no sentido de que eles estão apenas deixando o Judiciário trabalhar e não assumindo um protagonismo pra retirar um presidente do governo, um presidente da sua cadeira sendo que ele ainda tem o apoio de 30% do eleitorado.

Então a minha sugestão de final de vídeo é: fiquemos atentos aos movimentos do Supremo Tribunal Federal. Então é isso se vocês gostaram deixem os likes de vocês, se inscrevam no canal e compartilhem esse vídeo, espero que nos próximos dias a gente dê

algumas boas notícias pra poder discutir sobre elas aqui também é ter uns vídeos com conteúdo um pouquinho mais leve, beijo, até mais.

APENDICE F - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 6: REAGINDO AOS HATERS - OLHA O QUE ELES ESTAVAM FALANDO DE MIM!

- Data: 9 de mai. de 2020
- Visualizações: 418.722
- Likes: 71 mil
- Dislikes: 845
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zSTVcgycpX8&t=2s>

Galera eu tô aqui numa dúvida operacional, porque eu vou fazer o meu primeiro vídeo de react ou seja eu vou reagir os comentários de vocês nos vídeos anteriores; a minha questão é eu começo falando menos emoção e mais razão ou não vai fazer nenhum sentido? (Vinheta)

Bom enfim, pra gente seguir um padrão aqui nesse canal eu vou falar oi pessoal, como eu sempre digo, menos emoção e mais razão, aproveita já deixa o seu like e compartilhe com seus amigos e se inscreva aqui no canal.

Então pessoal, esse é um vídeo diferente a gente vai inaugurar aqui um novo quadro, eu ia falar nesse programa, mas não é um programa é um canal os comentários de vocês nos meus vídeos e quem selecionou os comentários foi a Marina, que trabalha comigo, ou não sei o ela selecionou e eu ver agora pela primeira vez e vou responder aqui o que eu puder, se não puder eu deixo para responder no outro vídeo, tomara que eu possa. Então vamos lá, o Wagner diz assim: “Deveria ter um vídeo com título referente a decisão do STF sobre a nomeação do Bolsonaro para Polícia Federal, pois foi o assunto da semana, ainda mais que sua visão é técnica e sempre restrita a norma, entretanto se omiti, está limitada somente a criticar o governo, aff! Você é muito omissa, por isso foi mandada embora da CNN”. Então Wagner, a primeira coisa que eu vou falar de trás para frente que você é uma pessoa mal informada porque eu não saí da CNN, eu continuo lá, eu acho que seu problema ele pode ter alguma dessas causas, primeiro lugar você pode ser uma pessoa que só lê o título por que que eu tô dizendo isso? porque eu postei recentemente um vídeo no qual eu abordo essa questão da decisão do ministro Alexandre de Moraes de barrar a nomeação feita pelo presidente da República para o cargo de diretor-geral da Polícia Federal; o problema é que o vídeo não tem o título que você sugeriu, o título do vídeo fala da diferença entre a Polícia Federal e a Agência Brasileira de Inteligência, mas se você tivesse visto conteúdo antes de criticar você ia perceber que tem essa análise dentro do vídeo; a outra coisa que é possível é que você pode ter uma dificuldade de compreensão, eu tô é explicitando um posicionamento que inclusive favorece o presidente da República, então eu falei que a decisão do ministro Alexandre de Moraes dividiu é... o posicionamento, inclusive

dos juristas especializados, alguns dizendo que a decisão estava correta e outros dizendo que essa era uma interferência indevida do Poder Judiciário no Poder Executivo, principalmente porque foi uma decisão monocrática, ou seja porque foi uma decisão sozinha ali do ministro Alexandre de Moraes. Então eu te sugiro a acompanhar o conteúdo; e aí o meu ponto é, se você não gosta das minhas críticas ao presidente da República, eu acho que você deveria conversar por exemplo com o presidente da República, porque se por acaso ele tem feito muitas coisas passíveis de crítica nos últimos tempos e tem sido bastante coisa hein. Eu já disse aqui que eu gostaria de ter assuntos mais positivos pra comentar, o problema não é meu, entende? Eu tenho que falar sobre o que tá acontecendo, aí se o presidente da República resolve descumprir orientação de saúde, se num outro ele resolvi mandar o jornalista cala a boca, se no outro ele resolve é falar para manifestações com paletas antidemocráticas o problema certamente não sou eu que estou criticando mas é ele que tá fazendo isso.

Segunda pergunta: “Gabi, você poderia fazer um vídeo explicando um pouco mais o que diabos é o tráfico privilegiado?” Posso, vamo lá, peguei aqui rapidinho a Lei de drogas pra mostrar para vocês o que que tá escrito no artigo 33 parágrafo 4 da lei 11343/2006. Tá escrito o seguinte: “ Nos delitos definidos no caput - O que já explicando é a cabeça do artigo, então tem sempre lá, artigo 33, o que vem depois é o caput, a cabeça do artigo, tá? Então - Nos delitos definidos no caput, - no caso do artigo 33 é o tráfico de drogas - e no parágrafo primeiro deste artigo as penas poderão ser reduzidas de um sexto a dois terços - então falando de redução de pena - desde que o agente seja primário, de bons antecedentes, não se dedique às atividades criminosas nem integre organização criminosa”.

Então o que que esse parágrafo quarto tá prevendo, tá prevendo a possibilidade de redução de pena para os pequenos traficantes, para os traficantes eventuais, então você vai aplicar uma pena menos gravosa para uma conduta menos gravosa. É importante esse redutor de pena porque a redução da pena pode evitar com que pequeno traficante seja inserido dentro do nosso sistema carcerário, que um reprodutor de violência eu falo disso para vocês em alguns vídeos, principalmente naqueles vídeos em que o digo sobre as políticas de drogas, e por que que isso acontece? Porque a redução de pena permite que seja aplicado um regime de cumprimento de pena mais branco, vocês sabem que a gente tem, não sei se você sabem, mas a gente tem três regimes de cumprimento de pena, o fechado, o semiaberto ou o aberto e permite também que essa pena seja substituída por uma pena restritiva de direitos, então em vez da privação de liberdade o judiciário aplica uma pena restritiva de direitos. Alguém pode dizer pra mim - tá, mas eu li aqui que o parágrafo 4 do artigo 33 e lá tá escrito que: “É vedada a conversão em pena restritiva de direitos. ” - É verdade, essa é a redação originária da lei 11.343, mas no

juízo de um habeas corpus o Supremo Tribunal decidiu que essa previsão era inconstitucional porque ela viola a garantia da individualização da pena e, portanto, a partir de então passou a ser possível a substituição da pena privativa de liberdade pela restritiva de direitos.

Outra consequência importante desse tráfico privilegiado é que também o Supremo Tribunal Federal decidiu que essa figura, o tráfico privilegiado, não é crime hediondo. E isso tem um impacto nas frações de pena que são necessárias para progressão de regime, então quando a gente tá falando de crime hediondo o tempo que a pessoa precisa cumprir um regime mais severo é maior pra ela progredir de regime do que quando a gente tá falando de um crime não hediondo, deu para entender?

Outra pergunta da Larissa: “Gabi, discordo em um ponto - oba, eu gosto de discordância! - Quando a abordagem ocorre, e a pessoa é encontrada com a quantidade menor do que a considerada tráfico - já sei qual é a incompreensão aqui - a pessoa portadora daquele material ilícito não está com quantidade total da matéria, muitos dos casos a quantidade maior está com um menor de idade ou escondido em algum local para zonas de tráfico - ela já aqui, mãe Diná - mas é só isso mesmo, muito obrigada Larissa pelos teus elogios. Você comete um equívoco aqui muito comum pra quem não é do direito e muitas vezes até para quem é do direito mas não se especializou em Direito criminal vou te explicar qual é, as pessoas às vezes acham que existe uma quantidade mínima de droga que precisa estar em poder do agente para que a pessoa possa ser presa por tráfico de drogas, mas isso não é verdade, no parágrafo segundo do artigo 28, que é o artigo que fala do porte de drogas para uso pessoal na lei 11343/2006 está escrito que pra autoridade né, que pode ser um delegado ou um juiz depois decidir se aquela droga se destinava ao uso pessoal ou ao tráfico de drogas, ele tem que considerar diversos elementos e dentre os quais a quantidade da droga, mas ele não fala que será tráfico se o agente tiver portando a partir de uma quantidade de x de droga, não tem uma quantidade determinada, isso significa que a gente pode tá portando bem pouquinho de droga e mesmo assim a conduta deles considerada de tráfico; tanto isso é verdade que as pesquisas sobre prisões relacionadas ao tráfico de drogas mostram que na imensa maioria dos casos as pessoas presas como traficantes estavam portando na hora da abordagem uma quantidade pequenininha de drogas. Então essa sua percepção de quem tá portando pouca droga não vai para delegacia e não é preso por tráfico de drogas, não é verdade.

Então lá “desculpa a ignorância - você não precisa me pedir desculpa por nada, todas as perguntas podem ser feitas, a única coisa que a gente tem que limitar é a ofensa, fora isso gente, tatuado certo - me tira uma dúvida sobre a questão, ‘Medida Provisória, - botou entre aspas -

não há uma Medida Provisória sobre o momento que estamos vivendo, no caso a medida se aprovada ela continua se perpetuando?

Essa é uma ótima pergunta e eu vou aproveitar para dar uma dica para vocês, todas as vezes que vocês tiverem uma dúvida relacionada a instrumentos legislativos, vocês podem fazer uma pesquisa no site da Câmara dos Deputados, as informações são bem claras e acessíveis, eu acho que vocês vão gostar de encontrar algumas respostas por lá.

A medida provisória é um instrumento que tem o Poder Executivo para poder regular imediatamente uma situação relevante e urgente. Então em virtude de uma situação que se apresenta, que precisa de uma regulação imediato o Poder Executivo tem esse poder de edital na medida provisória que vai valer por 60 dias que podem ser prorrogados por mais 60 dias por uma única vez. Pra que essa medida provisória deixe de regular somente essa situação excepcional e passe a valer indefinidamente portanto para se tornar uma lei definitivamente, ela precisa ser aprovada pelo Congresso Nacional, então medida provisória é um instrumento específico para regular uma situação relevante é urgente e aí depois ela precisa passar por todo o trâmite perante o Congresso Nacional pra que ela de fato vire uma lei.

Olha que linda, a Ana Lucília, vou falar o nome inteiro dela [sarcasmo], a Ana Lucília Fernandes fez questão de colocar o nome inteiro me mandou uma belíssima mensagem, na qual está escrito o seguinte: “Vai estudar babaca!” A única coisa que a gente tem que limitar é a ofensa né? Eu acho esse conselho maravilhoso, é um conselho que eu dou pra todo mundo e eu coloco em prática na minha vida. Eu estudo todos os dias e acho que estudar é importante pra todos nós, inclusive pra Ana Lucília, por que que eu tô falando isso? Porque nessa sua frase Ana Lucília, tem uma vírgula antes de babaca que você esqueceu de colocar, então se você quiser começar estudando por alguma área eu sugeriria que você começasse por uma gramática da língua portuguesa tá bom? [Tom de deboche] Beijo.

Bom é isso, espero que vocês tenham gostado desse novo modelo de vídeo aqui do canal, se vocês gostaram deixa um like de vocês façam comentários, compartilhe o vídeo e se inscrevam, é importante que vocês coloquem, explicitem as pra que a gente possa produzir um conteúdo que seja do agrado de todo mundo tá assistindo.... do agrado? Achei uma expressão assim antiga, mas, tudo bem, vai ficar essa mesmo. Um beijo, té mais!

APENDICE G - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 7: ANITTA ME DESAFIOU A EXPLICAR POLÍTICA DE FORMA SIMPLES. SERÁ QUE CONSEGUI?

- Data: 12 de mai. de 2020
- Visualizações: 537.798
- Likes: 57 mil likes
- Dislikes: 1 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ii7tYf6y4ZI&t=223s>.

Gabriela: Oi pessoal, como eu sempre digo pra vocês: menos emoção e mais razão, é dessa vez com uma proposta um pouco diferente, eu fiz com a minha amiga Anitta uma live no Instagram, na qual a gente abordou de uma forma simplificada alguns conceitos de política sobre os quais as pessoas muitas vezes tem dúvidas mas tem vergonha de perguntar; então eu vou compartilhar esse conteúdo aqui com vocês e sugiro que vocês compartilhem com seus amigos pra gente conseguir difundir o conhecimento, deixem o like de vocês se vocês gostarem e aproveitem pra se inscrever no canal. (Vinheta)

Gabriela: Olá!

Anitta: Amigaaa. E aí? [euforia]

Gabriela: Oi gente, eu ainda fico meio com vergonha de ter tanta gente.

Anitta: Beleza, olha eu tenho muita pergunta. Eu acho que a gente vai ter que ter alguma, algumas outras aulas, pra gente, pra eu continuar entendendo, porque assim, é muita pergunta, ó. O que são os três Poderes?

Gabriela: Três Poderes: O Poder Legislativo que é o Congresso Nacional, e a gente tá falando agora em âmbito Federal né, Congresso Nacional, se a gente for para o Poder Legislativo nos Estados e nos Municípios, a gente tem Assembleia Legislativa e a Câmara dos Vereadores. O Poder Executivo, que é, eu vou falar já mais fácil; no âmbito Federal, presidente da República, no Estado, o governador do Estado e no Município, o prefeito; e o Poder Judiciário, que aí é estruturado de uma outra maneira; a gente tem os Tribunais Superiores: Superior Tribunal de Justiça, Supremo Tribunal Federal; os Tribunais dos Estados e os Tribunais Regionais Federais e os juízes; mas deixa eu voltar então vou pergunta. Pra gente entender melhor tudo isso a gente precisa entender a história da República Federativa, que é a questão de que gente tem um Governo Republicano desde 1889, 15 de novembro, que é a data que a gente aprende na escola. É uma República Federativa, o que significa? que a gente tem um poder central, que é o Governo Federal, a União, que é a junção dos estados-membros; então cê tem um estado-nação, tá? E você tem os estados-membros que são os estados brasileiros. O nosso poder, ele tem um

poder que é mais centralizado, que é esse poder do Governo Federal, então a gente sempre fala: olha o Congresso Nacional e o presidente da República tão decidindo as questões para o país todo; e a gente tem as unidades estaduais e municipais que vão decidir as questões locais, no âmbito do estado e no âmbito do município. Então você tem um poder que é mais amplo e vários poderzinhos, entendeu? que vão se desenvolver nestes anos mais restritos, do estado e do município, por isso que quando a gente fala em Legislativo, Executivo e Judiciário a gente pensa no Legislativo, Executivo e Judiciário, o Judiciário tem uma organização pouco diferente, então eu vou deixar o Legislativo e o Executivo.... é, nos espaços de poder. Então se a gente tiver falando de Governo Federal, Brasil, tá? A união dos estados-membros que forma o Estado Nacional ou o Brasil, a gente tem o Congresso Nacional com o Poder Legislativo e a Presidência da República como o Poder Executivo, então chefe do Poder Executivo o Presidente da República, se a gente vai para o Estado, o Poder Legislativo é a Assembleia, que é formada pelos deputados estaduais e o Poder Executivo é o governador, e no município a gente tem a Câmara dos Vereadores, e o Poder Executivo é o prefeito.

Anitta: Caraca, que confusão!

Gabriela: Não é tão confuso. É o que eu falo, ó...Eu...eu já vou falar um negócio que é muito bom pra gente pensar. Quando a gente discute política, não adianta a gente querer simplificar demais porque as coisas não são tão simples; muitas vezes as pessoas me pedem assim amiga, tipo - aí me fala um livro para entender política! - Não é tão simples assim, é uma construção. É mais ou menos como se eu chegasse pra você e falasse assim - Como você faz pra lançar um hit? - Tem um monte de coisa que importa não tem?

Anitta: Humrum!

Gabriela: Aí você vai começar a falar de uma coisa, que vai levar pra outra coisa é levar pra outra coisa, você precisa ir dominando os conceitos. É por isso que eu sempre digo, é um processo, vai ficando mais natural. Então quando eu joga esse monte de informação, e esse é o grande problema da simplificação, por isso que é bom a gente ir conversando, e eu acho que tirando essa impressão de que as pessoas são oráculos, de que para você entender políticas você precisa ter tudo decorado, por exemplo, a gente vai facilitando porque você vai aprendendo tudo aos pouquinhos, vai dominando devagarinho. Vou te falar sobre os três poderes por exemplo, vamo pensar na história? Eu gosto muito de uma fala do ministro, ex-ministro Eros Grau, no Supremo Tribunal Federal, ele num acórdão, então aqui já dizendo, um acórdão é uma decisão colegiada dos ministros do Supremo Tribunal Federal; uma decisão colegiada é uma decisão conjunta, de mais de um ministro; quando é um ministro só decidindo a gente fala que ela é monocrática, uns termos difíceis mas é a verdade. Então ele lá tá lá, tá

decidindo no Supremo Tribunal Federal, ele fala assim, que: “Em determinado momento da história a gente passa de súditos a cidadãos, porque a gente passa de uma condição de simples obediência a um poder que é monárquico, do Rei absoluto, o rei enviado por Deus que tinha direito de governar, aquela coisa hereditária, tá? e a gente tinha só que obedecer, por uma condição de protagonismo.” Então quando você fala que você ganha cidadania você tá ganhando protagonismo; você tem o poder de escolher, de opinar, de pressionar, entendeu? então você ganha um espaço para se colocar, pra cobrar o Estado. Aí, nessa época surge a história de dividir os Poderes, Por que? porque se a gente tava falando que o problema era o Rei, que era o super todo-poderoso, magnânimo, fantástico, o rei francês Luís 14 - O Estado sou eu! Tudo sou eu! Eu sou o dono dessa porcaria inteira! - A gente precisa falar: opa, pera! Parece aqui, pelo que a gente tá vendo, se a pessoa sozinha tem muito poder, ela tende a abusar desse poder. Então vamo tentar desenhar um negócio aqui para a gente dividir o poder, e dividindo a gente conseguiu assegurar que ninguém abuse. Então a divisão dos Poderes é um instrumento para gente evitar que uma pessoa só concentre muito poder e concentrando muito poder ela fica autoritária e ela faça coisas que não são do interesse das pessoas, e do povo ali que no regime democrático é de onde emana esse poder dos representantes, de emana é de onde vem, tá? A gente tem que dar o poder para eles governarem.

Anitta: O presidente, o que que o presidente faz, assim, porque, por exemplo, vou dar um exemplo de agora né...

Gabriela: Hanram!

Anitta: É... o presidente é contra o distanciamento social, porém alguns governadores são a favor então acaba que...Então que que o presidente, no que que ele manda, que que ele consegue mandar - olha, a partir de agora vai ser isso aqui! - Que que ele tem poder pra fazer, que que ele tem poder pra fazer?

Gabriela: Tá, então, assim... é... ninguém tem poder pra falar - olha, a partir de agora é isso aqui! - Tudo é mitigado, até porque a gente tem o poder judiciário que a gente não falou. Teve uma decisão sobre isso no Supremo Tribunal Federal, então eu vou entrar no Supremo Tribunal Federal um pouco. A Constituição Federal vai falar o que que é competência da União, o que que é competência dos Estados e o que que é competência dos Municípios. Então lá no livrinho da Constituição Federal tá a regra, a União vai falar exclusivamente sobre X assuntos, os Estados sobre X assuntos e o de município sobre X assuntos. Alguns assuntos são de competência concorrente ou seja, todo mundo manda um pouco tá? Então o Governo Federal pode falar sobre saúde, assim como o Estado pode falar sobre saúde, assim como o município pode falar sobre saúde. Então todo mundo tem uma competência que concorre, nestas questões.

Qual o grande problema que a gente tá vendo agora em relação ao isolamento social? Que não existe um confronto de planos, tá? Existe um plano, que é dos governadores dos Estados, e aqui eu estou sendo generalista mas é só pra gente entender o conflito. E o Governo Federal, ele não tem plano ele só tem fala, porque o Ministério da Saúde, até ontem, que era o ministro Mandetta, que todo mundo deve lembrar, fala, concordava com o isolamento. Então, embora o Presidente tivesse falando assim - Não, o isolamento não precisa! - Então o Ministro da Saúde, que é o cara que ajuda ele no campo técnico, tá falando -precisa sim! - Então percebe que é uma discordância aparente. Uma coisa muito importante em política é a gente aprender a distinguir o que é discurso e o que é a prática.

Anitta: Quem defende o isolamento tá apresentando medidas do que deveria ser feito “Olha a gente se isola e aí faz X,Y,Z”. E no caso o presidente que defende a não necessidade de isolamento ele fala nessas entrevistas, é... mais de maneira prática ele não fala - Olha gente, não vamos fazer isso, aí quando o hospital ficar lotado aí a gente vai fazendo dessa forma, dessa, dessa e dessa - Então não existe esse plano, não existe essa ideia, não existe essa forma de como seguir, esse manual.

Gabriela: Por que a gente pode dizer assim, então tá bom, olha, eu tenho uma competência que concorre com o Estado. É... eu acho que o governador tá errado e que a questão, a condução da política de saúde deveria ser outra - tá bom, qual? Vamo pensar o seguinte, se o Governo, se o Rio, vou falar do Rio porque você tá no Rio. Se o Wilson Witzel falou assim: “Tem que fazer X. A gente pelo menos tem um X aqui!” aí o presidente da República diz: “Wilson Witzel tá errado!” Então tá bom, não vamo fazer o que ele mandou e vamo fazer o quê?

Anitta: Entendi

Gabriela: Qual é a alternativa proposta?

Anitta: Tá, e aí vamos supor que o presidente tivesse essa proposta né?! Vamo supor que ele tivesse na cabeça, então - Olha, não tem que ter o isolamento social, porque vai acabar com a economia, então vamo fazer assim, vamo agir normal e aí se os hospitais ficarem superlotados, vamo acontece, vamo fazer X,Y,Z ou então vamo cagar pra quem morreu, enfim... e vamos, sabe, fazer isso - Então, se ele apresenta esse plano, tá? ele escreveu esse plano, apresentou, o que aconteceria com esse plano, ele iria pra voto? Ele.. o que que acontecia?

Gabriela: Não. É... depende de como esse plano é apresentado, vamos supor que ele fosse fazer por meio de medida provisória, que é um instrumento que o poder executivo tem pra poder regular uma situação. O governo federal fez muito isso nas relações trabalhistas, medidas provisórias, por exemplo. A medida provisória ela é um instrumento do Poder Executivo, do presidente ali, pra poder regular uma situação relevante, importante e urgente, que não dá pra

esperar o trâmite do Congresso. Então putz, apareceu um negócio aqui, precisa ser pau na máquina, aí eu edito uma medida provisória, porque aí a medida provisória tem validade instantânea, só que ela tem prazo, Porquê? Porque se eu falasse que o presidente da República pode fazer medida provisória e ela vai virar lei, sem controle nenhum eu taria dando muito poder pro presidente, e lembra que eu falei das divisões dos poderes?

Anitta: Humrum!

Gabriela: O interesse do nosso desenho institucional e quando a gente fala de desenho institucional é esse monte de instituições, como a gente se organiza.

Anitta: Humrum!

Gabriela: É pra limitar o poder. Então o presidente pode regular aquela situação, mas depois pra virar lei precisa passar pelo Congresso. Então a medida provisória poderia valer por 60 mais 60 dias. Além desse controle do Congresso, todos os atos de todo mundo, do Congresso, do Poder Executivo, do Legislativo, meu e seu, geral, podem ser controlados pelo Poder Judiciário, que é outro poder que a gente não falou, que basicamente são os caras que tão lá pra falar: amigo, isso é contra a lei! Então assim... se você...

Anitta: Seria o Supremo Tribunal?

Gabriela: Isso! Se a gente tiver falando da Presidência da República sim. Mas o Poder Judiciário ele tem então, o Supremo Tribunal Federal, Superior Tribunal de Justiça com o Supremo Tribunal de Justiça às vezes ele tem uma função diferente do Supremo, às vezes ele é uma jurisdição anterior. Aí baixando os Tribunais dos estados, é... os tribunais eleitorais, militares enfim, mas falar só da jurisdição normal, e os juízes. São as instâncias do Poder Judiciário. Vou falar do Criminal, vai... Primeira instância o juiz e a vara criminal, juiz fulano de tal da segunda vara criminal, isso é a primeira instância. Na segunda instância você tem o desembargador, o desembargador tá no tribunal, ou no Tribunal de Justiça ou no Tribunal Regional Federal. Porque tem a Justiça Estadual e a Justiça Federal. E aí quando você sobe você tem o Superior Tribunal de Justiça, que vai falar das Leis Federais. Isso tudo é bem técnico tá gente, é só pra ter uma ideia.

Anitta: Deu pra entender!

Gabriela: Tem o Supremo Tribunal Federal que vai, que é o guardião da Constituição *tandannn*, os últimos juízes. A nossa grande corte constitucional e aí, se o presidente da República por exemplo, praticar um ato, que ele pode praticar, por exemplo, vou falar de um tema atual, se o presidente, o presidente da república tem o poder, a prerrogativa, o direito de nomear o diretor geral da polícia federal, é direito dele, ele pode escolher quem ele quiser. Só que, todos os atos administrativos, todos os atos praticados pelas pessoas que integram a

administração pública, né? O presidente da república querendo ou não tá administrando ali aquele *rolê* dele né? A gestão do Brasil, ele é um administrador. Isso é muito legal também tá gente? O presidente da República, República não é a Presidência da República. Assim como o ministro do supremo não é o supremo. Assim como o deputado não é o Parlamento. Eu sempre faço questão de dizer que as instituições devem ser maiores do que as pessoas que as ocupam, porque o presidente da República ele senta na Presidência da República por um tempinho tal? Ele sai, e a Presidência da República segue lá como instituição. Então a cadeira é maior do que quem senta na cadeira. Deu pra entender um pouco?

Anitta: Humrum!

Gabriela: E essa pessoa quando ela senta na cadeira pra ela exercer os poderes que ela tem, como uma pessoa que senta na cadeira ela vai precisar seguir algumas regras da constituição. Então você vai ter os princípios que rege os atos administrativos no artigo 37 da Constituição Federal. Moralidade, impessoalidade, enfim...eficiência. E aí se o presidente da República faz alguma coisa que tá em desacordo com o que diz a constituição federal o que que o supremo pode fazer? *Créu*, tá errado não vai poder! E aí cê percebe como um poder vai controlando o outro?

Anitta: Humrum!

Gabriela: Essa é a divisão dos poderes e esse é o sistema de freios e contrapesos. Se um poder exagera o outro contém. É desse jeito que a gente evita que alguém tenha poder demais.

Anitta: Humrum!

Gabriela: E possa se... enfim, extrapolar

Anitta: Então a gente pode dizer, é... vamo trazer para um exemplo atual nessa questão do coronavírus é como se a gente não tivesse sendo administrado pelo presidente porque como ele não apresentou nenhuma medida quem tá administrando são os governadores, os prefeitos e etc.

Gabriela: Faz todo sentido que seja assim, o grande problema é o discurso. Por que vamo lá, eu tô na minha casa você tá na sua, tá? Se a gente decidir a rotina da sua casa que vai ser melhor pra decidir, eu ou você? Você! Porque você tá na sua casa. Cê tá próxima dos problemas que acontecem, cê tá vivendo essa realidade. Quem é melhor para decidir sobre os problemas do Rio de Janeiro, o presidente da República ou o governador do Rio de Janeiro?

Anitta: Sim, o governador!

Gabriela: Essa é na verdade a justificativa da descentralização do poder, então vamo pensar um poder centralizado é o poder centrado no Governo Federal, no presidente. Um poder descentralizado, que é a característica da nossa República Federativa onde os estados e os

membros tem autonomia é um poder que se divide entre os estados da federação justamente para que os chefes do Poder Executivo dos Estados da Federação que tão lá na lida do dia a dia, que conhecem o seu estado possam propor soluções mais adequadas para os seus estados. Quando o presidente ou o ministro da saúde dizem o Brasil é um país muito grande, ele tem realidades diferentes. Uma medida que funciona para São Paulo não funciona para o Amazonas é verdade. Por isso que a gente precisa que os políticos desses estados decidam as questões relativas aos seus estados. Qual que é o grande problema? O problema é que a gente precisaria de uma condução do Governo Federal. Então ó o Governo Federal tem os seus ministérios, tá? Uma superestrutura, muito legal, com legitimidade eleito democraticamente, o presidente da república ali que nomeou sua equipe de ministros. Esses ministros deveriam apresentar pro povo brasileiro que confiou nessa gestão presidencial, uma resposta de enfrentamento. A posição do Brasil no enfrentamento dessa questão é essa é isso orientaria a ação dos estados que poderiam ter diferença pontuais a depender da sua realidade mais prática, mas que teria na presidência da República um norte, um guia. Só que, e aqui eu vou falar de estratégias políticas, toda vez que você assume a liderança você assume responsabilidade, cê sabe muito bem né? Vou te falar então que cê vai achar bem fácil, na sua carreira e você como sua empresária você é o governo federal, daria carreira você é o presidente da república, você tem uma equipe?

Anitta: Humrum!

Gabriela: Cada um cuida ali da sua área de especialidade. Mas você é o norte. Vamos supor que apareçam um *chabú* que você não tava esperando assim... e aí cê fala - acho que isso vai dá ruim! Você tem duas opções ou você toma a frente e se der errado é o de quem tá na reta.

Anitta: O meu!

Gabriela: Ou você chega pra sua equipe e fala: Queridos, resolvam esse grande problema! E aí se der errado cê vai poder fazer o que?

Anitta: Eu vou poder falar que a culpa é deles mas eu vou ser responsabilizada ainda sim. Mas eu posso ter o argumento de dizer que não... que não fui eu. Se a minha equipe fosse pública como num... num governo é... público. É mais aí você colocou querendo ou não você botando a culpa numa pessoa que você nomeou...

Gabriela: Não, mas aí não é a pessoa que você nomeou porque no teu caso você escolheu a sua equipe mas no caso do presidente da república ele não escolheu.

Anitta: Ele escolheu os ministérios né?

Gabriela: Os ministérios dele são como se fossem você, na verdade, na nossa analogia. A gente tem que pensar nos governadores. Então, é, o que que fica muito fácil, eu falo - Há os governadores tão fazendo tudo errado! -Tá legal mas e aí? -Tanto é essa a postura que quando

você pergunta sobre o recorde de mortes o que responde o presidente da República - E daí? Que que eu vou fazer? - Como assim?

Anitta: Eu queria saber exatamente a função do Senador

Gabriela: Então, o Senado Federal ele é em princípio uma... um lugar de revisão. Quando um projeto de lei vem do Poder Executivo, ele vai passar primeiro pela Câmara e depois ele passa pelo Senado; então o Senado fazê-lo um controle um pouco mais apurado, tá? Passou por um vai pro outro. Aí se ele fizer alguma modificação tem que voltar, então. Por exemplo o presidente do Senado ele não só decide a pauta do Senado, o que vai ser votado no Senado, mas ele é o presidente do Congresso Nacional; então ele também decide a pauta do Congresso, das sessões conjuntas. Então por exemplo, quando o Congresso Nacional exerce uma função dele, que é uma função de fiscalização, ele legisla mas ele também fiscaliza o Poder Executivo, o presidente, nas questões orçamentárias, e gastar dinheiro; quando vai decidir sobre o gasto de dinheiro, a questão orçamentária isso tem que ser no Congresso Nacional, e aí o presidente do Senado Federal é que vai presidir a sessão que vai decidir essas coisas. Outra coisa que é muito importante que pode levar para um outro tema é que o Senado Federal é quem decide o mérito de um processo de impeachment, então, é o Senado Federal quem decide se um presidente vai ser “impeachmentado” ou não.

Anitta: Hummm... e quem vai entrar com esse pedido, por exemplo?

Gabriela: Qualquer pessoa pode entrar.

Anitta: Do Senado?

Gabriela: Até você!

Anitta: Mas aí, o processo de impeachment, quando ele é levado a sério? Quando ele passa da etapa de aí ser votado.

Gabriela: Aí você entrou em uma outra questão política muito boa. Que é: todo mundo, qualquer pessoa pode pedir o impedimento, porque o impeachment é o impedimento de um presidente, tá? Então vamos aqui usar o presidente. Aí você vai ter que protocolar esse pedido na Câmara dos Deputados e o presidente da Câmara vai ter que achar que essa denúncia vale a pena de ser lida em plenário, que é todo mundo junto ali, pra depois ela ser votada. Esse é um grande poder que tem o presidente da Câmara, porque ele vai decidir se ele faz andar o processo de impeachment ou não. Quem é o presidente da Câmara? Quem decide o presidente da Câmara?

Gabriela: Hoje No Brasil é o Rodrigo Maia. O presidente da Câmara dos Deputados. Quem decide quem é o presidente da Câmara é a própria Câmara dos Deputados em votação interna, tá?

Anitta: Todo ano? A cada dois? A cada quatro? Como é?

Gabriela: O mandato dos deputados é de quatro anos; então agora teve eleição em 2018, 2019 elege o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, ele tem mandato de dois anos e daqui agora, em 2021 a gente vai eleger outro presidente da Câmara porque ele não pode ser reeleito. E ele é a terceira pessoa na linha sucessória da Presidência da República; se falta o presidente assume o vice, se faltar o vice assume o presidente da Câmara.

Anitta: Entendi.

Gabriela: Então o processo de impeachment tem que passar pela câmara, por dois terços dos deputados, então de 513 precisa de 342, tô falando esse número de cabeça então se eu errar me perdoem, mas são dois terços. E aí se ela passar da câmara ela vai pro Senado é o Senado é que vai votar se o presidente da República deve ou não ser crime de responsabilidade; quando o Senado faz essa primeira votação da admissibilidade o presidente já é afastado das funções e depois ele pode ser impeachment. O presidente da República, o Poder Executivo, poder ser afastado do cargo por uma decisão do Congresso Nacional, Câmara e Senado. É porque é uma decisão do Congresso Nacional é o que a gente fala que é uma decisão política; outra coisa que eu falei muito, porque você acha que os pedidos de impeachment, tem vários já na câmara contra o presidente Jair Bolsonaro, porque que você acha que eles não andam? Porque ele tem apoio popular; então os deputados que tã lá na câmara eles estão pensando: Hummm, ele tem apoio popular, então se eu fizer andar um pedidos impeachment contra esse presidente que ainda tem 30% do eleitorado eu posso me lascar.

Anitta: É então o grande problema é que...é... as pessoas que estão no cargo que elas estão, elas não tã preocupadas, no que melhor para o país e sim na sua reeleição, em continuar ali?

Gabriela: Não necessariamente, porque o juízo político ele tem outras questões, vou dá um exemplo, o presidente hoje, o discurso dele é - ninguém me deixa governar! Se eu começo um processo impeachment é o impeachment não passa a gente tá legitimando o discurso dele, você fortaleceu ele, então o cálculo político ele é muito delicado.

Anita: Eu... é... reservei pra o próximo dia, se você topar, eu queria muito a explicação do que é a esquerda do que é a direita. Porque todo mundo fala que eu sou de um lado e aí depois fala que eu sou do outro e aí eu não sei o que que significa nem um nem o outro.

Gabriela: Posso falar o que significa, é porque ninguém sabe direito do que tá falando.

Anitta: E aí eu fico assim, eu sou um ou eu sou o outro? Não sei dizer, eu tenho que saber.

Gabriela: Nem eu....

Anitta: Amiga, eu não queria ser nenhum dos dois, então só pra eu não ter que...entendeu, eu queria ser outra coisa. Posso criar outra coisa pra eu ser? Eu queria criar outra coisa

Gabriela: Eu sou eu Brasil! Mas aí eu vou te falar, eu sempre que eu dou, eu sempre que dou entrevista eu digo isso e muita gente me critica por causa disso, eu falo: se eu me colocar um rótulo, a pessoa vai ler aquele rótulo na lente dela. Então qual que é o problema, eu falo que é um problema de referencial teórico; você fala A e a pessoa a partir do seu A entende outra coisa, este é o grande problema dos conceitos de esquerda e direita no Brasil, porque embora existam pessoas que dominem e tenham um referencial teórico pra decidir sobre isso, muita gente tá falando sem nem saber do que tá falando; então eu falar pra você assim, sei lá, se eu falasse pra você: eu sou de esquerda! Algumas pessoas chegariam falariam: - Haaa, assassina! Stalinista! Comunista! - Não pera, calma!

Anitta: Há, é... eu também queria além dessa aula do... de esquerda, direita, também queria do comunismo, porque muita gente fala nisso, então eu acho assim, o grande problema é que na escola quando eu fui aprender tudo isso, era tudo tão chato, tão carregado e era tão difícil de eu conseguir ver essa realidade. É tão difícil a gente ter perto um exemplo assim é, que a gente acaba falando, é eu não entendo. Vou decorar, vou fazer prova e acabou.

Gabriela: Amiga, isso é estratégia de dominação. Vou te falar do seu mercado; quanto menos pessoas entenderem do seu mercado... funciona igual pra tudo. A gestão do conhecimento, do exercício de poder é algo muito significativo e a gente precisa não ter vergonha. Você já falou - eu vim de uma realidade diferente - então vou eu falar aqui, como comentarista de política que as pessoas tão me ouvindo falar de política; eu não sabia até ser adulta, eu estudei numa escola que também nunca me ensinou isso, eu li sozinha umas coisas, eu aprendo todos os dias, eu tenho dúvidas ainda hoje, ter dúvida não me faz uma pessoa pior; perguntar não me faz uma pessoa pior, ninguém é um oráculo; uma pessoa que se coloca pra você como um oráculo ela tá mentindo, não existe isso; é hoje eu fui fazer a live galera, eu tenho um arquivo de 35 páginas.

Anitta: Pra que vocês saibam galera, antes da gente fazer essa live a gente combinou, depois que a gente decidiu... pra que vocês também entendam a Gabi eu eu a gente é amiga porque a gente tem pensamentos muito parecidos no corpo que nos move; e ela decidiu fazer tudo isso de ir pra tv é etc pra passar adiante os conhecimentos dela, não é que ela acordou e disse: Há eu quero, eu queria ser famosa, não sei o quê, ela nunca foi essa pessoa. Ela queria passar as coisas adiante, da maneira que ela passa pra mim, por exemplo, me ajudou muito minha vida e antes da gente fazer essa live, é... a gente debateu o que seria perguntado se ela precisa se preparar, cê imagina a gente...

Gabriela: Sim, mas amiga, cê ensaia seus shows, cê ensaia suas músicas, é trabalho gente; então assim, eu acho que tem muito essa coisa do Instagram, da televisão, você chega lá preparado e aí de jeito nenhum eu quero que alguém me assista falando sobre isso na live e

pense - Aí nossa, ela aprendeu tudo quando ela tinha 15 anos e eu não aprendi então agora não tem mais chance pra mim. Não é não gentê! Eu tô lá sentada estudando, lendo livro, aprendendo todo dia, então tem coisa que eu não sei... então quando a gente parar e começar ser um pouquinho mais humilde e parar de fazer essa coisa... que eu acho que a discussão política tá muito permeada por essa coisa da arrogância sabe? A pessoa a fala... aconteceu... é depois que a gente divulgou a live, umas pessoas disseram pra mim, porquê que você vai discutir política com a Anitta? Daí eu falei: porque eu não discutiria?

Anitta: Gente que pensou isso aí não se deu muito bem hein já...

Gabriela: Porque que você... porque que você não pode discutir a medida provisória, a emenda do Felipe Carreras? Que inclusive depois de ter falado algumas coisas pra você na live mudou e retirou ali, porque não? Você é cidadã, a proposta dele te afeta e você tem legitimidade para cobra-lo, todo mundo tem. Que não entende uma vírgula de política ainda é povo brasileiro e tem direito de discutir. Eu claro sugiro que a gente se aperfeiçoe é que a gente estude, pra gente discutir cada vez melhor e não ser manobrado, mas a pessoa não pode falar pra você e falar que você não tem o direito de discutir aquilo porque você não tem uma formação boa, ou o que você não aprendeu na escola, que que isso? A gente tá falando então que só quem é da elite tem o direito de decidir os rumos do país? Não, não gente, não só a gente tem o direito de discutir como o que eu quero é que todo mundo comece a cobrar os políticos para que eles fale fácil; eu sou o povo brasileiro, o povo brasileiro não entende esse tipo de vocabulário, traduzam pra nós expliquem o que vocês tão fazendo. Quando você apresenta uma emenda, uma média provisória, você explique na justificativa o que você tá fazendo porque você me deve satisfação. O deputado federal, o deputado estadual, o vereador, o presidente, o governador, o prefeito, tá todo mundo exercendo uma função pública. Um mandato que foi conferido por nós e eles nos devem satisfação; esse é o ponto fundamental.

Anitta: Vamo marcar já semana que vem então amiga, pra gente falar sobre esses assuntos que eu preciso saber, eu e todo mundo né? Eu acho que a galera tá curtindo muito ter é essa, esse conhecimento acessível, é de maneira fácil compreensão pra gente conseguir, qualquer pessoa possa conseguir entender né? É só assistir mais vezes né, se alguma parte você se perdeu volta um pedacinho e entende de novo. A Gabi faz vários vídeos, só que ela fala, é... alguns...é [incompreensível] tento entender, acabo às vezes me perdendo no que ela fala, nas palavras....

Gabriela: Mas é só comentar nos negócios falando que não entendeu que eu mudo é que às vezes eu acho que eu tô falando fácil...

Anitta: Então na próxima aula com Gabi a gente vai saber entender o que é direita, o que é esquerda, o que é o comunismo, o que é o fascismo, tá amiga?

Gabriela: [Sinaliza usando os dedos em V]

Anitta: Agora eu e Gabi a gente vai assistir um pagodão na tv...

Gabriela: Nossa gente, meu sonho. [Gabriela coloca as mãos na cabeça e ri]

Anitta: Te amo muito, muito obrigada!

Gabriela: Eu também te amo, obrigada você...

Anitta: Muita saudade... [Beijo com as mãos]

Gabriela: Eu tô com muita saudade...

Anitta: Thal gente, semana que vem a gente continua...

Gabriela: Thal... beijo! [Gabriela acena]

Gabriela: Espero que vocês tenham gostado, e de novo se vocês gostaram deixem o like de vocês, compartilhem o vídeo com seus a amigos e se inscrevam nesse canal.

APENDICE H - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 8: POR QUE O GOVERNO QUER O ENEM 2020 A QUALQUER PREÇO?

- Data: 14 de mai. de 2020
- Visualizações: 471.687
- Likes: 77 mil
- Dislikes: 1.5 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SDD7OAcGmCg&t=86s>.

Acho importante que toda vez que surgem esses assuntos pontuais, como por exemplo a entrevista da Secretária da Cultura, como por exemplo a questão envolvendo adiamento ou não da prova do Enem, a gente tem a capacidade de ampliar nosso raciocínio, pra avaliar as coisas sob uma perspectiva mais ampla. (Vinheta)

Como eu digo sempre a partir de agora menos emoção e mais razão. Aproveita e já deixa o seu like no vídeo se inscreve no canal e compartilhe esse vídeo com seus amigos se você gostar.

Bom, hoje a gente vai começar falando de um tema que vocês me pediram muito durante as lives que eu fiz no meu Instagram. Muita gente me pediu para falar sobre o episódio envolvendo nossa Secretária de Cultura Regina Duarte, que como você sabe deu uma entrevista para a CNN Brasil, a qual ela adotou um comportamento digamos, controverso.

A Regina Duarte nessa entrevista respondendo às perguntas do entrevistador acabou entoando uma música que a característica do período militar brasileiro e minimizou a violência cometida pelo Estado no período militar, isso gerou diversas críticas nas redes sociais, mas também alguns elogios da parte dos apoiadores do governo Jair Bolsonaro.

Outra coisa que fez a Regina Duarte foi falar que esse enfrentamento à covid-19 tá trazendo um clima de morbidade no Brasil em que as pessoas estão se comportando de um jeito a fazer com que a morte seja um assunto com uma relevância maior do que fala que ela tem; acho muito importante, antes da gente avaliar propriamente a entrevista da Regina Duarte a gente pensa um pouco sobre como tem sido tratado a cultura durante a gestão Jair Bolsonaro.

Primeira coisa que a gente tem que falar é que foi na gestão Jair Bolsonaro que o Ministério da Cultura foi transformado numa Secretaria Especial e, portanto, a cultura perde o status de Ministério, ela perde a relevância dentro do Governo. Depois a gente tem em diversas oportunidades o presidente Jair Bolsonaro declarando de forma explícita que ele gostaria de controlar a arte que vai ser produzida com apoio governamental e portanto controlar a produção cultural para que ela contenha somente os valores que o presidente Jair Bolsonaro, portanto que

essa gestão de agora considera bons valores; e isso é problemático porque toda vez que a gente avalia como o governo deve se comportar na gestão de determinado assunto, a gente tem que pensar se a gente acharia boa essa proposta caso o governo fosse um governo que a gente não concorda; então por exemplo, para os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro, é bom nesse momento que ele direcione a produção cultural para o sentido que ele considera bom, mas se a gente mudar o governo em 2022 e por exemplo PT ganhar de novo, vocês vão continuar achando positivo que o governo não tem o poder de controlar a produção da cultura?

Um exemplo disso foi o cancelamento de um edital que tinha ali como pautar a diversidade dos temas; o presidente Jair Bolsonaro inclusive se manifestou sobre esse cancelamento, falando que o Governo deveria controlar a produção da arte. Depois é, oficialmente, o Governo Federal se pronunciou nos processos, alegando que o motivo para o cancelamento era outro, mas a própria justiça considerou que não fazia nenhum sentido a justificativa apresentada pelo governo e mandou edital ser retomado.

Outra coisa muito significativa que a gente viu nesse governo, foi o então secretário Roberto Alvim que foi anunciar um plano de incentivo à cultura e fez um pronunciamento catastrófico, isso porque ele parafraseou o ministro da propaganda nazista, Goebbels, no seu discurso falando - que a arte será nacional, enfim, ou não será nada - quem não lembra disso; e usou trecho de uma ópera considerada uma das operas favoritas do Hitler, e isso gerou assim um monte de gente criticando o governo nas redes sociais e o governo que num primeiro momento eu chego amenizar essa questão do discurso feito pelo Roberto Alvim, acabou não resistindo à pressão das redes sociais e pediu a cabeça do então secretário. Na época eu cheguei a fazer um tweet, e a provocação que eu fiz foi - a gente teve ali é, um culto ao nazismo de forma explícita, a retórica, a frase, a música, o cenário... e o que eu me perguntava era, se a gente não tiver uma manifestação tão explícita será que as pessoas vão se incomodar ou será que ele vai passar batido? - no final das contas a gente não precisou se quer não ser explícito, porque o que a gente viu na manifestação da Regina Duarte foi, uma minimização da violência perpetrada pelo Estado Brasileiro contra cidadãos brasileiros no período da ditadura, e a Regina Duarte continua no cargo, e aqui é importante a gente dizer que centenas de pessoas foram mortas durante a Ditadura Militar Brasileira, milhares foram presas e torturadas e algumas pessoas continuam desaparecidas, isso significa dizer que a família delas não sabe sequer o que aconteceu; isso não é a minha opinião sobre a ditadura militar o próprio governo brasileiro já admitiu que isso aconteceu, então é uma questão de opinião; por isso que é tão relevante a gente olhar pra situação e começar a perceber quando a gente começa a banalizar a violência, ou seja, o que parece a gente tinha um consenso ao repúdio a Ode ao nazismo que foi feita pelo

então secretário Roberto Alvim, mas aí quando a secretária Regina Duarte entoa uma música que considerado um hino do período da ditadura militar e minimiza as mortes que ocorreram no período falando que as pessoas morrem em todo tempo, não vou me lembrar aqui da frase exata, mas eventualmente se a edição quiser me ajudar ela pode colocar aqui do ladinho, é, a gente precisa tomar muito cuidado porque talvez a gente tenha perdido a capacidade de se sensibilizar com coisas que acontecem muito próximos de nós, embora não tão próximas que atinjam por exemplo os nossos entes queridos, e quando a gente tá falando do enfrentamento ao coronavírus, e aqui fica uma outra crítica a fala da secretária Regina Duarte que falou - desse clima, que a gente tá querendo falar muito sobre morte e que não precisava ser assim - Precisa, porque de fato a gente tá de novo assistindo a morte de milhares de brasileiros no enfrentamento coronavírus a gente tem um governo central que minimiza essa questão, que deixa de se preocupar com o problema, então eu acho que seria muito bom se a gente conseguisse não esperar que a violência atinge se um dos nossos, alguém da nossa família, um amigo nosso, pra que a gente tivesse a capacidade de se sensibilizar, a gente precisa tomar muito cuidado com isso, porque como eu disse, quando existe uma Ode ao nazismo, as redes sociais acabaram adotando um tom quase que uníssono na crítica ao então secretário Roberto Alvim, mas agora com secretária Regina Duarte, relativizando o que aconteceu durante a Ditadura Militar Brasileira, a gente não viu uma reação tão significativa; claro que houve reação, que eu tô falando é que ela não foi suficiente para derrubar Regina Duarte, como aconteceu com o Roberto Alvim; e aí outra coisa muito importante para gente considerar, que é, embora tenha havido uma reação contrária, a gente tem por exemplo artistas repudiando a fala da Regina Duarte, a gente teve quase que um fazer de pazes com o governo Jair Bolsonaro.

Se vocês voltarem um pouco as notícias no tempo vocês vão ver que a Regina Duarte quando entro na Secretaria de Cultura acaba afastando dos cargos pessoas ligadas ao Olavo de Carvalho, e isso gera um mal estar com o governo Jair Bolsonaro, quando ela faz esse aceno de relativização do que aconteceu durante a ditadura militar dentro de uma gestão de um presidente que apoiou a ditadura militar mais de uma vez de forma absolutamente explícita, ela acaba sendo muito elogiado por alguns setores do governo.

Quando eu falo para vocês não se dessensibilizarem em relação às questões que não os afetam diretamente mas que tem impacto na vida de outros cidadãos brasileiros, eu consigo fazer a transição para o tema nº 2 do vídeo que é esse imbróglio envolvendo a realização - Nossa, hoje eu tô que tô em gentê (sic), que eu não consigo falar - que é o imbróglio envolvendo realização ou não do Enem 2020 [fala pausada] Palmas para mim, qual é a questão, como vocês sabem uma das medidas de enfrentamento ao coronavírus que demanda aí das pessoas o

isolamento e a não aglomeração, foi o cancelamento das aulas; e aí porque as aulas tão canceladas, alguns alunos perderam completamente o seu ambiente de estudo, claro que existem algumas escolas que tão propondo educação à distância, mas obviamente se a gente já assistiu uma desigualdade significativa no Brasil em relação à educação quando a gente fala da educação presencial, quando a gente fala da educação à distância o abismo vai ficar ainda maior.

Pra ilustrar para vocês como essa que estão da educação à distância deixa mais pronunciada, faz com que fique mais significativa, a desigualdade que afeta a educação brasileira, pública e privada, eu vou me permitir ler para vocês alguns dados que eu tenho aqui na minha colinha pra vocês terem mais claro que eu tô querendo dizer.

Segundo pesquisas do Centro Regional de estudos para o desenvolvimento da sociedade da informação em 2018, pesquisa portanto, Já faz alguns anos que a gente tem, só 9% das famílias de classe D e E tem computador em casa na classe A 98% das famílias têm em relação aos telefones que tem internet. Quando a gente fala de classe D e apenas 40% das pessoas tem acesso a esse tipo 98% das famílias têm em relação aos telefones que tem internet. Quando a gente fala de classe D e E apenas 40% das pessoas tem acesso a esse tipo de recurso, ao passo que quando a gente fala da classe o percentual é de 99%.

Deu para entender porquê que vai ficar mais significativa, porque a gente tem um problema maior quando a gente fala de um cenário em que as aulas foram canceladas, e que a única opção dos estudantes é o ensino à distância, e é muito importante a gente pensa nisso porque 80% dos alunos ensino médio no Brasil vem da rede pública de ensino, e a rede pública de ensino como a gente sabe atende as classes mais vulneráveis da vez da nossa população, as classes mais pobres.

“Tá Gabriela, mas então já que você falou isso, que tem dados, a gente consegue mostrar que o enfrentamento à pandemia vai agravar a desigualdade que já afeta o tempo todo o ensino brasileiro e conseqüentemente o acesso ao ensino superior, já que o ENEM é a principal porta de acesso ao ensino público federal, é, por que que as pessoas tão relutando tanto em adiar essa prova? ”. Vou continuar nessa mesma câmera porque eu errei a câmera, e aqui é importante a gente dizer que o pedido das pessoas de algumas entidades é pelo adiamento da prova e não pelo cancelamento, o que se pede o que o Governo Federal entre numa interlocução com os Governos Estaduais, com as Secretarias de Educação, para que eles possam achar o melhor momento de fazer essa prova, sem que isso signifique um prejuízo ainda mais significativo para a camada mais pobre da população. E aqui que a gente precisa sempre pensar que embora o Enem será organizado pelo Ministério da Educação e pelo Inep, que são órgãos federais, a educação, o ensino médio é da competência dos Estados; e aí a gente vai entender justamente

qual é o problema de o Governo Federal considerar a opinião dos Estados sobre a realização ou não da prova do Enem.

A gente tem assistido aí um debate muito significativo do, entre o Governo Federal e os governos nos Estados no enfrentamento do coronavírus, como vocês sabem as propostas de cancelamento de aulas foram propostas feitas pelo Governo dos Estados, porque a gente tem um Governo Federal que fala que esse vírus, - há, todo mundo vai pegar, e que a gente não tem que aplicar um remédio - que é mais grave que a doença, ou seja, essa questão envolvendo adiamento ou não da prova do Enem ela na verdade tá inserida numa questão política, numa briga política muito mais ampla entre o Governo Federal e o Governo do Estado, e aqui a gente vai lembrar que o Governo Federal minimiza a relevância do coronavírus e fala que os governadores estão exagerando nas medidas ao passo que os governadores dos Estados estão aplicando medidas no sentido de conter o avanço da doença uma das medidas é o cancelamento das aulas; e isso fica muito claro quando a gente ler por exemplo, Twitter do Ministro da Educação Abraham Weintraub e falou o seguinte: “Os governadores devem planejar o retorno das aulas, tirar as nádegas da cadeira e REBOLAR atrás do prejuízo!” E ele fala isso postando um vídeo do governador de São Paulo, João Dória, que é um dos possíveis candidatos de oposição ao Jair Bolsonaro em 2022; e aqui é bom a gente prestar atenção que o presidente Jair Bolsonaro questionado recentemente sobre o impeachment ou renúncia, falou que ele só vai sair da cadeira da presidência em 1º de Janeiro de 2027, ou seja, ele já passou não só admitir a concorrer à reeleição, mas ele já considera que ele vai ganhar.

A menos claro que ele teja (sic) pensando em alguma outra alternativa que não seja concorrer né, por isso que eu estou presumindo que ele pensa que ele vai ganhar. Outra coisa que eu quero que vocês lembrem aqui é que o nosso ministro da educação é um ministro bem controverso, é um dos mais controversos desse governo, e eu não vou colocar aqui para a gente não ficar com vídeo imenso, mas eu sugiro aqui que vocês coloquem aqui nos comentários tudo que vocês lembram de polêmica envolvendo nosso ministro da educação.

Outra coisa que é muito importante a gente tê claro nas nossas mentes, é que esse problema da desigualdade, eu já falei isso mais cedo, não é significativo só agora que a gente tá em tempo de enfrentamento coronavírus. Essa desigualdade social muito grande que a gente vê no Brasil, já diz quem entra e quem não entra na universidade faz tempo e vai continuar dizendo depois que o coronavírus passar; então a gente precisa continuar prestando atenção nessa questão e propor medidas para gente diminuir as desigualdades gigantesca que tem no Brasil constantemente. Vou continuar usando aqui a minha colinha para citar aqui pra vocês uma pesquisa do INEP que mostrou em 2017 que um em cada quatro alunos das classes mais

altas atinge a faixa de 5% das melhores notas; pros mais pobres esta relação era de 1 em cada 600. Além disso, essa pesquisa do INEP mostra que o desempenho dos alunos tá extremamente relacionado com a sua classe socioeconômica; e a claro que essa análise vai nos levar para outros temas como por exemplo, a questão das cotas sociais, mas isso a gente pode abordar num outro vídeo.

Bom, é isso, acho importante que toda vez que surgem esses assuntos pontuais, como por exemplo a entrevista da Secretaria da Cultura, ou como por exemplo a questão envolvendo o adiamento ou não da prova do Enem, a gente tenha a capacidade de ampliar nosso raciocínio, para avaliar as coisas sob uma perspectiva mais ampla, por exemplo, na Regina Duarte, o que que a gente tá falando? A gente tá falando de gestão da cultura durante o governo Jair Bolsonaro. Então a gente precisa analisar todos os pontos; quando a gente fala de cancelamento ou não do ENEM, a gente tá falando dessa questão dentro de um contexto de enfrentamento ai coronavirus onde o governo federal tem que colocado em oposição ao governadores dos estados, e por isso a gente tem que avaliar questão considerando todas essas variáveis. É isso, espero que vocês tenham gostado, se vocês gostaram deixe seu like compartilhe o vídeo e não se esqueçam de se inscrever no canal, beijo!

APENDICE I - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 9: QUEIROZ REAPARECE E AMEAÇA ALIANÇAS DO GOVERNO

- Data: 20 de jun. de 2020
- Visualizações: 428.966
- Likes: 50 mil
- Dislikes: 1,2 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mbMXoQ6UCDo&t=1s>.

O que que deixou a gente particularmente integrado a partir da prisão do Queiroz eu o fato de que ele tava escondido numa casa em nome do Frederick Wassef que é advogado do Flávio Bolsonaro, no caso da rachadinha, e não só do Flávio Bolsonaro mas é um advogado que também já representou como advogado o presidente Jair Bolsonaro que tem trânsito no Palácio do Planalto e no Palácio da Alvorada, então tanto na sede do governo do Poder Executivo, quanto na residência oficial do presidente da República, e que o próprio presidente Jair Bolsonaro já falou que era seu advogado no caso do Adélio Bispo. (Vinheta)

Olá pessoal como eu sempre digo a partir de agora menos emoção e mais razão, esse vídeo vai ser num esquema Breaking News, a gente tá gravando com uma câmera só, rapidinho, porque como vocês sabem sou uma semana muito agitada no nosso Brasil e finalmente depois de muito tempo a gente conseguiu responder a pergunta: onde é que tá o Queiroz?

Bom, na quinta-feira o Queiroz foi encontrado num sítio em Atibaia e foi preso por ordem da vigésima sétima vara criminal do Rio de Janeiro a decisão é do juiz são as Itabaiana, pra quem nunca ouviu falar desse juiz dá um Google rapidinho que vocês vão ver que eles já gerou incômodo do presidente Jair Bolsonaro, que já chegou a falar mal dele de forma explícita; mas ok, o que que deixou a gente particularmente intrigado a partir da prisão do Queiroz é o fato de que ele tava escondido numa casa registrada em nome do Frederick Wassef, que é advogado do Flávio Bolsonaro no caso da rachadinha e não só do Flávio Bolsonaro, mas é um advogado que também já se apresentou com advogado do presidente Jair Bolsonaro, que tem trânsito no Palácio do Planalto e no Palácio da Alvorada, então tanto na sede do governo do Poder Executivo quanto na residência oficial do presidente da República, e que o próprio Presidente Jair Bolsonaro já falou que era seu advogado no caso do Adélio Bispo; essa prisão do Queiroz numa casa que pertence ao advogado da família Bolsonaro, um advogado que tem bastante contato com a família Bolsonaro gera ainda mais curiosidade porque num mandado de prisão expedido contra o Fabrício Queiroz.

Conta na investigação pela prática da rachadinha, do crime previsto no artigo 312 do código penal, mas também de crimes previstos na Lei de Organizações Criminosas, dentre os quais o crime de obstrução de justiça e quando a gente vai ler a decisão a gente percebe que o juiz falou que concordou na verdade com o pedido do Ministério Público que pedirá a prisão preventiva do Queiroz e da sua esposa Márcia, porque eles estavam tentando de diversas maneiras em embaraçar, impedir a investigação, é, sobre organizações criminosas, esse é um tipo de obstrução de Justiça previsto nesta lei, e como eles estariam fazendo isso?

Tem alguns fatos relatados ali na decisão; uma primeira coisa seria um fato deles estarem pedindo pra algumas pessoas irem lá forjar, então, alterar provas e preencher folha de ponto que estariam sem, é, que não teriam sido preenchidas desde 2017, outra coisa seria o fato deles pedirem para que as pessoas envolvidas na investigação não fossem depor no Ministério Público, e além disso, tem a questão de Queiroz depois de ter marcado e remarcado diversos depoimentos, é dizendo que não poderia comparecer ao Ministério Público porque precisava se submeter a uma cirurgia, quando ele teve alta do hospital ninguém mas encontrou ele, então a questão de uma ausência de o Ministério Público não ter acesso ao endereço do Queiroz, embora ele não estivesse por agido que não existe um mandado de prisão contra ele, mas a questão do endereço é uma questão relevante que tá ali posta na decisão, o que o juiz diz na decisão é que depois da alta ninguém mais sabia onde o Queiroz tava, que a defesa chegou a juntar nos autos o endereço dele como sendo de um hotel em São Paulo, ali na região do Morumbi, que ele é próximo do Hospital Albert Einstein, onde ele tava fazendo tratamento, mas que o gerente do hotel deu uma informação nos autos dessa investigação dizendo que ele nunca ficou hospedado lá; tá, disso a gente percebe portanto, que a questão da ausência de um endereço do Queiroz, o fato de um Ministério Público não saber onde estava o Queiroz foi também um ponto colocado como ensejador da prisão preventiva por essa tentativa de atrapalhar as investigações, isso é muito relevante ligado a ideia de que ele estava na casa do advogado do Flávio Bolsonaro o Frederick Wassef, e principalmente porque existe ali na decisão a menção a uma pessoa que tava ajudando o Queiroz a se manter escondido, essa pessoa é identificada pelo codinome Anjo, é, e a decisão disse que era uma pessoa que se apresentava, que notoriamente tinha muito poder.

Além disso, é, o juiz Flávio Itabaiana ressalta o magistrado ressalta, que o Queiroz durante todo esse tempo que ele ficou escondido ele contava com ajuda de terceiros pra se manter nesse esconderijo e mais do que isso, ele disse que essa pessoa com notório poder de mando e identificado pelo codinome Anjo, também restringia a possibilidade de deslocamento do Queiroz e de comunicação dele, então ele tava lá escondido e ele não podia fazer o que ele queria, na hora que ele queria, ainda assim com essas restrições o juiz ressalta que ele não só

tentou influenciar é embarçar as investigações relacionadas a esse caso da rachadinha mas também que ele tinha ainda muita influência sobre as milícias no Rio de Janeiro.

Esse envolvimento do Fabrício Queiroz com os milicianos no Rio de Janeiro, é, na decisão ele é ressaltado pelo recebimento de quantias significativas em dinheiro teriam vindo, por exemplo, do Adriano da Nóbrega, vocês lembram do Adriano da Nóbrega? que também teve a mãe e a esposa empregadas no gabinete do agora Senador Flávio Bolsonaro, e que foi morto recentemente numa operação da polícia?

Pois é, o Ministério Público aponta o recebimento de dinheiro do Adriano por parte do Fabrício Queiroz, fala que as famílias continuaram em contato, agora depois que o Queiroz foi preso o advogado do Queiroz é o mesmo advogado da família do Adriano, Paulo Emilio Catta Preta, e justamente por essa influência ainda sobre as melissas, sobre os milicianos no Rio de Janeiro o juiz Flávio Itabaiana determinou que o Fabrício Queiroz não ficasse preso no batalhão, que é o batalhão que colhe os policiais preso porque lá estariam os milicianos, então na decisão tem uma ordem expressa para ele ser mandado para Bangú.

Só para lembrar vocês de algumas coisas mas o Fabrício Queiroz era assessor e motorista do agora Senador Flávio Bolsonaro até o final de 2018, o Fabrício Queiroz é amigo pessoal do presidente da República já há muitos anos, e ele teria sido exonerado das funções que eles desempenhavam junto ao Fábio Bolsonaro, segundo Paulo Marinho, que é suplente do senador Flávio Bolsonaro, que deu recentemente uma entrevista nesse sentido porque o Flávio Bolsonaro teria sido avisado sobre a operação da Polícia Federal é, que tratava dessa questão da rachadinha antes dela ser deflagrada e por isso ele teria tomado atitude de exonerar o Fabrício Queiroz, a questão da rachadinha é o Queiroz seria a pessoa encarregada de fazer a gestão do dinheiro né, que era recebido pelos funcionários do gabinete e parte devolvido Senador Flávio Bolsonaro, tem notícia na decisão de pagamento de contas pessoais, como mensalidade da escola dos filhos do...do... são filhas né?

Das filhas do senador Flávio Bolsonaro pelo Queiroz, envolvendo o Queiroz também e a família Bolsonaro tem aquela história que vocês devem se lembrar de um depósito feito na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro o presidente Jair Bolsonaro já disse sobre isso, disse que seria devolução de um empréstimo que ele fez para o Fabrício Queiroz, embora ele não tem nenhuma documentação sobre isso; desde que surgiu esse caso das rachadinhas e do Queiroz envolvendo o senador Flávio Bolsonaro é a disposição do presidente Jair Bolsonaro em proteger o seu filho, o Flávio Bolsonaro e o incômodo que esse assunto gera nele, então a gente vê por exemplo no vídeo que o ex-ministro da educação Abraham Weintraub gravou para se desligar do Ministério da Educação, que o presidente... que foi gravado no mesmo dia da

prisão do Fabrício Queiroz, que o presidente da República está nitidamente incomodado, mas apesar disso tudo não existe um posicionamento incisivo por parte da família Bolsonaro no sentido de afastar completamente o Queiroz, pelo contrário, todas as vezes que eles falam do ex-assessor, eles falam com muito cuidado e mais do que isso a gente se pergunta por qual razão manter o Queiroz na casa do advogado, que é tão próximo da família Bolsonaro, por que correr esse risco? porque obviamente ainda que se discuta se esses existem provas, por exemplo, para poder dizer que o advogado de fato participou dessa conduta de obstrução da justiça, a imagem que fica do Fabrício Queiroz que tá envolvido nessa investigação sobre as rachadinhas ter sido preso numa casa e depois de obviamente o advogado ter dito em muitas entrevistas que não sabia onde ele tava, de todo mundo tem dito que não tinha notícia do Queiroz, a notícia de que ele foi preso na casa de um advogado com tanto trânsito assim na família Bolsonaro fica estranha né? Não é bom para imagem do presidente da República, aliás outro assunto que gera muito incômodo na família do presidente, é essa Associação com as milícias no Rio de Janeiro, e aí nesse ponto a gente pode lembrar do Adriano da Nóbrega que aliás é apontado nessa decisão que determinou a prisão preventiva do Fabrício Queiroz, falando sobre a ligação do Fabrício Queiroz com as milícias no Rio de Janeiro.

O Adriano foi assassinado no município de Esplanada, na Bahia, ele estava escondido também, foragido, aliás ele estava escondido no sítio de um político do PSL, não vou lembrar exatamente o cargo dele agora, mas na época da morte do Adriano, o presidente Bolsonaro nas redes sociais dele falou muito sobre a necessidade de se contratar uma perícia independente, dizendo que ele tinha sido executado; e uma coisa que me chamou bastante atenção foi a apreensão dele em relação aquilo que poderia ser encontrado no celular do Adriano, então ele já falava que alguém ia forjar provas pra incriminar ele; e aí a gente vai lembrar de uma outra fala recente que foi logo depois da divulgação do vídeo da reunião ministerial, no qual ele menciona também operações sobre as quais ele teria tido informações privilegiadas né, por amigos que ele tem na Polícia Civil e na Polícia Federal, que fariam buscas e apreensões na residência nos escritórios dos seus filhos, contra os seus filhos, e que essas operações plantariam provas.

Por que que o presidente da República se mostra sempre tão preocupado com essa possibilidade de serem plantadas provas contra ele? Assim, eu sei que o presidente Jair Bolsonaro tem essa coisa com teorias da conspiração, é, mas uma outra possibilidade seria de fato de existirem ali elementos de prova que ele não gostaria que as pessoas tivessem acesso, aí antes que isso apareça você dizer que as coisas podem ter sido inventadas pode ser um bom recurso.

Uma outra coisa que me chamou bastante atenção no desenvolvimento desse caso da prisão de Queiroz foi um Twitter da deputada Janaína Paschoal falando que o senador Flávio Bolsonaro poderia fazer uma delação premiada pra confessar tudo aquilo que aconteceu na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro, ela fala: “Olha, não é só o Queiroz quem pode fazer uma delação premiada, mas também o Flávio Bolsonaro. ” Aliás, essa coisa do que... dá possibilidade de um Queiroz fazer uma delação premiada tem sido levantado justamente porque ele tava no sítio aí do advogado que cuida dos interesses da família Bolsonaro, que é muito próximo da família Bolsonaro, e tem um outro dado relevante é o fato de existir um mandado de prisão contra a mulher dele, que ainda não foi presa, mais informações de Queiroz teria avisado que se a mulher dele fosse presa, talvez ele pudesse dizer alguma coisa, nesse momento também é importante avaliar como vai ser a reação da família Bolsonaro em relação, a reação, reação a reação da família Bolsonaro no tratamento desse advogado que agora é colocado numa posição é muito delicada, porque, enfim é, a gente precisa saber que todo mundo que está envolvido nesse problema em algum momento pode decidir conversar com as autoridades.

Toda essa confusão envolvendo aí a prisão do Fabrício Queiroz é bem um momento particularmente delicado para o presidente Jair Bolsonaro, se vocês assistiram último vídeo aqui do canal, a gente fala muito sobre o presidente Jair Bolsonaro tá acuado nesse momento, tá tendo que equilibrar os pratinhos, então ele precisa se aproximar do centrão, ele tá sofrendo muita pressão em cima da sua base de apoiadores vinda do Supremo Tribunal Federal, que por sua vez pode compartilhar provas com Tribunal Superior Eleitoral, ele precisa continuar fazendo aceno para os seus apoiadores que inclusive estão cobrando um posicionamento do presidente da República mas se ele fizer isso ele pode ter a sua situação complicada na Justiça Eleitoral, então ele tá num momento muito delicado; E aí surge essa questão do Fabrício Queiroz, ele se referiu a esse caso brevemente na sua live, é criticando a espetacularização da prisão, o que é incoerente com posicionamento que ele adotou ao longo da sua vida porque afinal ele se valeu muito da espetacularização das prisões que aconteceu (sic) durante a operação lava jato para se eleger né, e inclusive fez do juiz responsável pela operação lava jato seu ministro da Justiça e Segurança Pública, que agora não é mais, mas enfim, convidou para integrar o seu governo, então ele tá muito acuado, ele tá... ele falou com semblante visivelmente incomodado, e no momento que ele já tá sofrendo pressão de vários lados, embora ele esteja se aproximando do centrão e ele tenha na composição do seu governo integrantes das Forças Armadas, é, a gente precisa começar a ficar dentro porque uma queda de prestígio do presidente Jair Bolsonaro e uma consequente perda do apoio popular que ele tem vai fazer com que não necessariamente ele consiga manter o apoio do centrão e das Forças Armadas, se estar associado

a imagem do governo Jair Bolsonaro passar a ser um negócio para o centrão, ou um negócio para as Forças Armadas, é bem provável que eles pulem do barco, e aí como essas são forças importantes no cenário político nacional a gente talvez comece a observar algum movimento vindo da oposição no sentido de como é que eles vão fazer para trazer essas forças para o lado de uma candidatura de oposição ao presidente Jair Bolsonaro em 2022, se isso, claro partindo do pressuposto de que a gente vá chegar até 2022 porque existem alternativas antes disso, como por exemplo a viabilização de um processo de impeachment ou ainda a cassação da chapa Bolsonaro/Mourão via TSL.

Então o cenário é complexo a gente tem que continuar observando, mas tem algumas questões que ainda precisam ser respondidas, espero ter trazido algumas percepções diferentes pra vocês, é... se vocês tiverem alguma dúvida deixem aqui nos comentários, já deixem o like e se inscrevam no canal, tá bom? Beijo!

APENDICE J - TRANSCRIÇÃO DO VÍDEO 10: QUEM SAI GANHANDO COM O VÍDEO? O PRESIDENTE OU A OPOSIÇÃO?

- Data: 23 de mai. de 2020
- Visualizações: 642.267
- Likes: 73 mil
- Dislikes: 3,4 mil
- Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=VkScrU1ho9Y&t=30s>.

Olá pessoal, estou inaugurando uma nova forma de gravar nesse canal, que é o Breaking news de pijama, porque eu tô aqui de pijama na minha casa para conversar rapidamente com vocês sobre esse vídeo que foi divulgado pelo Ministro Celso de Mello do Supremo Tribunal Federal, da gravação daquela reunião de ministros então todo mundo só falando disso, principalmente porque essa seria a bala de prata da acusação do ex-ministro Sérgio Moro, É... no sentido de que o Presidente da República Jair Bolsonaro tava tentando interferir politicamente para proteger a sua família na Polícia Federal. Então vamos fazer uma análise rapidinho depois eu posso falar disso um pouco mais detalhadamente mas é o seguinte primeiro ponto é, ontem ficou todo mundo muito frustrado e todo mundo ficou muito frustrado porque tava todo mundo com uma expectativa muito grande e a minha sensação é que isso decorre de uma espetacularização do processo penal.

A gente ficou acostumado com operações cinematográficas. Aquele monte de agente e os Procuradores de justiça e os juízes dando entrevistas falando que as provas eram robustas e dizendo que aquilo era um escândalo...todo mundo fazendo aquela aquele *auê*... E de repente quando uma acusação, ela vem um pouco menos explosivo a gente tende a se frustrar. Então vamos de novo tentar deixar a gente com menos emoção e mais razão para a gente poder avaliar as coisas.

Vamos lembrar um pouco o que aconteceu. Naquela coletiva que o ministro Sérgio Moro convocou ele disse que o presidente Bolsonaro já tinha manifestado a sua insatisfação com a Superintendência da Polícia Federal no Rio de Janeiro no final do ano passado. E isso está registrado, tem filmagem do presidente Jair Bolsonaro dizendo que ele queria trocar o superintendente do Rio e que se ele não conseguisse ele trocava o diretor-geral da Polícia Federal, na época já se falou que isso gerou uma tensão entre o presidente da república e o ex-ministro Sérgio Moro, mas depois eles conseguiram se acertar. Agora, recentemente, o ex-ministro pediu demissão e falou que ele não poderia ficar no governo, já que o presidente da

República, tava atuando, tava pressionando Ministério da Justiça para trocar a direção geral da Polícia Federal, porque o que ele queria mesmo era a superintendência do Rio de Janeiro.

O ministro da Justiça, o ex-ministro da Justiça Sérgio Moro, chegou a compartilhar, a divulgar na imprensa, mensagens de celular nas quais o Presidente da República dizia mandar uma notícia falando: “Olha só tão indo para cima de deputados bolsonaristas!”, e o ministro da Justiça dizia que isso não era Polícia Federal, que isso era uma ordem no inquérito que é relatado pelo Alexandre de Moraes no STF, enfim, mas seria um indicativo de que o presidente queria interferir na Polícia Federal. No vídeo especificamente o presidente fala muito que ele gostaria de ter acesso a informações, e que ele não recebe informações da Polícia Federal. E aí ele fala também que ele tem um sistema de informações dele que funciona. Então já existem outras pessoas que falaram sobre Sistemas de informações paralelo a ABIN paralela do presidente Jair Bolsonaro e agora ele mesmo, na reunião de ministros, fala que ele tem um sistema paralelo de informações na sala específica quando ele disse que quer trocar a segurança no Rio de Janeiro, a defesa dele do presidente Jair Bolsonaro, é que eu acho que é muito importante a gente sempre tentar fazer uma interpretação que beneficia o acusado, por que a nossa Constituição Federal consagra o princípio da presunção de inocência.

Então, eu aqui, considerando o que o presidente Jair Bolsonaro diz, no sentido de que ele tava falando da segurança dos filhos, da segurança da sua família, e portanto, da segurança que é feita pelo gabinete de segurança institucional, pelo GSI, e então, eu fui olhar a transcrição. E o meu problema dessa fala é que ele não fala só da família, ele fala sobre... vou usar o palavreado: “Sobre foder os amigos dele”, “Vai foder amigo meu”. Só que amigos do presidente da República não tem segurança pelo GSI. Então o presidente precisa ser questionado sobre essa colocação, porque se ele tá falando do GSI não faz nenhum sentido ele falar dos amigos ali naquele contexto, então a menos que ele não tivesse falando do GSI.

Depois, a situação ficou particularmente pior.. é.. porque depois que o vídeo... É logo depois do vídeo ser exibido pelas redes de televisão, o presidente da República deu uma entrevista, e nessa entrevista ele falou que recebeu informações sobre operações de busca e apreensão, que seriam feitos com um filho dele um amigo dele é por intermédio de amigos dele que trabalha na Polícia Civil e Militar.

Ora, se alguém tá sendo investigado e vai ser objeto de uma medida de busca e apreensão, essa pessoa não pode saber da busca e apreensão. A busca e apreensão ela tem que ser sigilosa senão ela não funciona. Pra quem não sabe o que como é uma busca e apreensão se você tá investigando uma pessoa, e você acha que ela pode ter na casa dela, por exemplo, documentos que comprovam a prática do crime você pede pro juiz uma autorização pra entrar

na casa dela e buscar esses documentos e aprendê-los pra depois poder trabalhar com isso no processo, certo!? Então, se a pessoa fica sabendo que vai ter uma busca e apreensão na casa dela pode por exemplo destruir prova, por isso que a medida deve ser sigilosa.

Então se o presidente da República tá tendo acesso a informações sigilosas que envolvem investigações contra os filhos dele e amigos da família dele, é disso que ele tá reclamando, então de fato que ele tá dizendo aqui que a interferir como presidente da República em um âmbito que eles não pode interferir, porque senão o que tá fazendo usar a presidência da república para proteger interesses pessoais dele e a Presidência da República não serve para isso. É algumas outras coisas do vídeo que eu acho muito relevante.

É, eu fiz um tweet logo depois que esse vídeo foi divulgado, falando que na minha percepção as coisas continuarão divididas, por que existe um grupo que nem precisava ver o vídeo, e existe um outro grupo para quem não vai adiantar ver esse vídeo. E eu recebi, e notei nas redes sociais, principalmente do público bolsonarista, uma empolgação conteúdo do vídeo, falando que o presidente Bolsonaro tá fazendo uma defesa entusiasmada de valores como a democracia e a liberdade.

Pra gente avaliar isso eu acho que vale muito a pena a gente prestar atenção no conceito do presidente Jair Bolsonaro sobre povo brasileiro. Eu já falei para vocês, várias vezes, que o presidente Bolsonaro enxerga como o povo brasileiro somente aquelas pessoas que votaram no presidente Jair Bolsonaro, embora ele não tenha contado com voz da maioria do eleitorado brasileiro, ele foi eleito com a maioria dos votos válidos, mas considerando todo eleitorado ele foi eleito com 39% dos votos.

É embora não tenha sido eleito portanto com voto de todo o Brasil com todo o povo brasileiro, ele sempre se refere ao povo brasileiro querendo falar dos apoiadores dele, eu acho que tá muito claro, porquê? Porque eles falam muito dos valores liberdade por exemplo - mas aí a verdade a gente tem que defender a liberdade sobre todas as coisas! - Mas aí o ministro da educação disse que: “Odeia o termo povos indígenas, não existem povos indígenas, é um só povo!” ou seja, os povos indígenas não devem ter a liberdade de preservar suas etnias, liberdade pra mim, não pra eles. Se fala muito em liberdade, mas ainda o ministro da educação que aliás, enfim, o ministro Celso de Mello faz observação na decisão sobre a divulgação do vídeo falando inclusive sobre a prática de crime contra a honra dos ministros do Supremo Tribunal Federal. Mas voltando, fala-se muito sobre a liberdade e o ministro da educação fala que devia prender o pessoal do STF, a ministra Damares Alves também fala na prisão de governadores e prefeitos.

Então, liberdade para os nossos? Outro valor que todo mundo falou é que o... a reunião mostra que se trata de um governo absolutamente democrático e algumas coisas me geraram

um desconforto. A primeira delas e todo mundo já viu a grande repercussão, foi o ministro do meio ambiente falando sobre aproveitar esse momento de pandemia e aproveitar que a atenção da Imprensa está voltada para o problema do coronavírus, pra que você consiga desregular algumas questões envolvendo Meio Ambiente.

O ministro do Meio Ambiente, que deveria atuar para proteger o Meio Ambiente, tá querendo se aproveitar aí do desvio de atenção por parte do público para conseguir passar algumas coisas sem chamar tanta atenção. E aí fica um pouco complicado porque na democracia um pressuposto do exercício democrático do governo é a transparência das ações do governo. Então se o governo tá querendo fazer uma coisa assim sem chamar atenção do público, então sem passar pelo escrutínio do público... Porque mesmo as pessoas que votaram no presidente Jair Bolsonaro podem por exemplo discordar de propósitos relacionadas ao meio ambiente. Essa essa ideia do Ricardo Salles foi cancelada também pelo presidente do BNDS, Gustavo Montezano, também, “Ô aqui, a gente pode usar esse momento para desregular algumas coisas! ”.

Então isso mostra bem a intenção de fazer as coisas sem chamar atenção, desviar a atenção da Imprensa, e não me parece que seja uma atitude de alguém que se pretende... pretende governar, é contando ali com a livre apreciação do público né? Por que todo poder não emana do povo? Então!? Então a gente deve submeter as nossas ações ao julgamento populares, e o povo se informa por meio da Imprensa. Então se eu tô querendo fazer as coisas para que as pessoas não percebam muito bem as atitudes que a gente tá tomando, não me parece uma atitude muito democrática, parece a vocês?

Outra questão foi muito enfatizada nessa reunião de ministros, foi a questão do armamento da população, e aqui eu quero colocar alguns pontos muito significativos, tá? O primeiro deles é que todo mundo que também fica muito entusiasmado com essa questão do armamento, eu nem vou entrar na discussão de fundo, eu só aqui chama atenção para o fato de que a gente tem uma sociedade extremamente dividida, polarizada, e as pessoas têm estado violentas, certo? Sim, a gente tem visto aí todos os dias, profissionais da imprensa sendo agredidos todos os dias.

Então como é que seria a nossa realidade social se a gente tivesse além de tudo, além da polarização e do discurso violento e muitas vezes da prática violenta, se não tivesse essas pessoas armadas com arma de fogo. Caso enfim, alguém ter me assistindo aqui e pense - Poxa tudo bem, Por que eu taria com a minha arma de fogo e eu poderia defender aquilo que eu acredito! - Acho que vale a pena você lembrar que a pessoa que discorda de você também poderia ter uma arma de fogo, né? E aí a situação pode ficar um pouquinho complicada.

Então a menos que a gente queira viver uma guerra civil, eu acho que a gente tem que ter cuidado pra discutir essas questões, principalmente no momento de ânimos estão exaltados e de intensa polarização. Mas eu nem também acho que esse é o ponto mais relevante embora seja muito relevante o que eu achei particularmente interessante, que é de novo, a dificuldade da visão do que que é democracia, de quem é o povo brasileiro, é a sensação, mais uma vez, do presidente Bolsonaro, de que é democrático uma medida que considera o povo brasileiro só quem concorda com ele, por que que eu falo isso?

Essa bandeira do armamento, que é uma bandeira muito cara ao bolsonarismo, já... já sofreu tentativas... o presidente Bolsonaro já tentou aí anunciari a possibilidade de acesso a armas, por meio de decretos, logo no começo do governo. E esses decretos foram para frente porque o decreto ele serve para... o decreto do Poder Executivo, então, vindo do presidente da República, ele serve só para regular uma lei, então ele só pode regulamentar o estatuto desarmamento, ele não pode extrapolar sua...é... esse seu objetivo de regulamentação... e mudar e ampliar e quase que se opor... é... ao intuito...ao objetivo da própria eleição aprovada pelo Congresso Nacional, que é de restringir o porte de arma, então ele tentou fazer isso com poder dele de presidente da República mas não conseguiu. E aí quando ele fala do armamento, ele fala sobre portaria. Quer dizer... Oi? Por meio de portaria ? Como seria a sua tentativa? Por que se o presidente da República é um democrata, né? Que respeita as liberdades democráticas e se ele concorda que a população deva se armar, não tem nenhum problema.

Então ele tem que fazer essa discussão passar pelo Congresso Nacional, seguindo todos os trâmites democráticos previstos pela Constituição Federal, para que a gente possa alterar o estatuto do desarmamento, se ele conseguiu o número de votos necessários para alterar e ampliar o acesso as armas, aí ele faz dessa maneira. Se ele não conseguir, ele deve se submeter aquilo que foi a decisão democrática sobre o assunto e desistir dessa ideia. Pode continuar defendendo, enfim no campo retórico. Mas se ele é um democrata ele tem que seguir os ritos democráticos. Enfim é isso, no fim das contas eu falei longamente sobre os temas, tem algumas outras questões relevantes que eu acho que as pessoas podem dar uma olhadinha.

A decisão do ministro Celso de Mello é bem interessante, fala sobre a necessidade do presidente da República de se submeter as ordens do Poder Judiciário; fala também de que é... enfim, faz afirmação de que o presidente da República pode sim ser objeto de uma investigação pelo Supremo Tribunal Federal, uma investigação que é capitaneada e vai... vai... enfim, resultar em uma denúncia, se esta for a decisão do procurador-geral da República, que só depois de uma denúncia do procurador-geral da República é que é necessária autorização da Câmara, para que o processo... para que a denúncia vire um processo penal. Hã... fala também que o acesso a

íntegra do vídeo decorre da possibilidade de um ministro Sérgio Moro tem de ter acesso amplo as provas, porque ali no...no inquérito ele também é um investigado e portanto ele deve ter acesso aos elementos de prova para poder se defender... Queria lembrar mais alguma coisa que ele falou, mesmo não me lembro. Enfim, faz várias considerações pra quem é do Direito, sobre a função do Direito Penal, de delimitar o arbítrio do Estado, muito interessante, se vocês quiserem, a decisão vale muito a pena.

Pra quem quiser também consultar, tá disponível a transcrição da reunião, tem diversas coisas interessantes sobre a gestão aí... é, enfim, fora é, os palavrões, que são, é... eu acho que são, é o comportamento típico do presidente Jair Bolsonaro, é o que a base dele gosta. A questão dos costumes foi muito abordada. Acho que o vídeo movimenta a base bolsonarista, tende a unir a base bolsonarista, por mais que algumas pessoas se sintam frustradas com essa minha percepção... De qualquer forma é... não, não vejo com bons olhos o que a gente viu ele sobre o ponto que está em discussão, que a tentativa de interferência na Polícia Federal e digo isso principalmente por que no trecho em que ele fala sobre trocaram segurança, ele se refere amigos, os amigos não tem a segurança do gabinete institucional então ele não poderia estar falando do gabinete de segurança institucional e acho que esse trecho da reunião deve ser avaliado, junto com a entrevista que ele deu depois, falando que teve acesso a informações sigilosas à informações relacionadas a medidas investigativas contra os filhos dele e contra amigos da família dele. Então a gente tem que olhar o todo, de novo, com menos emoção e mais razão, sem esperar espetáculos, mas buscando que a verdade seja esclarecida, tá bom? É isso, até mais!